



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**HELTON MENEZIO URTADO ROCHA**

**‘Pirigüete’ e outros ‘-etes’:  
registro lexicográfico e polêmica de sentidos**

**CAMPINAS,  
2021**



**HELTON MENEZIO URTADO ROCHA**

**‘Pirigüete’ e outros ‘-etes’:  
registro lexicográfico e polêmica de sentidos**

**Dissertação de mestrado apresentada ao  
Instituto de Estudos da Linguagem da  
Universidade Estadual de Campinas para  
obtenção do título de Mestre em Linguística.**

**Orientadora: Profa. Dra. Sheila Elias de Oliveira**

**Este exemplar corresponde à versão final  
da Dissertação defendida pelo aluno Helton  
Menezio Urtado Rocha e orientada pela  
Profa. Dra. Sheila Elias de Oliveira.**

**CAMPINAS,  
2021**

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

R582p Rocha, Helton Menezio Urtado, 1985-  
'Piriguete' e outros '-etes' : registro lexicográfico e polêmica de sentidos /  
Helton Menezio Urtado Rocha. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Sheila Elias de Oliveira.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de  
Estudos da Linguagem.

1. Lexicografia. 2. Neologia. 3. Designação (Linguística). 4. Enunciação  
(Linguística). 5. Discurso. I. Oliveira, Sheila Elias de, 1972-. II. Universidade  
Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** 'Piriguete' and others '-etes' : lexicographic record and controversy  
of meanings

**Palavras-chave em inglês:**

Lexicography

Neology

Designation

Enunciation

Discourse

**Área de concentração:** Linguística

**Titulação:** Mestre em Linguística

**Banca examinadora:**

Sheila Elias de Oliveira [Orientador]

Mônica Graciela Zoppi Fontana

Ieda Maria Alves

**Data de defesa:** 30-03-2021

**Programa de Pós-Graduação:** Linguística

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-6995-6479>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/3499283786114647>



**BANCA EXAMINADORA:**

**Sheila Elias de Oliveira**

**Mónica Graciela Zoppi Fontana**

**Ieda Maria Alves**

**IEL/UNICAMP  
2021**

**Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.**

*Maria, Maria  
É um dom, uma certa magia  
Uma força que nos alerta  
Uma mulher que merece viver e amar  
Como outra qualquer do planeta.*

(Milton Nascimento, “Maria, Maria”)

À Camila e ao Ulisses.

## AGRADECIMENTOS

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sheila Elias de Oliveira, que me permitiu, sob sua orientação, não apenas realizar este trabalho, mas também participar de eventos importantes para o meu desenvolvimento acadêmico.

À Pró-Reitoria de Pesquisa da UNICAMP, que, com o apoio da FAPESP, do FAEPEX e da prefeitura de Campinas, me permitiu participar, em 2019, do IV Ciência & Arte no Inverno, realizando atividades de monitoria no projeto “Palavreando: entre palavras, emojis e dicionários”, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sheila Elias de Oliveira.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mônica Graciela Zoppi Fontana, por ter dado contribuições valiosas para este trabalho no exame de qualificação. Obrigado por também fazer parte da banca de defesa.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ieda Maria Alves, por ter aceitado compor a banca de defesa desta dissertação de mestrado.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Freitas Reis, por ter dado contribuições valiosas para este trabalho no exame de qualificação. Obrigado por também fazer parte da banca de defesa como suplente.

Ao Prof. Dr. Vinícius Massad Castro, por ter aceitado compor a banca de defesa como suplente.

Aos funcionários do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, por todo o suporte dado.

Aos colegas de curso que generosamente compartilharam comigo amizade e conhecimento.

## RESUMO

Neste trabalho, analisamos, em um *corpus* constituído a partir de uma leitura baseada no trajeto temático, a designação, no português do Brasil, das palavras ‘piriguite’ e ‘periguite’, e também a designação de palavras que surgem inspiradas nelas, com o mesmo sufixo, tais como ‘coro(n)guete’, ‘empreguite’, ‘advoguet(t)e’, ‘professorete’, ‘enfermeirete’ e ‘patro(n)ete’. Para isso, analisamo-las em enunciados que integram textos. Após discutirmos a origem do sufixo ‘-ete’, mostramos como a Morfologia Construcional e a Linguística Cognitiva tratam o processo de derivação sufixal com ‘-ete’ no português brasileiro. Em seguida, inscritos na Semântica da Enunciação em sua relação com a Análise de Discurso francesa, analisamos as palavras ‘vedet(t)e’, ‘chacrete’, ‘tiete’, ‘Hzete’ e ‘paniquete’, que, formadas com o sufixo ‘-ete’, estão no espaço de enunciação do português do Brasil já há algum tempo. Considerando a designação uma relação linguística (simbólica) exposta ao real, tomada na história, debruçamo-nos sobre os sentidos de ‘piriguite’ e/ou ‘periguite’ no Dicionário inFormal, no Aurélio Júnior, no Michaelis On-Line e nas revistas Caras e Veja São Paulo. Por enunciação entendemos um acontecimento de linguagem que se caracteriza pela divisão da língua no espaço de enunciação, pelo agenciamento do sujeito no acontecimento, pela temporalidade própria do acontecimento e pelo real a que o dizer se expõe ao falar dele. No Dicionário inFormal, analisamos ainda as palavras ‘piriguito’, ‘piriguitar’, ‘periguetá’, ‘periguetismo’, ‘piriguetismo’, ‘piriguetinismo’ e ‘piriguetiação’. Complementando as análises, levamos em conta algumas imagens das piriguites/periguites e uma imagem do piriguito, a fim de mostrar que o político, entendido aqui como a contradição que se instala no centro do dizer e divide os sentidos, igualmente as constitui. Por fim, buscamos responder se as palavras ‘coro(n)guete’, ‘empreguite’, ‘advoguet(t)e’, ‘professorete’, ‘enfermeirete’ e ‘patro(n)ete’ são construídas por analogia a partir do(s) sentido(s) de ‘piriguite’ e/ou ‘periguite’. As análises permitem-nos concluir que estamos diante de objetos paradoxais, os quais se dão a partir de forças móveis, uma vez que a enunciação em que as palavras acima funcionam se dá no interior de uma formação discursiva, onde o repetível pode se expor ao novo. Assim, a polissemia das palavras estudadas se deve ao funcionamento do político na linguagem, caracterizado pela contradição e pelo conflito. Os sentidos de ‘piriguite’ e ‘periguite’ são projetados sobre o sufixo ‘-ete’, que compõe as palavras acima, razão pela qual ele é bastante produtivo no português do Brasil. Procurando desestabilizar juízos de valor negativo sobre a mulher e produzir fissuras em discursos hegemônicos, buscamos trazer contribuições para a reflexão sobre a relação entre léxico, enunciação e subjetividade, e também sobre as relações de poder entre mulheres e homens na sociedade brasileira, tão marcada pelas divisões de classe social, gênero e raça, em seus modos de inscrição na língua.

Palavras-chave: lexicografia; neologia; designação; enunciação; discurso.

## ABSTRACT

In this piece of research, we analyze, in a *corpus* from a reading based on the thematic trajectory, the designation, in Brazilian Portuguese, of the words ‘piriguete’ and ‘periguete’, and also the designation of words that emerge inspired by them, with the same suffix, such as ‘coro(n)guete’, ‘empreguete’, ‘advoguet(t)e’, ‘professorete’, ‘enfermeirete’ e ‘patro(n)ete’. For this, we analyze them in utterances that integrate texts. After discussing the origin of the suffix ‘-ete’, we present the ways in which Construction Morphology and Cognitive Linguistics treat the suffix derivation process with ‘-ete’ in Brazilian Portuguese. Then, inscribed in the Semantics of Enunciation in its relationship to French Discourse Analysis, we analyze the words ‘vedet(t)e’, ‘chacrete’, ‘tiete’, ‘Hzete’ and ‘paniquete’, which, formed with the suffix ‘-ete’, have been in the Brazilian space of enunciation for some time. Considering the designation a linguistic (symbolic) relationship exposed to the real, taken in history, we analyze the meanings of ‘piriguete’ and / or ‘periguete’ in the Dicionário inFormal, Aurélio Júnior, Michaelis On-Line, Caras magazine and Veja São Paulo magazine. By enunciation we mean a language event that is characterized by the division of language in the space of enunciation, by the agency of the subject in the event, by the temporality proper to the event and by the real to which the saying is exposed when speaking about it. In the Dicionário inFormal, we also consider the words ‘piriguetto’, ‘piriguetar’, ‘periguetá’, ‘periguetismo’, ‘piriguetismo’, ‘piriguetinismo’ and ‘piriguetiação’. Complementing the analyzes, we take into account some images of the piriguetes / periguetes and an image of the piriguetto, in order to show that politics, understood here as the contradiction that is installed in the center of saying and divides the meanings, also constitutes them. Finally, we seek to answer whether the words ‘coro(n)guete’, ‘empreguete’, ‘advoguet(t)e’, ‘professorete’, ‘enfermeirete’ and ‘patro(n)ete’ are constructed by analogy with the meanings of ‘piriguete’ and / or ‘periguete’. The analyzes allow us to conclude that we are facing paradoxical objects, which take place from mobile forces, since the enunciation in which the words above take place occurs in a discursive formation, where the repeatable can be exposed to the newness. Thus, the polysemy of the words studied is due to the functioning of the politics in language, characterized by contradiction and conflict. The meanings of ‘piriguete’ and ‘periguete’ are projected on the suffix ‘-ete’, which makes up the words above, which is why it is very productive in Brazilian Portuguese. From a position that seeks to destabilize negative judgments about women and produce cracks in hegemonic discourses, we seek to bring contributions to the reflection on the relationship between lexicon, enunciation and subjectivity, and also on the power relations between women and men in Brazilian society, so marked by the divisions of social class, gender and race, in its modes of inscription in the language.

Keywords: lexicography; neology; designation; enunciation; discourse.

## Lista de figuras

Figura 1: Mesclagem conceptual da formação de ‘chacrete’.....	31
Figura 2: Mesclagem conceptual da formação X-ete designando fã/seguidor(a).....	31
Figura 3: Verbete da palavra ‘chacrete’ no Michaelis On-Line.....	49
Figura 4: Verbete da palavra ‘tiete’ no Michaelis On-Line.....	56
Figura 5: Página 8 da Revista do Rádio.....	59
Figura 6: Página 9 da Revista do Rádio.....	60
Figura 7: Piriguetes no Dicionário inFormal.....	75
Figura 8: Periguetes no Dicionário inFormal.....	75
Figura 9: Vedetes na Revista do Rádio.....	75
Figura 10: Piriguetos no Dicionário inFormal.....	124
Figura 11: Sinônimos de ‘pirigute’ no Dicionário inFormal.....	126
Figura 12: Antônimos de ‘pirigute’ no Dicionário inFormal.....	126
Figura 13: Verbete da palavra ‘pirigute’ no Michaelis On-Line.....	136
Figura 14: Verbete da palavra ‘perigute’ no Michaelis On-Line.....	137
Figura 15: Verbete da palavra ‘sedutor’ no Michaelis On-Line.....	139
Figura 16: Verbete da palavra ‘desregrado’ no Michaelis On-Line.....	140
Figura 17: Capa da revista Veja São Paulo de 1º de agosto de 2012.....	153
Figura 18: Postagem feita nas redes sociais.....	159
Figura 19: Postagem feita nas redes sociais.....	160
Figura 20: Postagem feita nas redes sociais.....	162
Figura 21: Escala argumentativa do exemplo do verbete 3 da palavra ‘empregute’ no Dicionário inFormal.....	168
Figura 22: Empregute no Dicionário inFormal.....	169
Figura 23: As empregutes no clipe “Vida de Empregute”, exibido na novela “Cheias de Charme” da Rede Globo.....	169
Figura 24: Perfil das “Advoguettes” no Instagram.....	172
Figura 25: Postagem feita nas redes sociais.....	175

## Lista de tabelas

Tabela 1: Ano e posição dos verbetes da palavra ‘piriguite’ no Dicionário inFormal.....	69
Tabela 2: Verbetes da palavra ‘piriguite’ no Dicionário inFormal em que se depreende o memorável da mulher interesseira.....	85
Tabela 3: Verbetes da palavra ‘piriguite’ no Dicionário inFormal em que se depreende o memorável da mulher promíscua.....	94
Tabela 4: Verbetes da palavra ‘piriguite’ no Dicionário inFormal em que aparece ‘puta’/‘prostituta’ ou expressão sinônima.....	98
Tabela 5: Verbetes da palavra ‘piriguite’ no Dicionário inFormal em que aparece(m) operador(es) argumentativo(s).....	100
Tabela 6: Verbetes do Dicionário inFormal relacionados à palavra ‘piriguite’.....	116
Tabela 7: Sinônimo e antônimo de ‘piriguite’ que significam um discurso moralista.....	126
Tabela 8: Antônimo de ‘piriguite’ que significa um discurso religioso.....	127
Tabela 9: Sinônimo e antônimo de ‘piriguite’ que significam um discurso moralista.....	127

## Lista de gráficos

Gráfico 1: Interesse de pesquisa pela palavra ‘piriguite’ no Google Trends (2004-2020).....	74
Gráfico 2: Número de verbetes da palavra ‘piriguite’ no Dicionário inFormal a partir dos estados da federação.....	76
Gráfico3: Número de verbetes da palavra ‘piriguite’ no Dicionário inFormal a partir das regiões do país.....	77

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. O SUFIXO ‘-ETE’ NAS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM.....	19
3. FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	34
3.1 Observando a presença do sufixo ‘-ete’ no séc. XX.....	35
3.1.1 Enunciação e acontecimento.....	36
3.1.2 Enunciado, texto e recorte.....	36
3.1.3 Acontecimento e temporalidade.....	38
3.1.4 Espaço de enunciação.....	44
3.1.5 Cena enunciativa.....	47
3.1.6 Designação.....	51
3.1.7 Determinação, articulação e reescrituração.....	53
3.1.8 A imbricação entre texto e imagem no <i>corpus</i> .....	58
3.1.9 A história do sufixo ‘-ete’ continua no séc. XXI.....	62
3.1.10 O <i>corpus</i> .....	64
4. ‘PIRIGUETE’ E ‘PERIGUETE’.....	67
4.1 Dicionário inFormal.....	67
4.1.1 Os verbetes de ‘piriguite’.....	69
4.1.1.1 Juízos de valor negativo.....	78
4.1.1.2 Juízos de valor positivo.....	108
4.1.1.3 Verbetes relacionados à palavra ‘piriguite’.....	116
4.2 Aurélio Júnior.....	130
4.2.1 A designação de ‘Aurélio Júnior’ e ‘periguite’ numa notícia.....	130
4.2.2 A designação de ‘periguite’ no Aurélio Júnior.....	132
4.3 Michaelis On-Line.....	136
4.3.1 Duas definições de ‘piriguite’.....	138
4.4 Revista Caras e revista Veja São Paulo.....	141
4.4.1 A designação de ‘piriguite’ na revista Caras.....	142
4.4.2 A designação de ‘periguite’ na revista Veja São Paulo.....	145
4.4.3 O equívoco na revista Caras e na revista Veja São Paulo.....	147
5. OUTROS ‘-ETES’.....	157
5.1 ‘Coro(n)guete’.....	157

5.2 ‘Empreguete’ .....	163
5.3 ‘Advoguet(t)e’ .....	170
5.4 ‘Professorete’ .....	173
5.5 ‘Enfermeirete’ .....	175
5.6 ‘Patro(n)ete’ .....	175
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	180
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	188
ANEXO.....	195

## 1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, voltamo-nos para o(s) modo(s) como a mulher é, no acontecimento de enunciação, identificada por certas palavras, as quais têm em comum o fato de serem formadas com o sufixo ‘-ete’. Como veremos, alguns desses neologismos afrontam gravemente a dignidade da mulher, mostrando a opressão naturalizada na linguagem a que ela está submetida no Brasil. Assim, a epígrafe deste trabalho é o nosso posicionamento quanto ao tema, e também a nossa homenagem a todas as mulheres.

Com esse gesto, não queremos, a partir do lugar de homem branco cis heterossexual, tomar a palavra ‘mulher’ como uma categoria universal, silenciando, por exemplo, as diferenças existentes no Brasil entre as mulheres brancas e negras, entre as mulheres pertencentes às classes sociais privilegiadas e as pertencentes às classes subalternizadas, que “não têm direito à voz, por estarem num lugar no qual suas humanidades não foram reconhecidas” (RIBEIRO, 2019, p. 74). Isto para não mencionarmos as questões de gênero, que incluem as de trans e cisgeneridade. Estamos cientes de que somos sujeitos políticos e de que é necessário produzir hoje “discursos contra-hegemônicos” (*id.*, *ibid.*, p. 18). Em outras palavras, é necessário pensarmos a partir de novas premissas, desestabilizando sentidos construídos como verdades (RIBEIRO, 2019).

A fim de compreendermos o funcionamento do sufixo ‘-ete’ como produtor de sentidos de juízo de valor sobre a mulher, analisaremos a designação de ‘piriguite’, ‘periguite’, ‘coro(n)guete’, ‘empreguite’, ‘advoguet(t)e’, ‘professorete’, ‘enfermeirete’ e ‘patro(n)ete’. Para isso, mobilizaremos os conceitos teórico-metodológicos da Semântica Histórica da Enunciação, mais conhecida como Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 1995, 2002, 2018, entre outros), na relação com a Análise de Discurso francesa, tal como desenvolvida a partir dos trabalhos de Pêcheux (1969, 1975, 1988, entre outros) e Orlandi (1983, 1992, 1999, entre outros).

Mais especificamente, num primeiro momento, objetivamos compreender os sentidos de ‘piriguite’ e/ou ‘periguite’ no Dicionário inFormal, em dois dicionários tradicionais, o Aurélio Júnior (FERREIRA, 2011) e o Michaelis On-Line; e, além disso, complementando as análises, nas revistas Caras e Veja São Paulo. Aqui, interessa-nos compreender o funcionamento inovador do sufixo ‘-ete’ na relação com ‘piriguite’ e ‘periguite’, analisando os processos de constituição e os modos de significação de enunciados que integram textos. Num segundo momento, objetivamos compreender os sentidos de

neologismos contemporâneos terminados em ‘-ete’ em diversas materialidades enunciativas, buscando responder se de fato as palavras em ‘-ete’ são construídas por analogia a partir do(s) sentido(s) de ‘pirigüete’ e ‘perigüete’. São elas: ‘coro(n)guete’, ‘empregüete’, ‘advoguet(t)e’, ‘professorete’, ‘enfermeirete’ e ‘patro(n)ete’.

Inscrevemos este trabalho nos estudos sobre neologismos formados por derivação e composição. Por neologismo entendemos o elemento resultante, isto é, a nova palavra que se dá por neologia, o processo que resulta na sua criação (ALVES, 1990). Tal processo está, segundo a nossa posição, relacionado à enunciação, entendida por nós como o “acontecimento sócio-histórico da produção do enunciado” (GUIMARÃES, 1989, p. 78). Nesse acontecimento, o repetível pode se expor ao novo, uma vez que o falante, enquanto sujeito, ocupa uma região do interdiscurso. Ou seja, o sujeito se filia a uma memória de sentidos, identificando-se com um discurso. Isto explica porque, de acordo com Guimarães (1989), a enunciação está relacionada ao repetível: ela se dá no interior de uma formação discursiva, que pode sofrer uma transformação, dando origem a novos enunciados, novas palavras.

Em Bechara (1999), encontramos uma importante afirmação sobre os processos de formação de palavras. Segundo esse autor, a criação de novas palavras é uma renovação do léxico. Isto porque as “múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral” (BECHARA, 1999, p. 351). Nesse sentido, os neologismos são “palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras” (*id.*, *ibid.*, p. 351). Eles se dão formalmente por composição e derivação (prefixal e sufixal).

Por sua vez, ao falarem sobre os processos de formação de palavras por derivação e composição, Cunha e Cintra (1985, p. 83) deixam de lado a “viva controvérsia entre lingüistas contemporâneos sobre a área a que efetivamente pertence a FORMAÇÃO DE PALAVRAS – se à morfologia, o seu domínio tradicional, se ao léxico ou à semântica, ou, mesmo, se à sintaxe”. Essa afirmação é importante para nós, pois ela nos faz entender que as questões concernentes aos processos de formação de palavras exigem um tratamento interdisciplinar, do qual a semântica e a pragmática não podem ser apartadas, sobretudo uma semântica que toma o sentido a partir do “funcionamento da linguagem no acontecimento da enunciação” (GUIMARÃES, 1995, p. 11). Afinal, as novas palavras formadas, seja por derivação, seja por composição, “não são os constituintes de enunciados que a eles preexistem” (GUIMARÃES, 1989, p. 75-76). Ao contrário, elas se relacionam com outras palavras nos enunciados de quem fazem parte, sendo constituídas e modificadas por eles:

Para nós os signos, também eles, são constituídos pelos enunciados. E esta constituição de signos é o modo de o enunciado se destacar de uma situação específica. É porque ele constitui signos que o enunciado não é o que emerge numa situação específica. Mas se define por sua historicidade (social). Ao conseguir esta historicidade, ou para consegui-la, os signos são constituídos, e a identidade do enunciado não é a do acontecimento material (de matéria = som, etc). Se os enunciados não constituíssem signos a relação linguística não teria se destacado da situação em que ela se deu. Ou seja, tal relação não existiria. (GUIMARÃES, 1989, p. 76)

No fundo, discutiremos aqui questões de língua(gem), sem esquecermos que elas se caracterizam pelo político, ou seja, pela contradição entre, de um lado, uma normatividade que divide desigualmente o real e, de outro, os não incluídos nessa divisão e que afirmam o seu pertencimento, instalando o conflito, procurando romper com os “mecanismos de manutenção do poder” (RIBEIRO, 2019, p. 14). Com isso, não objetivamos falar em nome das mulheres: estas, na militância e na academia, têm falado sobre o que sofrem, ressignificando suas identidades, rompendo com a normatização hegemônica a que estão submetidas no dia a dia. A partir então de um lugar sensível a processos de resistências que possam produzir fissuras nos discursos hegemônicos, almejamos escutar os dizeres sobre a(s) mulher(es). Nesse aspecto, baseamo-nos em Foucault (1979, p. 71):

O papel do intelectual não é mais o de se colocar “um pouco na frente ou um pouco de lado” para dizer a mudar a verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da “verdade”, da “consciência”, do discurso.

Tendo isso em consideração, no capítulo 2, intitulado “O sufixo ‘-ete’ nas ciências da linguagem”, discutiremos a origem desse sufixo e como a Morfologia Construcional e a Linguística Cognitiva tratam o processo de derivação sufixal com ele. Em seguida, no capítulo 3, intitulado “Fundamentos teórico-metodológicos”, apresentaremos as noções e os procedimentos da Semântica do Acontecimento mobilizados nas análises da designação de ‘vedet(t)e’, ‘chacrete’, ‘tiete’, ‘Hzete’ e ‘paniquete’. Assim, esperamos compreender a designação dessas palavras no acontecimento enunciativo.

No capítulo 4, intitulado “‘Piriguete’ e ‘periguete’”, analisaremos a designação dessas duas palavras no Dicionário inFormal, no Aurélio Júnior, no Michaelis On-Line e nas revistas Caras e Veja São Paulo, onde os recortes trazem textos e imagens. No Dicionário inFormal, além de nos debruçarmos sobre 62 verbetes da palavra ‘piriguete’, consideraremos a

variante ‘periguete’, que ora aparece como uma palavra distinta de ‘piriguete’. Analisaremos também a designação de ‘pirigueto’, ‘piriguetar’, ‘perigueta’, ‘periguatismo’, ‘piriguatismo’, ‘piriguetinismo’ e ‘piriguetiação’. Complementando as análises, levaremos em conta duas imagens das piriguetes/periguetes e uma imagem do pirigueto.

Ao analisarmos a cena enunciativa dos verbetes no Dicionário inFormal, procuraremos dar contribuições para o estudo da relação entre léxico, enunciação e subjetividade. Mostraremos que o Locutor, identificado às vezes por um nome próprio normalmente atribuído ao gênero masculino, e dividido em locutor-lexicógrafo masculino, ao mobilizar um enunciador individual, pode fazê-lo a partir de uma perspectiva feminina, pois ele faz uma alusão a um locutor feminino. E o inverso também pode ocorrer: o Locutor, identificado por um nome próprio atribuído comumente ao gênero feminino, e dividido em locutor-lexicógrafo feminino, faz uma alusão a um locutor masculino.

No capítulo 5, intitulado “Outros ‘-etes””, buscaremos responder se as palavras ‘coro(n)guete’, ‘empreguete’, ‘advoguet(t)e’, ‘professorete’, ‘enfermeirete’ e ‘patro(n)ete’ são neologismos do português do Brasil construídos por analogia a partir do(s) sentido(s) de ‘piriguete’ e/ou ‘periguete’. Tal como no capítulo anterior, consideraremos algumas imagens, as quais dizem respeito às coro(n)guetes, às empreguetes e às advoguet(t)es.

Nas análises, buscaremos trazer contribuições para a reflexão sobre as relações de poder entre mulheres e homens na sociedade brasileira, tão marcada pelas divisões de classe social, gênero e raça, em seus modos de inscrição na língua. Para isso, procuraremos dar importância ao político, isto é, à contradição que se instala no centro do dizer e divide desigualmente o real.

Para finalizar, uma justificativa sobre o tema deste trabalho. Antes, troquemos a 1ª pessoa do plural pela 1ª pessoa do singular. Em 2014, perguntaram-me sobre a ortografia de ‘piriguete’. Ali, na sala de aula, chamou-me atenção o fato de que se questionava a ortografia da palavra, não o(s) seu(s) sentido(s), infelizmente já estabilizado(s). De certa maneira, comprovava eu o que todo analista de discurso sabe: diante das palavras, a maioria dos falantes, devido ao efeito ideológico (ORLANDI, 1999), estaciona na sua transparência, poucos são os que se detêm na sua opacidade. Consultei um dicionário, que não registrava a palavra. Na internet, além dos memes sobre a piriguete recheados de preconceitos machistas, deparei-me com os verbetes do Dicionário inFormal, os quais me impressionaram pela violência inscrita neles. Portanto, este trabalho, no fundo, é uma resposta mais elaborada à pergunta que me fizeram e que não pude responder naquele momento.

## 2. O SUFIXO ‘-ETE’ NAS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

De acordo com Cunha (1982), o sufixo ‘-ete’ remete-nos às formas latinas ‘-itta’ e ‘-ittum’, sendo provavelmente influenciado pelo francês ‘-ette’, forma feminina correspondente à masculina ‘-et’.

No que diz respeito às formas latinas ‘-itta’ e ‘-ittum’, devemos observar que elas não são as únicas em ‘-tt-’, pois há quem defenda, seja no latim, seja em dialetos românicos, a possível existência de ‘-ĭttu’, ‘-īttu’, ‘-ōttu’, ‘-ōttu’, ‘-ōtta’, ‘-ŭtta’, ‘-ūttu’ e ‘-attu’ (HASSELROT, 1957 *apud* SANTANA, 2017). Nas palavras de Hasselrot (1957, p. 130 *apud* SANTANA, 2017, p. 217, grifos do autor):

Le suffixe en -tt- se sont surtout manifestés sous les formes -ĭttu, -ōttu et -attu, auxquelles il faut joindre, pour l’espagnol et les portugais -īttu. En existe-t-il d’autres, et -īttu est-il vraiment confiné à la péninsule ibérique? En principe, on pourrait s’attendre à trouver tous les phonèmes vocaliques représentés devant -tt-, comme cela est arrivé pour d’autres suffixes, et cela soit par génération spontanée, si j’ose dire, soit par analogie avec des suffixes de sens voisin, par croisement. Et on les trouve en effet, mais à force de patience et en petit nombre.<sup>1</sup>

Ao contrário de Cunha (1982), que, além de ‘-itta’, traz a forma ‘-ittum’, Hasselrot (1957 *apud* SANTANA, 2017) traz, dentre outras formas, ‘-ĭttu’ e ‘-īttu’. Sobre a diferença entre elas, explica-nos Santana (2017, p. 2018): “enquanto as línguas da Península Ibérica pressupõem um sufixo com *i* longo (\*-īttu, \*-ītta)<sup>2</sup>, as formas das demais línguas [românicas] resultam de um sufixo com *i* breve (\*-ĭttu, \*-ĭtta)”. Como formas derivadas de ‘-itta’ e ‘-ittu’, Santana (2017) dá-nos os seguintes sufixos: it. ‘-etto’, fr. ‘-et’, prov. ‘-et’, esp. ‘-ito’, port. ‘-ito’. Isso nos parece comprovar a afirmação de Cunha (1982) segundo a qual a forma ‘-ete’, ao que tudo indica, entrou na língua portuguesa pelo francês/provençal ‘-et’, cujo correspondente em feminino é ‘-ette’ – ambas formadas a partir das formas latinas ‘-itta’ e ‘-ittum’.

Por sua vez, Houaiss e Villar (2001) apontam que a forma ‘-ete’, com a primeira vogal aberta /é/, está presente como terminação desde a origem da língua portuguesa. Como exemplos, os autores citam os numerais ‘sete’ e ‘dezessete’/‘dezassete’. Outros exemplos

<sup>1</sup> Em tradução livre: “O sufixo em -tt- manifestou-se principalmente nas formas -ĭttu, -ōttu e -attu, às quais deve ser adicionado, para o espanhol e o português, -īttu. Existem outros, e -īttu está realmente confinado à Península Ibérica? Em princípio, pode-se esperar encontrar todos os fonemas vocálicos representados antes de -tt-, como aconteceu com outros sufixos, e isso por geração espontânea, se me atrevo a dizer, ou por analogia com sufixos de sentido vizinho, por cruzamento. E eles são de fato encontrados, mas pela força da paciência e em pequeno número”.

<sup>2</sup> O símbolo (\*) significa que as formas em questão são hipotéticas, não-documentadas.

apontados por Houaiss e Villar (2001) são: ‘alfitete’ e ‘canivete’, empregadas a partir do séc. XVI, sendo a primeira um arabismo e a segunda, um provençalismo ou catalanismo. Temos ainda: ‘vedete’, ‘basquete’ e ‘espaguete’, empregadas como estrangeirismos a partir do séc. XIX, sendo a primeira um galicismo, a segunda um anglicismo e a terceira, um italianismo. Houaiss e Villar (2001) apresentam outros exemplos de galicismo: as palavras *anisete, brochete, caminhonete, carrete, casquete, cassetete, charrete, claquete, coquete, cotonete, croquete, egrete, garçonete, grisetete, lanchonete, manchete, maquete, marionete, marquisete, moquete, omelete, patinete, pierrete, plaquete, raquete, soquete, tablete e toaleta*.

Tomemos a palavra ‘vedete’, cuja grafia em francês é ‘vedette’. Será essa palavra formada com o sufixo ‘-ette’? Segundo a versão on-line do Larousse, ‘vedette’ é um nome feminino que tem como origem a palavra italiana ‘vedetta’, cujo significado é: *lieu élevé où on place une sentinelle*<sup>3</sup>. Esse significado não é muito diferente do que nos dá num primeiro momento o Littré, de 1863: “Tourelle sur un rempart servant de guérite aux sentinelles”<sup>4</sup>. Em outras palavras: “Lieu où l’on met les sentinelles sur le rempart d’une place de guerre, ou sur les angles de quelque fortification”<sup>5</sup>. Assim como a versão on-line do Larousse, a etimologia de ‘vedette’ é, de acordo com o Littré, a palavra italiana ‘vedetta’, “de *vedere, voir*”<sup>6</sup>. Como podemos depreender, ‘vedette’ não possui o sufixo ‘-ette’, cuja função, em geral, é a de diminutivo. Trata-se de um neologismo importado do italiano ‘vedetta’. Isso nos permite concordar com Sandmann (1989, p. 38), para quem o sufixo ‘-ete’ “nos veio do italiano e do francês”.

Continuando, num segundo momento, o Littré ainda diz: “Par transport du nom du lieu où l’on observe à celui qui observe, un cavalier posé en sentinelle, qui revient promptement donner avis de ce qu’il a découvert”<sup>7</sup>. Por sua vez, se voltarmos ao Larousse, ‘vedette’ terá

<sup>3</sup> Em tradução livre: “Lugar alto onde uma sentinela é colocada”. Disponível em: <<https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/vedette/81241#synonyme>>. Acesso em: 02 jan. 2021.

<sup>4</sup> Em tradução livre: “Torre em uma muralha servindo como guarita”. Disponível em: <<https://www.littre.org/definition/vedette>>. Acesso em: 02 jan. 2021.

<sup>5</sup> Em tradução livre: “Local onde se colocam as sentinelas na muralha de um local de guerra, ou nos ângulos de alguma fortificação”. Disponível em: <<https://www.littre.org/definition/vedette>>. Acesso em: 02 jan. 2021.

<sup>6</sup> Em tradução livre: “de *vedere, ver*”. Disponível em: <<https://www.littre.org/definition/vedette>>. Acesso em: 02 jan. 2021.

<sup>7</sup> Em tradução livre: “Ao transportar o nome do local onde se observa para o observador, cavaleiro colocado como sentinela, que regressa prontamente para avisar o que descobriu”. Disponível em: <<https://www.littre.org/definition/vedette>>. Acesso em: 02 jan. 2021.

como sinônimos ‘célébrité’, ‘étoile’, ‘star’<sup>8</sup>, e será empregada para identificar: “acteur, chanteur, artiste, sportif, etc., très connu de public”<sup>9</sup>.

Aqui, é interessante observarmos que a versão on-line do Larousse, ao não trazer, por exemplo, ‘actrice’, dá-nos a entender que ‘vedette’ é usada para identificar uma pessoa do gênero masculino, tal como o Littré, segundo o qual ‘vedette’, antes de significar ‘sentinelle’, significa ‘tourelle’, ou seja, um objeto. Vejamos agora as definições do Larousse:

Fait d’avoir le rôle principal dans une pièce, un film, etc. : Tenir la vedette.  
 Acteur principal d’une pièce ou d’un film et dont le nom figure en tête sur le programme.  
 Acteur, chanteur, artiste, sportif, etc., très connu du public : Vedettes du music-hall.  
 Personne, chose dont on parle beaucoup, qui tient une place éminente : Être la vedette de l’actualité. Mannequin vedette d’une maison de couture.  
 Mot placé en tête d’une fiche de bibliographie ou de catalogue.  
 Synonyme de entrée (d’un dictionnaire).  
 Autrefois, sentinelle à cheval ou guetteur posté pour signaler la venue de l’ennemi ; aujourd’hui, sentinelle chargée de la sécurité sur un champ de tir.<sup>10</sup>

Considerando as definições acima do Larousse, salta aos nossos olhos a polissemia de ‘vedette’. Essa polissemia se deve ao fato de que a palavra apresenta uma novidade semântica por ser um neologismo, isto é, “uma unidade lexical que é sentida como nova pela comunidade linguística num determinado momento (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 22). Por polissemia entendemos a multiplicação de significados de uma palavra (BRÉAL, 1897). De acordo com Bréal (1897, p. 103), “À medida que uma significação nova é dada à palavra, parece multiplicar-se e produzir exemplares novos, semelhantes na forma, mas diferentes no valor”. Como bem diz o autor: “O sentido novo, qualquer que seja ele, não acaba com o antigo. Ambos existem um ao lado do outro” (*id.*, *ibid.*, p. 103). A polissemia de ‘vedette’ também é registrada pelo Littré, contemporâneo de Bréal no séc. XIX:

*Terme de marine.* Cinqüième foc que les grands bâtiments ont au delà de tous les autres.  
 Dans une lettre, la tête, la place isolée où l’on écrit le titre de la personne à qui on l’adresse.  
 Écrire Monsieur en vedette, et non pas à la ligne.

<sup>8</sup> Em tradução livre: ‘celebridade’, ‘estrela’, ‘[super] star’. Disponível em: <<https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/vedette/81241#synonyme>>. Acesso em: 02 jan. 2021.

<sup>9</sup> Em tradução livre: “Ator, cantor, artista, esportista, etc., bem conhecido do público”. Disponível em: <<https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/vedette/81241#synonyme>>. Acesso em: 02 jan. 2021.

<sup>10</sup> Em tradução livre: “Ter o papel principal em uma peça, filme, etc.: Ter o holofote”. “Ator principal em uma peça ou filme cujo nome aparece no topo do programa”. “Ator, cantor, artista, esportista, etc., bem conhecido do público: Vedetes do hall da música”. “Pessoa, coisa de que falamos muito, que ocupa um lugar de destaque. Ser a estrela das notícias. Modelo-estrela de uma casa de moda.” “Palavra colocada à frente de uma bibliografia ou catálogo”. “Sinônimo de entrada (de um dicionário).” “Anteriormente, sentinela a cavalo ou vigia postado para sinalizar a chegada do inimigo; hoje, um segurança em um campo de tiro”. Disponível em: <<https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/vedette/81241#synonyme>>. Acesso em: 02 jan. 2021.

*Terme de théâtre.* Faveur toute spéciale de voir son nom imprimé sur l’affiche en caractères beaucoup plus gros que celui de ses camarades.<sup>11</sup>

Nas definições acima do Littré, o acúmulo de significações da palavra ‘vedette’, segundo a posição de Bréal (1897, p. 103), representa “aspectos diversos da atividade intelectual e social”. Desse modo, Bréal (1897) distancia-se da perspectiva naturalista segundo a qual a linguagem é regida por leis naturais, mecânicas, e toma a linguística como uma ciência histórica, pois a linguagem para ele, segundo Guimarães (2008, p. 12), “não existe na natureza, pois é um ato do homem, ou seja, não tem realidade fora da atividade humana”.

Tendo isso em consideração, faremos aqui um pequeno ajuste na noção de polissemia, tomando-a como a “multiplicidade de sentidos” (GUIMARÃES, 2006, p. 120) de uma palavra que funciona num enunciado, que, por sua vez, integra um texto. Essa multiplicidade de sentidos está relacionada à história de sentidos do enunciado num acontecimento. Portanto, não podemos dissociar a polissemia dos falantes, que são agenciados politicamente, isto é, são autorizados a falar de uma forma e não de outra a partir de lugares sociais distribuídos desigualmente na sociedade. Como diz Guimarães (2006, p. 120), o

sentido de uma frase não tem a ver só com sua estrutura, tem a ver com a história dos sentidos da própria frase, com outros sentidos de outras frases, com a relação das frases com as coisas sobre as quais ela fala etc.

Voltemos à discussão sobre o sufixo ‘-ete’ na língua portuguesa. A influência de ‘-ette’ é apontada igualmente por Cunha e Cintra (1985), para quem a forma ‘-ete’ é um sufixo diminutivo. Para os autores, ‘-ete’, analisado ao lado dos sufixos ‘-eto’, ‘-eta’, ‘-ito’, ‘-ita’, ‘-zito’, ‘-zita’, ‘-ote’ e ‘-ota’, tornou-se uma forma genuinamente portuguesa, como nos atestam, por exemplo, as palavras ‘artiguete’ e ‘lembrete’. Aqui, podemos notar que o sufixo ‘-ete’, na língua portuguesa, pode ter a primeira vogal aberta /é/ ou a fechada /ê/. No que diz respeito aos demais sufixos acima, temos, respectivamente, segundo os autores: ‘esboceto’, ‘saleta’, ‘rapazito’, ‘casita’, ‘jardinzito’, ‘florzita’, ‘velhote’ e ‘velhota’. Na mesma direção, Bechara (1999), embora analise ‘-ete’ como um sufixo diminutivo ao lado de ‘-eta’ e ‘-eto’, dando-nos como exemplos as palavras ‘saleta’, ‘diabrete’ e ‘livreto’, não faz menção à influência da forma francesa ‘-ette’ na língua portuguesa.

<sup>11</sup> Em tradução livre: “*Terme da marinha.* Quinto bujão que os grandes navios têm acima de todos os outros”. “Numa carta, a cabeça, o lugar isolado onde escrevemos o título da pessoa a quem nos dirigimos. Escreva ‘Senhor’ no lugar de destaque, e não na linha”. “*Terme do teatro.* Um favor especial ver seu nome impresso no cartaz em caracteres muito maiores do que os de seus camaradas”. Disponível em: <<https://www.littre.org/definition/vedette>>. Acesso em: 02 jan. 2021.

No que diz respeito ao sufixo ‘-ette’, tido em francês como forma feminina de ‘-et’, considerado uma forma masculina, Alves (2010) faz uma importante descrição desse sufixo, ao trazer novos elementos para refletirmos sobre a relação entre feminino e masculino, além de uma análise baseada em *corpus* do português do Brasil. A autora aponta que ele é

também originário do sufixo latino diminutivo *-ittum*, *-ittam*, forma vários derivados que exprimem a pequenez, por vezes com valor pejorativo, laudatório ou hipocorístico. Forma derivados com base substantival, a exemplo de *cuisinette*, *églisette*, *muraillette*, *losangette*, *riviérette*, que indicam “cozinha, igreja, muralha, losango, riacho de pequeno tamanho”; forma também diminutivos que podem implicar pejoratividade, a exemplo de *chroniquette*, *réformette*, *religionnette*: “crônica, reforma e religião sem profundidade”; e hipocorísticos de caráter melhorativo: *demoiselette*, *garçonnette* e *gorgette*, que indicam “senhorita, menina e garganta pequenas, mimosas”. Forma também derivados com bases próprias, designativas de nomes de pessoas do sexo feminino, sem valoração diminutiva: *Claudette*, *Francette*, *Juliette*, *Mariette*, *Rosette*. Com bases adjetivais, o sufixo *-ette* expressa um valor menor, eufemístico, visível em *pauvret*: “um pouco pobre”. Ainda com bases adjetivais, o sufixo é susceptível de denotar um valor enfático, superlativo: *jeunette*, “relativo a alguém que é muito jovem”. A base para a formação de palavras em *-ette* pode também ser verbal e, nesses casos, a unidade lexical designa o sujeito da ação, o lugar onde ela se desenvolve, o objeto da ação, a exemplo de *allumette* (que acende), *cachette* (onde se esconde). (ALVES, 2010, p. 203, grifos da autora)

Feita essa observação sobre a forma francesa ‘-ette’, Alves (2010), trabalhando com um *corpus* jornalístico, analisa a formação de palavras no português brasileiro contemporâneo a partir do sufixo ‘-ete’. A autora diz que esse sufixo, embora não muito empregado na língua portuguesa (ele representa cerca de 1,5% das ocorrências formadas com sufixos), é bastante produtivo, pois, com ‘-ete’, não apenas temos novas formações, mas novos significados que não se encontram com a forma francesa ‘-ette’. Alves (2010) detém-se principalmente nas palavras em que o sufixo ‘-ete’ junta-se a uma base nominal de caráter substantival e a nomes próprios, designando<sup>12</sup>, neste caso: (i) “dançarinas que dançam em torno de um artista”; (ii) “jovens [do gênero feminino] que gravitam de maneira animada em torno de um político ou de um jogador de futebol” (ALVES, 2010, p. 201). Como exemplos, temos, de um lado, as palavras ‘chacretes’, ‘xuxetes’, ‘guguzetes’ e ‘faustetes’, todas designando dançarinas que atuam em torno de um(a) apresentador(a) de TV; e, de outro, podemos citar: ‘malufetes’ e ‘kakazetes’, que designam, respectivamente, as “moças uniformizadas que faziam propaganda do político

<sup>12</sup> Empregamos aqui essa palavra sem nenhuma precisão teórica. Entretanto, a partir do capítulo 3, intitulado “Fundamentos teórico-metodológicos”, vamos defini-la num sentido muito preciso, tendo como base Guimarães (2002).

Paulo Maluf” e as admiradoras do jogador de futebol Kaká. Aqui, é interessante mencionarmos ainda as palavras ‘dasluzetes’ e ‘daspuzetes’, ambas relacionadas a marcas de moda: formadas respectivamente a partir dos nomes próprios ‘Daslu’ e ‘Daspu’, ‘dasluzetes’ diz respeito às vendedoras da loja Daslu, enquanto ‘daspuzetes’ diz respeito às “prostitutas que fundaram a grife Daspu, forma acronímica de Das Putas” (*id., ibid.*, p. 212). Como podemos ver, ‘chacretes’ e ‘malufetes’ possuem sentidos outros que ‘Juliette’, por exemplo. Nesta palavra, o sufixo ‘-ette’, ao se juntar a um nome próprio (‘Julie’) que funciona como base, parece produzir um efeito metonímico, relacionado à combinação sintagmática de ‘Julie’ com ‘-ette’: ‘Juliette’, além de identificar uma pessoa, designando-a como querida, designa também as que enunciam ‘Juliette’ como pertencentes a um círculo íntimo, o qual pode se expressar com afetividade. Trata-se de algo semelhante ao que tem ocorrido no português do Brasil com o sufixo ‘-ete’ em casos como ‘Silvete’, palavra essa formada a partir de ‘Sílvio’ e ‘-ete’. A diferença aqui reside no fato de que ‘-ete’ “é usado como recurso da fala gay para formar versões femininas de nomes próprios masculinos” (CÂNDIDO; GONÇALVES; ALMEIDA, 2016, p. 219). Assim, numa conversa entre dois falantes, ‘Silvete’ designa o alocutário identificado por ‘Sílvio’ e o locutor que enuncia ‘Silvete’ como homossexuais.

Além de se juntar a nomes próprios, o sufixo ‘-ete’ pode formar novas palavras com substantivos comuns e adjetivos. Alves (2010) cita inicialmente como exemplos de substantivos comuns as palavras ‘combinete’, ‘calçonete’, ‘sunguete’ e ‘cigarretes’, que se referem a pequenas peças do vestuário feminino. A primeira designa um “tipo de vestidinho rodado”; a segunda, uma “calcinha com cinta-liga”; a terceira, uma sunga feminina; e a quarta, por analogia à ‘cigarette’ (fr. ‘cigarro fino’), uma calça feminina comprida e bem justa. Além desses empregos, o sufixo ‘-ete’ pode se juntar às palavras ‘filme’ e ‘programa’, resultando respectivamente em ‘filmete’ e ‘programete’, empregadas com a primeira vogal /ê/ fechada. Ainda segundo Alves (2010), ‘filmete’ e ‘programete’ podem ser empregadas pejorativamente; na maioria dos casos, porém, essas formações denotam um tamanho reduzido. Aqui, podemos nos perguntar se ‘filmete’ e ‘programete’ não teriam também um funcionamento irônico, por trazerem um sentido pejorativo.

Após uma pesquisa na internet, encontramos apenas o registro de ‘filmete’. Essa palavra aparece nas versões on-line do Aulete e do Michaelis, e também no Dicionário inFormal, sendo que a ironia está ausente em todas as definições. No Aulete, temos: “Filme de curta metragem de pouca duração (ger. de 15 a 60 seg.), produzido com fins publicitários, em

campanhas políticas etc., exibido na televisão e tb. em cinemas”<sup>13</sup>. No Michaelis On-Line: “Filme de curtíssima duração, no máximo até um minuto, geralmente com fins publicitários”<sup>14</sup>. Finalmente, o Dicionário inFormal traz como definição ‘Curta-metragem’<sup>15</sup>. Apenas este dicionário não traz como etimologia a junção de ‘filme’ com ‘-ete’.

Outros casos de substantivos comuns que se juntam ao sufixo ‘-ete’ analisados por Alves (2010) dizem respeito às palavras ‘merchandetes’, ‘skatetes’ e ‘modetes’. Aqui, é interessante observarmos que, embora o sufixo ‘-ete’ não traga marcação de gênero, essas três palavras particularizam pessoas identificadas com o gênero feminino. ‘Merchandetes’ é uma “denominação geral para nomear a atividade das dançarinas, que também podem promover produtos” (ALVES, 2010, p. 209). A derivação se dá a partir da “base inglesa que significa ‘comércio, negócio’” (*id.*, *ibid.*, p. 209). Por sua vez, ‘skatetes’ diz respeito às meninas que gostam de skate e paqueram os skatistas. Já ‘modete’ diz respeito à mulher “que segue as tendências da moda” (*id.*, *ibid.*, p. 211). Ao contrário do primeiro, o segundo e o terceiro casos trazem na base aquilo de que a mulher gosta.

No que diz respeito ao neologismo com base adjetival, Alves (2010) cita dois: as palavras ‘modernete’ e ‘maluquete’, que também particularizam pessoas identificadas com o gênero feminino. ‘Modernete’ diz respeito à mulher que busca o que é moderno, sobretudo quando o tema é moda. ‘Maluquete’ diz respeito à mulher “um pouco maluca”, tendo por isso um sentido pejorativo. Finalmente, temos as palavras ‘peruetes’ e ‘globetes’. Enquanto ‘peruetes’ diz respeito às mulheres que se vestem de modo espalhafatoso, dando-se ares de pessoa elegante, ‘globetes’ pode significar ou uma câmera portátil, usada na Rede Globo, ou os/as artistas que trabalham nessa emissora de televisão, sendo, portanto, uma palavra polissêmica que designa tanto um objeto quanto o homem ou a mulher.

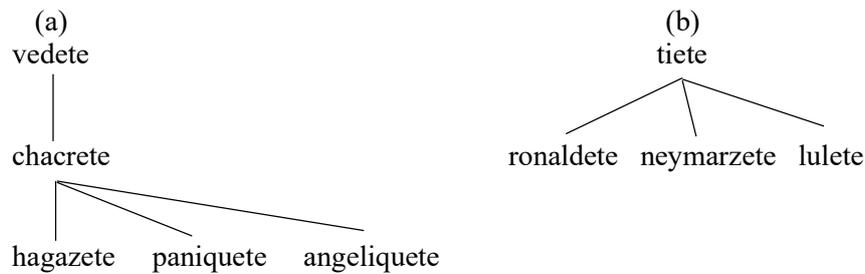
Segundo a análise de Gonçalves (2012), o sufixo ‘-ete’ constitui-se também um afixo de baixa produtividade que, devido ao processo de formação de palavras por analogia, se tornou produtivo no português brasileiro contemporâneo. Dentre os exemplos citados pelo autor, destacamos as palavras ‘hagazete’ e ‘neymarzete’, as quais, respectivamente, significam “dançarina do Programa H”, exibido pela emissora Band entre 28 de outubro de 1996 e 15 de fevereiro de 2002, e “fã do jogador de futebol Neymar”. Tendo em vista que as formações mais antigas com o sufixo ‘-ete’ não remetem a esses significados, Gonçalves (2012) diz que a

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/filmete>>. Acesso em: 04 jan. 2021.

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/filmete/>>. Acesso em: 04 jan. 2021.

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/filmete/>>. Acesso em: 04 jan. 2021.

palavra ‘hagazete’ formou-se por analogia, tendo como espelho a palavra ‘chacrete’, que, por sua vez, se formou a partir de ‘vedete’, empregada no Brasil para se referir às atrizes que, no teatro de revista, se sobressaíam durante os espetáculos. Aqui, o significado de ‘vedete’ aproxima-se do que nos traz o Larousse: ao se destacar nas apresentações teatrais, a vedete é a atriz “très connu du public”. Já ‘neymarzete’ se deu por analogia à ‘tiete’, hipocorístico usado para designar as fãs do cantor Ney Matogrosso, apelidado de ‘tio’/‘titio’ (HOUAISS, 2009 *apud* CÂNDIDO; GONÇALVES; ALMEIDA, 2016). No que diz respeito à palavra ‘tiete’, é importante destacarmos que ela não possui afixo, ou seja, nela ‘-ete’ não possui significado (GONÇALVES, 2005 *apud* CÂNDIDO; GONÇALVES; ALMEIDA, 2016). A seguir, apresentamos o modo como Gonçalves (2012) representa, no português, as formações com o sufixo ‘-ete’:



Em (a), ‘hagazete’, ‘paniquete’ e ‘angeliquete’ se formam por analogia à ‘chacrete’, palavra essa formada a partir de ‘vedete’ e que significa “dançarina do programa do Chacrinha”. Sendo assim, hagazete é a dançarina do Programa H; paniquete é a dançarina do programa Pânico na TV; angeliquete é a dançarina do programa da Angélica. Em (b), ‘ronaldete’, ‘neymarzete’ e ‘lulete’ se formam por analogia à ‘tiete’, que não possui afixo. Como essa palavra significa “fã de uma pessoa famosa”, ronaldete é a/o fã do jogador de futebol Ronaldo; neymarzete é a/o fã do jogador de futebol Neymar; lulete é a/o fã do ex-presidente Lula.

Embora o sufixo ‘-ete’, tanto em (a) quanto em (b), se junte a um nome próprio, é curioso notarmos que, no primeiro caso, a palavra formada particulariza uma pessoa identificada com o gênero feminino; no segundo, a pessoa pode estar identificada com o gênero feminino ou masculino. Um outro fato curioso que a nosso ver constitui um problema nos esquemas acima reside em ‘angeliquete’, que poderia também se referir à/ao fã da apresentadora Angélica. Isto porque estamos diante de um processo morfológico determinado pela polissemia do sufixo ‘-ete’.

Procurando dar conta das particularidades do sufixo ‘-ete’ no português brasileiro contemporâneo, Cândido, Gonçalves e Almeida (2016) analisam-no em seus aspectos formais

e semânticos. Para isso, os autores recorrem à Morfologia Construcional e à Linguística Cognitiva. Mais especificamente, eles recorrem à teoria dos protótipos e categorização; à noção de *frames*, entendido como um conjunto de conceitos relacionados de tal modo que cada um é entendido em relação à estrutura da qual faz parte; aos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs); e à Teoria dos Espaços Mentais e mesclas (*blendings*). Segundo os autores, uma vez que as gramáticas e os manuais de morfologia apresentam, na maioria dos casos, descrições confusas e contraditórias do sufixo ‘-ete’, a Morfologia Construcional é uma “alternativa eficaz para análise de processos morfológicos instáveis, que não podem ser encaixados perfeitamente nos padrões canônicos da composição e da derivação” (CÂNDIDO; GONÇALVES; ALMEIDA, 2016, p. 202).

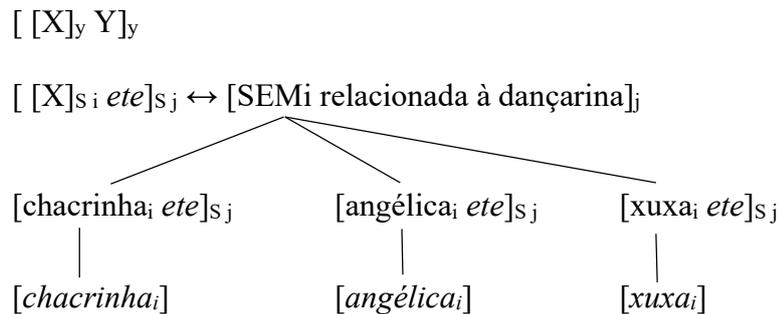
Em linhas gerais, Cândido, Gonçalves e Almeida (2016) afirmam que a forma ‘-ete’ apresenta no português brasileiro dois afixos distintos, a saber: [‘e.tʃI] e [‘ɛtʃI], os quais, respectivamente, podemos ver, por exemplo, em ‘bilhete’ e ‘caminhonete’. Nessas duas palavras, a qualidade da tônica é diferente: na primeira, temos /ê/; na segunda, /é/. Isto porque palavras em [‘e.tʃI], tal como ‘bilhete’, resguardam o significado da palavra francesa; neste caso ‘billet’, de que é originária. Outros casos seriam: ‘bacinete’, ‘banquete’, ‘gabinete’ e ‘filete’, formadas respectivamente a partir de ‘bacinet’, ‘banquet’, ‘cabinet’ e ‘filet’. Conclusão: [‘e.tʃI] advém do sufixo ‘-et’, que em francês marca o gênero masculino. Aqui, é interessante observarmos que as palavras em português derivadas a partir de [‘e.tʃI] conservaram o gênero masculino.

Por sua vez, [‘ɛtʃI] é uma forma polissêmica. De acordo com Cândido, Gonçalves e Almeida (2016), ela advém do sufixo ‘-ette’, que em francês, não custa lembrarmos, marca o gênero feminino. O primeiro sentido se deve à palavra ‘vedete’; o segundo, à ‘tiete’. Mais especificamente: a palavra ‘chacrete’, por exemplo, é formada por analogia à ‘vedete’, e isso nos permite dizer que o sufixo ‘-ete’, neste caso, provém de “estrangeirismo por formação analógica” (CÂNDIDO; GONÇALVES; ALMEIDA, 2016, p. 216). Já em ‘tiete’, o sufixo ‘-ete’ é “criado por relação de subparte com um vocábulo nativo” (*id.*, *ibid.*, p. 216).

Para entendermos como se relacionam os sentidos de [‘ɛtʃI] no português brasileiro, Cândido, Gonçalves e Almeida (2016) realizam uma descrição semântica desse sufixo baseada na Morfologia Construcional e na Linguística Cognitiva. Lançando mão da noção de língua enquanto um inventário estruturado de forma-significado em vários níveis de abstração, sendo a palavra um desses níveis, os autores dizem que uma palavra como, por exemplo, ‘neymarzete’, possui uma parte fixa e outra variável. A parte fixa é o formativo ‘-ete’; a parte

variável é composta por nomes que se adjungem à esquerda; neste caso, temos o nome ‘Neymar’. O interfixo ‘z’ completa a derivação desse processo, que ocorre por uma relação de herança por polissemia, ou seja, por “extensão de significado de uma construção para outra” (CÂNDIDO; GONÇALVES; ALMEIDA, 2016, p. 203).

Vejamus um outro exemplo: a palavra ‘angeliquete’. Segundo a Morfologia Construcional e a Linguística Cognitiva, ela apresentaria dois esquemas construcionais, noção essa entendida por Gonçalves e Almeida (2014, p. 165) como “padrões gerais de pareamento forma-conteúdo que captam características comuns entre várias instanciações específicas”. No caso de ‘angeliquete’, a parte fixa ‘-ete’ é o formativo que traz dois *frames*, estabelecidos pelos MCIs, que não passam de “representações cognitivas de base cultural” (ALMEIDA *et al.*, 2010, p. 24 *apud* CÂNDIDO; GONÇALVES; ALMEIDA, 2016, p. 205) e, como tal, constituem uma versão estereotipada da realidade. Enquanto um *frame* está relacionado à palavra-fonte ‘chacrete’, o outro diz respeito à palavra-fonte ‘tiete’. Apresentamos abaixo a primeira construção:



No esquema acima, SEMi diz respeito ao *frame* evocado pela palavra-fonte ‘vedete’; X corresponde à forma livre; Y, à forma presa; o subscrito  $_y$ , por sua vez, é a etiqueta lexical; nesse sentido, o subscrito  $_s$  significa substantivo. Quanto à segunda construção, a palavra-fonte responsável pelo *frame* é ‘tiete’, cujo significado é fã/admirador(a). A fim de não se confundir, o falante recorre ao seu conhecimento de mundo, que ativa cenários culturais distintos. No primeiro, a apresentadora Angélica possui assistentes de palco; no segundo, ela possui fãs/seguidores(as). Cândido, Gonçalves e Almeida (2016, p. 202) observam:

Um esquema construcional pode gerar subesquemas, que também podem se desdobrar em outros subesquemas, uma vez que são estruturas simbólicas que formalizam conceitos armazenados na memória, a partir da abstração de experiências do mundo em que generalizações são realizadas.

Assim, as construções em [‘EtI], de acordo com Cândido, Gonçalves e Almeida (2016), distribuem-se em quatro grupos, dos quais o segundo, por ser o mais produtivo, se divide em três subgrupos. O primeiro grupo constitui-se por uma base substantival e, ao designar objetos, denota pequenez. Como exemplo, temos a palavra ‘soquete’, que se dá a partir da palavra inglesa ‘sock’ (‘meia’) e o sufixo ‘-ete’. O segundo grupo, apontado pelos autores como o mais produtivo, diz respeito “ao conteúdo de práticas comportamentais e sociais da mulher não bem aceitas socialmente, que denotam despreço” (CÂNDIDO; GONÇALVES; ALMEIDA, 2016, p. 207). Fazem parte do segundo grupo, por exemplo: ‘vedete’, ‘chacrete’ e ‘paniquete’, constituindo o subgrupo A, relacionado às dançarinas e assistentes de palco de programas televisivos; ‘periguete’, ‘piranhete’, ‘peguete’ e ‘empreguete’, constituindo o subgrupo B, tido como o que mais traz sentidos pejorativos, uma vez que eles estão relacionados a

comportamentos e práticas sociais atribuídos a mulheres, que são mal vistos por uma sociedade ainda caracterizada pela misoginia, ou seja, esses vocábulos representam a avaliação moral negativa, motivada pela força cultural impregnada de discriminação à mulher. (CÂNDIDO; GONÇALVES; ALMEIDA, 2016, p. 212)

Por sua vez, ‘tiete’, ‘neymarzete’, ‘luanzete’ e ‘malafaiete’ constituem o subgrupo C do segundo grupo, relacionado às/aos fãs de pessoas famosas. Já o terceiro grupo denota práticas sexuais; trata-se de palavras-tabu, tais como ‘boquete’, relacionada ao sexo oral. Finalmente, o quarto grupo traz palavras estrangeiras que foram incorporadas ao português, conservando a mesma forma e o mesmo significado. Exemplos: ‘baguete’, ‘basquete’ e ‘espaguete’, oriundas do francês, do inglês e do italiano, respectivamente.

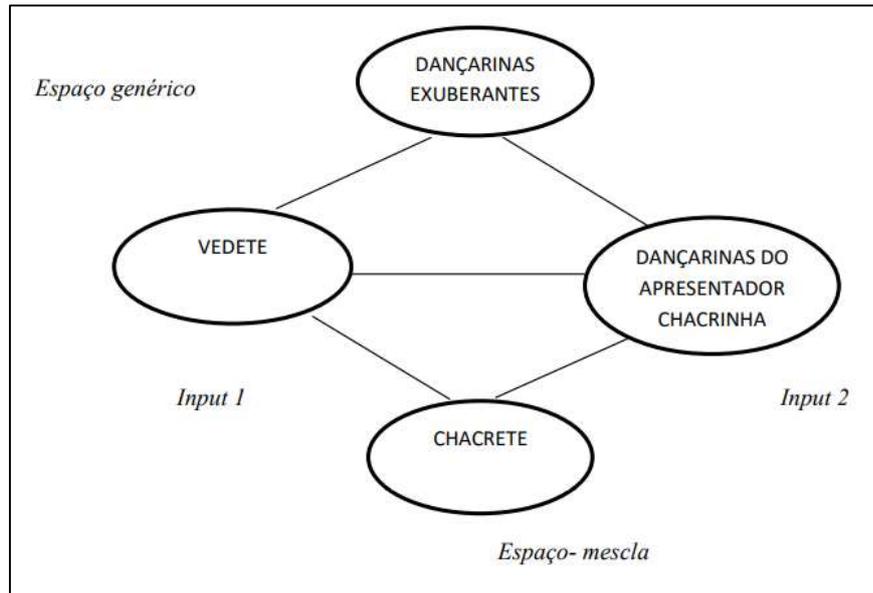
Algumas observações sobre o segundo grupo fazem-se necessárias. Embora Cândido, Gonçalves e Almeida (2016) digam que ele se refere à mulher, os autores apontam que a palavra ‘peguete’, pertencente ao subgrupo B, denota tanto a mulher quanto o homem com quem se tem um relacionamento afetivo e/ou sexual sem compromisso, o que causa uma contradição, pois o segundo grupo gira em torno da mulher. Além disso, o sentido das palavras que compõem o subgrupo B (‘periguete’, ‘piranhete’, ‘peguete’ e ‘empreguete’, por exemplo) é inteiro pejorativo no *corpus* analisado pelos autores. Segundo eles, ‘periguete’ refere-se à mulher vulgar cuja conduta é tida como duvidosa; portanto, esse vocábulo, assim como os demais do subgrupo B, apresenta uma “avaliação moral negativa” (*id.*, *ibid.*, p. 212). Como mostraremos, isso nem sempre acontece, pois no acontecimento de enunciação há reações

sociais de ressignificação da palavra, que se opõem ao seu valor negativo. O falante é interpelado em sujeito pela ideologia com a qual se identifica. Nesse processo de identificação, o sujeito ocupa uma posição no interdiscurso. Embora a enunciação, tomada em sua historicidade, possa ser repetível porque ela está relacionada a uma formação discursiva, o repetível pode se expor ao novo, que opera uma transformação na formação discursiva. Como resultado, temos sentidos que não existiam antes.

Última observação: no subgrupo C, ‘malafaiete’, ao se referir à/ao fã do pastor Silas Malafaia, possui um sentido pejorativo, ao contrário de, por exemplo, ‘neymarzete’ e ‘luanazete’, que, ao se referirem respectivamente ao jogador de futebol Neymar e ao cantor Luan Santana, não o possuem. Cândido, Gonçalves e Almeida (2016) citam também a palavra ‘freixetes’: empregada nas eleições municipais de 2016 pelos opositores do candidato Marcelo Freixo (PSOL), ela identificava pejorativamente os seus seguidores, com o intuito de desqualificar a militância destes.

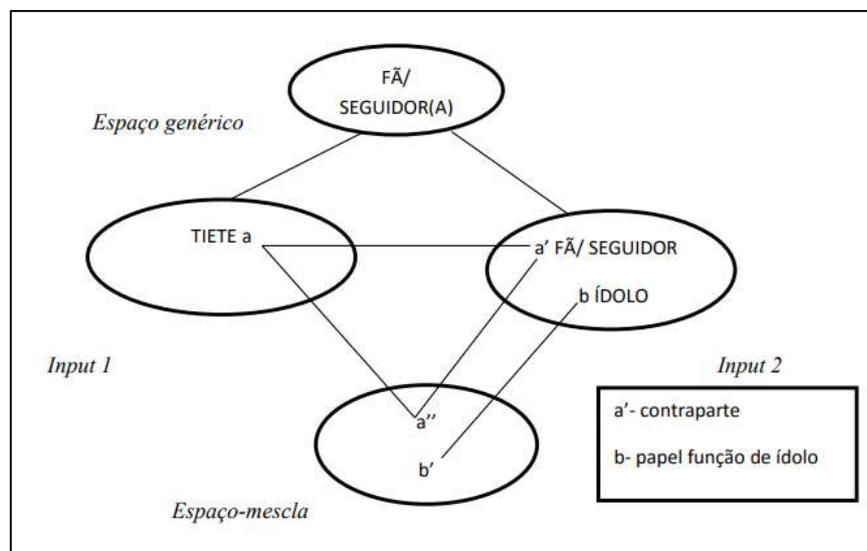
Portanto, apesar de Cândido, Gonçalves e Almeida (2016), a partir da Teoria dos Espaços Mentais da Linguística Cognitiva, destacarem a polissemia do sufixo ‘-ete’, eles encontram apenas sentidos negativos na análise de ‘periguete’; os autores não se detêm sobre os processos discursivos de constituição dos sentidos dessa palavra, dizendo que a avaliação moral negativa sobre a mulher se deve à força cultural de discriminação. Isto pode levar à afirmação de que ‘periguete’ não possui nenhum sentido positivo, quando enunciada pelos falantes. Ao categorizarem as palavras formadas com o sufixo ‘-ete’, os autores buscam disciplinar a polissemia, que resiste às investidas de uma posição logicista da linguagem. Eles criticam algumas gramáticas e manuais de morfologia por serem confusos e contraditórios quando tratam do sufixo ‘-ete’, mas também não chegam, a nosso ver, a um resultado totalmente satisfatório, pois não consideram a contradição.

Na análise que fazem, Cândido, Gonçalves e Almeida (2016) recorrem à Teoria dos Espaços Mentais e à noção de mesclas (*blendings*) para representarem as formações com [‘EtʃI] no português do Brasil:



**Figura 1** – Mesclagem conceptual da formação de ‘chacrete’ (CÂNDIDO; GONÇALVES; ALMEIDA, 2016, p. 217)

A Teoria dos Espaços Mentais diz respeito a “domínios conceptuais que contêm representações parciais de entidades e relações em um cenário percebido, imaginado ou lembrado” (FERRARI, 2011, p. 109 *apud* CÂNDIDO; GONÇALVES; ALMEIDA, 2016, p. 205-206). Por mesclagem conceptual (*blending*) os autores entendem, grosso modo, uma operação mental (*id.*, *ibid.*). Assim, na figura 1, o *Input 1* projeta “dançarinas do apresentador Chacrinha” no *Input 2*, levando em consideração o espaço genérico “dançarinas exuberantes”. No espaço mescla, temos a forma emergente ‘chacrete’. Vejamos agora a outra formação com [‘ɛtʃI]:



**Figura 2** – Mesclagem conceptual da formação X-ete designando fã/seguidor(a) (CÂNDIDO; GONÇALVES; ALMEIDA, 2016, p. 218)

Na figura 2, o *Input 1*, levando em consideração “fã/seguidor(a)” do espaço genérico, projeta, no *Input 2*, “fã/seguidor(a)”, que está relacionado ao papel função de ídolo. No espaço mescla, temos as formas emergentes (a’’) e (b’). Exemplos: ‘neymarzete’, ‘ronaldete’, ‘kakazete’, ‘lulete’, ‘angeliquete’ etc. Como podemos ver, Cândido, Gonçalves e Almeida (2016) tomam o funcionamento do sufixo ‘-ete’ no português brasileiro contemporâneo considerando a polissemia e a homonímia. De acordo com eles:

[...] em relação ao questionamento do caráter polissêmico ou homonímico das formações X-ete, podemos afirmar que, entre o -ete (vogal aberta) e o -ete (vogal fechada), há uma relação de sufixos distintos, ou seja, temos formas fonológicas diferentes com significados diferentes, mas, entre as formações X-ete (vogal aberta) designando dançarinas e as formações X-ete que designam fã/seguidor(a), há uma relação de polissemia, isto é, temos o mesmo formativo com extensão de significado e isso foi comprovado a partir de mesclagens baseadas na Teoria dos Espaços Mentais da Linguística Cognitiva. Cumpre apresentar, em favor dessa análise, que apresentadores também têm fãs e, por isso, são naturalmente polissêmicas formações como ‘lucianete’ e ‘faretes’, que podem ser interpretadas como dançarinas ou fãs, nessa ordem, dos apresentadores Luciano Huck e Rodrigo Faro. (CÂNDIDO; GONÇALVES; ALMEIDA, 2016, p. 220, grifos dos autores)

De nossa parte, tomamos a polissemia em relação à divisão política dos sentidos, que diz respeito aos lugares de dizer na enunciação e às posições-sujeito no interdiscurso. Como mostraremos, as palavras ‘piriguete’ e ‘periguete’ estão inscritas em “processos ideologicamente heterogêneos, contraditórios, assimétricos e deslocadores” (PÊCHEUX, 2011a, p. 118). Relacionadas a formas de comportamento, elas constituem objetos paradoxais, isto é, seu funcionamento se dá a partir de “forças móveis, em mudanças confusas, que levam a concordâncias e oposições extremamente instáveis” (*id.*, *ibid.*, p. 116). No acontecimento de enunciação, podem produzir juízos de valor negativo e positivo sobre a mulher, uma vez que os processos de dominação se dão como num campo de forças: eles não ocorrem sem resistência.

É justamente essa a contribuição que esperamos dar, a partir de uma posição enunciativo-discursiva, ao estudo do sufixo ‘-ete’ na formação de palavras do português brasileiro contemporâneo. No acontecimento do dizer, os falantes são agenciados no espaço de enunciação, configurado politicamente. Esse agenciamento pode ser visto a partir da noção de cena enunciativa, em que o falante é tomado como Locutor, isto é, como origem do dizer. Trata-se de uma representação em que ele não se dá conta que é autorizado a falar a partir de um lugar

social. Mais: o Locutor, segundo a nossa posição, é afetado pela memória discursiva, o interdiscurso. Assim, a relação do Locutor com o seu dizer se dá a partir de lugares em que o social está apagado: ele pode mobilizar um enunciador individual, coletivo, universal e/ou genérico em seu dizer, mas não tem acesso à memória de sentidos, pois, enquanto sujeito, está constituído pelo esquecimento daquilo que significa quando enuncia a partir de uma posição-sujeito no interdiscurso.

### 3. FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Explicitemos agora os fundamentos teórico-metodológicos a partir dos quais analisaremos, em um primeiro momento, a designação de ‘piriguite’ e ‘periguite’, e, em um segundo momento, analisaremos a designação de palavras que se constituem na relação com essas duas, tais como: ‘coro(n)guete’, ‘empreguite’, ‘advoguet(t)e’, ‘professorete’, ‘enfermeirete’ e ‘patro(n)ete’.

A princípio, precisávamos lidar com a “complexidade do fato arquivístico” (GUILHAUMOU; MALDIDIER; ROBIN, 1994, p. 116). Ou seja, sabendo que o arquivo não nos é dado de antemão, precisávamos construí-lo a partir dos objetivos deste trabalho, a saber: compreender, mediante a mobilização dos conceitos teórico-metodológicos da Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 1995, 2002, 2018, entre outros), na relação com a Análise de Discurso, tal como desenvolvida na França a partir dos trabalhos de Pêcheux (1969, 1975, 1988, entre outros) e no Brasil a partir dos trabalhos de Orlandi (1983, 1992, 1999, entre outros), a designação de ‘piriguite’ e ‘periguite’, e também a de neologismos terminados em ‘-ete’ inspirados nos sentidos de ‘piriguite’ e ‘periguite’, para assim compreendermos o funcionamento do sufixo ‘-ete’ em enunciações contemporâneas, como produtor de sentidos de juízo de valor sobre a mulher.

Tal como Pêcheux (1994, p. 49), acreditamos que “uma pesquisa multidisciplinar é indispensável para um acesso realmente fecundo” ao arquivo, compreendido aqui como um campo de documentos não só relevantes sobre uma questão, mas também acessíveis ao pesquisador. Nesse sentido, não bastava nos debruçarmos apenas sobre as palavras ‘piriguite’ e ‘periguite’, de um lado, e sobre as relacionadas a elas, de outro. Considerando que o “deslize, a falha e a ambiguidade são constitutivos da língua” (PÊCHEUX, 1994, p. 57), impunha-nos dar um passo atrás no tempo e considerar palavras como ‘vedet(t)e’, ‘tiete’, ‘chacrete’, ‘Hzete’ e ‘paniquete’, uma vez que o sufixo ‘-ete’ não surgiu recentemente no espaço de enunciação do português do Brasil. Definitivamente, não. O sufixo ‘-ete’ possui uma história de enunciações, como vemos, por exemplo, em Alves (1990, 2010), Gonçalves (2012) e Cândido, Gonçalves e Almeida (2016). Retomando Gonçalves (2012, p. 174, grifos do autor):

Formas mais antigas em *-ete* datam do final do século XIX (CUNHA, 1975) e são interpretadas como diminutivas pela maior parte dos autores (cf., p. ex., COUTINHO, 1973; BECHARA, 1983; CUNHA; CINTRA, 1985). Nos dicionários, analisa-se tal sufixo como formador de substantivos femininos. Seu primeiro registro, no entanto, consta do séc. XVI, a palavra ‘canivete’

(BUENO, 1988). De acordo com o Houaiss eletrônico (2007), formas terminadas em *-ete* entram na língua sobretudo no séc. XIX, por meio de palavras oriundas de outras línguas: são galicismos, como ‘tablete’ (1924) e ‘garçonete’ (1975), anglicismos, como ‘basquete’ (1923) e ‘chiclete’ (1933), e italianismos, como ‘confete’ (1910) e ‘espaguete’ (1903). Para o dicionarista, *-ete* também é empregado “com sentido de exotismo” em palavras como ‘vedete’ (1920) e ‘tiete’ (1960). Não há qualquer menção ao sufixo em manuais de morfologia do português, nem mesmo em Sandmann (1985), o que pode sinalizar a possível improdutividade desse formativo.

Diante das incertezas etimológicas e da polissemia deste sufixo, para lançar luz sobre o seu funcionamento semântico, vamos considerar, mesmo que rapidamente, através de um recorte no arquivo, as palavras ‘vedet(t)e’, ‘tiete’, ‘chacrete’, ‘Hzete’ e ‘paniquete’. Para isso, faremos uma análise baseada no trajeto temático, que corresponde a “uma abordagem essencialmente compreensiva” (GUILHAUMOU; MALDIDIER; ROBIN, 1994, p. 120). Ou seja, não tomaremos o arquivo como “um simples documento do qual são retirados os referentes” (*id.*, *ibid.*, p. 116), pois ele se constitui na relação entre a língua, entendida como um “sistema sintático intrinsecamente passível de jogo”, e a discursividade, a “inscrição de efeitos linguísticos materiais na história” (PÊCHEUX, 1994, p. 58). Interessa-nos, pois, percorrer diversas fontes e estabelecer a partir delas uma leitura que nos revele configurações significantes. Em outras palavras, a partir de uma leitura do arquivo baseada no trajeto temático do sufixo ‘-ete’, interessa-nos colocar o novo na repetição. É o que faremos a seguir, ao tratarmos dos fundamentos teórico-metodológicos empregados neste trabalho.

### 3.1 Observando a presença do sufixo ‘-ete’ no séc. XX

É a partir do lugar de linguistas, mais especificamente, a partir do lugar de semanticistas interessados em analisar enunciados em textos, que apresentamos os conceitos e as categorias de análise da Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2002). Essa apresentação, de um lado, é inspirada em Guimarães (1987, p. 169), que estudou a “mudança do advérbio *embora* em conjunção concessiva”; de outro, é inspirada em Oliveira (2014), que, ao estudar a política de línguas enquanto política de Estado em documentos do Itamaraty, faz uma entrada em seu arquivo ao apresentar os fundamentos teórico-metodológicos com os quais trabalha. A diferença entre este trabalho e o nosso reside no fato de que objetivamos construir aqui uma pequena história de enunciações do sufixo ‘-ete’ no espaço de enunciação do português brasileiro, a partir de palavras como ‘vedet(t)e’, ‘tiete’, ‘chacrete’, ‘Hzete’ e

‘paniquete’. Ao fazermos isso, explicitaremos os conceitos e as categorias de análise recorrentes neste trabalho.

### 3.1.1 Enunciação e acontecimento

Consideramos a enunciação como um acontecimento de linguagem que coloca a língua em funcionamento (GUIMARÃES, 2002). Para nós, a língua não é posta em funcionamento “por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1974, p. 82). Tampouco consideramos a enunciação nos termos de Ducrot (1984), que a definiu como o “acontecimento [no tempo] constituído pelo aparecimento de um enunciado” (DUCROT, 1984, p. 168). Neste trabalho, tratamos a enunciação como o acontecimento de funcionamento da língua. Segundo Guimarães (2002, p. 11), não enunciamos enquanto seres físicos, “nem meramente no mundo físico”. Quando enunciamos, o fazemos enquanto seres afetados “pelo simbólico e num mundo vivido através do simbólico” (GUIMARÃES, 2002, p. 11). Nesse sentido, é necessário considerarmos, de um modo bem particular, quatro aspectos: (i) a língua; (ii) o “sujeito que se constitui pelo funcionamento da língua na qual enuncia-se algo” (*id.*, *ibid.*, p. 11); (iii) a temporalidade específica do acontecimento de enunciação; e (iv) o “real a que o dizer se expõe ao falar dele” (*id.*, *ibid.*, p. 11).

### 3.1.2 Enunciado, texto e recorte

Ao tomarmos a enunciação como o “acontecimento do dizer” (GUIMARÃES, 2002, p. 7), consideramos o enunciado como um “elemento lingüístico próprio do acontecimento do funcionamento da língua quando um locutor<sup>16</sup> diz algo” (GUIMARÃES, 2006, p. 122). Enquanto tal, o enunciado caracteriza-se por uma “consistência interna e independência relativa com relação às sequências lingüísticas de que faz parte” (*id.*, *ibid.*, p. 122).

Por sua vez, tomamos o texto como uma unidade complexa de significação que integra enunciados no acontecimento enunciativo (GUIMARÃES, 2011a). Para nós, o texto não é homogêneo, ou seja, ele não possui uma unicidade de sentido. O texto caracteriza-se por produzir sentido, sendo este o responsável por fazer da unidade um texto (GUIMARÃES,

---

<sup>16</sup> Adiante, na subseção 3.1.5, intitulada “Cena enunciativa”, explicaremos a noção de locutor. Desde já, ressaltamos que não se trata da pessoa empírica, em sua atividade físico-fisiológica e psíquica de falar.

2011a). Em outras palavras, nossa posição é anticomposicional, pois o sentido de um texto não se constitui pela soma de suas partes: ele se dá “pelo modo de relação de uma expressão com outras expressões do texto” (GUIMARÃES, 2002, p. 28). A noção de relação integrativa é aqui fundamental. Ela diz respeito ao funcionamento de um elemento da língua num enunciado, enquanto enunciado que faz parte de um texto (GUIMARÃES, 2002, 2011a). Essa relação, a integrativa, se dá de modo transversal, não segmental. Se tomarmos, por exemplo, o enunciado

(1) APENDICITE BOTOU A VEDETE EM PÂNICO

que faz parte de uma notícia publicada na página 3 da Revista do Rádio, em 16 de abril de 1960, podemos notar que ele se constitui a partir de uma consistência interna, ou seja, o enunciado (1) é composto por quatro elementos, a saber: *Apendicite, botou, a vedete, em pânico*. Esses elementos, apesar de terem uma consistência interna, possuem uma independência relativa, pois funcionam em virtude do conjunto de que fazem parte. Isto fica claro quando relacionamos (1) ao seu conjunto, representado abaixo por (2):

(2) Nanci Montez ficou apavorada, mas não teve jeito: a operação era mesmo inevitável. Já há 3 meses a vedete havia procurado o médico, queixando-se de dores na região abdominal. [...]  
Durante os 6 dias em que esteve internada, Nanci mostrou o quanto é querida, sendo uma das recordistas no recebimento de visitas entre as artistas que já estiveram internadas no Hospital do Radialista. [...]¹⁷

Relacionando (1) a (2), podemos notar, sem sermos exaustivos, que a palavra ‘vedete’, presente no título da notícia, é reescriturada por ‘Nanci Montez’ no início do primeiro parágrafo, e essa reescrituração se dá por substituição, produzindo o sentido de uma especificação. De acordo com ela, podemos dizer: “Nanci Montez é uma vedete”. Além disso, no segundo parágrafo, ‘Nanci’ é determinado por ‘uma das recordistas no recebimento de visitas entre as artistas que já estiveram internadas no Hospital do Radialista’, e isso, por sua vez, nos permite dizer que, segundo o recorte acima, uma vedete é uma artista.

Recapitulando: (1) possui uma consistência interna e uma relativa independência em relação a (2). Tanto é assim que podemos lê-lo isoladamente e entendemos o seu significado: uma vedete ficou em pânico devido a uma apendicite. No entanto, em (1), nada sabemos sobre

¹⁷ In: REVISTA DO RÁDIO. Rio de Janeiro: Anselmo Domingos, 1948-1970. n. 552, 16 abr. 1960. 68 p. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/revista-radio/144428>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

o(s) sentido(s) da palavra ‘vedete’. Isto ocorre porque precisamos da outra característica do enunciado: a independência relativa que nos permite integrar o enunciado ao texto.

Aqui, cabe-nos ressaltar que o enunciado, com sua consistência interna e relativa independência em relação ao conjunto de que faz parte, se constitui num acontecimento enunciativo (GUIMARÃES, 2018). Este acontecimento ocorre em um espaço de enunciação específico, agenciando o falante que enuncia a partir de uma posição-sujeito no interdiscurso. Desse modo, o enunciado caracteriza-se também por possuir uma unidade discursiva, que se relaciona a “um conjunto de entidades de mesma natureza, outros enunciados” (GUIMARÃES, 1989, p. 74). Essa unidade é um efeito da função discursiva do sujeito à qual corresponde a noção de autoria (ORLANDI, 1999). É por isso que o acontecimento de (1), mesmo isoladamente, sem (2), não é apenas uma sentença da língua com significado, mas um enunciado, que possui uma unidade imaginária fruto da noção de autoria: dito por um locutor, em um acontecimento específico, (1) recorta um memorável, constituindo uma interpretação no meio de outras.

Finalmente, falemos sobre a noção de recorte. Ela é importante na medida em que constitui o nosso gesto metodológico, uma vez que, a partir do trajeto temático, tomaremos recortes que estão em relação com outros recortes, pertencentes a outros textos. Por recorte entendemos um “fragmento do acontecimento da enunciação” (GUIMARÃES, 2011a, p. 44). Esse fragmento não é simplesmente uma sequência. Ele se caracteriza pelas “formas linguísticas que aparecem correlacionadas em virtude de terem uma mesma relação com o acontecimento” (*id.*, *ibid.*, p. 44). Trata-se de uma noção estabelecida por Guimarães (1987) a partir de seu diálogo com a Análise de Discurso, que entende por recorte uma unidade discursiva, isto é, “fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação” (ORLANDI, 1984, p. 14). Como tais, esses fragmentos se caracterizam pela incompletude constitutiva da linguagem e pela polissemia, não sendo “mensuráveis em sua linearidade” (*id.*, *ibid.*, p. 16).

Um outro aspecto importante à noção de recorte na perspectiva enunciativa diz respeito à sua posição na sequência. Segundo Guimarães (2011a), a correlação das formas linguísticas com o acontecimento é fundamental para a constituição do enunciado, mas não a sua posição na sequência.

### 3.1.3 Acontecimento e temporalidade

O acontecimento a partir do qual a língua é posta em funcionamento não se dá no tempo, mas é um “acontecimento enquanto diferença na sua própria ordem” (GUIMARÃES, 2002, p. 11). Isto significa que o acontecimento caracteriza-se por sua própria temporalidade. Em outras palavras, o “acontecimento temporaliza. Ele não está num presente de um antes e de um depois no tempo. O acontecimento instala sua própria temporalidade: esta a sua diferença” (*id.*, *ibid.*, p. 11-12).

Com esse gesto, podemos ver de que modo Guimarães (2002) toma a enunciação diferentemente de Benveniste (1966), que remete o tempo da enunciação ao locutor, inscrito em seu próprio dizer a partir de marcas linguísticas específicas. Segundo Benveniste (1966), o homem constitui-se como sujeito na e pela linguagem, uma vez que “só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (BENVENISTE, 1966, p. 286, grifo do autor). Isto se dá na medida em que a subjetividade é determinada pelo “*status* linguístico da ‘pessoa’” (*id.*, *ibid.*, p. 286, grifo do autor). Aqui, a subjetividade apresenta a seguinte correlação: o pronome “*eu* significa ‘a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém eu’” (*id.*, *ibid.*, p. 278, grifo do autor). Além disso, para Benveniste (1966), constitui o sentido do pronome *eu* o ato de palavras que o profere:

[...] *eu* só pode ser identificado pela instância de discurso que o contém e somente por aí. Não tem valor a não ser na instância na qual é produzido. Paralelamente, porém, é também enquanto instância de forma *eu* que deve ser tomado; a forma *eu* só tem existência lingüística no ato de palavras que a profere. Há, pois, nesse processo uma dupla instância conjugada: instância de *eu* como referente, e instância de discurso contendo *eu*, como referido. (BENVENISTE, 1966, p. 279, grifos do autor)

Aqui, destacamos o ato de palavras que profere a forma *eu*. De acordo com Benveniste (1966, p. 280), esse ato é a enunciação, entendida como uma “comunicação intersubjetiva” entre os indivíduos, que se apropriam da linguagem em “instâncias de discurso, caracterizadas por esse sistema de referências internas [pronomes, advérbios, locuções adverbiais] cuja chave é *eu*, e que define o indivíduo pela construção lingüística particular de que ele se serve quando se enuncia como locutor” (BENVENISTE, 1966, p. 281, grifo do autor). Assim, é “numa realidade dialética que englobe os dois termos [eu/tu] e os defina pela relação mútua que se descobre o fundamento lingüístico da subjetividade” (*id.*, *ibid.*, p. 287).

Dito de outro modo, para Benveniste (1966, p. 288), o “fundamento da subjetividade está no exercício da língua”. O pronome *eu*, ao estabelecer o locutor, “se refere ao ato de discurso em que aparece, pois ele remete à realidade do discurso” (*id.*, *ibid.*, p. 288).

A aparição do pronome *eu* estabelece também na alocução o pronome *tu*, que é o alocutário. O indivíduo só tem, pois, consciência de si por contraste, dirigindo-se a alguém, que será um *tu* na alocução. Assim, o pronome *eu* é transcendente com relação ao *tu*; finalmente, o pronome *ele* não faz parte da intersubjetividade, pois está fora da alocução (BENVENISTE, 1966).

Portanto, para Benveniste (1974, p. 83), o “ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação”. Nas palavras de Guimarães (1995, p. 47):

este conjunto de aspectos pode levar a censurar em Benveniste o fato de tratar esta passagem da língua para o semântico de um modo um tanto automático: basta se apropriar da língua para constituir-se como sujeito da enunciação, porque a língua tem formas que, apropriadas, fazem diretamente isto.

Considerando as colocações de Benveniste (1966, 1974) sobre a enunciação, Guimarães (1995, 2002) estabelece um tratamento para ela em que o sujeito, ao enunciar, não organiza “um passado (um antes) e um futuro (um depois), constituindo-se assim, a partir do EU, uma linha de sucessividade” (GUIMARÃES, 2002, p. 12). Para Guimarães (2002, p. 12), o sujeito é “tomado na temporalidade do acontecimento”. O acontecimento recorta um passado como memorável e “tem como seu um depois incontornável, e próprio do dizer” (GUIMARÃES, 2002, p. 12). Em outras palavras, o acontecimento não se inscreve no tempo: ele instaura uma temporalidade própria. No acontecimento, o presente “abre em si uma latência de futuro (uma futuridade), sem a qual não há acontecimento de linguagem, sem a qual nada é significado, pois sem ela (a latência de futuro) nada há aí de projeção, de interpretável” (*id.*, *ibid.*, p. 12). Ao mesmo tempo, o presente e o futuro do acontecimento são significados a partir de um passado, entendido como “rememoração de enunciações” (*id.*, *ibid.*, p. 12).

O passado no acontecimento é caracterizado por Guimarães (2002) na medida em que este autor recorre às noções de sujeito e interdiscurso desenvolvidas pela Análise de Discurso. O sujeito é o indivíduo interpelado pela ideologia, que existe, segundo Althusser (1970, p. 90), “num aparelho ideológico material, prescrevendo práticas materiais, reguladas por um ritual material, as quais (práticas) existem nos actos materiais de um sujeito agindo em consciência segundo a sua crença”. Em linhas gerais, podemos colocar a questão nos seguintes termos: a ideologia, presente nos aparelhos ideológicos de Estado, materializa-se no discurso, que, por sua vez, se materializa na língua. Sobre a relação entre condições de produção, discurso e língua, retomamos Pêcheux (1969, p. 78, grifos do autor):

[...] a um estado dado das condições de produção corresponde uma estrutura definida dos processos de produção do discurso a partir da língua, o que significa que, se o estado das condições é fixado, o conjunto dos discursos suscetíveis de serem engendrados nessas condições manifesta invariáveis semântico-retóricas estáveis no conjunto considerado e que são características do processo de produção colocado em jogo. Isto supõe que é *impossível analisar um discurso como um texto*, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao *conjunto de discursos possíveis* a partir de um estado definido das condições de produção [...].

A esse “conjunto de discursos possíveis” Pêcheux (1975) vai chamar de *interdiscurso*, que se constitui como uma memória discursiva:

[...] propomos chamar interdiscurso a esse “todo complexo com dominante” das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que, como já dissemos, caracteriza o complexo das formações ideológicas. (PÊCHEUX, 1975, p. 149)

O interdiscurso, como podemos ver, deve ser entendido a partir das noções de *formação discursiva* e *formação ideológica*. Pela primeira entendemos “aquilo que, numa formação ideológica dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e der ser dito*” (PÊCHEUX, 1975, p. 147, grifos do autor). Pela segunda entendemos a instância ideológica que, relacionada aos aparelhos ideológicos de Estado, possui ao mesmo tempo um “caráter ‘regional’” e comporta sobretudo “posições de classe” (*id.*, *ibid.*, p. 132).

A fim de que possamos entender melhor a diferença entre o interdiscurso e o passado no acontecimento, consideraremos o interdiscurso como a memória discursiva, isto é, o “saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (ORLANDI, 1999, p. 31). Trata-se daquilo que “fala antes, em outro lugar, independentemente” (*id.*, *ibid.*, p. 31). Por sua vez, o passado no acontecimento é o “memorável de enunciações recortado pela temporalização do acontecimento” (GUIMARÃES, 2002, p. 15, nota 9).

A título de ilustração, tomemos um recorte de uma notícia publicada no jornal O Estado de S. Paulo, em 13 de julho de 1939, e analisemos os sentidos da palavra ‘vedette’:

(3)

GRANDE SUCCESO DE TINO TIBI NO PALACIO  
DO RADIO

Uma grande assistencia applaudiu calorosamente o jovem tenor italiano – Dia 15 estream  
o conjunto typico rumeno Codolban’s Zahru e a vedette franceza

### Dany Lorys na Radio Cultura

Estreou dia 11 no PALACIO DO RADIO conforme estava anunciado o tenor italiano TINO TIBI, contractado pela RADIO CULTURA em Buenos Aires onde havia terminado uma auspiciosa “tournée” artística. [...]

Fomos informados que dia 15 do corrente duas novas estréas se farão na PRE-4. O conjunto typico rumeno COLDOLBAN’S-ZAHRU e a vedette franceza DANY LORYS. Ambos são grandes numeros de fama internacional, muito conhecidos no velho mundo e nas grandes cidades da America. O conjunto typico COLDOLBAN’S-ZAHRU traz um variado repertorio das mais bellas composições da musica cigana, viennense, russa e hungara em arranjos especialmente feitos. DANY LORYS por sua vez já é conhecida no Brasil através dos filmes francezes em que tomou parte, salientando-se sua actuação ao lado do consagrado astro comico do cinema, Fernandel.

A encantadora vedette actua em Paris no Capucines, Chatelet e Varieté, tendo vencido um importante concurso no grande Casino de Monte-Carlo. O seu repertório é composto das mais modernas canções francezas, na maioria inéditas para o Brasil. [...]<sup>18</sup>

Em (3), o que entendemos por acontecimento não se refere àquilo que se dá no tempo. Por exemplo: sabermos que a notícia acima foi publicada no dia 13 de julho de 1939, uma quinta-feira, e que, portanto, essa data corresponde ao seu presente, sendo o dia anterior, 12 de julho de 1939, uma quarta-feira, correspondente ao seu passado, e o dia 15 de julho de 1939, um sábado, correspondente ao seu futuro. Considerar o acontecimento nesses termos seria tomar a notícia acima a partir de uma função referencial da linguagem (JAKOBSON, 1967). Consideramos aqui o acontecimento de outra forma: ele é “uma temporalidade em que o passado não é um antes mas um memorável recortado pelo próprio acontecimento que tem também o futuro como uma latência de futuro” (GUIMARÃES, 2002, p. 14).

Podemos ver isso quando analisamos, em (3), os sentidos da palavra ‘vedette’. Note-se que essa palavra aparece pela primeira vez no subtítulo da notícia, antes da palavra ‘franceza’. Juntas, elas determinam o nome próprio ‘Dany Lorys’, o que nos permite dizer: “Dany Lorys é uma vedete francesa”. Em seguida, o nome próprio ‘Dany Lorys’ é determinado por ‘conhecida no Brasil através dos filmes francezes em que tomou parte, salientando-se sua actuação ao lado do consagrado astro comico do cinema, Fernandel’. Essa determinação nos permite afirmar que, segundo a notícia acima, Dany Lorys é uma atriz francesa cuja atuação “ao lado do consagrado astro comico do cinema, Fernandel”, merece destaque.

Avançando na análise da palavra ‘vedette’, podemos ver que ‘Dany Lorys’, numa relação de especificação, é reescriturada no último parágrafo de (3) por repetição em ‘vedette’, que, por sua vez, é determinada por ‘encantadora’. De um lado, o sintagma ‘encantadora

<sup>18</sup> Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/procura/#!/vedette/Acervo///1/1930/1939/>>. Acesso em: 24 jul. 2020.

vedette' é determinado por 'actua em Paris no Capucines, Chatelet e Varieté, tendo vencido um importante concurso no grande Casino de Monte-Carlo', e, de outro, por 'O seu repertório é composto das mais modernas canções francezas, na maioria inéditas para o Brasil'. De acordo com essas determinações, o acontecimento projeta como interpretável o fato de que Dany Lorys, além de ser uma atriz francesa de fama internacional, é uma ótima cantora, pois ela venceu um "importante concurso no grande Casino de Monte-Carlo". Isto posto, podemos dizer que a palavra 'vedette' significa, em (3), "uma artista encantadora que atua em filmes e canta em apresentações".

Essas paráfrases, como podemos ver, se dão em (3) a partir das reescrituras e determinações em torno da palavra 'vedette'. Elas se constituem no acontecimento como uma *latência de futuro*. Em outras palavras, no presente do acontecimento, os processos de reescritura e determinação por que passa a palavra 'vedette' projetam como sentidos futuros as paráfrases realizadas acima, sobretudo a última: "A vedette é uma artista encantadora que atua em filmes e canta em apresentações". Essa paráfrase, não obstante, recorta no acontecimento um passado de dizeres entendido aqui como um memorável. No caso em questão, podemos dizer que o acontecimento recorta como memorável a figura da artista europeia (francesa) admirada socialmente no Brasil pelo seu talento no cinema e na música. Esse memorável é responsável por fazer significar em (3) o presente e o futuro do acontecimento de uma forma e não de outra. Sustentando a tomada da palavra, encontramos o discurso segundo o qual a cultura e a arte francesas são valorizadas no Brasil por serem de um país considerado de primeiro mundo. Discursivamente, o sujeito ocupa uma posição no interdiscurso eurocêntrica. Note-se, por exemplo, que o acontecimento projeta como interpretável os enunciados: (i) "O evento será um sucesso"; (ii) "Muitas pessoas deverão prestigiar a encantadora vedete francesa Dany Lorys"; (iii) "O Brasil é influenciado culturalmente pela França/Europa". Esses enunciados constituem o futuro do acontecimento.

Comparando a notícia da Revista do Rádio com a do jornal O Estado de S. Paulo, é interessante observarmos que, na notícia d'O Estado de S. Paulo, publicada em 1939, a palavra 'artista' constitui aquilo que é projetado como interpretável, ou seja, ela constitui o futuro do acontecimento. Já na notícia da Revista do Rádio, publicada em 1960, a palavra 'artista' constitui o presente do acontecimento. Dito de outro modo, a palavra 'artista' é *visivelmente* um hiperônimo de 'vedete' em 1960; em 1939, não. Por conseguinte, em 1960, os sentidos da palavra 'vedete' que caracterizam o futuro do acontecimento são outros, como podemos notar no recorte a seguir, encontrado no mesmo número da Revista do Rádio, de 16 de abril de 1960:

(4)  
**Os Grandes Mistérios de uma Vedete**

Texto de F. L.<sup>19</sup>

Para uma vedete, como para qualquer outra artista, o caminho da fama e fortuna tem diferentes caprichos. Pode-se afirmar mesmo, que a vida íntima de cada vedete está pontilhada de grandes mistérios. Elas estão aí para comprovar essa verdade. [...] As vedetes têm algo que não as fazem iguais às outras artistas. Não adianta procurar descobrir esse mistério, por que nem elas mesmas sabem explicá-lo. O melhor é respeitar o que disse Oscarito:

– As curvas das vedetes são mais misteriosas do que as das outras mulheres. Misteriosas, e perigosas, aliás...  
 [...] <sup>20</sup>

Em (4), encontramos novamente a palavra ‘artista’, constituindo o presente do acontecimento enunciativo. Assim como em (3), ela, numa relação de especificação, reescritura por substituição ‘vedete’, o que nos permite dizer: “A vedete é uma artista”. Além disso, note-se que ‘vedete’ é determinada por ‘o caminho da fama e fortuna tem diferentes caprichos’, o que nos permite a seguinte paráfrase: “A vedete está no caminho da fama e fortuna, que possui diferentes caprichos”. Aqui, o acontecimento recorta como memorável a figura da mulher-artista que busca ser reconhecida pelo seu trabalho, o que lhe traria conseqüentemente fortuna. Considerando o último enunciado do recorte (4), vemos que os sintagmas ‘As curvas das vedetes’ e ‘as [curvas] das outras mulheres’, determinados por ‘misteriosas’, estão numa relação argumentativa de comparação. De acordo com essa determinação, as curvas das vedetes são mais misteriosas do que as das outras mulheres. Se considerarmos a paráfrase “Tanto as vedetes quanto as mulheres possuem curvas misteriosas, mas apenas as das vedetes são perigosas”, podemos ver que o futuro do acontecimento é outro em (4), quando comparado ao de (3). Em (4), podemos dizer que a vedete é uma mulher perigosa. Em (3), isso não aparece como interpretável. Além disso, o falante em (4) ocupa uma posição-sujeito no interdiscurso sexista/machista em que a mulher é vista sensualmente.

### 3.1.4 Espaço de enunciação

<sup>19</sup> Abreviamos o nome e o sobrenome do autor; quando necessário aos propósitos da análise, indicaremos em outros recortes que o nome próprio é atribuído ao gênero feminino ou masculino.

<sup>20</sup> In: REVISTA DO RÁDIO. Rio de Janeiro: Anselmo Domingos, 1948-1970. n. 552, 16 abr. 1960. 68 p. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/revista-radio/144428>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

Um outro aspecto não menos importante quando lemos o recorte (3) diz respeito às palavras francesas ‘vedette’ e ‘tournée’. A primeira integra o sintagma ‘a vedette francesa Dany Lorys’, e a segunda, “uma auspiciosa ‘tournée’ artística”, presente no primeiro parágrafo da notícia. Essa expressão junta-se à locução verbal ‘havia terminado’, que reescreve por elipse ‘o tenor italiano TINO TIBI’. Ao integrarem enunciados que, por sua vez, integram um texto, as palavras ‘vedette’ e ‘tournée’, empregadas pelo locutor-jornalista, permitem-nos dizer que, em (3), a língua portuguesa está em relação com a língua francesa.

A essa relação entre línguas e falantes Guimarães chama de *espaço de enunciação*, que se constitui como um espaço político “regulado e de disputas pela palavra e pelas línguas” (GUIMARÃES, 2002, p. 18). Aqui, entendemos por político a contradição que instala no centro do dizer o conflito (GUIMARÃES, 2002). Nesse sentido, o político não é, por exemplo, o “dizer normativo da administração” (*id., ibid.*, p. 17). Ele se caracteriza “pela contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos” (*id., ibid.*, p. 16).

O político é assim fundamental para este trabalho, uma vez que ele, segundo Guimarães (2002, p. 15), é “próprio da divisão que afeta materialmente a linguagem”, sobretudo o acontecimento enunciativo. No espaço de enunciação, a

língua é dividida no sentido de que ela é necessariamente atravessada pelo político: ela é normativamente dividida e é também a condição para se afirmar o pertencimento dos não incluídos, a igualdade dos desigualmente divididos. (GUIMARÃES, 2002, p. 18)

Em (3), podemos apontar a divisão desigual entre a língua portuguesa e a francesa, que no espaço de enunciação possui mais prestígio, sendo considerada uma “língua de cultura”. Tomemos agora um outro exemplo em (3) de como o político afeta o real, dividindo-o desigualmente. No enunciado

(3a) DANY LORYS por sua vez já é conhecida no Brasil através dos filmes franceses em que tomou parte, salientando-se sua actuação ao lado do consagrado astro comico do cinema, Fernandel.

o nome próprio ‘Dany Lorys’ é determinado, de um lado, por ‘conhecida no Brasil através dos filmes franceses em que tomou parte’, e, de outro, por ‘actuação ao lado do consagrado astro comico do cinema, Fernandel’, o que nos permite afirmar: (i) “A atriz francesa Dany Lorys é conhecida no Brasil por ter atuado ao lado do astro cômico do cinema, Fernandel”; (ii) “A atriz

francesa Dany Lorys é conhecida no Brasil por ter atuado ao lado de um ator famoso”; (iii) “No Brasil, Fernandel é um astro, mas Dany Lorys não”; (iv) “No Brasil, uma atriz pouco conhecida não é vista profissionalmente como um ator famoso, pois quando ela é reconhecida, isso se dá por estar *ao lado dele*”.

Considerando a paráfrase um procedimento heurístico de descrição do enunciado (GUIMARÃES, 2009), o que encontramos acima em (i), (ii) e (iii) são claramente paráfrases de (3a), mas não (iv), que se constitui como um não-dito que todavia significa aí. Isto porque o “dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua” (ORLANDI, 1999, p. 32). Como podemos ver, em (3a), o real do gênero feminino está dividido pelo político, que produz uma *partilha do sensível*, isto é, o

sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um *comum* se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha. (RANCIÈRE, 2005, p. 15, grifos do autor)

No que diz respeito ao recorte (3), extraído do jornal O Estado de S. Paulo, podemos elencar, além da divisão desigual entre o português e o francês: a divisão entre dois países, Brasil e França, e também entre dois continentes, a América do Sul e a Europa. Mais: a divisão entre a cultura brasileira e a francesa, entre a cultura latina e a europeia; e não menos importante: a divisão entre o ator prestigiado e reconhecido, de um lado, e a atriz não tão prestigiada e reconhecida, de outro, atriz essa que precisa contracenar com ele para ser reconhecida.

Por sua vez, entendemos por falantes não os “indivíduos, as pessoas que falam esta ou aquela língua. Os falantes são estas pessoas enquanto determinadas pelas línguas que falam” (*id.*, *ibid.*, p. 18). Eles são “sujeitos da língua enquanto constituídos por este espaço de línguas e falantes”, o espaço de enunciação. Como este espaço é atravessado pelo político, tal como o entendemos acima, as línguas “se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante” (*id.*, *ibid.*, p. 18). É o que acontece, por exemplo, em (3), com a palavra francesa ‘*tournée*’: empregada com aspas pelo locutor-jornalista, ela é um galicismo em 1939; hoje, ‘*tournée*’ já está incorporada ao português brasileiro, ortografada como ‘*turnê*’.

Quanto aos falantes, o político também os alcança, atravessando-os, uma vez que eles são “sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer” (*id.*, *ibid.*, p. 18). Como bem diz Guimarães (2002, p. 16), o “político é incontornável porque o homem fala”, por

mais que lhe neguem a palavra. No espaço de enunciação, o homem torna-se um falante a partir de um agenciamento político da enunciação (GUIMARÃES, 2002). Dito de outro modo, no espaço de enunciação, caracterizado pelo político, encontramos uma divisão da língua “marcada por uma hierarquia de identidades” (*id.*, *ibid.*, p. 21). Devido à configuração política do agenciamento enunciativo, o falante pode “dizer certas coisas e não outras”, pode “falar de certos lugares de locutor e não de outros”, pode “ter certos interlocutores e não outros” (*id.*, *ibid.*, p. 21). É o que veremos a seguir, com a noção de cena enunciativa.

### 3.1.5 Cena enunciativa

No espaço de enunciação, a assunção da palavra é realizada pelo falante em uma especificação local, a cena enunciativa, caracterizada por “constituir modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas lingüísticas” (GUIMARÃES, 2002, p. 23).

São três as figuras da enunciação: a primeira diz respeito ao Locutor (L); a segunda, ao lugar social de locutor (l-x) e a terceira, ao lugar de dizer simplesmente, chamado de enunciador (E). Quando assume a palavra, o falante põe-se no lugar que enuncia, ou seja, ele se põe no lugar de Locutor, representado no “próprio dizer como fonte deste dizer” (GUIMARÃES, 2002, p. 23). Assim, o Locutor representa o tempo do dizer como o tempo presente. No entanto, diz Guimarães (2002, p. 24), essa

representação de origem do dizer, na sua própria representação de unidade e de parâmetro do tempo, se divide porque para se estar no lugar de L é necessário estar afetado pelos lugares sociais autorizados a falar, e de que modo, e em que língua (enquanto falantes). Ou seja, para o Locutor se representar como origem do que enuncia, é preciso que ele não seja ele próprio, mas um lugar social de locutor.

Se voltarmos ao recorte (3), podemos notar que o Locutor da notícia do jornal O Estado de S. Paulo fala a partir do lugar social de jornalista. Em outras palavras, o Locutor divide-se em locutor-jornalista. Ele é autorizado a falar do lugar social de jornalista. Como tal, ao empregar a palavra ‘*tournée*’, o Locutor está afetado pelo francês no espaço de enunciação do português brasileiro. É nesse sentido em que podemos afirmar que o político atravessa tanto a(s) língua(s) quanto o(s) falante(s), produzindo divisões, disparidades, sem as quais, aliás, não há enunciação (GUIMARÃES, 2002).

A fim de avançarmos com a noção de cena enunciativa, analisemos agora um outro enunciado, retirado do recorte (3):

(3b) Fomos informados que dia 15 do corrente duas novas estréas se farão na PRE-4.

Em (3b), podemos notar que o locutor-jornalista fala na 1ª pessoa do plural, como nos atesta a forma ‘Fomos’. O que se diz em (3b) é dito a partir de um lugar de dizer que se “representa como o apagamento do lugar social” (GUIMARÃES, 2002, p. 25). Este lugar de dizer será chamado por nós de enunciador. No caso em questão, temos um enunciador coletivo: um “lugar de dizer que se caracteriza por ser a voz de todos como uma única voz” (GUIMARÃES, 2002, p. 38). Como podemos ver acima, o enunciador coletivo constitui-se como o lugar de dizer responsável por apagar o lugar social de jornalista em que o Locutor diz (3b). Desse modo, no acontecimento, o Locutor se representa no dizer como a própria fonte do dizer.

Além do lugar de dizer caracterizado pelo enunciador coletivo, o Locutor pode falar a partir de um outro lugar no acontecimento. Este lugar de dizer “se dá como independente da história” (GUIMARÃES, 2002, p. 25). Trata-se do enunciador individual, cujo lugar “está acima de todos, como aquele que retira o dizer de sua circunstancialidade” (*id.*, *ibid.*, p. 25). Vejamos um exemplo de enunciador individual envolvendo a palavra ‘tietes’:

(5)

**Bumbum, simpatia e força: veja por que Hulk é o preferido das tietes**

L. O. e P. I. A. 10/06/2014 06h00  
Do UOL, em Teresópolis (RJ)

Referência da seleção brasileira às vésperas da Copa do Mundo e grande esperança de time e torcida no Mundial, Neymar é o dono dos holofotes do time de Luiz Felipe Scolari. O atacante do Barcelona, no entanto, não está sozinho. E entre as fãs que seguem a seleção nesta primeira etapa de preparação para o torneio, acaba até mesmo perdendo espaço para o mais novo preferido do público feminino: Hulk.

[...]

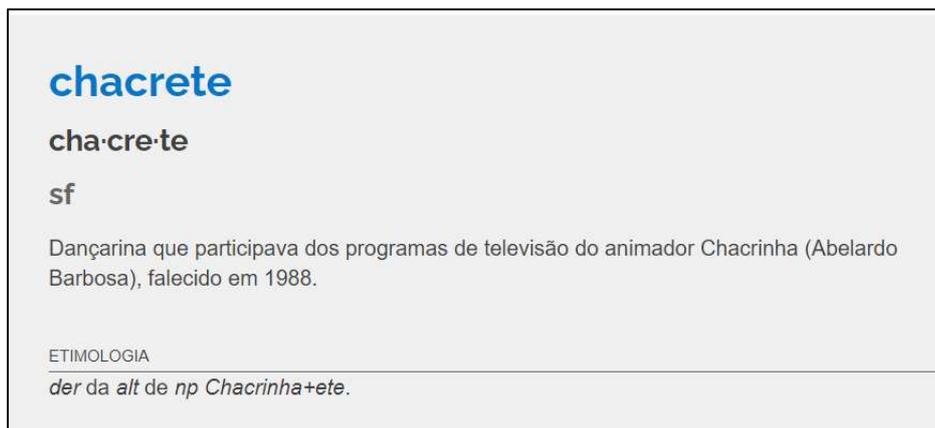
“Só queremos saber dele. E não sou apenas eu, mas todas as meninas que estão aqui. Inclusive, temos um grupo de WhatsApp (aplicativo de mensagem instantânea para telefones celulares) com mais de 50 dançarinas em que só colocamos fotos dele. É maravilhoso”, revelou Amanda Miuri.

[...] <sup>21</sup>

<sup>21</sup> Disponível em: <<https://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/06/10/bumbum-simpatia-e-forca-veja-porque-hulk-e-o-preferido-das-fas-na-selecao.htm>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

No recorte (5), o Locutor, ao contrário de (3), está afetado pela língua inglesa no espaço de enunciação do português brasileiro. Nele, a palavra ‘tietes’, presente no título da notícia, numa relação de especificação, é reescriturada em seu primeiro parágrafo por ‘fãs’, o que nos permite afirmar que a tiete é uma fã. Em seguida, encontramos a fala de uma delas. Em “Só queremos saber dele”, podemos ver que o Locutor fala a partir do lugar social de tiete e mobiliza um enunciador coletivo. Por sua vez, em “E não sou apenas eu, mas todas as meninas que estão aqui”, encontramos a mobilização de um enunciador individual feita pelo Locutor, que inscreve seu dizer acima do de todas as tietes.

Além dos lugares de dizer caracterizados pelos enunciadores coletivo e individual, o Locutor pode falar a partir de outros dois lugares no acontecimento. Ele pode falar como enunciador universal e genérico. Vejamos o primeiro num verbete da palavra ‘chacrete’ retirado de um dicionário disponível gratuitamente na internet, o Michaelis On-Line:



**Figura 3** – Verbetes da palavra ‘chacrete’ no Michaelis On-Line<sup>22</sup>

No verbete acima, a palavra ‘chacrete’, depois de apresentada a sua divisão silábica, é determinada por ‘sf’, que significa ‘substantivo feminino’. Utilizando a paráfrase, podemos dizer que ‘chacrete’, segundo o Michaelis On-Line, é um substantivo feminino. Em seguida, o verbete apresenta-nos a definição de ‘chacrete’: “Dançarina que participava dos programas de televisão do animador Chacrinha (Abelardo Barbosa), falecido em 1988”. Finalmente, no item ETIMOLOGIA, somos informados de que a palavra ‘chacrete’ é derivada do nome próprio ‘Chacrinha’, ao qual se acrescenta o sufixo ‘-ete’.

Aqui, podemos dizer que a palavra ‘chacrete’ é reescriturada por definição e essa reescrituração produz o sentido de uma especificação. No acontecimento, o Locutor divide-se

<sup>22</sup> Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/chacrete/>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

em locutor-lexicógrafo e mobiliza um enunciador universal, pois o que ele diz é dito “como estando *fora* da história” (GUIMARÃES, 2002, p. 26, grifo do autor). Em outras palavras, o enunciador universal “representa um lugar como sendo o lugar do qual se diz sobre o mundo” (*id.*, *ibid.*, p. 26). Mais especificamente, estamos diante do lugar próprio do discurso normativo sobre a língua, presente nas gramáticas e nos dicionários tradicionais.

Por fim, vejamos o quarto e último lugar de dizer, chamado por Guimarães (2002) de enunciador genérico:

(6)

Cultura & Lazer

### Treze chacretes inesquecíveis

As auxiliares de palco do velho guerreiro, que completaria 100 anos neste sábado (30), eram uma atração à parte no programa

Por R. G. – 29 Sep 2017, 14h14



Reprodução/Veja SP

Houve uma época que toda menininha queria ser uma chacrete. Sem malícia, tudo o que elas queriam [era] virar uma daquelas moças bonitas que dançavam na televisão. E muitas delas conseguiram realizar esse sonho.

De 1957 até 1988, ano de sua morte, Abelardo Barbosa, o Chacrinha, manteve-se no ar com basicamente o mesmo tipo de programa, passando por diversas emissoras, sempre auxiliado por suas assistentes, apelidadas de chacretes, cada uma com uma característica própria e apelido geralmente dado pelo próprio Velho Guerreiro.

[...] <sup>23</sup>

Em (6), ‘chacretes’, presente no título da matéria, numa relação de especificação, é reescriturada pelo sintagma ‘As auxiliares de palco do velho guerreiro’, que, por sua vez, é determinado por ‘eram uma atração à parte no programa’. Em seguida, no primeiro parágrafo da matéria, ‘chacretes’ é reescriturada por ‘uma daquelas moças bonitas que dançavam na

<sup>23</sup> Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/blog/memoria/treze-chacretes-inesqueciveis/>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

televisão’. Neste ponto, chamamos atenção para a forma ‘daquelas’, que funciona como um pré-construído, isto é, um saber que vem de outro lugar e impõe os sentidos já naturalizados sobre as dançarinas dos programas de TV. Podemos dizer: “As chacetes eram aquelas dançarinas bonitas”. O Locutor fala a partir do lugar social de jornalista e mobiliza um enunciador individual. No interdiscurso, ele se inscreve numa posição-sujeito sexista/machista em que a mulher é objeto de desejo masculino. As dançarinas não eram, por exemplo, competentes: eram bonitas.

Em seguida, no segundo parágrafo, ‘chacetes’ é reescriturada por ‘assistentes, apelidadas de chacetes’. Essa reescrituração se dá por substituição e produz o sentido de uma sinonímia. Uma paráfrase possível seria: “As assistentes do Chacrinha eram apelidadas de chacetes”. Considerando a expressão *eram apelidadas* nessa paráfrase, o Locutor, na cena enunciativa, divide-se em locutor-jornalista e enunciador genérico, pois ele atribui o apelido ‘chacetes’ a um outro enunciador, que “se mostra como dizendo com todos os outros” (GUIMARÃES, 2002, p. 25). Mas, ao contrário do enunciador coletivo, esse todos “se apresenta como diluído numa indefinição de fronteiras para o conjunto desse todos” (*id., ibid.*, p. 25).

Como podemos ver, na cena enunciativa, além do lugar que se representa como fonte do dizer, temos, de um lado, os lugares sociais do locutor; e, de outro, temos os lugares de dizer, os quais vamos chamar de enunciadorees. Esses lugares são constituídos pelo funcionamento da língua no acontecimento e, como vimos em (6), conferem uma dinâmica à cena enunciativa. Nesse sentido, o falante não é dono de seu dizer: ele é uma configuração do agenciamento enunciativo, caracterizado pelo político (GUIMARÃES, 2002).

### 3.1.6 Designação

Por tudo o que dissemos até aqui, estamos em condições de fazermos uma afirmação sem a qual este trabalho não se realizaria, a saber: a linguagem fala sobre o mundo e, ao mesmo tempo, o que dizemos sobre ele é “incontornavelmente construído na linguagem” (GUIMARÃES, 2002, p. 7). Em outras palavras, a questão para nós se dá na medida em que as “coisas existentes são referidas enquanto significadas, e não simplesmente enquanto existentes” (*id., ibid.*, p. 10).

Isto pode ser visto quando olhamos para a palavra ‘chacrete(s)’ no verbete do Michaelis On-Line e no recorte (6). Em um primeiro momento, ‘chacrete(s)’ é sinônimo de

‘dançarina(s)’. Em seguida, seu sentido passa a ser ‘auxiliar(es) de palco do velho guerreiro’, ‘aquelas moça(s) bonita(s) que dançava(m) na televisão’ e ‘assistente(s)’. Há, pois, uma divisão política dos sentidos (GUIMARÃES, 2002; ELIAS DE OLIVEIRA, 2014a) em torno da palavra ‘chacrete(s)’, divisão essa que se dá a partir de um saber que vem de outro lugar, se materializa na expressão ‘daquelas moças bonitas que dançavam na televisão’ e produz uma partilha do sensível, (re)dividindo desigualmente o real. As mulheres são significadas não como “guerreiras”, mas como auxiliares do apresentador Chacrinha e como objetos de desejo masculino.

Com isso, chegamos à noção de designação, entendida como a “significação de um nome, mas não enquanto algo abstrato”. Por designação entendemos a “significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto uma relação lingüística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história”. Nesse sentido, a designação se distingue, de um lado, da nomeação, vista como o “funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome”. De outro, ela se distingue da referência (denotação), “vista como a particularização de algo na e pela enunciação” (GUIMARÃES, 2002, p. 9).

Deixemos bem claro: tomamos como objeto de análise o enunciado a partir da enunciação, ou seja, do acontecimento do dizer, e olhamos para os seus elementos lingüísticos cuja materialidade é simbólica, exposta ao real. Retomando Guimarães (2002, p. 7):

saber o que significa uma forma é dizer como seu funcionamento é parte da constituição do sentido do enunciado. Mas para mim, considerar o processo no qual uma forma constitui o sentido de um enunciado é considerar em que medida esta forma funciona num enunciado, enquanto enunciado de um texto. Ou seja, não há como considerar que uma forma funciona em um enunciado, sem considerar que ela funciona num texto, e em que medida ela é constitutiva do sentido do texto.

Mais uma vez, deparamo-nos aqui com a noção de relação integrativa, entendida como uma relação transversal e não segmental. Diferentemente de Benveniste (1966), para quem não haveria nível lingüístico além do nível categoremático, correspondente ao nível predicativo da proposição<sup>24</sup>, o sentido de um elemento lingüístico, segundo Guimarães (2002,

<sup>24</sup> Segundo Benveniste (1966), o procedimento de análise de uma língua ocorre pela segmentação e pela substituição até os “elementos não decomponíveis” (BENVENISTE, 1966, p. 128). Primeiramente, há o fonema e o morfema, que é o traço distintivo do fonema; em seguida, há o morfema e o lexema (a palavra), que ocupa uma posição intermediária na análise; por fim, há a frase, situada por Benveniste (1966) no nível categoremático, que corresponde ao nível predicativo da proposição. Para Benveniste (1966), a frase está num nível à parte, pois ela pertence ao discurso, entendido como a manifestação da enunciação. Além disso, não haveria para ele nível lingüístico além do nível categoremático.

p. 7), está relacionado ao “modo como este elemento faz parte de uma unidade maior e mais ampla” – o texto.

Tendo isso em consideração, é fundamental analisarmos de que modo o sentido de um elemento linguístico constitui-se num enunciado, enquanto enunciado de um texto, que, por sua vez, é pensado aqui em relação ao discurso, uma vez que a semântica que praticamos articula-se não só a uma teoria do texto, mas a uma “teoria e análise do discurso” (GUIMARÃES, 1987, p. 11). É o que explicaremos a seguir, ao falarmos sobre as relações de determinação, articulação e reescrituração.

### 3.1.7 Determinação, articulação e reescrituração

Segundo Guimarães (2007a, p. 79), a determinação é a “relação fundamental para o sentido das expressões linguísticas”. Ela se constitui na medida em que uma expressão determina outra no acontecimento de enunciação. A fim de que possamos entender melhor essa noção, tomemos o recorte abaixo e analisemos a designação da palavra ‘Hzetes’:

(7)

COLUNA  
C. B.



Fabiana Garcia e Taís Valieri, as eternas Hzetes  
Imagem: Instagram/Reprodução

### **Musas dos anos 90, Hzetes posam juntas novamente**

C. B.  
11/05/2018 19h05

Taís Valieri e Fabiana Garcia podem ser nomes que não dizem muita coisa para os leitores millennials, mas significaram o mundo para quem cresceu nos anos 90. As belíssimas assistentes de palco de Luciano Huck eram responsáveis por boa parte do sucesso do programa H na programação da Band.

[...]²⁵

Em (7), a palavra ‘Hzetes’, no título da notícia, é determinada por ‘Musas dos anos 90’, o que nos permite a seguinte paráfrase: “As Hzetes eram musas nos anos 90”. Abaixo da imagem, podemos ver que o nome próprio ‘Fabiana Garcia’ está numa relação de articulação com outro nome próprio, ‘Taís Valieri’, constituindo uma expressão, a qual, por sua vez, é determinada por ‘as eternas Hzetes’. Neste caso, a articulação, entendida como “uma relação de contiguidade significada pela enunciação” (GUIMARÃES, 2009, p. 51), se dá por coordenação, devido à conjunção integrante *e*. Por isso, a articulação constitui aqui um “processo de acúmulo de elementos” (GUIMARÃES, 2018, p. 81).

Um outro exemplo de articulação por coordenação se dá em “Taís Valieri e Fabiana Garcia podem ser nomes que não dizem muita coisa para os leitores millennials, mas significaram o mundo para quem cresceu nos anos 90”. Nesse enunciado, a conjunção adversativa *mas* articula dois elementos de mesma natureza, ‘Taís Valieri e Fabiana Garcia podem ser nomes que não dizem muita coisa para os leitores millennials’ e ‘significaram o mundo para quem cresceu nos anos 90’, os quais, pelo processo de acúmulo, constituem um só elemento.

A articulação pode se dar ainda por dependência e incidência (GUIMARÃES, 2009, 2018). No sintagma ‘as eternas Hzetes’, a palavra ‘eternas’ está numa relação de contiguidade e dependência, constituindo, no conjunto, um só elemento. Por sua vez, a articulação por incidência é a “que se dá entre um elemento externo a outro que, ao se articular com ele, forma um elemento do segundo tipo” (GUIMARÃES, 2018, p. 81). Neste caso, a “incidência, por sua enunciação, traz para o enunciado uma especificação no seu modo de ser enunciado” (*id.*, *ibid.*, p. 83). Um exemplo disso seria o enunciado hipotético: “Até mesmo Taís Valieri e Fabiana Garcia são nomes que não dizem muita coisa para os leitores millennials”, em que ‘Até mesmo’ incide não sobre o segmento em si, *Taís Valieri e Fabiana Garcia são nomes que não dizem muita coisa para os leitores millennials*, mas sobre a sua enunciação.

Finalmente, se voltarmos ao primeiro parágrafo da notícia, o sintagma ‘Fabiana Garcia e Taís Valieri’ é reescriturado por ‘As belíssimas assistentes de palco de Luciano Huck’ e essa reescrituração se dá por substituição, produzindo o sentido de uma especificação. Por reescrituração devemos entender o “procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si”

---

<sup>25</sup> Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br/colunas/chico-barney/2018/05/11/musas-dos-anos-90-hzetes-posam-novamente-juntas.htm>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

(GUIMARÃES, 2007a, p. 84). Ela pode se dar por: repetição, substituição, elipse, expansão, condensação, definição e aposição (GUIMARÃES, 2007a, 2009, 2011b). Esses procedimentos constituem-se como “procedimentos de deriva do sentido próprios da textualidade” (GUIMARÃES, 2002, p. 27). No acontecimento, eles podem produzir o sentido de uma: sinonímia, especificação, desenvolvimento, generalização, totalização e enumeração (GUIMARÃES, 2007a, 2009).

Avançando na análise do recorte (7), e considerando que o sintagma ‘Fabiana Garcia e Taís Valieri’ é determinado por ‘As belíssimas assistentes de palco de Luciano Huck’ e por ‘eram responsáveis por boa parte do sucesso do programa H na programação da Band’, podemos dizer:

(7a) Boa parte do sucesso do programa H se deve às Hzetes, que eram belíssimas.

Em (7a), ‘Hzetes’ é determinada por ‘belíssimas’. Não há aqui um saber que vem de outro lugar sob a forma do pré-construído. Na cena enunciativa, o Locutor fala como locutor-jornalista e mobiliza um enunciador individual. No interdiscurso, ele fala a partir de uma posição-sujeito sexista/machista que atribui boa parte do sucesso do programa H à beleza das assistentes de palco. Como em (6), as mulheres são assistentes que embelezam um programa de TV, tornando-se objetos de desejo masculino. Vejamos agora a designação da palavra ‘paniquete’:

(8)

**Paniquete posa nua pela primeira vez e é capa da ‘Playboy’ de janeiro**

Assistente de palco do ‘Pânico na TV’ diz que não teve vergonha de fazer as fotos<sup>26</sup>

Em (8), a palavra ‘paniquete’, de um lado, é determinada por ‘posa nua pela primeira vez’; de outro, ela é determinada por “e é capa da ‘Playboy’ de janeiro”. Em seguida, numa relação de especificação, ‘paniquete’ é reescriturada por substituição em “Assistente de palco do ‘Pânico na TV’”, o que nos permite a seguinte paráfrase: “A paniquete é a assistente de palco do Pânico na TV”. Considerando as duas determinações acima, o Locutor que enuncia (8) ocupa uma posição-sujeito sexista/machista no interdiscurso segundo a qual o corpo da

<sup>26</sup> Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/paniquete-posa-nua-pela-primeira-vez-e-e-capa-da-playboy-de-janeiro/>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

assistente de palco do programa “Pânico na TV” é tomado na revista masculina “Playboy” como objeto de desejo masculino.

Aqui, a análise da designação de palavras como ‘chacrete’, ‘Hzete’ e ‘paniquete’ nos permite dizer que o sufixo ‘-ete’ significa, no acontecimento de enunciação, “assistente de palco do programa X”, onde ‘X’ constitui a variável que pode ser “do Chacrinha”, “do Luciano Huck” ou “do Pânico na TV”. Esse sentido não corresponde ao sentido da palavra ‘tietes’, presente no recorte (5). A designação de ‘tietes’, grosso modo, é “fã de X”, sendo ‘X’ a variável correspondente à pessoa admirada. Sobre isso, vejamos o que nos diz o verbete da palavra ‘tiete’ no Michaelis On-Line:

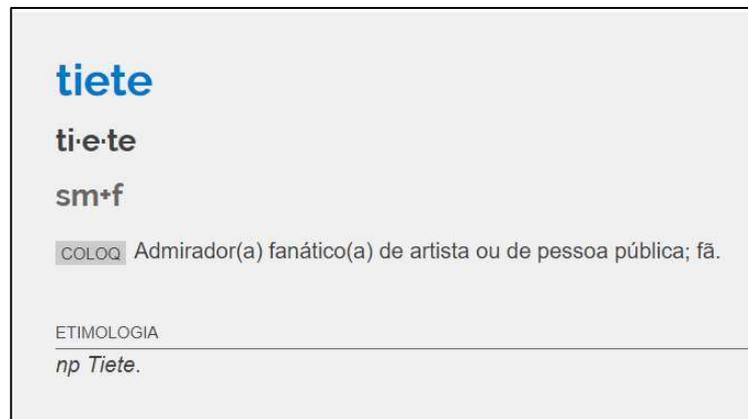


Figura 4 – Verbetes da palavra ‘tiete’ no Michaelis On-Line<sup>27</sup>

No verbete acima, ‘tiete’ é determinada por ‘sm+f’ e ‘COLOQ’, que, respectivamente, significam ‘substantivo masculino e feminino’ e ‘coloquial’. Numa relação de especificação, a palavra é reescriturada por definição em “Admirador(a) fanático(a) de artista ou pessoa pública”. Numa relação de sinonímia, ‘tiete’ é depois reescriturada por substituição em ‘fã’. Na cena enunciativa, o Locutor fala como lexicógrafo e mobiliza um enunciador universal; ele ocupa uma posição-sujeito que descreve a palavra de acordo com a gramática tradicional, classificando-a. Aqui, é interessante notarmos que o Michaelis On-Line traz a forma feminina na definição, ao destacá-la entre parênteses. Segundo a etimologia do verbete, o sufixo ‘-ete’ não constitui um afixo em ‘tiete’, cuja origem se deve ao nome próprio ‘Tiete’. Isso difere do que vimos no capítulo anterior, em que ‘tiete’ teria origem na palavra ‘tio’ ou ‘titio’. No espaço de enunciação do português brasileiro, ‘-ete’ passa a significar ‘fã de X’, podendo se juntar a nomes próprios:

<sup>27</sup> Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/tiete/>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

(9)

**Neymarzete, Hulkete e Davizete: entenda as groupies da seleção**

L. O. Do UOL, em Fortaleza (CE) 04/07/2014 01h30

[...] O amor de fã, que elas definem como incondicional, poderia ser destinado a Justin Bieber ou aos integrantes do One Direction. Ou quem sabe a uma banda de rock nos anos 70, como os Rolling Stones.

Mas a idolatria é por um outro tipo de ‘boy band’. Elas são as groupies da seleção brasileira. [...] <sup>28</sup>

Em (9), o sintagma ‘Neymarzete, Hulkete e Davizete’, numa relação de especificação, é reescriturado no título por aposição em ‘as groupies da seleção’. Recorrendo-nos à paráfrase, podemos dizer: “As groupies da seleção brasileira são formadas pelas neymarzetes, hulketes e davizetes”. Aqui, o Locutor, dividido no acontecimento entre locutor-jornalista e enunciador individual, está afetado pela língua inglesa no espaço de enunciação do português brasileiro. Em seguida, ‘Neymarzete’, ‘Hulkete’ e ‘Davizete’ são reescrituradas por ‘elas’, que, por sua vez, é determinada por ‘O amor de fã’. Mais uma vez, recorrendo-nos à paráfrase, podemos dizer: “Neymarzetes, hulketes e davizetes são as fãs que amam respectivamente os jogadores de futebol Neymar, Hulk e Davi Luiz”.

Considerando o *corpus* analisado até aqui, podemos dizer que o sufixo ‘-ete’ possui, no espaço de enunciação do português brasileiro, dois funcionamentos semânticos. No primeiro, ‘-ete’ significa “assistente de palco do programa X”. Em nossas análises, a mulher é tomada no acontecimento como um objeto subordinado ao desejo sexual do homem e aos mandos do chefe do qual é assistente. No segundo, ‘-ete’ significa “fã/ídolo(a) de X”. No que diz respeito ao seu funcionamento morfossintático, ‘-ete’ junta-se a um nome próprio masculino, tal como podemos ver, por exemplo, em ‘chacrete’ e ‘neymarzete’, que se constituem respectivamente a partir de ‘Chacrinha’ e ‘Neymar’. Quando o nome próprio masculino termina com ‘r’ ou com uma vogal, pode haver ainda o acréscimo de um interfixo: Neymar + z + -ete = neymarzete; Davi + z + -ete = davizete. Um outro aspecto importante no funcionamento do sufixo ‘-ete’ em ‘chacrete’, de um lado, e em ‘neymarzete’ e ‘davizete’, de outro, diz respeito ao fato segundo o qual a primeira palavra identifica sempre a mulher que desempenha a função de assistente de palco do programa do Chacrinha, enquanto a segunda e

<sup>28</sup> Disponível em: <<https://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/07/04/neymarzete-hulkete-e-davizete-entenda-as-groupies-da-selecao.htm>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

a terceira palavras, respectivamente, podem identificar tanto a mulher quanto o homem que são fãs/ídolos(as) dos jogadores de futebol Neymar e Davi Luiz.

Isto vai de encontro com o que diz Gonçalves (2012), e também Cândido, Gonçalves e Almeida (2016). De acordo com esses autores, o processo de formação de palavras com o sufixo ‘-ete’ ocorre por analogia e é polissêmico. Nas palavras de Alves (2010, p. 214, grifos da autora), ‘-ete’ “mostra-se produtivo no português brasileiro contemporâneo, derivando não apenas novas formações mas também criando um novo significado, não atestado nas formações do sufixo francês *-et, -ette*”. Em nosso *corpus*, procuramos dar visibilidade ao político. A designação de ‘vedet(t)e’ nos permitiu identificar, num primeiro momento, a artista famosa cujo reconhecimento, no Brasil, não é igual ao do homem, pois o real do gênero feminino está dividido desigualmente pelo político. Num segundo momento, a designação de ‘vedete’ nos permitiu ver que o corpo da mulher é tido como sensual e perigoso para o homem. Por sua vez, nas designações de ‘chacrete’, ‘Hzetes’ e ‘paniquete’, o Locutor ocupa uma posição-sujeito sexista/machista no interdiscurso; a mulher é tomada como objeto de desejo masculino, e isso é enunciado naturalmente, sem nenhuma interdição no espaço público. Novamente, o político divide aqui o real de forma desigual, de modo que se atribui ao gênero feminino um juízo de valor a partir de uma posição-sujeito sexista/machista no interdiscurso: como assistente de palco, a mulher está sujeita aos mandos do chefe e aos olhares masculinos, que a tomam como objeto de desejo.

### 3.1.8 A imbricação entre texto e imagem no *corpus*

Ao analisarmos a designação de ‘piriguete’ e ‘periguete’, de um lado, e a de ‘coro(n)guete’, ‘empreguete’, ‘advoguet(t)e’, ‘professorete’, ‘enfermeirete’ e ‘patro(n)ete’, de outro, consideraremos também as imagens e as legendas trazidas por alguns recortes, pois julgamos que ambas são parte da constituição do sentido da designação das palavras estudadas. Como exemplo, apresentamos a seguir duas figuras, as quais constituem, na Revista do Rádio, duas páginas sobre as vedetes. Nelas, a legenda das imagens nos leva a trabalhar o político enquanto afirmação de pertencimento dos não-incluídos.

# Os Grandes Mistérios

Texto de FERNANDO LUIZ

**D** PARA uma vedete, como para qualquer outra artista, o caminho da fama e fortuna tem diferentes caprichos. Pode-se afirmar mesmo, que a vida íntima de cada vedete está pontilhada de grandes mistérios. Elas estão aí para comprovar essa verdade. Rose Rondelli, por exemplo, não esconde de ninguém:

— Na vida da gente existem coisas, que nem nós mesmas chegamos a compreender...

Deixemos a loura Mara Rúbia com a palavra. Ela, com sua experiência, comentou alegre:

— Muita gente acredita que para se tornar uma grande vedete, antes de tudo, é necessário plástica. As

praias estão cheias de môças de corpos bem feitos, que não teriam o menor sucesso no teatro do rebolado. A maioria dessas candidatas a Misses não serviriam para vedetes.

— Por quê?

— Faltam-lhes os grandes mistérios que uma vedete deve ter.

— Que mistérios são esses?

Mara Rúbia sorriu (maliciosa) diante da nossa pergunta. Salientou que "mistérios são mistérios", e portanto, não podem ser descobertos. Na verdade, ela queria se referir à maneira como as vedetes se portam nos palcos, para atrair a atenção. Vejamos, nesse sentido, o pensamento da Virginia Lane:

— O jeitinho especial de uma ve-

dete atrair a atenção dos homens, sem despertar a ira das mulheres, é um mistério insondável que só b:m poucas conseguem decifrar.

E qual a opinião de Nanci Montez? A mesma de Norma Benguel, Elizabeth Gasper, Nélia Paula, Janete Jane e Sônia Mamed. As grandes vedetes do teatro e televisão são unânimes em afirmar que não foi fácil atingir o lugar que ocupam. Lutaram muito, sofreram desilusões. E em cada sucesso que obtinham, ganhavam a convicção de que o aprimoramento da "malícia" no palco era superior à exuberância física.

Da conversa que mantivemos com as vedetes aqui citadas, especialmente Rose Rondelli, chegamos à con-



Nélia Paula, Sônia Mamed e Mara Rúbia: exemplos as duas primeiras. A outra (MR) conta, nesta reportagem, as diferenças entre uma mulher bonita e uma vedete inteligente.

Figura 5 – Página 8 da Revista do Rádio<sup>29</sup>

<sup>29</sup> In: REVISTA DO RÁDIO. Rio de Janeiro: Anselmo Domingos, 1948-1970. n. 552, 16 abr. 1960. 68 p. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/revista-radio/144428>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

# de uma Vedete

NÃO BASTAM  
APENAS OS  
ATRIBUTOS  
FÍSICOS

clusão de que elas possuem mesmo um "quê" diferente. As vedetes têm algo que não as fazem iguais às outras artistas. Não adianta procurar descobrir esse mistério, porque nem elas mesmas sabem explicá-lo. O melhor é respeitar o que disse Oscarito:

— As curvas das vedetes são mais misteriosas do que as das outras mulheres. Misteriosas, e perigosas, aliás...

Ninguém poderá situar esse ou aquele mistério de uma vedete. Todos são grandes e insondáveis. Cada vedete tem os seus mistérios diferentes. E por mais que escondam, todos se apresentam bem claros como os mistérios da vida que levam.



Virginia Lane e Rose Rondelli :  
vedetes na acepção da palavra.

Figura 6 – Página 9 da Revista do Rádio<sup>30</sup>

<sup>30</sup> In: REVISTA DO RÁDIO. Rio de Janeiro: Anselmo Domingos, 1948-1970. n. 552, 16 abr. 1960. 68 p. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/revista-radio/144428>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

Nas figuras 5 e 6, há uma imbricação entre texto e imagem. Retomando o que dissemos na subseção 3.1.3, intitulada “Acontecimento e temporalidade”, os processos de reescritura envolvendo a palavra ‘vedete’ nos permitem dizer que a mulher identificada por essa palavra sofre um juízo de valor segundo o qual ela é tomada a partir da fama, da fortuna e das “curvas” que possui. O Locutor, dividido entre locutor-jornalista e enunciador individual, fala a partir de uma posição-sujeito sexista/machista no interdiscurso em que o corpo da vedete é importante. Nas figuras 5 e 6, o que a Revista do Rádio põe em evidência é justamente o corpo da vedete. Na matéria, esse corpo aparece sensualizado e isso é tido como perigoso, segundo o dizer de um falante masculino.

Uma vez que tomamos também a língua a partir da noção de equívoco, isto é, a partir da noção de língua exposta ao funcionamento da ideologia e do inconsciente (ORLANDI, 1999), procuraremos, neste trabalho, dar ênfase à contradição sem a qual não há discurso, uma vez que a linguagem, sendo um ritual, não pode sê-lo sem falhas (PÊCHEUX, 1975). Daí a presença do sentido “outro”, quando pensamos o discurso como efeitos de sentido (ORLANDI, 1992). Por linguagem entendemos aqui não apenas a língua, tomada como um “sistema de regularidades determinado historicamente e que é exposto ao real e aos falantes nos espaços de enunciação” (GUIMARÃES, 2007a, p. 96), mas também outras materialidades significantes, tais como a imagem. Na imbricação entre texto e imagem, por exemplo, não

temos materialidades que se complementam, mas que se relacionam pela contradição, cada uma fazendo trabalhar a incompletude na outra. Ou seja, a imbricação material se dá pela incompletude constitutiva da linguagem, em suas diferentes formas materiais. Na remissão de uma materialidade a outra, a não-saturação funcionando na interpretação permite que novos sentidos sejam reclamados, num movimento de constante demanda. (LAGAZZI, 2009, p. 68)

No que diz respeito a isso, é interessante observarmos a legenda das vedetes trazidas pela Revista do Rádio, nas páginas 8 e 9 (figuras 5 e 6, respectivamente). Nela, lemos: “Nélia Paula, Sônia Mamed e Mara Rúbia: exemplos as duas primeiras. A outra (MR) conta, nesta reportagem, as diferenças entre uma mulher bonita e uma vedete inteligente”. Aqui, ‘vedete’ é determinada por ‘inteligente’. Por mais que o Locutor se inscreva no interdiscurso em uma posição-sujeito sexista/machista segundo a qual a vedete é tomada pelo corpo que possui, ela procura se despedir do “sentido que reproduz o discurso da dominação” (PÊCHEUX, 1990, p. 17). Em outras palavras, o dizer sobre a vedete atribuído ao locutor-vedete na legenda da figura 5 procura redividir a “divisão desigual do real” (GUIMARÃES, 2002, p. 17), tendo em conta um outro critério: a inteligência.

### 3.1.9 A história do sufixo ‘-ete’ continua no séc. XXI

A partir de agora, passamos à análise da designação das palavras ‘piriguite’ e ‘periguite’, de um lado, e das palavras ‘coro(n)guite’, ‘empreguite’, advoguet(t)e’, ‘professorete’, ‘enfermeirete’ e ‘patro(n)ete’, de outro. Ao contrário das palavras vistas até aqui, ‘piriguite’ e ‘periguite’ têm uma história de sentidos própria, como aliás podemos ver no verbete abaixo, retirado do Dicionário inFormal:

#### 41. Piriguite

Significado de **Piriguite** Por T. (MG) em 05-07-2016

A palavra **piriguite** nasceu de um equívoco linguístico na Bahia. Visitantes estrangeiros que, tentando imitar os brasileiros que chamavam as mulheres de “gatinhas”, apelativo ?carinhoso? usado para enternecer as meninas, se confundiam e, em vez de falar little cat, falavam pretty cat (ou pretty girl, alegam alguns dissidentes). As pessoas locais, ao tentarem imitar os turistas, acabavam embolando as duas palavras e pronunciavam “piriquete”, e daí **piriguite**.

*Essa **piriguite** não para de me olhar.*<sup>31</sup>

No verbete acima, formulado em 2016, podemos ver que o espaço de enunciação do português brasileiro é atravessado pela língua inglesa. Baseando-nos em Amaral (1920), a palavra ‘piriguite’ é, por via indireta, segundo o verbete, formada a partir de dois vocábulos importados do inglês, a saber: ‘pretty’ e ‘cat’. Como sabemos, essa língua passou a ser falada por uma série de motivos no território brasileiro. De acordo com o verbete 41 da palavra ‘piriguite’, temos, na Bahia: a relação entre falantes de línguas estrangeiras e a língua inglesa; a relação entre falantes de línguas estrangeiras e a língua portuguesa; a relação entre falantes de línguas estrangeiras e falantes de língua portuguesa; a relação entre a língua inglesa e a portuguesa; finalmente, a relação entre falantes brasileiros e a língua inglesa, relação essa cujo resultado será a palavra ‘piriguite’.

Assim, a criação de ‘piriguite’, segundo o verbete 41, se dá por meio de dois mecanismos: primeiramente, temos a importação da expressão inglesa ‘pretty cat’ no espaço de enunciação do português do Brasil; em seguida, os falantes brasileiros, do modo como entendemos, agenciados pela língua no espaço de enunciação, constroem ‘piriguite’ por relação associativa, uma vez que a palavra “pode evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe

<sup>31</sup> Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/piriguite/5/>>. Acesso em: 11 fev. 2020.

associado de uma maneira ou de outra” (SAUSSURE, 1916, p. 146). No acontecimento de enunciação, o político produz divisões nos sentidos dessa palavra; como memorável, temos a figura da mulher interesseira segundo a posição-sujeito machista no interdiscurso. Além disso, o futuro do acontecimento, aquilo que é tido como interpretável, é determinado por esse memorável recortado. Para usarmos uma expressão de Zoppi Fontana (2017a, p. 130), há uma “inversão ideológica” à qual corresponde uma inversão de papéis: as mulheres, chamadas de “gatinhas” pelos homens/turistas, são identificadas como aquelas que “correm” atrás deles. Isto se dá porque elas, segundo a posição-sujeito machista sustentada no interdiscurso, estão interessadas no dinheiro desses homens/turistas. Assim, o simulacro criado por esse discurso machista é o de que os homens são vítimas das piriguetes.

Como podemos ver, o espaço de enunciação é o “espaço da prática linguística, ele está aberto a permanentes mudanças” (GUIMARÃES, 2018, p. 28). Note-se, porém, que essa prática linguística se dá a partir de uma hierarquia de identidades, ou seja, os falantes não têm o mesmo direito à palavra: para o Locutor do verbete 41, a palavra ‘piriguite’ é resultado de um erro praticado pelos falantes de língua portuguesa que, ao misturarem as línguas inglesa e portuguesa, dão origem a uma nova palavra. Dito de outro modo, no verbete 41, os falantes de língua portuguesa são significados como aqueles que não sabem falar a língua inglesa. ‘Piriguite’, de acordo com o verbete 41, traz uma etimologia popular incerta, que não se dá totalmente ao acaso e se distingue da analogia, pois, se a analogia se dá a partir de construções racionais, a “etimologia popular procede um pouco ao acaso e não leva senão a despropósitos” (SAUSSURE, 1916, p. 203). Esses “despropósitos” acabam consagrados pelo uso.

Podemos afirmar que tanto ‘piriguite’, oriunda (segundo o verbete 41) de ‘pretty cat’, como vimos acima, quanto ‘periguite’, oriunda de ‘perigo’ e ‘-ete’, como mostraremos adiante, no Michaelis On-Line, são tentativas de os falantes explicarem duas palavras a partir de algo conhecido (SAUSSURE, 1916). Em ‘piriguite’, temos etimologia popular; em ‘periguite’, analogia, o que nos permite dizer que estamos diante de duas palavras distintas. Retomando Saussure (1916, p. 204):

A etimologia popular não age, pois, senão em condições particulares, e não atinge mais que palavras raras, técnicas ou estrangeiras, que as pessoas assimilam imperfeitamente. A analogia, ao contrário, é um fato absolutamente geral, que pertence ao funcionamento normal da língua. Esses dois fenômenos, tão semelhantes por certos lados, se opõem na sua essência; devem ser cuidadosamente distinguidos.

Veremos que, uma vez criada a palavra ‘piriguite’, ela passa a ser disputada pelos falantes no espaço de enunciação do português do Brasil, constituindo um objeto paradoxal (PÊCHEUX, 2011a). Enquanto tal, seu funcionamento se dá a partir de “forças móveis, em mudanças confusas, que levam a concordâncias e oposições extremamente instáveis” (*id., ibid.*, p. 116). Isto porque, de acordo com Pêcheux (2011a, p. 115), os processos de reprodução ideológicos são como um “local de resistência múltipla”. Nesse local de “dissidentes”, como diz o Locutor do verbete 41, “surge o imprevisível contínuo, porque cada ritual ideológico continuamente se depara com rejeições e atos falhos de todos os tipos, que interrompem a perpetuação das reproduções” (PÊCHEUX, 2011a, p. 115).

Nas próximas páginas, esperamos compreender a designação de ‘piriguite’ e ‘periguite’. Esperamos compreender também: o modo como o sufixo ‘-ete’ transporta os sentidos de ‘piriguite’ e ‘periguite’ para as palavras ‘coro(n)guite’, ‘empreguite’, ‘advoguet(t)e’, ‘professorete’, ‘enfermeirete’ e ‘patro(n)ete’; e também que discursos sustentam os sentidos que funcionam como juízos de valor sobre a mulher, e de que modo discursos de reação ressignificam, na tomada da palavra pelos falantes, as palavras contemporâneas em ‘-ete’. O que o falante, no verbete 41 da palavra ‘piriguite’, considera um simples “equivoco linguístico”, isto é, um simples engano, consideraremos como a língua exposta ao funcionamento da ideologia e do inconsciente (ORLANDI, 1999).

### 3.1.10 O *corpus*

No trajeto temático deste trabalho, recortamos do arquivo um *corpus* composto por textos e por imagens, as quais são fundamentais para os sentidos das palavras analisadas, uma vez que elas, pela imbricação com o texto, produzem também juízos de valor sobre a mulher e o modo como ela se veste. Veremos, por exemplo, que as imagens das piriguites/periguites no Dicionário inFormal excluem a mulher negra, e que esta aparece na designação de ‘coronguite’, ‘empreguite’ e ‘advoguite’.

No Dicionário inFormal, além dos 62 verbetes da palavra ‘piriguite’, deparamos com outros verbetes não menos importantes para a compreensão dos sentidos de ‘piriguite’. Esses verbetes dizem respeito às variantes de ‘piriguite’ e às palavras a ela relacionadas, tais como o vocábulo ‘piriguito’, empregado para identificar tanto o homem “galinha” quanto o homem “pegador”; o verbo ‘piriguitar’ e sua variante ‘periguetá’; o substantivo ‘piriguetismo’ e as variantes dessa palavra, ‘periguetismo’, ‘piriguetinismo’ e ‘piriguetiação’. Consideramos

ainda três imagens, sendo que duas delas ilustram as piriguetes/periguetes e a terceira ilustra o piriguetto. Aqui, tanto as palavras quanto as imagens são atravessadas pelo político, que produz uma divisão desigual dos sentidos: as duas imagens que ilustram as piriguetes/periguetes estabelecem uma relação de correspondência com a “verdade”, e a imagem do piriguetto estabelece uma relação com a ficção, com o que é lúdico.

Em seguida, detemo-nos em dois dicionários tradicionais, o Aurélio Júnior (FERREIRA, 2011) e o Michaelis On-Line, a fim de abordar as semelhanças e as diferenças entre eles e o Dicionário inFormal. Seleccionamos o verbete da palavra ‘periguetto’ no Aurélio Júnior e uma notícia sobre o lançamento desse dicionário, que também foi objeto de análise. No site do Michaelis On-Line, seleccionamos o verbete da palavra ‘piriguetto’ e o de sua variante ‘periguetto’. Aqui, nosso objetivo foi o de compreender uma palavra que, como gíria e tendo um sentido pejorativo, e sendo relativamente nova, não é descrita e normatizada por todos os dicionários tradicionais, esses instrumentos linguísticos que trouxeram, sobretudo a partir do Renascimento, consequências práticas consideráveis “para a organização das sociedades humanas” (AUROUX, 1992, p. 35).

Ainda com o propósito de entender os sentidos das palavras ‘piriguetto’ e ‘periguetto’, seleccionamos recortes de textos com imagens presentes em dois veículos de comunicação impressos e on-line, a saber: a revista Caras e a revista Veja São Paulo. De modo mais específico, na revista Caras, analisamos a palavra ‘piriguetto’ e, na revista Veja São Paulo, analisamos a palavra ‘periguetto’. As análises também consideraram a imbricação dos recortes com as imagens presentes neles e procuraram mostrar, no interior de seu funcionamento discursivo, a contradição que constitui tanto os textos quanto as imagens que compõem esses recortes. Aqui, veremos que, embora ‘piriguetto’ e ‘periguetto’ designem uma mulher empoderada, independente em relação ao homem, dona de seu próprio corpo, o sujeito, no interdiscurso, identifica-se com o discurso do “corpo ideal” e com o discurso capitalista, marcado pela posse.

Finalmente, para entendermos os sentidos de ‘coro(n)guete’, ‘empreguete’, ‘advoguet(t)e’, ‘professorete’, ‘enfermeirete’ e ‘patro(n)ete’, o *corpus* selecionado foi constituído a partir de verbetes e imagens do Dicionário inFormal, de postagens feitas nas redes sociais, de letras de músicas e de paródias. Além de analisarmos a designação de palavras contemporâneas terminadas em ‘-ete’ em diversas materialidades enunciativas, buscando responder se de fato essas palavras em ‘-ete’ são construídas a partir do(s) sentido(s) de ‘piriguetto’ e/ou ‘periguetto’, buscamos trazer contribuições para a reflexão sobre as relações de

poder entre mulheres e homens na sociedade brasileira, tão marcada pelas divisões de classe social, gênero e raça, em seus modos de inscrição na língua.

#### 4. 'PIRIGUETE' E 'PERIGUETE'

A partir então de uma leitura baseada no trajeto temático, percorreremos o Dicionário inFormal, o Aurélio Júnior, o Michaelis On-Line, a revista Caras e a revista Veja São Paulo, analisando a designação de 'piriguite' e 'periguite'. No Dicionário inFormal, consideraremos também a palavra 'piriguito', usada para identificar o homem; os verbos 'piriguetar' e 'periguetá'; os substantivos 'periguetismo', 'piriguetismo', 'piriguetinismo' e 'piriguetiação'. Veremos que 'piriguetar' e 'periguetá' se referem ao ato masculino de se divertir, "ir atrás de piriguite", enquanto 'piriguetiação' se refere ao ato feminino de piriguetiar. Para entendermos melhor a designação de 'piriguite' e 'periguite', assim como a de 'piriguito', recorreremos a algumas imagens, relacionando-as aos verbetes/textos dos quais elas fazem parte. Mostraremos que 'piriguite' e 'periguite' constituem objetos paradoxais: a mulher pertencente a grupos subalternos sofre juízos de valor negativo ao ser identificada por essas duas palavras, pois o real da sexualidade é dividido desigualmente entre o homem e a mulher. Mais ainda: quando a mulher identificada por 'piriguite' ou 'periguite' pertencente a grupos privilegiados, ela recebe juízos de valor positivo, como veremos na revista Caras e na revista Veja São Paulo.

##### 4.1 Dicionário inFormal

Segundo Elias de Oliveira (2014b, p. 271), o Dicionário inFormal "produz um lugar de reflexão sobre a língua nacional e de apropriação desta língua pelo falante". Ao contrário dos dicionários tradicionais, ele convida o falante a ocupar o lugar social de lexicógrafo e, ao fazê-lo, "abre espaço para a ocupação de uma posição de autoria na escrita dos verbetes" (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014b, p. 265). Essa é sua especificidade, quando comparada a dos dicionários tradicionais. Como bem diz a autora, o Dicionário inFormal permite "uma escrita criativa e reflexiva, uma escrita autoral, que desloca sentidos sobre a língua, e sobre a leitura e a escrita do dicionário" (*id.*, *ibid.*, p. 271). Com isso, temos "um novo modo de endogramatização, que muda a relação do falante brasileiro com a língua nacional regulada pelo Estado" (ELIAS DE OLIVEIRA, 2018, p. 316). A título de ilustração, vejamos o verbete da expressão 'Dicionário inFormal', que se encontra no site do dicionário:

##### 1. Dicionário inFormal

O **dicionário** de português gratuito para internet, onde as palavras são definidas pelos usuários. Uma iniciativa de documentar on-line a evolução do português. Não deixe as palavras passarem em branco, participe definindo o seu português!

*O Dicionário inFormal é do caralho! Ali não existem definições certas ou erradas, mas definições da vida real para o português.*<sup>32</sup>

No verbete acima, de acordo com Elias de Oliveira (2014b), encontramos duas finalidades do Dicionário inFormal, a saber: “a documentação on-line da evolução da língua; a apresentação de definições que não sejam certas ou erradas” (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014b, p. 263). Ainda segundo a autora, essas duas finalidades trazem dois implícitos sobre os dicionários tradicionais já existentes, aos quais o Dicionário inFormal quer se opor: “a) por não serem on-line, eles não acompanham a evolução da língua; b) eles produzem uma normatividade sobre a língua, fundada na valoração de certo e errado” (*id.*, *ibid.*, p. 263).

Além dessas duas características do Dicionário inFormal, gostaríamos de ressaltar aqui outras duas. Se voltarmos ao verbete acima, podemos dizer que o Dicionário inFormal, enquanto instrumento linguístico disponível na internet, é gratuito para os usuários. Isso nos coloca como não-dito (ORLANDI, 1999) o enunciado segundo o qual na internet há dicionários que não são gratuitos, como é o caso, por exemplo, do Grande Dicionário Houaiss, “disponível apenas para os assinantes do site da Universo On Line (UOL)” (ELIAS DE OLIVEIRA, 2018, p. 310). Em sendo assim, não é difícil concluirmos que os dicionários tradicionais, sejam eles impressos ou digitais, são instrumentos linguísticos “distantes da população em geral” (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014b, p. 270). Hoje, o Michaelis, o Houaiss e o Caldas Aulete estão disponíveis gratuitamente na internet; portanto, podemos dizer que houve mudanças a partir de 2014 no que diz respeito ao acesso aos dicionários on-line tradicionais. Elias de Oliveira (2014b, p. 270) aponta os motivos da distância entre os dicionários e os falantes no período anterior ao ano de 2014:

[...] os dicionários de língua nacional não têm sido foco de investimento contínuo ou ostensivo nas políticas linguísticas do Estado Republicano brasileiro. As obras são poucas e, em geral, patrocinadas por investimentos privados. [...] Se o Estado brasileiro não investiu continuamente na produção ou na reelaboração das obras lexicográficas do nosso português, tampouco investiu de modo consistente na sua possibilidade de circulação.

Aqui, cabe-nos fazer um parêntese. Talvez uma das possíveis consequências da ausência de uma política linguística nacional seja o desconhecimento dos falantes sobre a

<sup>32</sup> Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/>>. Acesso em: 09 fev. 2020.

especificidade da língua portuguesa no Brasil. Como bem observa Elias de Oliveira (2014b, p. 270), o “estatuto de língua outra” já é um fato científico comprovado há décadas por cientistas da linguagem<sup>33</sup>, mas ele ainda não mudou, na população, o imaginário predominante segundo o qual a “língua que se tornou nacional e oficial no Brasil é tida [...] como corrompida pelos brasileiros, que não saberiam falar o português” (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014b, p. 270). Nesse sentido, entendemos, juntamente com Elias de Oliveira (2014b, 2018), que o Dicionário inFormal, ao estabelecer uma nova relação dos falantes com a língua, o dicionário e a escrita, afeta esse imaginário predominante, pois nele os falantes podem avaliar as definições e proporem as suas, a partir de um lugar de interpretação no meio dos outros.

No que diz respeito às palavras ‘piriguite’ e ‘periguite’, de um lado, e às palavras terminadas com o sufixo ‘-ete’, de outro, tais como ‘coronguite’, ‘empreguite’ e ‘patronete’, o Dicionário inFormal nos permite ver a divisão política dos sentidos estabelecida no acontecimento enunciativo, a partir do agenciamento dos falantes.

#### 4.1.1 Os verbetes de ‘piriguite’

No Dicionário inFormal, encontramos até o momento 62 verbetes da palavra ‘piriguite’. Se considerarmos apenas o ano em que os verbetes foram publicados, temos o seguinte<sup>34</sup>:

**Tabela 1** – Ano e posição dos verbetes da palavra ‘piriguite’ no Dicionário inFormal<sup>35</sup>

ANO	VERBETES	TOTAL
2007	1, 4, 6, 12, 22, 52, 59, 62	8
2008	2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 16, 39, 51, 53, 56, 58, 60, 61	16
2009	14, 17, 19, 21, 30, 34, 43, 57	8
2010	13, 15, 18, 24, 26, 27, 32, 48, 55	9
2011	28, 29	2
2012	20, 23, 31, 38, 49	5
2013	25, 37, 44, 54	4
2014	35, 36, 47	3
2015	(Não há nenhum verbete)	0
2016	40, 41, 42, 45	4
2017	33	1
2018	(Não há nenhum verbete)	0

<sup>33</sup> Elias de Oliveira (2014b) lembra, por exemplo, Galves (2001), no domínio da Gramática Gerativa, e Orlandi (2002), no domínio da Análise de Discurso.

<sup>34</sup> Embora as definições tragam a data (dia, mês e ano) em que foram postadas, o critério da ordem dos verbetes é o da “popularidade, avaliada pelos leitores” (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014b, p. 264).

<sup>35</sup> Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br>>. Acesso em: 09 fev. 2020.

2019	46, 50	2
2020	(Não há nenhum verbete)	0
<b>TOTAL</b>		62

Na tabela 1, a maioria dos 62 verbetes da palavra ‘piriguete’, no Dicionário inFormal, concentra-se entre os anos de 2007 e 2010; mais precisamente, temos 41 verbetes, o que corresponde a 66%. Podemos aqui nos perguntar: o que explica essa distribuição desigual no tempo?

Uma possível resposta para essa pergunta nos faz considerar dois fatores: (i) a música “Piriguete”, de MC Papo, composta em 2007; (ii) a partir de seu sucesso, a difusão de ‘piriguete’ por novelas da Rede Globo. É o que encontramos, por exemplo, na notícia “Piri, piri, piriguete”, escrita por C. M. em 10/11/2007, no site do jornal Extra<sup>36</sup>. Essa notícia diz que a letra de “Piriguete”, composta por MC Papo após a “observação de meninas nas noites de Belo Horizonte”, fala sobre “a forma de ‘ataque’ das chamadas piriguetes”. Ainda segundo a notícia, a palavra “pegou” depois que o ator Lázaro Ramos, interpretando o personagem Evilásio na novela “Duas caras”, transmitida no horário das 21h pela Rede Globo entre 1º de outubro de 2007 e 31 de maio de 2008, passou a chamar de ‘piriguete’ a personagem Gislaine, interpretada pela atriz Juliana Alves. Vejamos o início da notícia:

(11)  
**Piri, piri, piriguete**

C. M.

Piriguete é uma gíria baiana que descreve as mocinhas de vida social agitada, que têm vários parceiros e a preocupação em mostrar os atributos físicos. Normalmente, são loucas pelo namorado ou marido das outras e não medem esforços para conquistá-los. Em “Duas caras”, Juliana Alves encarna Gislaine, que aos poucos está mostrando o perfil típico de uma “piri”.

— Ela é ousada, adora chamar atenção dos homens e tem a maior marra — descreve a atriz, que deve estrear o clipe de “Piriguete”, funk do mineiro MC Papo.

Em (11), é importante observarmos que ‘piriguete’ funciona num enunciado que integra um texto assinado por um falante que é identificado por um nome próprio, e esse nome próprio, abreviado aqui por ‘C. M.’, é atribuído tradicionalmente ao gênero feminino. Por gênero não tomamos a interpretação cultural do sexo feminino, pois entendemos que o

<sup>36</sup> Disponível em: <<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/piri-piri-piriguete-414184.html>>. Acesso em: 21 nov. 2020.

gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra *sobre a qual* age a cultura. (BUTLER, 1990, p. 25, grifos da autora)

De acordo com Zoppi Fontana (2017b, p. 64), o gênero pode ser tomado como “efeito de um processo de interpelação complexo e contraditório”. Nesse processo, o indivíduo, pela sua inscrição no simbólico, constitui-se como sujeito ideológico sexuado (ZOPPI FONTANA, 2017b). Em outras palavras, o conceito de gênero diz respeito à “construção de uma identidade que se dá através de práticas discursivas sustentadas em uma memória do dizer, sendo esta memória determinada politicamente” (BERTAGNOLI, 2014, p. 133). Retomando Zoppi Fontana (2017b, p. 65):

No jogo especular das formações imaginárias, das projeções antecipadas que demandam diversos modos de estar no mundo, ser reconhecido e se reconhecer em relação ao funcionamento social e histórico das masculinidades e das feminilidades, em toda sua dimensão contraditória e equívoca, faz parte do processo de constituição do sujeito do discurso.

Isto posto, o funcionamento de ‘C. M.’ constitui em (11) o lugar social de dizer a partir do qual o Locutor enuncia como jornalista do gênero feminino. Aqui, tomamos a assinatura tal como Ducrot (1984), que vê nela uma dupla função: primeiramente, a assinatura indica quem é o locutor responsável pelo enunciado; em segundo lugar, ela assegura a “identidade entre o locutor indicado no texto e um indivíduo empírico” (DUCROT, 1984, p. 183). Nas palavras de Almeida (2020, p. 19), a “assinatura produz efeitos na delimitação do lugar social” do Locutor. Com isso, queremos explicitar que o político, constituindo o centro do dizer, não é alheio às relações de gênero que estão na base das práticas sociais e da interpretação do mundo. Nesse sentido, defendemos que a cena enunciativa é, pelo seu alcance teórico-metodológico, capaz de mostrar esse aspecto dos falantes na enunciação.

Analisemos em (11) a designação de ‘piriguete’. Tomada em seu efeito de evidência, a palavra “descreve as mocinhas de vida social agitada, que têm vários parceiros e a preocupação em mostrar os atributos físicos”. ‘Piriguete’ é hipônimo de ‘mocinha’, que é determinada por “de vida social agitada”. Dito de outra forma, ‘piriguete’ identifica um tipo de mocinha. Em seguida, “que têm vários parceiros e a preocupação em mostrar os atributos físicos” reescreve por expansão “mocinhas de vida social agitada”, produzindo o sentido de uma enumeração. Em “são loucas pelo namorado ou marido das outras e não medem esforços

para conquistá-los”, temos mais uma expansão enumerativa. Podemos dizer: “As piriguetes são loucas pelo namorado ou marido das outras mulheres e não medem esforços para conquistá-los”. O acontecimento recorta como memorável a figura da mulher considerada desonesta, que concorre com as outras mulheres, procurando “roubar” o namorado/marido delas. Note-se que não se trata do namorado/marido que trai sua parceira, pois a responsabilidade da traição é atribuída somente à piriguete, que se exhibe para os homens, mostrando os seus “atributos físicos”. Esse memorável lembra-nos o estereótipo da “outra”, que, segundo Pinsky (2014, p. 332), diz respeito à “amante de um homem casado”. Comum nos “Anos Dourados”, período correspondente no Brasil a 1945-1964, a mulher identificada como “a outra” é movida pela ingenuidade ou pela luxúria, sendo considerada uma figura que põe em risco os casamentos. Ao analisar esse estereótipo numa revista feminina intitulada *Jornal das Moças*, diz-nos a autora:

Na grande maioria das histórias em que aparece, a “outra” é mais jovem que a esposa legítima, sendo que várias das narrativas reforçam explicitamente a tese de que o marido se mete em aventuras extraconjugais para tentar “recuperar a juventude”. As personificações da amante (concreta ou potencial) podem ser: uma “moça moderna e elegante”; uma secretária “com modos de gata e cabelos ruivos”; uma francesa; uma mulher “leviana” casada; uma atriz “formosa” que não consegue “dominar seu temperamento” e já tem um passado de vários “casos”; uma viúva “sedutora”; uma mocinha “inexperiente”; uma jovem sonhadora influenciada pelos romances que lê. (PINSKY, 2014, p. 332-333)

Impossível não nos lembrarmos, no último exemplo, de Emma Bovary, personagem do romance “*Madame Bovary*” (1856), de Gustave Flaubert (1821-1880). Entediada com seu casamento, e influenciada pelos enredos românticos que lia, Emma trai Charles, seu marido, a princípio com Rodolphe, depois com Léon, decepcionando-se com ambos. Endividada, ela se suicida, ingerindo arsênico. Para os efeitos deste trabalho, tomamos “*Madame Bovary*” como discurso fundador (ORLANDI, 1993) do estereótipo da mocinha experiente que é influenciada pelos romances que lê. Por discurso fundador entendemos a instauração de uma “nova ordem de sentidos” (ORLANDI, 1993, p. 13). Trata-se de uma nova tradição, que “re-significa o que veio antes e institui aí uma memória outra” (*id.*, *ibid.*, p. 13).

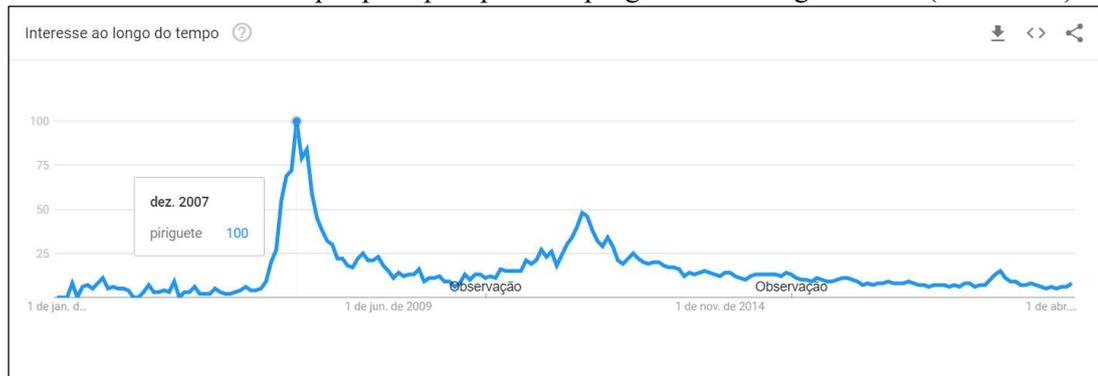
Avançando na análise do recorte (11), o Locutor, agenciado a falar como locutor-jornalista feminino, mobiliza um enunciador genérico, como nos atesta a forma ‘Normalmente’. Neste ponto, indagamos se o gênero feminino determina o locutor-jornalista ou o enunciador genérico, ou ainda os dois. Percebemos que o memorável da mulher desonesta, próximo ao da

“outra”, é um estereótipo que se relaciona a um discurso machista segundo o qual as mulheres concorrem entre si na busca de um parceiro. De acordo com esse memorável, a piriguete tem inveja da mulher que possui namorado/marido, por isso deseja roubá-lo. Esse memorável faz significar (projetar como sentidos futuros) a piriguete como uma mulher perigosa não para os homens, mas sim para as outras mulheres. Podemos dizer que ‘C. M.’ identifica um falante do gênero feminino e esse falante, autorizado a fala como jornalista feminino, (re)produz um discurso machista que estereotipa a mulher. Na cena enunciativa, esse estereótipo é assumido pelo enunciador genérico.

Finalmente, no enunciado “Ela é ousada, adora chamar atenção dos homens e tem a maior marra”, dito pelo locutor-atriz, ‘Ela’ reescreve por substituição ‘Gislaine’, no enunciado anterior. Podemos dizer: “A personagem Gislaine da novela ‘Duas caras’ é ousada, pois adora chamar atenção dos homens e tem a maior marra”. Como ‘Gislaine’ é determinada pelo locutor-jornalista feminino por ‘piri’, forma reduzida de ‘piriguete’, podemos afirmar que a mulher identificada por essa palavra significa como ousada, pois adora chamar atenção dos homens e tem a maior marra. Nesse acontecimento, ‘adora chamar atenção dos homens’ e ‘tem a maior marra’, numa relação de enumeração, reescrevem por expansão ‘ousada’, produzindo um juízo de valor positivo sobre a piriguete. Ao articularmos, porém, a cena enunciativa, o agenciamento político da enunciação e o interdiscurso, percebemos que essa ousadia consiste em ir atrás de um homem, em exibir o corpo para ele. A possibilidade de uma relação lésbica não é sequer cogitada pelo Locutor feminino, que no interdiscurso se inscreve em uma posição-sujeito heteronormativa. Isto nos mostra que o juízo de valor positivo em (11) se dá em relação a um discurso machista que estereotipa o gênero feminino a partir de um “ideal heterossexual do ser humano” (ALMEIDA, 2020, p. 17).

A hipótese de que a palavra ‘piriguete’ se popularizou no Brasil devido à música de MC Papo e à novela da Rede Globo intitulada “Duas Caras” ganha força se consultarmos o Google Trends, ferramenta que possui o objetivo de mostrar as palavras ou expressões mais populares pesquisadas no Google. Nele, podemos ver que o interesse de pesquisa pela palavra ‘piriguete’ se inicia em 2004, chegando a 8 pontos em outubro desse ano. Até dezembro de 2006, o interesse de pesquisa permanece pequeno (7 pontos). No entanto, a partir do início de 2007, ele sobe rapidamente e, em dezembro desse ano, atinge 100 pontos. Vejamos na próxima página:

**Gráfico 1** – Interesse de pesquisa pela palavra ‘piriguite’ no Google Trends (2004-2020)<sup>37</sup>



Os dados do Google Trends corroboram o que dissemos anteriormente: a música “Piriguite” e o emprego dessa palavra em uma novela, cujo horário de transmissão costuma ter bastante audiência, parecem ter influenciado os falantes a pesquisar o seu significado na internet. Ainda sobre o gráfico 1, note-se que em 2012 a popularidade de ‘piriguite’ volta a subir. Nesse ano, a palavra passou a ser empregada por causa da novela “Avenida Brasil”, transmitida pela Rede Globo entre 26 de março e 19 de outubro. ‘Piriguite’ identificava a personagem Suelen, interpretada pela atriz Isis Valverde. Além disso, a emissora transmitiu, nesse mesmo ano, entre 16 de abril e 28 de setembro, a novela “Cheias de Charme”, em que se empregava as palavras ‘empreguite’ e ‘patroete’, cuja formação, como veremos no capítulo 5, intitulado “Outros ‘-etes’”, leva em consideração a palavra ‘piriguite’.

Voltando aos 62 verbetes da palavra ‘piriguite’ no Dicionário inFormal, depois da valoração de certo e errado, sua ordem é a segunda diferença significativa em relação aos dicionários tradicionais, que seguem ou o critério “de uso (por frequência atestada em *corpus*) ou [o critério] temporal (a partir do registro mais antigo)” (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014b, p. 264, grifo da autora). A ordem dos verbetes está, portanto, sujeita à mudança à medida que eles vão sendo avaliados pelos leitores, que podem concordar ou discordar das definições. Ademais, as palavras, objetos das definições, podem já constar ou não em dicionários tradicionais, o que nos permite afirmar que o Dicionário inFormal “concorre, desse modo, com a lexicografia tradicional, também pelo que ela já apresenta” (*id.*, *ibid.*, p. 264). Os leitores, se preferirem, podem até compartilhar as definições nas redes sociais, enviar uma (nova) imagem relacionada à palavra definida ou denunciar abuso. A seguir, trazemos duas imagens; a primeira está relacionada à palavra ‘piriguite’; a segunda, à sua variante ‘periguite’:

<sup>37</sup> Disponível em: <<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&geo=BR&q=piriguite>>. Acesso em: 07 ago. 2020.



**Figura 7** – Piriguetes no Dicionário inFormal<sup>38</sup>



**Figura 8** – Periguetes no Dicionário inFormal<sup>39</sup>

Nas figuras acima, queremos chamar atenção para o fato de que não há uma mulher negra; loiras ou morenas, as mulheres identificadas por ‘piriguetes’ e ‘periguetes’ no Dicionário inFormal vestem roupas curtas e coladas ao corpo, mostrando os seus “atributos físicos”. Na figura 8, além desse modo de se vestir, vemos que as poses das periguetes nos lembram, nas figuras 5 e 6, correspondentes às páginas 8 e 9 da Revista do Rádio, as poses das vedetes. Se compararmos as três figuras, o efeito de sentidos produzido nelas, pela imbricação entre as diferentes materialidades significantes, é o mesmo – o de mulheres que se exibem para os homens:



**Figura 9** – Vedetes na Revista do Rádio; da esquerda para a direita: Nélia Paula, Sônia Mamed, Mara Rúbia, Virginia Lane e Rose Rondelli<sup>40</sup>

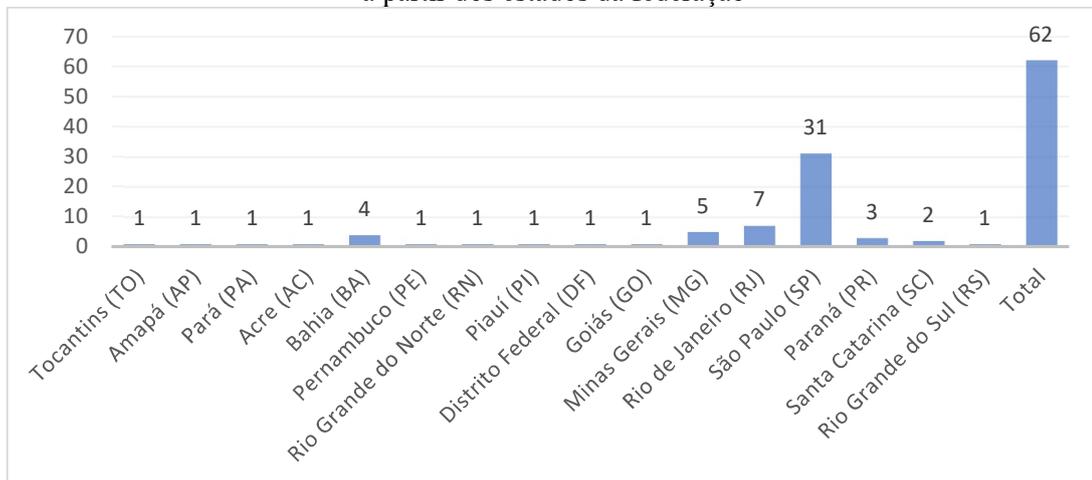
<sup>38</sup> Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/piriguete/>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

<sup>39</sup> Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/periguete/>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

<sup>40</sup> In: REVISTA DO RÁDIO. Rio de Janeiro: Anselmo Domingos, 1948-1970. n. 552, 16 abr. 1960. 68 p. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/revista-radio/144428>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

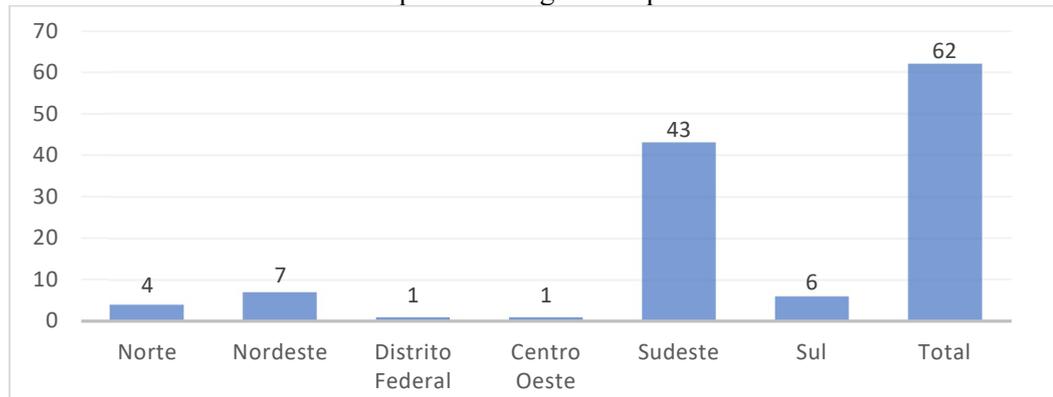
No Dicionário inFormal, as postagens, além de serem datadas, são também localizadas por cidade e por estado da federação (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014b). Levando em consideração as condições de produção desse dicionário, podemos relacionar o aspecto da territorialidade a um real “cuja interpretação estabelece limites espaço-temporais nos quais se inserem os sujeitos” (NUNES, 2002, p. 108). Abaixo, apresentamos o gráfico dos 62 verbetes da palavra ‘piriguite’ a partir do critério da territorialidade. Nele, é possível notarmos que até o momento a maioria dos verbetes da palavra ‘piriguite’ no Dicionário inFormal localiza-se no estado de São Paulo:

**Gráfico 2** – Número de verbetes da palavra ‘piriguite’ no Dicionário inFormal a partir dos estados da federação



Se simplificarmos o gráfico 2 a partir das regiões do país, percebemos que todas elas participam da definição de ‘piriguite’ no Dicionário inFormal. Chegamos à conclusão de que a maioria dos verbetes localiza-se na região sudeste, economicamente considerada a mais desenvolvida. A seguir, o gráfico 3 dispõe os verbetes a partir das regiões do país:

**Gráfico 3** – Número de verbetes da palavra ‘piriguete’ no Dicionário inFormal a partir das regiões do país



Finalmente, as postagens são assinadas, “ainda que o Dicionário [inFormal], na página de envio, recomende que o autor ‘não coloque seu nome de verdade, pois ele estará visível para todos’” (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014b, p. 264). Sobre essa recomendação, Elias de Oliveira (2014b, p. 264) faz a seguinte observação:

[...] a assinatura já não implica uma relação referencial de correspondência com a verdade; há um jogo bastante usual na Internet, de adoção de um nome ou apelido para a identificação do locutor no site ou rede social em questão. Esta opção do Dicionário [inFormal] indica um movimento de abertura em relação à verdade, produzindo um efeito de verossimilhança próprio de certos funcionamentos da Internet. Este movimento será observado também nas definições e exemplos, que podem ou não intentar corresponder à realidade do nome ou objeto descrito, ou a sentidos estabilizados sobre eles. Há uma possibilidade de ludicidade para o falante, que escolhe entre representar o lúdico ou representar o que se supõe verdadeiro.

Como podemos depreender na citação acima, a abertura em relação à verdade, no Dicionário inFormal, diz respeito à assinatura dos falantes-lexicógrafos, às definições e aos exemplos dos verbetes. Por ludicidade e lúdico Elias de Oliveira (2014b, p. 264, nota 4) entende a “possibilidade de brincadeira, de jogo sobre as formas e os sentidos”. Essa definição é feita pela autora a partir do diálogo estabelecido com Orlandi (1983), que propõe uma tipologia de discurso baseada na interlocução, no objeto do discurso e na polissemia. De acordo com Orlandi (1983), temos três tipos de discurso, a saber: o lúdico, o autoritário e o polêmico. No discurso lúdico, a “reversibilidade entre interlocutores é total, sendo que o objeto do discurso se mantém como tal na interlocução, resultando disso a polissemia aberta. O exagero é o *non sense*” (ORLANDI, 1983, p. 154, grifos da autora). Ao contrário do discurso lúdico, no discurso autoritário, a polissemia está contida, o objeto do discurso está oculto pelo dizer e a reversibilidade entre os interlocutores tende a zero. Como diz Orlandi (1983, p. 154), no

discurso autoritário, o “exagero é a ordem no sentido militar, isto é, o assujeitamento ao comando”. Finalmente, no discurso polêmico, há um equilíbrio entre paráfrase e polissemia. Isto porque, de acordo com Orlandi (1983, p. 154), o discurso polêmico caracteriza-se pela reversibilidade entre os interlocutores, reversibilidade essa que

se dá sob certas condições e em que o objeto do discurso está presente, mas sob perspectivas particularizantes dadas pelos participantes que procuram lhe dar uma direção, sendo que a polissemia é controlada. O exagero é a injúria. (ORLANDI, 1983, p. 154)

Assim, o discurso polêmico se distingue do lúdico e do autoritário. Neste, a polissemia está contida, o objeto do discurso está oculto pelo dizer e a reversibilidade entre os interlocutores tende a zero. Como diz Orlandi (1983, p. 154), no discurso autoritário, o “exagero é a ordem no sentido militar, isto é, o assujeitamento ao comando”, enquanto no discurso polêmico a “relação com a referência é respeitada: a verdade é disputada pelos interlocutores” (ORLANDI, 1983, p. 155).

Antes de prosseguirmos, é importante observarmos que os discursos lúdico, autoritário e polêmico não existem de forma pura, pois “há um jogo de dominância entre eles que deve ser observado em cada prática discursiva” (ORLANDI, 1983, p. 155-156). Nesse sentido, a “noção de tipo não funciona como um porto-seguro”, isto é, não se deve, “uma vez estabelecida uma noção, endurecê-la categoricamente, estagná-la metodologicamente, perdendo assim a sua plasticidade, a sua provisoriidade, enquanto matéria de conhecimento” (*id.*, *ibid.*, p. 156).

No que diz respeito aos 62 verbetes da palavra ‘piriguite’ no Dicionário inFormal, podemos identificar uma predominância do discurso polêmico sobre o lúdico e o autoritário. Nesses verbetes, a verdade é disputada pelos interlocutores, que podem estabelecer com a língua uma relação lúdica e brincar com as formas e os sentidos das palavras. Além disso, a injúria é neles muito frequente. Isso acontece também, como mostraremos em 4.1.1.3, nas variantes de ‘piriguite’, ‘piriguetar’ e ‘piriguetismo’.

#### 4.1.1.1 Juízos de valor negativo

De saída, é importante notarmos que, dentre os 62 verbetes da palavra ‘piriguite’ no Dicionário inFormal, a palavra ‘dinheiro’ aparece nos verbetes 1, 8, 13, 14, 19, 43, 52, 55 e 56. Além da palavra ‘dinheiro’, encontramos também palavras e/ou expressões sinônimas em

outros 13 verbetes. Isso acontece nos verbetes 2, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 23, 26, 27, 49 e 59. Vejamos o verbete 1, onde: (i) a palavra ‘dinheiro’ aparece duas vezes, na definição e no exemplo; (ii) sua estrutura segue a forma da definição lexicográfica tradicional, ou seja, no enunciado definidor encontramos um hiperônimo e uma especificação (em outros verbetes, encontramos comentários menos comuns nos dicionários tradicionais); no exemplo, temos a situação em que a palavra é empregada pelos falantes:

### 1. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por G. B.<sup>41</sup> (BA) em 21-03-2007

Mulher fácil, vai para baladas a procura de todos os tipos de homens para pagar tudo para elas, pois sempre saem sem dinheiro. Geralmente, quase sempre transam na primeira noite.

*Você é feio, passou uma gatinha e viu que você está com dinheiro ou tem carro e está te paquerando...caia fora, é uma **PIRIGUETE**.*<sup>42</sup>

O verbete 1 é considerado o mais bem avaliado pelos internautas, ocupando por isso o primeiro lugar no Dicionário inFormal. No momento em que o *corpus* foi coletado, em 9 de fevereiro de 2020, concordavam com sua definição 1905 leitores(as) do Dicionário inFormal, enquanto não concordavam com ela 549 leitores(as). Esse verbete, vale notarmos, é assinado por um falante cujo nome próprio é comumente identificado com o gênero feminino. Na cena enunciativa, esse falante, enquanto origem do dizer, fala a partir do lugar social de lexicógrafo feminino, dirigindo-se a um alocutário-leitor masculino, como nos atesta *Você é feio*, no exemplo. No entanto, analisando a cena enunciativa do exemplo com mais vagar, podemos ter uma outra relação, como veremos a seguir.

Nesse verbete, a palavra ‘piriguete’ é inicialmente reescriturada pela expressão ‘Mulher fácil’. Essa reescrituração se dá por definição e produz o sentido de uma especificação, em que ‘mulher’, determinada por ‘fácil’, é hiperônimo de ‘piriguete’. O Locutor mobiliza um enunciador individual, pois ele está representado pela enunciação como independente da história. Em seguida, a expressão ‘Mulher fácil’ é determinada duas vezes: por ‘vai para baladas a procura de todos os tipos de homens para pagar tudo para elas, pois sempre saem sem dinheiro’, e por ‘Geralmente, quase sempre transam na primeira noite’. Podemos notar que o

<sup>41</sup> Lembramos que, por questões éticas, abreviamos o nome completo do(a) autor(a) toda vez que ele puder ser identificado. No entanto, como entendemos que sua identificação com o gênero masculino ou feminino é importante para a análise dos verbetes no Dicionário inFormal, explicitamos essa identificação.

<sup>42</sup> Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/piriguete/>>. Acesso em: 09 fev. 2020. Ressaltamos que todos os verbetes da palavra ‘piriguete’, assim como os verbetes relacionados a essa palavra, foram coletados nessa data; além disso, mantivemos a pontuação e a grafia original dos verbetes que constituem o *corpus* da pesquisa.

pronome ‘elas’, numa relação de generalização, reescritura por substituição ‘Mulher fácil’. Mais à frente, o pronome ‘elas’ é reescriturado por elipse em ‘sempre saem sem dinheiro’ e essa reescrituração produz igualmente o sentido de uma generalização. Na cena enunciativa, o Locutor mobiliza desta vez um enunciador genérico, pois ele está representado pela enunciação “como difuso num todos em que o indivíduo fala como e com outros indivíduos” (GUIMARÃES, 2002, p. 26). A esse respeito, destacamos os advérbios ‘Geralmente’ e ‘sempre’: em “Geralmente, quase sempre transam na primeira noite”, temos um outro processo de reescritura que se dá por elipse, e o sentido produzido é o de generalização.

No que diz respeito à estrutura sintática do enunciado definidor, destacamos a subordinada final ‘para pagar tudo para elas’, que é complemento de ‘vai para baladas a procura de todos os tipos de homens’. Essa subordinada final determina o objeto direto ‘todos os tipos de homens’. Assim, o que nos parece um simples “erro gramatical” de concordância em ‘elas’, segundo a nossa posição, é a língua exposta ao funcionamento da ideologia e do inconsciente. Dito de outro modo, no verbete 1, a designação de ‘piriguete’ se dá a partir da generalização das mulheres, consideradas “fáceis” pelo Locutor. Como podemos ver, essa generalização manifesta-se na sintaxe por meio da subordinada final e por meio da falta de concordância nominal e verbal. Na cena enunciativa, a generalização das mulheres se dá a partir da mobilização do Locutor pelo enunciador genérico, que coexiste com o enunciador individual. Por sua vez, no acontecimento, a definição do verbete 1 recorta como memorável a figura da mulher interesseira e promíscua, capaz de se relacionar com “todos os tipos de homens” nas baladas a fim de que eles “paguem tudo” para ela. Isto porque o Locutor, no interdiscurso, ocupa a posição-sujeito machista numa relação com o locutor-lexicógrafo feminino em que está autorizado a dizer.

Neste ponto, cabe-nos fazer uma observação sobre a cena enunciativa, observação essa que valerá para as demais análises. No verbete 1, dizemos que o falante, enquanto origem do dizer, isto é, enquanto Locutor, divide-se na cena enunciativa em locutor-lexicógrafo, ao qual acrescentamos a especificação ‘feminino’. Este locutor-lexicógrafo distingue-se do lexicógrafo profissional nos dicionários tradicionais. Em outras palavras, trata-se de um lugar social em que o falante é autorizado a falar pelo Dicionário inFormal como lexicógrafo, descrevendo sua própria língua.

Avançando na análise, no exemplo do verbete 1, o Locutor volta a mobilizar um enunciador individual. O enunciado *Você é feio, passou uma gatinha e viu que você está com dinheiro ou tem carro e está te paquerando...caia fora, é uma PIRIGUETE* tem como

Alocutário um falante do gênero masculino. Nesse enunciado, ‘piriguete’ reescritura por substituição ‘uma gatinha’, produzindo o sentido de uma sinonímia. Esse enunciado também reescritura por expansão a definição, produzindo o sentido de uma especificação. De acordo com ela, ‘piriguete’ designa “uma gatinha” capaz de paquerar um homem feio na balada ao ver que ele “está com dinheiro ou tem carro”. Novamente, estamos diante do memorável da mulher interesseira. Daí a expressão “caia fora”, dirigida ao Alocutário masculino pelo Locutor, cujo nome, lembremos, embora o tenhamos omitido, identifica normalmente um falante do gênero feminino. Como explicar isso na cena enunciativa? Considerando a expressão ‘uma gatinha’ e a expressão ‘caia fora’, o enunciador individual faz uma alusão a um outro locutor. Esse locutor não é lexicógrafo feminino: é um locutor-masculino. Aqui, tal como Almeida (2020), tomamos os gêneros masculino e feminino como dois lugares sociais de dizer divididos desigualmente pelo político. E por alusão entendemos “uma relação de um lugar de enunciação que evoca um outro lugar de enunciação” (GUIMARÃES, 2018, p. 69). Esse lugar, que “significa o modo como a enunciação significa aquilo de que fala” (GUIMARÃES, 2018, p. 106), está, em nosso caso, determinado por questões de gênero. Assim, o Locutor no verbete 1 fala como locutor-lexicógrafo feminino e, na definição, mobiliza dois enunciadores, um individual e outro genérico; no exemplo, o enunciador individual faz uma alusão a um locutor-masculino cujo correlato é um alocutário-masculino; trata-se de um homem falando para outro homem sobre a piriguete, como se eles estivessem numa “balada” – portanto, em outro acontecimento enunciativo. Esses lugares de enunciação coexistem na cena enunciativa e significam a identificação do Locutor feminino com o discurso machista, que é generalizado na sociedade brasileira. Em outras palavras, o Locutor feminino ocupa no interdiscurso uma posição-sujeito machista. A articulação entre as figuras da cena enunciativa, o agenciamento político da enunciação e o interdiscurso, indicada como possível por Guimarães (2002), é baseada aqui em Zoppi Fontana (2015, p. 275-276, grifos da autora):

O Locutor fala de *uma região do interdiscurso*, de uma memória de sentidos, na qual ocupa uma *posição sujeito* que o constitui no acontecimento enunciativo numa relação particular com o lugar social – *locutor-x* – do qual enuncia e com o espaço de enunciação no qual é constituído como falante.

Antes de avançarmos, devemos dizer que, a partir da análise acima do verbete 1, a região do interdiscurso a partir da qual o Locutor ocupa uma posição-sujeito machista, considerando a dinâmica da cena enunciativa, sua politopia, se dá numa relação de alocação, isto é, numa relação que leva em conta Locutor e Alocutário, locutor-x e alocutário-x. Mais

ainda: essas figuras da enunciação são determinadas pelos gêneros feminino e masculino, tal como procuramos mostrar. Quanto à relação enunciador-destinatário, assumimos aqui a posição de Guimarães (2018): ela não é possível, pois o enunciador “não tem um correlato [...] porque sua relação de sentido é com aquilo sobre o que se diz, em virtude do que o acontecimento da enunciação significa” (GUIMARÃES, 2018, p. 106)<sup>43</sup>.

Falemos agora sobre o memorável da mulher interesseira. Ele é tomado por nós a partir de Bertagnoli (2011), que, ao estudar a designação genérica produzida a partir dos nomes próprios ‘Maria’ e ‘José’ (‘Zé’), se detém nas expressões ‘maria-gasolina’ e ‘zé-ninguém’. Neste ponto, é interessante registrarmos que, no que diz respeito à expressão ‘maria-gasolina’, a autora identifica o “memorável da mulher interesseira, que vive de dar o ‘golpe do baú’ nos homens” (BERTAGNOLI, 2011, p. 84). Esse memorável, vale destacarmos, funciona pela posse, sendo determinado pelo discurso capitalista, que “supervaloriza o *ter* em detrimento do *ser*” (*id.*, *ibid.*, p. 84, grifos da autora). Como bem diz Bertagnoli (2011, p. 84-85), nesta “formação discursiva [capitalista], ter status ou ter posição social é extremamente valorizado no universo masculino”. Tendo isso em consideração, podemos dizer que, no verbete 1 da palavra ‘piriguete’, a posição-sujeito machista (a partir da qual o Locutor feminino, no interdiscurso, define essa palavra no Dicionário inFormal) constitui-se no cruzamento com a posição-sujeito capitalista.

É importante registrarmos aqui que o memorável da mulher interesseira não é exclusivo do verbete 1: ele está presente também nos verbetes 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 19, 23, 26, 27, 49, 52, 56 e 59. Vejamos, por exemplo, o verbete 6, constituído pela letra da música “Piriguete”, de Mc Papo:

## 6. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por M. (SP) em 02-12-2007

MC Papo – **Piriguete**  
MC Papo

### **Piriguete**

? Nópa flagra aquela mina! Mó **Piriguete** velho.  
? É Speedy se liga nessa idéia aqui então.

<sup>43</sup> Em “Semântica: enunciação e sentido” (GUIMARÃES, 2018), a cena enunciativa leva em conta: L (Locutor), al-x (alocutor-x) e enunciador, que pode ser: individual, coletivo, genérico ou universal. Os correlatos de L e al-x, respectivamente, são: LT (Locutário) e at-x (alocutário-x). Lembremos mais uma vez que o enunciador não possui correlato. Neste trabalho, mantivemos a terminologia de “Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação” (GUIMARÃES, 2002).

## Refrão

Quando ela me vê  
 ela mexe  
 piri pipiri pipiri **piriguete**  
 rebola devagar  
 depois desce  
 piri pipiri pipiri **piriguete**  
 Quando ela me vê  
 ela mexe  
 piri pipiri pipiri **piriguete**  
 rebola devagar  
 depois desce  
 piri pipiri pipiri **piriguete**  
 Mini-saia rodada, blusa rosinha  
 decote enfeitado com monte de purpurina  
 Ela não paga, ganha cortesia  
 Foge se a sua carteira tiver vazia

Vai na Micareta  
 vai no Pop Rock  
 Festa de axé ela só anda de top  
 Ela usa brilho, piercing no umbigo  
 Quando toca reggae então ela quer ficar comigo

Quando ela me vê  
 ela mexe  
 piri pipiri pipiri **piriguete**  
 rebola devagar  
 depois desce  
 piri pipiri pipiri **piriguete**  
 2x

Foto de espelho na exibição  
 Ela curte funk quando chega o verão  
 No inverno essa mina nunca sente frio  
 desfila pela night de short curtinho  
 Um cinco sete de marido  
 ela gosta é de cara comprometido  
 Não tem carro, anda de carona  
 Ela anda sexy toda guapetona  
 Ela não é amante, não é prostituta, ela é fiel, ela é substituta

refrão 2x

Ei governador, lá em Salvador,  
 Rio de Janeiro, Santos e Belo  
 todo mundo já conhece, sabe o que acontece  
 quando vê a gente ela se oferece  
 Mexe o seu corpo como se fosse uma mola  
 dedinho na boquinha, ela olha e rebola  
 chama atenção, vem na sedução, essa noite vai ser

quente  
eu vou dar pressão

Refrão



Neste verbete, a letra da música “Piriguite”, de Mc Papo, e seu clipe são empregados pelo falante na definição do significado de ‘piriguite’. Podemos constatar que os verbetes no Dicionário inFormal, assim como sua escrita criativa e reflexiva, resulta do rompimento com os verbetes dos dicionários tradicionais impressos, os quais trabalham com uma visão de língua consolidada e estável. Esse rompimento, a nosso ver, está relacionado às práticas comunicacionais na internet, onde “as condições de comunicação, o que se considera gênero [textual], e a própria noção de textualidade” (MAINGUENEAU, 2010, p. 132) são transformadas. O verbete 6 acima, por exemplo, está dentro da página eletrônica do Dicionário inFormal cuja textualidade “implica uma nova maneira de ler e a possibilidade de passar instantaneamente de uma ‘página’ para outra em um espaço aberto” (MAINGUENEAU, 2010, p. 137). Nesse sentido, a especificidade do Dicionário inFormal é, parafraseando Maingueneau (2010), icônica, ou seja, os verbetes integram textos, imagens e vídeos; além disso, eles estão numa página de um dicionário on-line gratuito que não faz distinção entre o português tido como “certo” e o tido como “errado”.

No início da letra da música, temos um diálogo entre dois falantes: “? Nôpa flagra aquela mina! Mó **Piriguite** velho. / ? É Speedy se liga nessa idéia aqui então”. A partir daí, um deles (o segundo, que se dirige ao primeiro usando a interjeição ‘velho’) passa a descrever a piriguite, utilizando a 1ª pessoa do singular: “Quando ela me vê / ela mexe [...]”. Mais precisamente, ‘piriguite’ é determinada, dentre outras coisas, por: “Ela anda sexy toda guapetona” e “chama atenção, vem na sedução”, que reescrevem os versos: “Mini-saia rodada,

blusa rosinha / decote enfeitado com monte de purpurina”, “Ela usa brilho, piercing no umbigo”, “Foto de espelho na exibição”, “desfila pela night de short curtinho”.

Aqui, o acontecimento recorta como memorável a figura da mulher vaidosa que se exhibe para os homens. Em “Um cinco sete de marido / Ela gosta é de cara comprometido”, o acontecimento recorta como memorável a figura da mulher desonesta. Ao se envolver com “caras comprometidos”, essa mulher “rouba” o marido das outras mulheres, como nos sugere a expressão ‘Um cinco sete de marido’, referindo-se ao Art. 157 do Código Penal. Em “Mini-saia rodada” e “Não tem carro, anda de carona”, o memorável da mulher interesseira projeta como interpretável a piriguete como uma mulher pobre, daí seu interesse em homens que têm dinheiro. Se tomarmos os versos “Ela não paga, ganha cortesia / Foge se a sua carteira tiver vazia”, ‘piriguete’ é reescriturada por elipse em ‘Foge’. O acontecimento recorta como memorável a figura da mulher interesseira, que, nas festas, se relaciona com os homens em troca de dinheiro. Finalmente, o verso “Quando toca reggae então ela quer ficar comigo”, podemos pressupor que o Locutor, identificado por um nome próprio normalmente atribuído ao gênero masculino, é um desses homens, uma vez que a piriguete “foge” dos que não têm dinheiro. Portanto, a letra de “Piriguete” se dá a partir de um Locutor masculino que, autorizado a falar como lexicógrafo masculino, mobiliza um enunciador individual. Esse Locutor masculino, a partir de uma posição-sujeito machista no interdiscurso, (re)produz para o Alocutário masculino um juízo de valor positivo sobre a piriguete. Expliquemos: positivo para ele, que ocupa a posição-sujeito machista no interdiscurso. Negativa para quem ocupa a posição-sujeito que se contrapõe ao discurso machista. Isto porque o político, ao caracterizar o espaço de enunciação, produz divisões na(s) língua(s), no(s) falante(s) e no(s) sentido(s).

A seguir, apresentamos as determinações sofridas pela palavra ‘piriguete’ nos demais verbetes, onde o acontecimento recorta como memorável a figura da mulher interesseira:

**Tabela 2** – Verbetes da palavra ‘piriguete’ no Dicionário inFormal em que se depreende o memorável da mulher interesseira

VERBETE	OCORRÊNCIA DE ‘DINHEIRO’ OU DE PALAVRA/ EXPRESSÃO SINÔNIMA	OCORRÊNCIA DE ‘INTERESSEIRA’ OU DE PALAVRA/ EXPRESSÃO SINÔNIMA	REESCRITURAÇÃO E/OU DETERMINAÇÃO DE ‘PIRIGUETE’
Verbete 2	“A <b>Piriguete</b> tende a procurar homens comprometidos e com <u>alto poder aquisitivo</u> ”	∅	‘Piriguete’ é determinada por ‘tende a procurar

			homens comprometidos e com alto poder aquisitivo'	
<b>Verbetes 5</b>	∅	“[...] [a piriguite] <u>se vende por pouca coisa</u> . Tipo: uma noitada (que sempre acaba em motel), bebida, caronas [...]”	‘Piriguite’ é determinada por ‘se vende por pouca coisa. Tipo: uma noitada (que sempre acaba em motel), bebida, caronas’	
<b>Verbetes 7</b>	∅	“[...] em festas [a piriguite] <u>fica cerrando a bebida de qualquer otário que dê mole pra ela</u> ”	‘Piriguite’ é determinada por ‘fica cerrando a bebida de qualquer otário que dê mole pra ela’	
<b>Verbetes 8</b>		“[...] [a piriguite] troca de parceiro sexual frequentemente, normalmente jovem, de acesso fácil, que tenham <u>dinheiro e carro</u> [...]”	∅	‘Piriguite’ é determinada por ‘troca de parceiro sexual frequentemente [...] que tenham dinheiro e carro’
<b>Verbetes 9</b>	∅	“ <i>Com a puta:</i> - <i>Sou completinha, cem reais, vamos?</i> <i>Com a perigueti:</i> - <i>Oi, você vem sempre aqui? Me paga um drink? Você mora onde? Qual o seu carro? [...]</i> ”	∅	‘Piriguite’ é determinada por ‘drink’ e ‘carro’
<b>Verbetes 10</b>		“[a piriguite] paquera abertamente os homens, normalmente com o <u>intuito de tirar alguma vantagem, como carona, pagamento de contas ou ajuda financeira</u> ”	∅	‘Piriguite’ é determinada por ‘paquera abertamente os homens, normalmente com o intuito de tirar alguma vantagem, como carona, pagamento de contas ou ajuda financeira’

Verbetes 11	Ø	“[a piriguete] <u>quer um homem pra ficar bancando tudo</u> pra ela durante a noite”	‘Piriguete’ é determinada por ‘quer um homem pra ficar bancando tudo pra ela durante a noite’	
Verbetes 12	Ø	“[...] <i>elas [piriguetes] nunca pagam a conta e não tem seus próprios homens... Elas não tomam [o dinheiro] só pegam emprestado até a carteira deles esvaziar...</i> ”	‘Piriguete’ é determinada por ‘nunca pagam a conta’ e por ‘não tomam [o dinheiro] só pegam emprestado até a carteira deles [dos homens] esvaziar’	
Verbetes 13	Ø	“[...] [a piriguete] procura manter a vaidade às custas de homens idiotas que têm, geralmente, <u>boa condição financeira</u> [...]”, “Quando você, leitor, ver uma mulher linda, com um cara feio observe bem e perceberá que: 1 - O cara tem <u>dinheiro</u> / 2 - Ela é <b>piriguete</b> ”, “O velho que tá bancando [a piriguete] tem <u>grana</u> [...]”, “ <b>Piriguete</b> geralmente não dá por <u>dinheiro em espécie</u> . Em lugar disto ela <u>cobra presentes como roupas, cerveja, comida</u> kkkkk etc.”	‘Piriguete’ é determinada por ‘procura manter a vaidade às custas de homens idiotas que têm, geralmente, boa condição financeira’, ‘o cara tem dinheiro’ e ‘cobra presentes como roupas, cerveja, comida’	
Verbetes 14		“[...] mulheres que são ou estão ‘à perigo’ por falta de homem, relações sexuais, e/ou <u>dinheiro fácil</u> provindo de um homem”	“Pessoa do sexo feminino que é considerada oferecida, fácil, <u>com motivações de conquista duvidosas</u> ”	‘Piriguete’ é reescriturada por ‘mulheres’, que é determinada por “são ou estão ‘à perigo’ por falta de homem e/ou dinheiro fácil provindo de um homem”; além disso, ‘piriguete’ é reescriturada

			por ‘pessoa do sexo feminino’, que é determinada por ‘considerada oferecida, fácil, com motivações de conquista duvidosas’
<b>Verbetes 19</b>	<p>“<b>Piriguite</b> não eh mulher, eh menina, eh pre- adolescente que quer ser uma mulher de verdade que sai, trabalha tem compromissos e relacionamentos tambem. E o mais proximo que ela chega disso eh ficar nas matines por ai, com roupas minúsculas (até no frio) se esfregando num cara que tenha carona ee em outro que tenha bebida porque nao tem <u>dinheiro</u> e nao trabalha [...]”</p>	<p>“<i>O cara tah numa baladinha e vê uma pre-adolescente pagando de puta <u>tentando seduzir um cara pra conseguir bebida</u> [...]”</i></p>	<p>‘Piriguite’ é reescriturada por ‘menina’, ‘pre-adolescente’ e ‘pre-adolescente pagando de puta’; além disso, ‘piriguite’ é determinada por ‘nao tem dinheiro e nao trabalha’ e por ‘tentando seduzir um cara pra conseguir bebida’</p>
<b>Verbetes 23</b>	∅	<p>“[a piriguite] <u>procura homens que sejam idiotas rico para dar golpe [...]</u>”, “[...] na balada <u>faz qualquer coisa por um copo de cachaça ou cortesia para camarote</u>”</p>	<p>‘Piriguite’ é determinada por ‘procura homens que sejam idiotas rico para dar golpe’ e por ‘na balada faz qualquer coisa por um copo de cachaça ou cortesia para camarote’</p>
<b>Verbetes 26</b>	<p>“Ela [piriguite] procura se acasalar com qualquer um a sua volta que lhe ofereça algo para beber, ou aparente ter <u>situação financera estável</u>”</p>	∅	<p>‘Piriguite’ é determinada por ‘procura se acasalar com qualquer um a sua volta que lhe ofereça algo para beber, ou aparente ter situação</p>

			financera estável'
<b>Verbetes 27</b>	∅	“[piriguete] É uma pessoa oferecida e <u>interesseira</u> ”	‘Piriguete’ é reescriturada por ‘pessoa’, que é determinada por ‘oferecida’ e ‘interesseira’
<b>Verbetes 49</b>	∅	“ <i>Ela [piriguete] está buscando um cara que <u>banque tudo para ela</u></i> ”	‘Piriguete’ é determinada por ‘está buscando um cara que banque tudo para ela’
<b>Verbetes 52</b>	“[a piriguete] <u>sai com homens por dinheiro</u> ”	∅	‘Piriguete’ é determinada por ‘sai com homens por dinheiro’
<b>Verbetes 56</b>	“[a piriguete] gosta de fazer espetos corridos com vários homens, catando-lhes o <u>dinheiro</u> ”	∅	‘Piriguete’ é determinada por ‘gosta de fazer espetos corridos com vários homens, catando-lhes o dinheiro’
<b>Verbetes 59</b>	∅	“[as piriguetes] fazem sexo <u>em troca de status</u> , são atraídas pelo cheiro de gasolina”	‘Piriguete’ é determinada por ‘fazem sexo em troca de status’ e por ‘são atraídas pelo cheiro de gasolina’

Além do memorável da mulher interesseira, encontramos também o da mulher desonesta, que “dá em cima” do namorado/marido da “outra”, e o da mulher vaidosa. Como exemplo, podemos citar respectivamente os verbetes 2 e 13: no primeiro, ‘piriguete’ é determinada por ‘procura homens comprometidos’; no segundo, por ‘procura manter a vaidade às custas de homens idiotas que têm, geralmente, boa condição financeira’. Essas duas determinações produzem juízos de valor negativo sobre a mulher identificada por ‘piriguete’; o acontecimento projeta como interpretável a ausência de valores morais na piriguete, pois ela é uma mulher vaidosa, capaz de cobiçar e roubar o parceiro da próxima. Podemos notar que o Locutor ocupa no interdiscurso uma posição-sujeito machista que sustenta um discurso

moralista e religioso. Segundo esse discurso, a piriguete “peca” por inveja e por luxúria: ela “troca de parceiro sexual frequentemente” por dinheiro, “paquera abertamente os homens”, “procura se acasalar com qualquer um a sua volta”. Olhemos de perto o verbete 13:

### 13. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Eumesmo (TO) em 17-01-2010

É aquela garota, geralmente entre 15 e 25 anos, muito VAIDOSA, que não estudou, filha de pais humildes. Geralmente muito burra, procura manter a vaidade às custas de homens idiotas que têm, geralmente, boa condição financeira e idade a partir dos 40.

Quando você, leitor, ver uma mulher linda, com um cara feio observe bem e perceberá que:

- 1 - O cara tem dinheiro
- 2 - Ela é **piriguete**

Ao ver uma novinha com tudo em cima namorando um cara com mais de 40 perceba

- 1 - A maioria dos caras com idade entre 18 e 28 da cidade já comeram ela de graça
- 2 - Ela é **piriguete**
- 3 - O velho que tá bancando tem grana e não dá mais conta de comer a esposa.

**Piriguete** geralmente não dá por dinheiro em espécie. Em lugar disto ela cobra presentes como roupas, cerveja, comida kkkkk etc.

*Tudo vagabunda*

O verbete 13 nos chama atenção porque a locução estabelecida no acontecimento se dá entre um Locutor masculino, automeado de forma lúdica por ‘Eumesmo’, e um Alocutário também masculino, como nos atesta a palavra ‘leitor’, empregada como vocativo no recorte

(12) Quando você, leitor, ver uma mulher linda, com um cara feio observe bem e perceberá que:

- 1 - O cara tem dinheiro
- 2 - Ela é **piriguete**

Aqui, podemos parafrasear (12) por (12’):

(12’) Aposto que, se o cara feio com quem uma mulher linda está possui dinheiro, ela é piriguete.

Em (12), o Locutor masculino, enquanto origem do dizer, é tomado pelo efeito de evidência que caracteriza a interpelação ideológica dos indivíduos em sujeitos: ‘Eumesmo’,

parafrazeando Althusser (1972), mostra-nos que o indivíduo, pelo funcionamento da ideologia, é sempre já sujeito e, desse modo, pratica os “rituais do reconhecimento ideológico” (ALTHUSSER, 1972, p. 97). Agenciado a falar como locutor-lexicógrafo masculino, o Locutor mobiliza na cena enunciativa um enunciador individual, como nos mostra (12’). Dirigindo-se a um Alocutário masculino, cujo lugar social é o de leitor masculino<sup>44</sup>, ele sustenta implicitamente, como lexicógrafo masculino, o argumento segundo o qual a mulher identificada por ‘piriguete’ é interesseira. Recorrendo-nos a Ducrot (1972), podemos dizer que estamos diante de um implícito que joga com a enunciação. Sendo assim, tal implícito pode ser reconstituído mediante uma *démarche* discursiva, que nos convém explicar.

Para tal, vamos mobilizar aqui as noções de argumentação e argumentatividade, tal como elas são tratadas por Guimarães (2018). Por argumentação entendemos a “sustentação de um *eu* a um *tu* relativamente a algo sobre o que se diz” (GUIMARÃES, 2018, p. 98, grifos do autor). A argumentação se dá no acontecimento em que o falante é agenciado no espaço de enunciação. Dividido na cena enunciativa entre (L), (l-x) e (E), o falante “sustenta algo do que se enuncia pela apresentação de seu lugar de enunciação como o que relaciona um argumento e uma conclusão” (*id.*, *ibid.*, p. 97). Em (12), por exemplo, o Locutor conclui que a “mulher linda” é piriguete, se ela estiver ao lado de um “cara feio” que possui dinheiro. E ele faz isso na alocação, ou seja, numa relação entre os lugares sociais de dizer, a saber: locutor-lexicógrafo masculino e alocutário-leitor masculino<sup>45</sup>. Note-se aqui que o gênero masculino é fundamental para a caracterização dos lugares sociais a partir dos quais os falantes são agenciados, pois o memorável da mulher interesseira, no acontecimento, é o argumento que dirige para a conclusão ‘2 - Ela é **piriguete**’. Esse memorável se dá porque o Locutor ocupa no interdiscurso uma posição-sujeito machista.

Tal posição é a mesma que encontramos no enunciado definidor, onde ‘piriguete’, numa relação de especificação, é reescriturada por definição em ‘É aquela garota’. Nessa reescrituração, ‘aquela garota’ funciona como hiperônimo de ‘piriguete’. Podemos dizer: “Piriguete é aquele tipo de garota”. Aqui, chamamos atenção para os pronomes demonstrativos ‘aquela’ e ‘aquele’. No acontecimento, essa dêixis, ao invés de se referir à situação de enunciação, traz um saber que vem de outro lugar. Esse saber é um dizer consolidado na memória; trata-se do pré-construído, o “‘sempre-já-aí’ da interpelação ideológica que fornece-

<sup>44</sup> Embora seja redundante dizermos ‘leitor masculino’, queremos explicitar a importância de se considerar as questões de gênero na descrição da cena enunciativa, especialmente na descrição do lugar social de dizer, pois o político divide desigualmente os gêneros nesses lugares.

<sup>45</sup> Guimarães (2018) emprega a terminologia alocutor (al-x) e alocutário (at-x). Mais uma vez, lembramos que empregamos aqui o que se encontra em Guimarães (2002).

impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma da universalidade (o ‘mundo das coisas’)” (PÊCHEUX, 1975, p. 151). Na cena enunciativa, o Locutor, ao dizer ‘É aquela garota’, se divide em locutor-lexicógrafo masculino e enunciador individual.

Avançando na análise, ‘aquela garota’ é determinada por ‘geralmente entre 15 e 25 anos’, ‘muito VAIDOSA’, ‘que não estudou’, ‘filha de pais humildes’, ‘Geralmente muito burra’, ‘procura manter a vaidade às custas de homens idiotas que têm, geralmente, boa condição financeira e idade a partir dos 40’. Nessas determinações, o advérbio ‘geralmente’ aparece três vezes. Ele é importante para a descrição da cena enunciativa, pois o Locutor, dividido em locutor-lexicógrafo masculino, mobiliza desta vez um enunciador genérico. ‘Piriguete’ designa um tipo de garota interessado em dinheiro para manter sua vaidade; como ela não estudou, não possui um bom emprego, razão pela qual faz uso de sua beleza física para conquistar homens maduros (a partir dos 40 anos) dispostos a satisfazerem sua vaidade. Não se trata do estereótipo da “outra”, isto é, uma jovem inexperiente.

O que a posição-sujeito machista ocupada no interdiscurso pelo Locutor masculino do verbete 13 não diz (silencia, portanto) é que, no Brasil, cabe ao Estado, segundo a Constituição de 1988, oferecer a todos, cidadãs e cidadãos, o direito a uma educação gratuita e de qualidade capaz de promover a cidadania e, com ela, o fim da desigualdade social. Mais ainda: cabe ao Estado promover o acesso de todas e todos ao mercado de trabalho, onde as relações entre as trabalhadoras e os trabalhadores são desiguais<sup>46</sup>.

No que diz respeito à argumentatividade, estamos diante de um agenciamento não do locutor-lexicógrafo masculino em relação a um alocutário-leitor masculino, tal como vemos na argumentação, mas de um agenciamento da língua (GUIMARÃES, 2018). Mais precisamente, a argumentatividade é o modo de o texto apresentar sua continuidade a partir da diretividade significada pelos modos de enunciação (*id.*, *ibid.*). Em outras palavras, a argumentação se dá a partir dos lugares sociais de dizer, enquanto a argumentatividade se dá a partir do lugar de dizer simplesmente. Isto nos leva a afirmar que a “argumentatividade funciona integrada à argumentação” (*id.*, *ibid.*, p. 117).

Vejamos isso em (12), retirado do verbete 13. Em ‘2 - Ela é **piriguete**’, o pronome ‘Ela’, numa relação de totalização, reescreve por condensação ‘uma mulher linda, com um cara

---

<sup>46</sup> A título de ilustração, trazemos a notícia “Mercado de trabalho reflete desigualdades de gênero”, da Agência IBGE Notícias. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25223-mercado-de-trabalho-reflete-desigualdades-de-genero>>. Acesso em: 06 dez. 2020. Na historiografia, Rago (1997) e Giuliani (1997) ajudam-nos a situar o tema da desigualdade entre homens e mulheres no universo do trabalho: a primeira autora trata da relação entre trabalho feminino e sexualidade no Brasil; a segunda, dos movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira.

feio’, dito anteriormente. Por sua vez, ‘1 - O cara tem dinheiro’, numa relação de desenvolvimento, reescreve por substituição ‘um cara feio’. Recorrendo-nos à paráfrase (12’), podemos notar que esses processos de deriva se dão a partir de uma argumentatividade diretiva: *se p, q*. Aqui, importa-nos observar que estamos diante de um enunciado como: “Se Pedro vier, João partirá”, em que a conjunção ‘se’, ao introduzir uma proposição condicional, “indica a existência de uma relação entre a verdade da hipótese e a da conclusão: supõe-se a hipótese ‘p’ verdadeira, e afirma-se então que a conclusão ‘q’ é verdadeira” (DUCROT, 1972, p. 190).

Além disso, em (12’), o primeiro enunciado traz uma subordinada adjetiva que determina ‘o cara feio’, assim como ‘possui dinheiro’ também o determina. Por sua vez, ‘[o cara feio] possui dinheiro’ determina ‘Ela’, que reescreve ‘uma linda mulher’ da subordinada adjetiva, permitindo-nos a conclusão ‘2 – Ela é **piriguete**’. Ao que tudo indica, estamos diante de uma “interpretação de tipo implicativo” (DUCROT, 1972, p. 183), pois a conclusão é deduzível da relação entre a subordinada e a principal. Tal conclusão se dá nesse agenciamento da língua no acontecimento. Em (12), a conjunção ‘se’ não precisa sequer estar explícita, como de fato não está.

A argumentatividade diretiva de (12) também se encontra presente no recorte (13), extraído do verbete 13:

(13) Ao ver uma novinha com tudo em cima namorando um cara com mais de 40 perceba

1 - A maioria dos caras com idade entre 18 e 28 da cidade já comeram ela de graça

2 - Ela é **piriguete**

3 - O velho que tá bancando tem grana e não dá mais conta de comer a esposa.

Aqui, tal como em (12), podemos parafrasear (13) por (13’):

(13’) Aposto que, se a maioria dos caras com idade entre 18 e 28 da cidade já comeram a novinha com tudo em cima namorando um cara com mais de 40, ela é piriguete e o velho que a está bancando tem grana.

Em (13’), a argumentatividade diretiva se dá igualmente a partir de *se p, q*. Isto nos mostra o agenciamento da língua integrado ao agenciamento do falante no espaço de enunciação. Na cena enunciativa, o Locutor masculino divide-se em locutor-lexicógrafo masculino e mobiliza um enunciador individual; esse enunciador projeta-se sobre o Locutor, responsável pelo que diz em (13) e (13’); numa alocação com o alocutário-leitor masculino, o locutor-lexicógrafo masculino dirige sua conclusão, no exemplo do verbete 13, para *Tudo*

*vagabunda*, que, numa relação de especificação, reescreve por substituição a palavra ‘piriguite’, dita anteriormente.

Avancemos agora com um outro verbete não menos interessante, onde o falante é identificado por um nome próprio geralmente atribuído ao gênero feminino:

### 10. Piriguite

Significado de **Piriguite** Por L. F. (MG) em 20-07-2008

Mulher fácil que paquera abertamente os homens, normalmente com o intuito de tirar alguma vantagem, como carona, pagamento de contas ou ajuda financeira.

*A piriguite pediu uma cerveja para o cara sentado junto ao balcão.*

Nesse verbete, ‘piriguite’ é determinada por ‘paquera abertamente os homens, normalmente com o intuito de tirar alguma vantagem, como carona, pagamento de contas ou ajuda financeira’. Projetado sobre o Locutor, temos um enunciador individual. O acontecimento recorta como memorável a figura da mulher interesseira. Aqui, chamamos atenção para as expressões ‘paquera abertamente os homens’, presente no verbete 10, e ‘geralmente não dá por dinheiro em espécie. Em lugar disto ela cobra presentes como roupas, cerveja, comida kkkk’, presente no verbete 13, analisado anteriormente. A nosso ver, essas expressões mostram agenciamentos distintos, pois, enquanto na primeira o gênero feminino determina o modo como o Locutor diz ‘paquera abertamente os homens’, na segunda o gênero masculino determina o modo como o Locutor diz ‘geralmente não dá por dinheiro’. Em (13), lembremos, o Locutor é identificado por ‘Eumesmo’.

Vejamos por sua vez o memorável da mulher promíscua. Esse memorável, assim como o da mulher vaidosa, projeta como interpretável, dentre outras coisas, a piriguite como uma mulher que peca por luxúria. Isso ocorre nos verbetes 2, 3, 4, 7, 8, 10, 12, 13, 14, 15, 20, 21, 24, 26, 28, 31, 43, 48, 50 e 52. A seguir, apresentamos as determinações sofridas pela palavra ‘piriguite’ nesses verbetes, onde o acontecimento recorta como memorável a figura da mulher promíscua:

**Tabela 3** – Verbetes da palavra ‘piriguite’ no Dicionário inFormal em que se depreende o memorável da mulher promíscua

VERBETE	OCORRÊNCIA DE PALAVRA OU EXPRESSÃO	REESCRITURAÇÃO E/OU DETERMINAÇÃO DE ‘PIRIGUETE’
---------	------------------------------------	---

<b>Verbetes 2</b>	“[a piriguete] troca de parceiro sexual frequentemente”	‘Piriguete’ é determinada por ‘troca de parceiro sexual frequentemente’
<b>Verbetes 3</b>	“[a piriguete] troca de parceiro sexual frequentemente”, “tem múltiplos parceiros”, “[...] <i>dando em cima de todo mundo na festa [...]</i> ”	‘Piriguete’ é determinada por ‘troca de parceiro sexual frequentemente’, por ‘tem múltiplos parceiros’ e por ‘dando em cima de todo mundo na festa’
<b>Verbetes 4</b>	“[a piriguete] tem um fogo muito alto”, “[...] quanto mais homens pra ela melhor”	‘Piriguete’ é determinada por ‘tem um fogo muito alto’ e por ‘quanto mais homens pra ela melhor’
<b>Verbetes 7</b>	“[a piriguete] dá mole pra todo mundo”	‘Piriguete’ é determinada por ‘dá mole pra todo mundo’
<b>Verbetes 8</b>	“[a piriguete] troca de parceiro sexual frequentemente”	‘Piriguete’ é determinada por ‘troca de parceiro sexual frequentemente’
<b>Verbetes 10</b>	“[a piriguete] paquera abertamente os homens”	‘Piriguete’ é determinada por ‘paquera abertamente os homens’
<b>Verbetes 13</b>	“Ao ver uma novinha com tudo em cima namorando um cara com mais de 40 perceba / 1 - A maioria dos caras com idade entre 18 e 28 da cidade já comeram ela de graça”	‘Piriguete’ é reescriturada por ‘novinha com tudo em cima’, que é determinada por ‘namorando um cara com mais de 40’ e por ‘a maioria dos caras com idade entre 18 e 28 da cidade já comeram ela de graça’
<b>Verbetes 14</b>	“[a piriguete] é considerada oferecida, fácil”	‘Piriguete’ é determinada por ‘oferecida’ e ‘fácil’
<b>Verbetes 15</b>	“[a piriguete é] Promíscua”	‘Piriguete’ é determinada por ‘promíscua’
<b>Verbetes 20</b>	“[as piriguetes são] mulheres fáceis”	‘Piriguetes’ é reescriturada por ‘mulheres fáceis’
<b>Verbetes 21</b>	“[a piriguete é uma] Mulher vadia que sai pra night e pega todos que ela ve pela frente”	‘Piriguete’ é reescriturada por ‘mulher vadia’, que é determinada por ‘sai pra night e pega todos que ela ve pela frente’
<b>Verbetes 24</b>	“[a piriguete é uma] Mulher dada”, “ <i>Caramba, essa mina é uma piriguete, ja passou na mão de todos os caras</i> ”	‘Piriguete’ é reescriturada por ‘mulher dada’ e por ‘essa mina’, que é determinada por ‘já passou na mão de todos os caras’
<b>Verbetes 26</b>	“Ela [piriguete] procura se acasalar com qualquer um a sua volta [...]”	‘Piriguete’ é determinada por ‘procura se acasalar com qualquer um a sua volta’
<b>Verbetes 28</b>	“[a piriguete é uma] Garota muito safada que gosta de comer homens”	‘Piriguete’ é reescriturada por ‘garota muito safada’,

		que é determinada por ‘gosta de comer homens’
<b>Verbetes 31</b>	“[a piriguete é uma] Mulher que pega geral, tanto só beijar quanto ter relações sexuais”, “ <i>Aquela <b>piriguete</b> já pegou 10 nessa balada</i> ”	‘Piriguete’ é reescriturada por ‘mulher que pega geral’, que é determinada por ‘tanto só beijar quanto ter relações sexuais’; além disso, ‘piriguete’ é determinada por ‘já pegou 10 nessa balada’
<b>Verbetes 43</b>	“[a piriguete é uma] Garota ou jovem adulta, geralmente entre 15 e 27 anos, que troca de parceiros constantemente”, “Garota que têm o prazer, em uma festa, de beijar e dançar com todos os participantes”	‘Piriguete’ é reescriturada por ‘garota jovem ou adulta’, que é determinada por ‘geralmente entre 15 e 27 anos, que troca de parceiros constantemente’, e por ‘têm o prazer, em uma festa, de beijar e dançar com todos os participantes’
<b>Verbetes 48</b>	“[a piriguete é uma] mulher que está muito suscetível a investidas de homens”, “ <i>Ela tava toda <b>piriguete</b>, você percebeu? Era só chegar</i> ”	‘Piriguete’ é reescriturada por ‘mulher’, que é determinada por ‘está muito suscetível a investidas de homens’ e por ‘só chegar’
<b>Verbetes 50</b>	“[a piriguete é uma] Mulher que começa a assediar sexualmente ou estuprar um ou vários homens, também é uma mulher que se envolve sexualmente com vários homens ao mesmo tempo, mesmo se prostituindo ou não se prostituindo, e alguns desses parceiros sexuais da mulher sendo comprometidos”	‘Piriguete’ é reescriturada por ‘mulher’, que é determinada por ‘começa a assediar sexualmente ou estuprar um ou vários homens’, e por ‘se envolve sexualmente com vários homens ao mesmo tempo, mesmo se prostituindo ou não se prostituindo, e alguns desses parceiros sexuais da mulher sendo comprometidos’
<b>Verbetes 52</b>	“[a piriguete] sai com homens por dinheiro”, “ <i>Ela é uma <b>piriquete</b>, sempre depois da balada vai para o motel com algum macho</i> ”	‘Piriguete’ é determinada por ‘sai com homens por dinheiro’ e por ‘sempre depois da balada vai para o motel com algum macho’

Abaixo, a fim de analisarmos de que modo se dá o memorável da mulher promíscua nos verbetes da palavra ‘piriguete’, apresentamos inicialmente o recorte do verbete 2:

## 2. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por F. (MG) em 25-01-2008

**Piriguete**, também denominada Piri, é uma gíria brasileira que designa uma mulher que troca de parceiro sexual frequentemente.  
[...]

No recorte acima, o Locutor, responsável pelo dizer, possui um nome próprio identificado com o gênero feminino. Esse nome, aqui abreviado, possui o sufixo ‘-inha’ e mostra-nos o aspecto informal do dicionário em questão. Podemos ver que ‘piriguete’, numa relação de sinonímia, é reescriturada por substituição em ‘Piri’. Na cena enunciativa, o Locutor feminino fala como locutor-lexicógrafo feminino e mobiliza um enunciador genérico, como nos atesta a expressão *também denominada*. Em seguida, ‘piriguete’, numa relação de especificação, é reescriturada por substituição em ‘uma mulher’. Por sua vez, a expressão ‘uma mulher’ é determinada por ‘que troca de parceiro sexual frequentemente’. No acontecimento, essa determinação recorta como memorável a figura da mulher promíscua e projeta como interpretável o interesse da piriguete por vários homens. Assim como no verbete 1, o Locutor feminino fala no interdiscurso a partir de uma posição-sujeito machista segundo a qual a liberdade sexual da mulher, tomada negativamente, é notificada e leva à denominação de uma categoria de mulher: a piriguete. Voltemos agora ao verbete 10:

#### 10. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por L. F. (MG) em 20-07-2008

Mulher fácil que paquera abertamente os homens, normalmente com o intuito de tirar alguma vantagem, como carona, pagamento de contas ou ajuda financeira.

*A piriguete pediu uma cerveja para o cara sentado junto ao balcão.*

No verbete 10, ‘piriguete’ é reescriturada também pela expressão ‘Mulher fácil’, que, por sua vez, é determinada por ‘que paquera abertamente os homens, normalmente com o intuito de tirar alguma vantagem, como carona, pagamento de contas ou ajuda financeira’. Tal como no verbete 1, ‘Mulher fácil’ reescritura ‘piriguete’ por substituição, produzindo o sentido de uma especificação. Na cena enunciativa, o Locutor é identificado por um nome comumente atribuído ao gênero feminino e fala como locutor-lexicógrafo feminino, mobilizando um enunciador individual. Se tomarmos por base a determinação, podemos dizer que a piriguete procura se relacionar com os homens para tirar deles “alguma vantagem, como carona, pagamento de contas ou ajuda financeira”. Aqui, ‘carona’ e ‘pagamento de contas ou ajuda financeira’ reescrituram por expansão ‘alguma vantagem’, produzindo o sentido de uma enumeração. O acontecimento recorta como memorável a figura da mulher interesseira e

promíscua, que procura seduzir os homens para conseguir deles dinheiro ou alguma outra “vantagem”, nem que esta seja uma bebida, como podemos ver no próprio exemplo do verbete 10, acima, e também neste recorte do verbete 26:

## 26. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 29-11-2010

[...]

Ela [a piriguete] procura se acasalar com qualquer um a sua volta que lhe ofereça algo para beber, ou aparente ter situação financeira estável.

[...]

Nesse recorte, o Locutor é identificado por ‘Dicionário inFormal’, o que nos impede, num primeiro momento, de especificar o seu gênero; na cena enunciativa, ele se divide em locutor-lexicógrafo e enunciador genérico. Vemos que o memorável da mulher interesseira se dá a partir da determinação de ‘procura se acasalar com qualquer a sua volta que lhe ofereça algo para beber, ou aparente ter situação financeira estável’. A expressão ‘procura se acasalar’ projeta como interpretável a piriguete como uma mulher que se entrega a qualquer um e por qualquer coisa. No interdiscurso, temos uma posição-sujeito machista à qual o Locutor se inscreve.

Dando prosseguimento à análise dos verbetes que trazem juízos de valor negativo sobre a piriguete, a palavra ‘puta’ ou a palavra ‘prostituta’ aparece em 18 verbetes. Nos verbetes 2, 5, 6, 8 e 9, ‘piriguete’ opõe-se à ‘puta’/‘prostituta’. Já nos verbetes 11, 15, 19, 22, 23, 29, 34, 36, 37, 43, 50, 53 e 59, ‘piriguete’ não se opõe à ‘puta’/‘prostituta’; na maioria desses verbetes, ‘piriguete’ é sinônimo de ‘puta’/‘prostituta’ porque a mulher identificada por uma dessas duas palavras, segundo a posição-sujeito machista sustentada pelo Locutor no interdiscurso, se vale de sexo para conseguir dinheiro ou alguma outra “vantagem” do homem, ou então ela é “depravada” ou se veste “como prostituta”. Vejamos:

**Tabela 4** – Verbetes da palavra ‘piriguete’ no Dicionário inFormal em que aparece ‘puta’/‘prostituta’ ou expressão sinônima

VERBETE	OCORRÊNCIA DE ‘PUTA’/‘PROSTITUTA’ OU EXPRESSÃO SINÔNIMA	REESCRITURAÇÃO E/OU DETERMINAÇÃO DE ‘PIRIGUETE’
Verbete 2	“Não chega a ser uma <u>puta</u> e sim uma garota safadinha	‘Piriguete’ é determinada por ‘Não chega a ser uma puta’; além disso, ‘piriguete’ é reescriturada por ‘uma garota

	com os hormônios fervendo...”	safadinha’, que é determinada por ‘com os hormônios fervendo...’
<b>Verbetes 5</b>	“Mulher que só se diferencia de uma <u>prostituta</u> porque estas têm mais dignidade”	‘Piriguete’ é determinada por ‘Mulher que só se diferencia de uma prostituta porque estas têm mais dignidade’
<b>Verbetes 6</b>	“Ela não é amante, não é <u>prostituta</u> , ela é fiel, ela é substituta”	‘Piriguete’ é determinada por ‘não é amante, não é prostituta’, ‘é fiel’ e ‘é substituta’
<b>Verbetes 8</b>	“ <i>Não chega a ser uma <u>puta</u> e sim uma garota safadinha com os hormônios fervendo...</i> ”	‘Piriguete’ é determinada por ‘ <i>Não chega a ser uma puta</i> ’; além disso, ‘piriguete’ é reescriturada por ‘ <i>uma garota safadinha</i> ’, que é determinada por ‘ <i>com os hormônios fervendo...</i> ’
<b>Verbetes 9</b>	“A diferença entre a <u>puta</u> e a pirigueti é que a <u>puta</u> é mais honesta. Com a <u>puta</u> , a negociação é às claras, você sabe quanto vai custar”	‘Piriguete’ é determinada por ‘a puta é mais honesta [do que a piriguete]’
<b>Verbetes 11</b>	“É uma <u>puta</u> mesmo”	‘Piriguete’ é determinada por ‘puta’
<b>Verbetes 15</b>	“ <u>Prostituta</u> ”, “ <u>Garota de programa</u> ”	‘Piriguete’ é reescriturada por ‘Prostituta’ e ‘Garota de programa’
<b>Verbetes 19</b>	“ <i>O cara tah numa baladinha e vê uma pre- adolescente pagando de <u>puta</u> tentando seduzir um cara pra conseguir bebida</i> ”	‘Piriguete’ é reescriturada por ‘ <i>pre- adolescente</i> ’, que é determinada por ‘ <i>pagando de puta tentando seduzir um cara pra conseguir bebida</i> ’
<b>Verbetes 22</b>	“Putas”	‘Piriguete’ é reescriturada por ‘puta’
<b>Verbetes 23</b>	“ <u>Prostituta</u> de esgoto, cheio de doenças”	‘Piriguete’ é reescriturada por ‘Prostituta de esgoto, cheio de doenças’
<b>Verbetes 29</b>	“Putas”	‘Piriguete’ é reescriturada por ‘puta’
<b>Verbetes 34</b>	“Rapariga, <u>vadia</u> , <u>prostituta</u> . Toda enfiada”	‘Piriguete’ é reescriturada por ‘Rapariga, vadia, prostituta’, que é determinada por ‘Toda enfiada’
<b>Verbetes 36</b>	“Menina com menos de 16 anos que se veste como <u>prostituta</u> , <u>vadia</u> ”	‘Piriguete’ é reescriturada por ‘Menina’, que é determinada por ‘com menos de 16 anos’ e por ‘que se veste como prostituta e vadia’

<b>Verbetes 43</b>	“3. Prosituta” [sic]	‘Piriguite’ é reescriturada por ‘Prosituta’ [sic]
<b>Verbetes 50</b>	“[...] [piriguite] é uma mulher que se envolve sexualmente com vários homens ao mesmo tempo, mesmo <u>se prostituindo</u> ou <u>não se prostituindo</u> [...]”	‘Piriguite’ é determinada por “se envolve sexualmente com vários homens ao mesmo tempo, mesmo se prostituindo ou não se prostituindo”
<b>Verbetes 53</b>	“Putá Pobre”	‘Piriguite’ é reescriturada por ‘Putá’, que é determinada por ‘Pobre’
<b>Verbetes 59</b>	“ <i>Maria estava acompanhada de outra periguite que fazia <u>programa no Leblon</u></i> ”	‘Piriguite’ é determinada por ‘fazia programa no Leblon’

Antes de avançarmos em nossa análise da designação de ‘piriguite’ no Dicionário inFormal, queremos, sem sermos exaustivos, chamar atenção para alguns operadores argumentativos presentes nos recortes dos verbetes apresentados nas tabelas 2, 3 e 4. São eles: *não... e sim* (verbetes 2 e 8), *só* (verbetes 5), *mais* (verbetes 5, 9 e 12), *não (... só)* (verbetes 6, 12 e 19), *mesmo* (verbetes 11), *mas* (verbetes 12), *não... mas sim* (verbetes 12). É interessante notarmos que eles, por comparação, operam ou na produção de um sentido de valor negativo sobre a piriguite ou na atenuação desse valor; além disso, eles nos mostram o trabalho do político na divisão dos sentidos; evocados no dizer, alguns desses sentidos rememoram dizeres que circulam na sociedade. Vejamos:

**Tabela 5** – Verbetes da palavra ‘piriguite’ no Dicionário inFormal em que aparece(m) operador(es) argumentativo(s)

<b>VERBETE</b>	<b>OPERADOR(ES) ARGUMENTATIVO(S)</b>
<b>Verbetes 2</b>	“ <u>Não</u> chega a ser uma puta <u>e sim</u> uma garota safadinha com os hormônios fervendo...”
<b>Verbetes 5</b>	“Mulher que <u>só</u> se diferencia de uma prostituta porque estas têm <u>mais</u> dignidade”
<b>Verbetes 6</b>	“Ela <u>não</u> paga, ganha cortesia”, “ <u>Não</u> tem carro, anda de carona”, “Ela <u>não</u> é amante, <u>não</u> é prostituta, ela é fiel, ela é substituta”
<b>Verbetes 8</b>	“ <u>Não</u> chega a ser uma puta <u>e sim</u> uma garota safadinha com os hormônios fervendo”
<b>Verbetes 9</b>	“A diferença entre a puta e a pirigueti é que a puta é <u>mais</u> honesta”
<b>Verbetes 11</b>	“É uma puta <u>mesmo</u> [...]”
<b>Verbetes 12</b>	“[...] 1- <b>Piriguite não</b> namora, engana; / 2- <b>Piriguite nã</b> [sic] faz amor, faz sexo gostoso e bem feito; / 3- <b>Piriguite não</b> tem <u>só</u> matriz, tem filiais; rrs / [...] 5- <b>Piriguite não</b> chora, dá o troco (bem dado) hehehehe; / [...]”

	8- <b>Piriguetes</b> solteiras sempre, <u>mas</u> sozinhas nunca; / 9- <b>Piriguetes</b> <u>não</u> são galinhas, <u>mas</u> <u>sim</u> exigentes, gosta de selecionar bem seus homens / 10- E por fim, quando uma <b>Piriguite</b> encontra um homem que te satisfaça em todos os sentidos, os 9 mandamentos acima são extintos e ela faz deste homem o <u>mais</u> feliz do mundo. ¬¬ uhum / <i>É elas nunca pagam a conta e não tem seus próprios homens... / Elas não tomam só pegam emprestado até a carteira deles esvaziar...</i> ”
<b>Verbetes 19</b>	“ <b>Piriguite</b> <u>não</u> eh mulher, eh menina, eh pre-adolescente [...]”

Nos verbetes 2 e 8, “Não chega a ser uma puta e sim uma garota safadinha com os hormônios fervendo...” é semelhante a “9- **Piriguetes** não são galinhas, mas sim exigentes, gosta [*sic*] de selecionar bem seus homens”, presente no verbete 12. Ou seja, a conjunção aditiva ‘e’ de *não...*, e *sim* funciona como uma adversativa, exatamente como em *não...*, *mas sim*. Aqui, interessa-nos observar que, amparando-nos em Guimarães (1987), ambas as conjunções aparecem depois de um enunciado negativo, onde a negativa, parafraseando Searle (1969), recai não sobre o ato proposicional, mas sobre o ato ilocucional, em nosso caso, as afirmações “A piriguite chega a ser uma puta” e “As piriguetes são galinhas”. Assim, nos verbetes 2 e 8, temos dois enunciadores:

**E<sub>1</sub>**: A piriguite chega a ser uma puta.

**E<sub>2</sub>**: A piriguite não chega a ser uma puta, e sim uma garota safadinha com os hormônios fervendo.

Aqui, a orientação argumentativa produz um juízo de valor negativo sobre a piriguite. Por sua vez, no verbete 12, temos um juízo de valor positivo:

**E<sub>1</sub>**: As piriguetes são galinhas.

**E<sub>2</sub>**: As piriguetes não são galinhas, mas sim exigentes, gostam de selecionar bem seus homens.

Se olharmos agora para os enunciados negativos sem o *mas* da tabela 5, ficamos inclinados a admitir que eles, nos termos de Ducrot (1984), se constituem a partir da negação metalinguística, não da negação polêmica. No verbete 6, temos: “Ela não paga, ganha cortesia”, “Não tem carro, anda de carona”, “Ela não é amante, não é prostituta, ela é fiel, ela é substituta”. No verbete 12, temos: “1- **Piriguite** não namora, engana; / 2- **Piriguite** nã [*sic*] faz amor, faz

sexo gostoso e bem feito; / 3- **Piriguete** não tem só matriz, tem filiais; rss / [...] 5- **Piriguete** não chora, dá o troco (bem dado) hehehehe / [...] *Elas não tomam só pegam emprestado até a carteira deles esvaziar...*”. No verbete 19, temos: “**Piriguete** não eh mulher, eh menina, eh pre-adolescente [...]”. Em todos esses enunciados, a negação parece negar o ato proposicional, não o ato ilocucional.

Já no verbete 11, o enunciado “É uma puta mesmo” parece se contrapor a “Piriguete não é uma puta”, que, por sua vez, se contrapõe a “Piriguete é uma puta”. Assim, temos não dois, mas três enunciadores, sendo que o terceiro se opõe ao segundo, alinhando-se ao primeiro:

E<sub>1</sub>: A piriguete é uma puta.

E<sub>2</sub>: A piriguete não é uma puta.

E<sub>3</sub>: A piriguete é uma puta mesmo.

Quanto ao *mas* de “8- **Piriguetes** solteiras sempre, mas sozinhas nunca”, presente também no verbete 12, estamos diante de um *masPA*, não de um *masSN* (GUIMARÃES, 1987). Ou seja, trata-se de um *mas* com função argumentativa, não com função opositiva, como acabamos de ver acima em *não..., mas sim*.

Finalmente, em “Mulher que só se diferencia de uma prostituta porque estas têm mais dignidade”, presente no verbete 5, e “A diferença entre a puta e a pirigueti é que a puta é mais honesta”, presente no verbete 9, o *mais* permite-nos afirmar que a piriguete possui menos dignidade e honestidade do que a puta/prostituta. No que diz respeito ao *só*, ele nos permite dizer que há muitas semelhanças entre a piriguete e a puta/prostituta.

Avançando na análise, tomemos de perto o verbete 5:

## 5. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 10-02-2008

Mulher que só se diferencia de uma prostituta porque estas têm mais dignidade. Mulher de pouca inteligência que se vende por pouca coisa. Tipo: uma noitada (que sempre acaba em motel), bebida, caronas e nem de longe pensam em compromissos. Em resumo é uma mulher que você tem que ter cuidado pra não passar por otário...a não ser que correr atrás de mulher fácil seja seu “hobby”.

*Desacompanhada que te olha muito e se aproxima sem ser chamada, e muito menos paquerada, é a **piriguete**.*

No verbete acima, o Locutor, identificado por ‘Dicionário inFormal’, toma a palavra como locutor-lexicógrafo e mobiliza inicialmente um enunciador individual.

‘Piriguite’, numa relação de especificação, é reescriturada por definição em ‘Mulher que só se diferencia de uma prostituta porque estas têm mais dignidade’. Uma possível paráfrase, considerando o verbo ‘têm’, poderia ser: “A única diferença entre as prostitutas e a piriguite é que esta possui menos dignidade do que aquelas”.

De acordo com essa paráfrase, há algo que aproxima e ao mesmo tempo distancia a piriguite das prostitutas. Podemos ver isso no enunciado seguinte, em que ‘piriguite’ é reescriturada por definição em ‘Mulher de pouca inteligência que se vende por pouca coisa’. Essa reescrituração nos permite dizer que as prostitutas não se vendem por “pouca coisa”. Vemos que ‘Mulher’ é determinada por ‘de pouca inteligência’ e por ‘que se vende por pouca coisa’. O enunciado “Tipo: uma noitada (que sempre acaba em motel), bebida, caronas” reescritura por expansão ‘coisa’, produzindo o sentido de uma enumeração. Aqui, chamamos atenção para a expressão ‘uma noitada’, dita geralmente por falantes identificados com o gênero masculino. No acontecimento, esse enunciado recorta como memorável a figura da mulher interesseira. Por sua vez, em ‘e nem de longe pensam em compromissos’, o sintagma ‘Mulher de pouca inteligência’ é reescriturado por elipse, produzindo o sentido de uma generalização, uma vez que o verbo ‘pensam’ está na 3ª pessoa do plural, o que nos permite a seguinte paráfrase: “As piriguites nem de longe pensam em compromissos”. Na cena enunciativa, o Locutor mobiliza desta vez um enunciador genérico. A coexistência de dois enunciadores na cena enunciativa, um individual e outro genérico, significa a identificação do Locutor pelo discurso machista generalizado na sociedade. Segundo essa posição-sujeito no interdiscurso, a liberdade sexual do gênero feminino é negativa.

No enunciado “Em resumo é uma mulher que você tem que ter cuidado pra não passar por otário...a não ser que correr atrás de mulher fácil seja seu ‘hobby’”, a palavra ‘mulher’ reescritura por substituição ‘piriguite’, produzindo o sentido de uma especificação. Em seguida, ‘mulher’ é determinada por ‘que você tem que ter cuidado pra não passar por otário’. Aqui, podemos fazer a seguinte paráfrase: “A piriguite é uma mulher perigosa, uma vez que você pode se passar por otário”. Na cena enunciativa, o Locutor volta a mobilizar um enunciador individual, pois ‘você’ tem como correlato ‘eu’, marca da 1ª pessoa do singular. Em “a não ser que correr atrás de mulher fácil seja seu ‘hobby’”, o Locutor continua a mobilizar um enunciador individual, pois ‘seu’ tem como correlato ‘meu’, marca da 1ª pessoa do singular. Esse enunciador faz uma alusão a um locutor-masculino que está numa relação de alocação com um alocutário-masculino. Além disso, ‘piriguite’ é reescriturada por substituição em

‘mulher fácil’, produzindo também o sentido de uma especificação. Uma possível paráfrase dessa determinação poderia ser: “Para mim, a piriguete é uma mulher fácil”.

Por fim, no exemplo do verbete 5, *Desacompanhada* é determinada por *que te olha muito* e por *e se aproxima sem ser chamada, e muito menos paquerada*. Já o enunciado *Desacompanhada que te olha muito e se aproxima sem ser chamada, e muito menos paquerada* é reescriturado por ‘piriguete’ e essa reescrituração se dá por definição, produzindo o sentido de uma especificação. Na cena enunciativa, o Locutor divide-se em locutor-lexicógrafo e enunciador individual, que faz uma alusão a um locutor-masculino, que, por sua vez, mantém uma relação de alocação com um alocutário-masculino. Essa divisão significa o Locutor no interdiscurso a partir de uma posição-sujeito machista segundo a qual a mulher “desacompanhada” é impedida de paquerar um homem, de olhar para ele e de se aproximar dele. Em outras palavras, ela tem interdita a iniciativa a uma paquera. Como podemos ver, isso se dá porque a mulher seria interesseira. Vejamos agora o verbete 8:

### 8. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Cheio da Grana (PR) em 27-03-2008

Fazendo uma análise de todas as definições chegamos a esta.

O termo teve origem em Salvador, capital baiana. **Piriguete** é adjetivo e substantivo feminino, também denominada Piri, é uma gíria brasileira que designa uma mulher que troca de parceiro sexual frequentemente, normalmente jovem, de acesso fácil, que tenham dinheiro e carro, preferem os comprometidos.

*A piriguete tem uma preocupação excessiva em exhibir os nuances do seu corpo. Geralmente anda em grupos com outras moças que compartilhem [sic] os mesmos valores. Não chega a ser uma puta e sim uma garota safadinha com os hormônios fervendo...*

No verbete 8, o Locutor se autoneia de forma lúdica como “Cheio da Grana” e, nessa autoneiação, ele se identifica com o gênero masculino. Ao dizer “Fazendo uma análise de todas as definições chegamos a esta”, ele fala a partir do lugar social de lexicógrafo masculino e mobiliza inicialmente um enunciador coletivo, como podemos ver na forma *chegamos*. Nesse enunciado, encontramos uma das principais características do Dicionário inFormal apontada por Elias de Oliveira (2014b, 2018), a saber: o acúmulo de verbetes. Em seguida, a definição do verbete 8 se distingue das definições dos verbetes 1 e 5 por ser metalinguística. Primeiramente, ela traz a origem da palavra ‘piriguete’. No enunciado “O

termo teve origem em Salvador, capital baiana<sup>47</sup>”, podemos ver que ‘termo’ reescritura ‘piriguite’ e essa reescrituração se dá por substituição, produzindo o sentido de uma especificação. Aqui, é importante destacarmos que o enunciado “O termo teve origem em Salvador, capital baiana” está presente no verbete 2 (cf. anexo), constituindo um processo de reescritura por repetição entre dois verbetes. Na cena enunciativa, o enunciador é universal, pois o Locutor masculino está representado como fora da história pela enunciação. Em seguida, diz a definição do verbete 8, reescriturando por repetição uma parte da definição do verbete 3, que ‘piriguite’ é “adjetivo e substantivo feminino”. Como podemos notar, ‘adjetivo’ e ‘substantivo feminino’ reescrituram por expansão ‘piriguite’, produzindo o sentido de uma enumeração. Nesse enunciado, o enunciador é universal.

Dando prosseguimento à análise do verbete 8, ‘Piri’ reescritura por substituição ‘piriguite’, produzindo o sentido de uma sinonímia. Ao dizer “também denominada Piri”, o Locutor masculino mobiliza um enunciador genérico. Por sua vez, ‘piri’ é reescriturada por ‘gíria brasileira’ e essa reescrituração se dá por definição, produzindo o sentido de uma especificação. O Locutor masculino, tomado pela posição normativa da gramática e do dicionário tradicionais, mobiliza desta vez um enunciador universal. Esses dois lugares de dizer, o genérico e o universal, significam a identificação do Locutor masculino pela posição-sujeito machista que, de um lado, normatiza a palavra ‘piriguite’ como uma gíria da língua portuguesa e, de outro, (re)produz um juízo de valor negativo generalizado sobre a mulher que é sujeito da sua sexualidade. Segundo essa posição-sujeito machista no interdiscurso, a mulher que “troca de parceiro sexual frequentemente” é considerada “fácil”. No sintagma ‘que tenham dinheiro e carro’, o verbo ‘tenham’ reescritura por elipse ‘parceiro sexual’ e todo o enunciado recorta como memorável a figura da mulher interesseira e promíscua. Por conseguinte, no sintagma ‘preferem os [homens] comprometidos’, o verbo ‘preferem’ reescritura por elipse ‘mulher’. Aqui, podemos fazer a seguinte paráfrase: “As piriguites preferem os homens comprometidos”. O acontecimento recorta como memorável a figura da mulher interesseira. Como nos verbetes 1 e 5, notamos não um erro de concordância verbal em ‘tenham’ e ‘preferem’, mas a língua exposta ao equívoco, ou seja, ao funcionamento da ideologia e do inconsciente. Os enunciadores genérico e individual são dois lugares de dizer que se projetam sobre o Locutor, significando a sua identificação com o juízo de valor negativo sobre a mulher presente na sociedade.

---

<sup>47</sup> É interessante observarmos que ‘Salvador’ é reescriturada positivamente por ‘capital baiana’, produzindo o sentido de uma especificação.

Compondo o exemplo do verbete 8, temos três enunciados afirmativos cujo efeito de sentido é o de certeza sobre a piriguete. O primeiro, *A piriguete tem uma preocupação excessiva em exhibir os nuances do seu corpo*, é uma reescrituração por repetição do que se encontra no verbete 3 (cf. anexo). Nesse enunciado, o Locutor masculino divide-se em locutor-lexicógrafo masculino e enunciador individual, pois ele está representado pela enunciação como independente da história. ‘Piriguete’ é determinada por ‘tem uma preocupação excessiva em exhibir os nuances do seu corpo’. O segundo, *Geralmente anda em grupos com outras moças que compartilhem [sic] os mesmos valores*, é retirado também do verbete 3; nele, temos uma modalização a partir da qual ‘piriguete’ é reescriturada por elipse, produzindo uma generalização. Na cena enunciativa desse enunciado, o Locutor masculino mobiliza um enunciador genérico. No terceiro, *Não chega a ser uma puta e sim uma garota safadinha com os hormônios fervendo...*, o Locutor masculino mobiliza um enunciador individual. Nesse enunciado, que reescritura por repetição uma parte do verbete 2 (cf. anexo), ‘Piriguete’ é reescriturada por ‘garota’, que, por sua vez, é determinada por ‘safadinha com os hormônios fervendo...’. Essa reescrituração se dá por definição e produz uma especificação. De acordo com ela, a piriguete não é uma puta: ela é uma “garota safadinha”. Como já mostramos, a negação desse enunciado, acompanhada de *e sim*, é polêmica, pois ela nos mostra dois enunciadores:

**E<sub>1</sub>:** A piriguete chega a ser uma puta.

**E<sub>2</sub>:** A piriguete não chega a ser uma puta, e sim uma garota safadinha com os hormônios fervendo.

Finalizando esta subseção, se olharmos abaixo para o recorte da definição dos verbetes 15, 23, 36 e 53, veremos que ‘piriguete’, ao contrário dos verbetes 2, 6, 8, 9 e 37, é sinônimo de ‘puta’/‘prostituta’:

**Verbetes 15:** Adj. Fem. Prostituta. Mulher depravada. Garota de programa. Safada. Promíscua. Mulher super-fácil. Mulher da vida.

**Verbetes 23:** Prostituta de esgoto, cheio de doenças que procura homens que sejam idiotas rico para dar golpe e cornear, na balada faz qualquer coisa por um copo de cachaça ou cortesia para camarote.

**Verbetes 36:** Menina com menos de 16 anos que se veste como prostituta, vadia.

**Verbetes 53:** Puta Pobre.

Na definição do verbete 15, o processo de reescritura se dá inicialmente por definição e produz o sentido de uma especificação. ‘Piriguite’ é reescriturada por ‘Adj. Fem.’ Em seguida, ‘piriguite’ é reescriturada por ‘Prostituta. Mulher depravada. Garota de programa. Safada. Promíscua. Mulher super-fácil. Mulher da vida’. Essa reescrituração se dá por expansão, produzindo o sentido de uma enumeração, onde podemos ver no interior do verbete a divisão política dos sentidos. No verbete 23, ‘piriguite’ é reescriturada por ‘Prostituta’, que, por sua vez, é determinada por ‘de esgoto, cheio de doenças’ e por ‘que procura homens que sejam idiotas rico para dar golpe e corneiar, na balada faz qualquer coisa por um copo de cachaça ou cortesia para camarote’. Parafraçando Chaves (2017), se considerarmos as expressões ‘de esgoto’ e ‘cheio de doenças’, podemos notar uma tensão com o espaço público: a sexualidade da piriguite é tomada a partir de um discurso higienista, sanitarista, tal como ocorria no início do séc. XX com as mulheres consideradas “vadias”/“prostitutas” (CHAVES, 2017). No verbete 23 (cf. anexo), é importante ainda notarmos que o falante se autoneomeia de forma lúdica como “Milionário [sic] da Praia” e, nessa autoneomeação, ele se identifica com o gênero masculino, que determina o lugar social de lexicógrafo a partir do qual ele é autorizado a dizer ‘corneiar’. O acontecimento recorta como memorável a figura da mulher interesseira, que, mediante algum “golpe” nos homens “ricos e idiotas”, procura se dar bem financeiramente. No verbete 36, ‘piriguite’ é reescriturada por ‘Menina com menos de 16 anos’, que, por sua vez, é determinada por ‘que se veste como prostituta, vadia’, onde ‘vadia’ é sinônimo de ‘prostituta’. Finalmente, no verbete 53, ‘piriguite’ é reescriturada por ‘Putá’, que, por sua vez, é determinada por ‘pobre’. Com isso, vemos surgir no Dicionário inFormal uma questão socioeconômica em torno da palavra ‘piriguite’.

Concluindo esta parte, gostaríamos de chamar atenção, nos verbetes que acabamos de analisar, para a divisão do Locutor na cena enunciativa, em que o gênero determina o lugar social a partir do qual o Locutor define, como lexicógrafo informal, a palavra ‘piriguite’. Mais especificamente, vimos que o Locutor pode mobilizar um enunciador universal para definir a palavra ‘piriguite’ como um substantivo e um adjetivo feminino do português coloquial; ao fazê-lo, ele se inscreve na posição normativa da gramática e do dicionário tradicionais. Neste caso, ‘piriguite’ é uma gíria. Para definir o seu significado, o Locutor pode recorrer a um enunciador individual e/ou a um enunciador genérico, o que mostra, neste caso, a sua identificação com um dizer machista generalizado. Vemos isso, por exemplo, diante da expressão “É aquela garota...”, em que o ‘aquela’ funciona como um pré-construído, naturalizando dizeres machistas sobre a mulher que circulam na sociedade. Quanto à relação

entre gênero e lugar social de dizer, destacamos os verbetes 10 e 13. No primeiro, o Locutor é identificado por um nome próprio atribuído normalmente ao gênero feminino; como definição de ‘piriguete’, temos: “Mulher fácil que paquera abertamente os homens”. No segundo, o Locutor é identificado ludicamente por um apelido atribuído ao gênero masculino (“Eumesmo”); nesse verbete, encontramos: “**Piriguete** geralmente não dá por dinheiro em espécie”. Em cada caso, a designação de ‘piriguete’ recorta o real levando em conta o funcionamento social e histórico das masculinidades e das feminilidades a partir do qual o sujeito do discurso se constitui, não sem as marcas da contradição e do equívoco.

#### 4.1.1.2 Juízos de valor positivo

Iniciemos com o recorte do verbete 12:

#### 12. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 18-10-2007

Esses [sic] são as definições, mais do que justas...

[...]

8- **Piriguetes** solteiras sempre, mas sozinhas nunca;

9- **Piriguetes** não são galinhas, mas sim exigentes, gosta [sic] de selecionar bem seus homens

[...]

No recorte acima, o enunciado “8- **Piriguetes** solteiras sempre, mas sozinhas nunca” faz ressoar o enunciado “*Desacompanhada que te olha muito e se aproxima sem ser chamada, e muito menos paquerada, é a **piriguete***”, presente no exemplo do verbete 5, elaborado em 10/02/2008, ou seja, depois de quase quatro meses da elaboração do verbete 12. Neste verbete, a palavra ‘piriguetes’ é determinada por ‘solteiras sempre, mas sozinhas nunca’. Em seguida, ela é determinada por ‘não são galinhas, mas sim exigentes, gosta [sic] de selecionar bem seus homens’. Aqui, o acontecimento recorta como memorável a figura da mulher empoderada, cuja liberdade sexual é tomada positivamente pelo Locutor, que, no interdiscurso, se opõe à posição-sujeito machista do verbete 5, onde a piriguete, por estar desacompanhada, é tomada negativamente. Comparemos agora esse verbete com o 30:

#### 30. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 27-10-2009

Menina cheia de energia, que não liga para comentários alheios. **Piriguete** é ser o centro das atenções por sua beleza e ousadia.

*O que pode se fazer se a **piriguete** vai toda sensual para uma festa e o namorado da outra ta caindo em cima?*

No verbete 30, o Locutor é identificado por ‘Dicionário inFormal’, o que nos impede de especificar o seu gênero; ele fala como lexicógrafo e mobiliza a princípio um enunciador individual. ‘Piriguete’ é reescriturada por ‘Menina’, que é determinada por ‘cheia de energia’. Essa reescrituração se dá por definição e produz o sentido de uma especificação. Aqui, ‘piriguete’, ao contrário dos verbetes 1, 2, 5, 8 e 10, analisados anteriormente, é reescriturada não por ‘mulher’<sup>48</sup>, mas por ‘menina’.

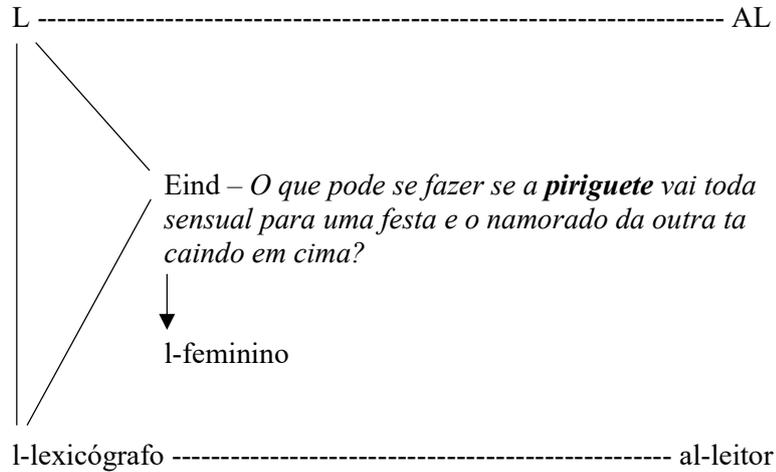
Como podemos notar, a substituição de ‘mulher’ por ‘menina’ se dá não no interior do verbete 30, mas entre ele e os verbetes 1, 2, 5, 8 e 10. Em seguida, ‘que não liga para comentários alheios’ determina ‘Menina cheia de energia’. Aqui, o Locutor mobiliza um enunciador genérico a quem ele se opõe, estabelecendo assim um litígio, fruto do político que caracteriza o agenciamento enunciativo. No enunciado seguinte, ‘piriguete’ é determinada por ‘é ser o centro das atenções por sua beleza e ousadia’, o que nos permite a seguinte paráfrase: “A piriguete é o centro das atenções, pois ela é bela e ousada”. Podemos ver que ‘bela’ e ‘ousada’ reescreveram por expansão ‘piriguete’, produzindo o sentido de uma enumeração. O acontecimento recorta como memorável a figura da mulher empoderada, que se contrapõe ao memorável da mulher interesseira, visto em 4.1.1.1, “Juízos de valor negativo”, e se contrapõe também ao memorável da mulher promíscua, como veremos em 4.2.2, “A designação de ‘periguete’ no Aurélio Júnior”, e em 4.3, “Michaelis On-Line”. Esse memorável, o da mulher empoderada, é importante destacarmos, se dá a partir de uma posição que se opõe à posição-sujeito machista no interdiscurso.

Por fim, em *O que pode se fazer se a **piriguete** vai toda sensual para uma festa e o namorado da outra ta caindo em cima?*, podemos fazer a seguinte paráfrase: “A piriguete é sensual, por isso o namorado da outra cai em cima”. Nessa paráfrase, a palavra ‘sensual’ reescritura por definição ‘piriguete’, produzindo o sentido de uma especificação. O Locutor é representado pela enunciação como independente da história, pois ele mobiliza um enunciador individual com quem se identifica. Se considerarmos a expressão ‘namorado da outra’, o Locutor é agenciado a falar no acontecimento a partir de uma perspectiva feminina, o

---

<sup>48</sup> Nos verbetes 2 e 8, além da palavra ‘mulher’, encontramos a palavra ‘garota’.

enunciador individual faz uma alusão a um locutor-feminino. Abaixo, representamos essa alusão com uma seta:



A fim de avançarmos na análise, tomemos o verbete 33:

### 33. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por F. da S. J. (RS) em 01-08-2017

Mulher independente, que não se apega e se diverte sem pudores. É a versão feminina do “pegador”. Costumeiramente julgada pelas pessoas conservadoras e considerada um ícone da liberdade feminina em uma sociedade machista e patriarcal.

*Piriguete não sente frio.*

No verbete 33, o Locutor é identificado por um nome próprio geralmente associado ao gênero masculino. Temos então um Locutor masculino e ele fala como lexicógrafo masculino, apresentando na definição um enunciador individual, que, por sua vez, faz uma alusão a um locutor-feminino, como nos atesta a expressão “não se apega”. ‘Piriguete’ é reescriturada por ‘Mulher’, que, em seguida, é determinada por ‘independente’ e por ‘que não se apega e se diverte sem pudores’. Ao mesmo tempo, podemos dizer que ‘piriguete’ é reescriturada por elipse em ‘que não se apega’ e ‘se diverte sem pudores’, e essa reescrituração produz o sentido de uma enumeração. O enunciado “É a versão feminina do ‘pegador’” reescritura ‘piriguete’ por definição, produzindo o sentido de uma especificação. Aqui, chamamos atenção para o uso das aspas, que marca um distanciamento do Locutor em relação à palavra destacada, dita por enunciadores masculinos. No acontecimento de enunciação, temos como memorável a figura da mulher empoderada.

Em “Costumeiramente julgada pelas pessoas conservadoras e considerada um ícone da liberdade feminina em uma sociedade machista e patriarcal”, podemos notar uma divisão de sentidos no interior do verbete 33. Na cena enunciativa, o Locutor mobiliza dois enunciadores genéricos distintos, pois, além do modalizador *Costumeiramente*, encontramos os verbos *julgada* e *considerada*, nos quais podemos identificar dois enunciadores genéricos apostos como que dizendo com todos os outros. Em *julgada pelas pessoas conservadoras* (Egco1), temos uma oposição a *considerada um ícone da liberdade feminina em uma sociedade machista e patriarcal* (Egco2), que, no acontecimento, recorta o memorável da mulher empoderada. Em outras palavras, Egco2 (assumido por L) contrapõe-se a Egco1, estabelecendo assim um litígio, fruto do político que caracteriza o agenciamento anunciativo.

Finalmente, no exemplo do verbete 33, temos o enunciado *Piriguete não sente frio*, em que ‘não sente frio’ determina ‘piriguete’. Aqui, é interessante observarmos que o acontecimento recorta como memorável o enunciado “Puta não sente frio”, dito usualmente por falantes masculinos e também por femininos. Assim, ‘piriguete’ reescritura por substituição ‘puta’, produzindo uma sinonímia. E esta designação se dá no interdiscurso a partir de uma posição-sujeito machista com a qual o Locutor não se identifica. Em outras palavras, o Locutor faz uma alusão a um locutor-masculino que assume “Puta não sente frio”. Considerando que o enunciado *Piriguete não sente frio* pode ser visto como uma reescrituração por expansão de “Costumeiramente julgada pelas pessoas conservadoras”, presente na definição, temos um enunciador genérico. Esta reescrituração, vale destacarmos, produz o sentido de um desenvolvimento do que está na definição do verbete 33.

Analisemos agora o verbete 37:

### 37. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por L. (SP) em 06-05-2013

**Piriguete** é uma gíria, também conhecida por Piri. É aquela mulher que usa roupas curtas e/ou decotadas. Constantemente confundida com “puta” ou “vadia”.

*Sou piriguete, não puta.*

No verbete acima, ‘piriguete’, numa relação de especificação, é reescriturada por definição em ‘gíria’ [*sic*]. Depois, ‘Piri’ reescritura ‘piriguete’ por substituição. Considerando a expressão *também conhecida*, o sentido produzido é o de generalização. Em seguida, ‘aquela mulher’, determinada por ‘que usa roupas curtas e/ou decotadas’ e por “Constantemente confundida com ‘puta’ ou ‘vadia’”, reescritura por definição ‘piriguete’, produzindo o sentido

de uma especificação. Assim, *piriguete* é hipônimo de mulher; trata-se d'*aquela* que é confundida constantemente com puta ou vadia, pois “usa roupas curtas e/ou decotadas”. No acontecimento, *aquela* não funciona como uma dêixis; esse pronome, assim como *que usa roupas curtas e/ou decotadas*, produz o efeito de pré-construído, um saber que vem de outro lugar. Na cena enunciativa, o Locutor divide-se em locutor-lexicógrafo e mobiliza dois enunciadores: enquanto o enunciador individual assume “que usa roupas curtas e/ou decotadas”, o enunciador genérico assume “Constantemente confundida com ‘puta’ ou ‘vadia’”. O Locutor afasta-se do segundo e identifica-se com o primeiro, como vemos no exemplo: *Sou piriguete, não puta*. Esse enunciado por ser desdobrado em:

**E<sub>1</sub> (Egco):** Aquela mulher que usa roupas curtas e/ou decotadas é considerada uma puta ou vadia.

**E<sub>2</sub> (Eind):** Sou piriguete, não puta.

Nesse acontecimento, o dizer do Locutor em que se projeta o Egco é sustentado no interdiscurso a partir de uma posição-sujeito machista, e o dizer em que se projeta o Eind é sustentado a partir de uma posição-sujeito anti-machista. O efeito de pré-construído, portanto, está relacionado aqui ao discurso machista. É deste lugar que se sustenta a expressão ‘aquela mulher’, com a qual o Locutor vai polemizar, numa disputa pelo(s) sentido(s) de ‘piriguete’. Peguemos agora o verbete 46:

#### 46. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por E. R. (GO) em 16-11-2019

Pessoa que usa o que gosta e gosta de evidenciar suas curvas femininas. Ela é sobrevivente e baladeira. Balada custa dinheiro e ela, que gasta seu salário com o ‘salto alto de cada dia’, modinha e, possivelmente, alisamento (com ou sem formol) e californiana. Espera sempre que um de seus admiradores pague a entrada e/ou o drink da noite. Também se arrisca a voltar pra casa de carona. Se o bofe lhe interessar, pode ir da festa direto pro motel e pedir um champagne ou cidra pra fechar (ou começar) a noite.

“*Hoje vou pousar de piriguete*”; “*cuidado com a piriguete*”...

O verbete 46 possui como Locutor um falante identificado por um nome relacionado ao gênero feminino. Ele nos chama atenção por ter sido publicado em 16 de novembro de 2019. Nele, o Locutor feminino fala como lexicógrafo feminino e mobiliza a princípio um enunciador individual. ‘Piriguete’ é reescriturada por ‘pessoa’, que, por sua vez, é determinada por ‘que usa o que gosta’ e por ‘e gosta de evidenciar suas curvas femininas’.

Essa determinação ocorre por coordenação e, no acontecimento, temos como memorável a figura da mulher empoderada, independente e dona do seu próprio corpo. Ao contrário dos verbetes 1, 5, 8 e 33, analisados anteriormente, ‘piriguete’ é reescriturada não por ‘mulher fácil’, mas por ‘pessoa’.

Como podemos notar, a substituição de ‘mulher’ por ‘pessoa’ se dá não no interior do verbete 46, mas entre ele e os verbetes 1, 5, 8 e 33. Essa substituição, vale destacarmos, se constitui no Dicionário inFormal como um procedimento de deriva, o qual é responsável pelos sentidos do verbete 46. Além disso, na segunda linha do enunciado definidor do verbete 46, ‘piriguete’ é reescriturada por ‘ela’ e essa reescrituração se dá por substituição. Não obstante, ‘ela’ é reescriturada por ‘é sobrevivente’ e por ‘e baladeira’. Aqui, essa reescrituração se dá por expansão, produzindo o sentido de uma enumeração. Com isso, podemos dizer que ‘piriguete’ designa no verbete 46 a pessoa identificada com o gênero feminino que procura sobreviver na sociedade e se divertir na “balada”.

Tomemos, agora, o enunciado “Balada custa dinheiro e ela, que gasta seu salário com o ‘salto alto de cada dia’, modinha e, possivelmente, alisamento (com ou sem formol) e californiana. Espera sempre que um de seus admiradores pague a entrada e/ou o drink da noite”. Nesse enunciado, ‘piriguete’ é reescriturada por ‘ela’ e essa reescrituração se dá por substituição. Em seguida, o pronome ‘ela’ é determinado por “que gasta seu salário com o ‘salto alto de cada dia’, modinha e, possivelmente, alisamento (com ou sem formol) e californiana”. Aqui, a expressão ‘salto alto de cada dia’, entre aspas simples, marca a alusão a um locutor-feminino feita pelo enunciador individual. No acontecimento de enunciação, essa expressão recorta como memorável a expressão “pão nosso de cada dia”, que integra a oração cristã conhecida como Pai-Nosso. No acontecimento, o memorável religioso projeta também um sentido de grupo com suas crenças, suas práticas, similar a um grupo religioso. Considerando que, no Pai-Nosso, a palavra ‘pão’ é metonímia de alimento, a expressão “salto alto de cada dia”, no verbete 46, pode significar o quê? Podemos considerar que ela significa metonimicamente o empoderamento da piriguete. Em outras palavras, a expressão “salto alto de cada dia”, no acontecimento de enunciação, recorta como memorável a figura da mulher empoderada, que é bela e sensual.

Dando prosseguimento à análise do verbete 46, destacamos que ‘piriguete’ é reescriturada por elipse em “Também se arrisca a voltar pra casa de carona”, e essa reescrituração produz o sentido de um desenvolvimento. O acontecimento recorta como memorável a figura da mulher corajosa que “se arrisca a voltar pra casa [à noite] de carona”.

Em “Se o bofe [da carona] lhe interessar, pode ir da festa direto pro motel e pedir um champagne ou cidra pra fechar (ou começar) a noite”, temos como memorável a figura da mulher empoderada, que é sujeito da sua sexualidade. Considerando a palavra ‘bofe’, o enunciador individual faz uma alusão a um locutor-feminino. É interessante observarmos que ‘piriguete’ não designa a “mulher fácil”, tal como vimos nos verbetes 1, 8 e 10, por exemplo; ‘piriguete’ designa a mulher que só vai para o motel com um homem caso ela se interesse por ele. Em outras palavras, ‘piriguete’ designa a mulher que é sujeito da sua sexualidade. Olhando o processo de reescritura do enunciado em questão, podemos ver que ‘piriguete’ é reescriturada por elipse duas vezes e essa reescrituração produz o sentido de uma enumeração. Na primeira vez, o processo de reescritura se dá por ‘pode ir da festa direto pro motel’ e, na segunda, se dá por ‘e [pode] pedir um champagne ou cidra pra fechar (ou começar) a noite’. Percebemos que, no Dicionário inFormal, a enumeração constitui um procedimento semântico bastante frequente na caracterização da piriguete. Em sua definição, o Locutor exemplifica, qualifica, multiplica as características da piriguete. Há uma complexidade que não se reduz ao hiperônimo e à especificação.

Em *Hoje vou pousar de piriguete e cuidado com a piriguete...*, presentes no exemplo do verbe 46, o Locutor mobiliza dois enunciadores opostos. No primeiro enunciado, vemos projetado sobre o dizer do Locutor um enunciador individual que faz uma alusão a um locutor-feminino. No segundo, vemos um enunciador genérico a quem o Locutor se opõe, estabelecendo assim um litígio. Enquanto o enunciador genérico faz uma alusão a um locutor-feminino que, no interdiscurso, se inscreve numa posição-sujeito machista segundo a qual a piriguete é perigosa, o dizer do Locutor em que se projeta o enunciador individual se opõe ao discurso machista.

Vejamos por fim os verbetes 60 e 62:

#### **60. Piriguete**

Significado de **Piriguete** Por M. (AC) em 09-02-2008

Mulher linda e sensual que todos desejam mas poucos tem o prazer de conquistar. Eu curto muito as **piriguetes** e amo elas de paixão.

*Minha **piriguete** adora sair de mini saia e atiçar os outros machos.*

#### **62. Piriguete**

Significado de **Piriguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 01-12-2007

Mulher bonita, inteligente, astuciosa, carismática que encanta a todos com sua belza [*sic*] e simpatia. Por isso desperta a inveja das concorrentes.

*Elvira, a namorada de Regis da Novela Sete Pecados, da Rede Globo.*

No verbete 60, o Locutor é identificado por um nome próprio comumente atribuído ao gênero masculino. No verbete 62, ele é identificado por ‘Dicionário inFormal’.

No verbete 60, temos a projeção de um enunciador individual sobre o Locutor, que fala como lexicógrafo. ‘Piriguite’ é reescriturada por ‘Mulher linda e sensual’ e, como podemos ver, ‘mulher’ é hiperônimo de ‘piriguite’. Com esta palavra, o Locutor atribui à mulher juízos de valor que dizem respeito apenas à sua aparência.

No verbete 62, ‘mulher’ é também hiperônimo de ‘piriguite’. Entretanto, os juízos de valor positivo produzidos no acontecimento dizem respeito não apenas à aparência, mas à inteligência, à astúcia e ao carisma da mulher identificada por ‘piriguite’, que “encanta a todos com sua belza [*sic*] e simpatia”. Vemos que ‘piriguite’ designa no verbete 62 uma mulher encantadora, o que nos faz lembrar, no recorte (3), a vedette francesa Dany Lorys. A diferença reside no fato segundo o qual ‘encantadora’ constitui em (3) o presente do acontecimento, não o seu futuro, pois lemos: “A encantadora vedette [Dany Lorys] actua em Paris no Capucines, Chatelet e Varieté [...]”. Neste ponto, podemos nos perguntar se, no verbete 62, ‘encantadora’, ao constituir o futuro do acontecimento enunciativo, não está relacionada ao sufixo ‘-ete’. Mais: esse interpretável não teria como origem a palavra ‘vedette’? Parece-nos que sim. Finalmente, considerando, no verbete 62, as palavras ‘inteligente’ e ‘astuciosa’, a piriguite nos lembra as vedetes da figura 5. ‘Piriguite’ designa também a mulher inteligente, e isso nos parece estar relacionado à designação de vedete na Revista do Rádio. Assim, os juízos de valor positivo sobre a piriguite no verbete 62 se devem ao sufixo ‘-ete’; eles têm como origem a palavra ‘vedet(t)e’.

Apesar disso, a reescrituração nos dois verbetes se dá por definição e produz uma especificação. No verbete 60, ‘piriguite’ é determinada por ‘que todos desejam mas poucos tem o prazer de conquistar’; no verbete 62, ela é determinada por ‘que encanta a todos com sua belza [*sic*] e simpatia’ e por ‘desperta a inveja das concorrentes’.

Aqui, reside uma diferença fundamental entre os dois verbetes. Embora eles tragam juízos de valor positivo sobre a piriguite, o verbete 60 se dá a partir de uma perspectiva masculina; em sua cena enunciativa, o Locutor masculino fala como lexicógrafo masculino e mobiliza um enunciador individual. No exemplo do verbete, temos: *Minha piriguite adora sair de mini saia e atçar os outros machos*. Assim, o gênero masculino determina o lugar social a

partir do qual o Locutor é agenciado. No verbete 62, considerando o enunciado “Por isso desperta a inveja das concorrentes”, temos uma perspectiva feminina. O Locutor, dividido em locutor-lexicógrafo, mobiliza também um enunciador individual; porém, esse enunciador faz uma alusão a um locutor-feminino.

Antes de seguirmos em frente, façamos uma pequena observação sobre o memorável da mulher empoderada. Embora ele se oponha ao memorável da mulher interesseira e ao memorável da mulher promíscua, ambos relacionados a uma posição-sujeito machista no interdiscurso, o empoderamento da mulher identificada por ‘piriguete’ se dá a partir de uma heteronormatividade. Ou seja, em nenhum momento se cogita a possibilidade de a mulher ter um relacionamento sexual com outra mulher, de modo que essa liberdade é limitada. Quando se diz que a piriguete é a “versão feminina do ‘pegador’”, podemos concluir que o discurso machista é reproduzido pelo avesso.

#### 4.1.1.3 Verbetes relacionados à palavra ‘piriguete’

No Dicionário inFormal, é comum a entrada de um verbete variar quanto à ortografia. Além dos 62 verbetes de ‘piriguete’, encontramos também verbetes das seguintes palavras:

**Tabela 6** – Verbetes do Dicionário inFormal relacionados à palavra ‘piriguete’<sup>49</sup>

<b>ENTRADA</b>	<b>Nº DE VERBETES</b>	<b>ENTRADA</b>	<b>Nº DE VERBETES</b>
Periguete	8	Piriguetar	2
Pirigueti	10	Periguetá	1
Piriguete de internet	1	Periguetismo	1
Piri	2	Piriguetismo	1
Perigas	1	Piriguetinismo	1
Piriguetto	2	Piriguetiação	1

Na tabela 6, podemos notar que ‘piriguete’ possui uma variante no Dicionário inFormal, a saber: ‘pirigueti’. Se consultarmos os 8 verbetes de ‘periguete’, chama-nos atenção o verbete 7. Em sua cena enunciativa, o Locutor, dividido entre locutor-lexicógrafo e enunciador individual, elabora sua definição a partir de uma escrita lúdica e criativa, pois ele associa ‘periguete’, dentre outras coisas, à “corruptela” de ‘perigoso’, isto é, “aquele que causa

<sup>49</sup> Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br>>. Acesso em: 09 fev. 2020.

perigo”, com ‘guete’, “aquele que fala demais”, uma possível associação à ‘alcaguete’. Vemos aqui a polissemia em relação à ‘periguete’; a criação da palavra possui outra versão, e o sentido é o de fofoqueira:

### 7. Periguete

Significado de **Periguete** Por A. L. R. P. (DF) em 12-10-2009

Corruptela de “perigoso”=aquele que causa perigo mais “guete”= boca mole, aquele que fala demais, tearrela: rameira, prostituta, piranha, pistoleira; perua; fofoqueira, bisbilhoteira, fuxiqueira, mexeriqueira; mulher que frequenta bares noturnos em busca de namorado.

*A minha vizinha é uma **periguete**, porquefala [sic] mal de todo mundo!*

*Cuidado com as periguetes que fazem ponto noturno nas ruas.*

No segundo enunciado do exemplo, *periguetes* é determinada por *fazem ponto noturno nas ruas*. Essa determinação nos permite dizer que ‘periguete’ é também sinônimo de ‘prostituta’, umas das reescrituras que ocorrem por expansão enumerativa no enunciado definidor. O acontecimento recorta como memorável a figura da mulher promíscua, que está numa relação de tensão com a rua. O acontecimento projeta como interpretável a periguete como indesejável no espaço público. Se considerarmos a palavra *Cuidado*, ela é até perigosa. Neste ponto, perguntamo-nos: para quem a periguete é perigosa? E por quê?

Em primeiro lugar, não será por que o Locutor, no verbete acima, se identifica com uma posição-sujeito machista segundo a qual a prostituição é, baseando-nos em Chaves (2017, p. 178), uma atividade “marginal e suja”, o que justificaria um discurso higienista que cada vez mais segrega a prostituta em “zonas de confinamento” (MOREIRA, 2017, p. 234)? Em segundo lugar, não será por que a rua sempre foi um espaço público masculino (RAGO, 1997), onde a mulher está à margem, lutando para que ele seja redividido de forma menos desigual? Espaço público por excelência masculino, a rua é dividida de modo desigual; nela, a liberdade sexual da mulher é tomada negativamente pelo homem, como perigosa:

### 14. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por A. C. R. (PI) em 13-02-2009

[...]

Também chamadas assim são as mulheres que são ou estão “à perigo” por falta de homem, relações sexuais, e/ou dinheiro fácil provindo de um homem.

Modo moderno de denominar mulheres que antigamente eram chamadas de vadias.

*Aquele homem bonito que mora no bairro chique, quando vem ao baile, vira alvo constante e incessante de **piriguete**.*

### 38. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por M. (PA) em 09-08-2012

Essa palavra já era usada na cidade de ABAETETUBA-PA há muito tempo. Ela deriva da palavra perigosa. Assim como as dançarinas do chacrinha eram chamadas de chacretes e hoje as meninas do programa pânico são chamadas de pâniquetes as meninas perigosas de ABAETETUBA eram e ainda são chamadas de **piriguetes**.

*Uma garota que namora muito é definida como **piriguete**.*

No recorte do verbete 14, o Locutor fala como lexicógrafo e mobiliza um enunciador genérico, como nos atesta as expressões ‘Também chamadas’ e ‘eram chamadas’. Numa relação de especificação, ‘piriguete’ é reescriturada por definição em “mulheres que são ou estão ‘à perigo’ por falta de homem, relações sexuais, e/ou dinheiro fácil provindo de um homem”. Nessa reescrituração, o acontecimento recorta como memorável a figura da mulher promíscua e interesseira. Se considerarmos a expressão ‘por falta de homem’, podemos dizer que a relação sexual é heteronormativa. Em seguida, ‘piriguete’ é reescriturada por substituição em ‘vadias’, produzindo o sentido de uma sinonímia. No exemplo, *Aquele homem bonito que mora no bairro chique* é determinado por *alvo constante e incessante de **piriguete***, e isso nos permite dizer que o homem é uma vítima da piriguete, interessada nele devido à sua beleza e à sua boa condição social e financeira, subentendida em “bairro chique”. Vemos que a piriguete não se interessa por qualquer homem. Neste ponto, destacamos a palavra *Aquele*, que funciona como um pré-construído, naturalizando os sentidos dominantes na sociedade sobre o homem e a mulher, a saber: as relações afetivas e sexuais se dão apenas entre o homem e a mulher, esta sente falta de homem bonito que possui uma boa condição financeira e social (não temos, portanto, o homem que sente falta de mulher), sugerindo-nos que a mulher está subordinada sexual e financeiramente ao homem. Ao mobilizar um enunciador genérico, o Locutor assume um dizer generalizado sobre a piriguete a partir de uma posição-sujeito machista no interdiscurso.

Já no exemplo do verbete 38, ‘piriguete’ é determinada por *Uma garota que namora muito*, e isso é considerado perigoso pelo Locutor, que é identificado por um nome próprio atribuído normalmente ao gênero masculino. Constituindo o passado do acontecimento, temos a figura da mulher promíscua.

Avançando, a relação lúdica e criativa com a língua é encontrada também no verbete 44 da palavra ‘piriguete’:

#### 44. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 13-04-2013

Uma piranha especializada em sexo oral. Piranha + boquete = **piriguete**.

*Ela é uma **piriguete**!*

No verbete 44, ‘piriguete’ é determinada por ‘Uma piranha especializada em sexo oral’. Aqui, ‘piranha’ funciona como hiperônimo de ‘piriguete’. Ou seja, piriguete diz respeito a um tipo de piranha: trata-se da piranha especializada em sexo oral. Considerando a palavra ‘piranha’, o acontecimento recorta como memorável a figura da mulher promíscua e isso se dá porque o Locutor, no interdiscurso, se inscreve numa posição-sujeito machista. Na cena enunciativa, o Locutor fala como lexicógrafo e mobiliza um enunciador individual, uma vez que ele é tomado na enunciação como independente da história.

No segundo enunciado da definição, ‘Piranha’ reescritura por repetição ‘piranha’, no primeiro enunciado; e ‘boquete’ reescritura por substituição ‘sexo oral’, também no primeiro enunciado. Em seguida, ‘piriguete’ reescritura por condensação ‘Piranha + boquete’, produzindo o sentido de uma totalização, que se refere ao conjunto das piranhas especializado em sexo oral. Em outras palavras, ‘piriguete’ condensa ‘Piranha + boquete’, que explica a formação da palavra. Podemos notar que o Locutor elabora sua definição a partir de uma escrita lúdica e criativa (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014b, 2018), inventando uma etimologia para a palavra, pela associação da sílaba ‘pi’ da palavra ‘piriguete’ à sílaba ‘pi’ da palavra ‘piranha’, e do sufixo ‘-ete’ presente em ‘piriguete’ ao ‘-ete’ presente em ‘boquete’.

Por fim, no exemplo do verbete 44, *Ela é uma **piriguete**!* constitui uma reescrituração por substituição, cujo sentido é o de uma especificação; no entanto, falta-nos o elemento reescriturado por *Ela* para que o processo de reescritura se dê. Retomado várias vezes na enunciação sobre a piriguete, podemos nos perguntar: A que tipo de mulher o pronome *Ela* se refere no acontecimento? Podemos dizer que, em sua opacidade, o sentido de *Ela* se dá de acordo com a posição que o sujeito ocupa no interdiscurso. *Ela* pode ser a mulher interesseira, a mulher promíscua ou a mulher empoderada. Isto reforça o que temos dito: o sentido se dá na enunciação, atravessada pelo interdiscurso.

Por sua vez, os 10 verbetes de ‘piriguete’ não apresentam nenhuma descrição gramatical sobre a formação da palavra. Eles colocam em evidência referentes relacionados ao universo urbano, como festas e baladas, e ao comportamento sexual e moral da mulher identificada por ‘piriguete’, estabelecendo uma tensão. Vejamos o verbe 8, que traz uma descrição e um diálogo:

### 8. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por R. (BA) em 15-03-2007

Aquela mulher que pega vários homens em uma festa, ou seja, uma putinha.

*Um dia depois da festa a colega dela pergunta:*

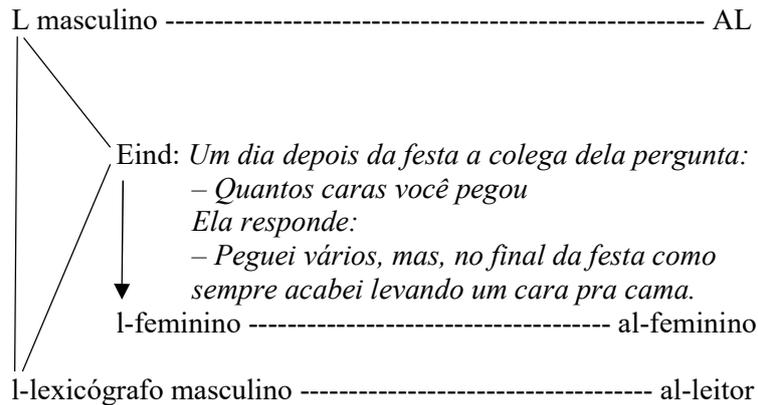
*– Quantos caras você pegou*

*Ela responde:*

*– Peguei vários, mas, no final da festa como sempre acabei levando um cara pra cama.*

Nesse verbe, ‘piriguete’ é reescriturada por ‘Aquela mulher que pega vários homens em uma festa’. Essa reescrituração se dá por substituição e produz o sentido de uma especificação, em que ‘piriguete’ é hipônimo de ‘Aquela mulher’, determinada por ‘que pega vários homens em uma festa’. Aqui, ‘Aquela’ parece funcionar como um pré-construído. Numa relação de sinonímia, ‘piriguete’ é em seguida reescriturada por ‘putinha’, onde o sufixo ‘-inha’ produz um efeito de inferioridade sobre a piriguete. Podemos dizer: “A piriguete, que pega vários homens em uma festa, é aquela putinha”. Nessa paráfrase, *que pega vários homens em uma festa* é dado como já sabido e sustenta a definição *A piriguete é aquela putinha*, funcionando como um efeito de sustentação (PÊCHEUX, 1975). O acontecimento recorta como memorável a figura da mulher promíscua e isso se dá porque o Locutor se inscreve no interdiscurso numa posição-sujeito machista.

No que diz respeito ao exemplo do verbe em questão, o diálogo, narrado na 3ª pessoa do singular, não traz a palavra ‘piriguete’. Além disso, ele não traz o ponto de interrogação (?) no segundo enunciado, mostrando com isso o baixo nível de regulação por parte do Dicionário inFormal sobre os verbetes. Nesse exemplo, o Locutor, identificado por um nome próprio atribuído normalmente ao gênero masculino, fala como lexicógrafo masculino e mobiliza um enunciador individual; por sua vez, esse enunciador faz uma alusão a um locutor-feminino numa relação de alocação com um alocutário-feminino:



Na representação acima da cena enunciativa, o Locutor masculino divide-se em locutor-lexicógrafo masculino e mobiliza um enunciador individual. A seta significa a alusão que esse enunciador individual faz em relação a um locutor-feminino, que está numa relação de alocação com um alocutário-feminino. Isto explica o emprego de “Quantos caras você pegou [?]” e de “Peguei vários, mas, no final da festa como sempre acabei levando um cara pra cama”. Na alusão, o modo como o locutor-feminino e o alocutário-feminino dizem é determinado pelo lugar social de lexicógrafo masculino, mostrando assim a importância do gênero social na constituição dos falantes.

Ainda sobre a variação ortográfica, podemos notar que ela não está apenas na entrada do verbete, podendo ser notada também na definição, como é o caso, por exemplo, do verbete 8 da palavra ‘piriguete’, onde, no acontecimento, temos como memorável a figura da mulher promíscua:

## 8. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 25-07-2016

Piriguete é uma gíria na língua portuguesa, considerada como um termo pejorativo, usado para descrever uma mulher provocadora que, não tendo namorado, demonstra interesse por qualquer pessoa.

*A **piriguete** dava em cima do marido de Juliana.*

No verbete acima, ‘piriguete’ é reescriturada por ‘uma gíria na língua portuguesa’. Essa reescrituração se dá por definição e produz o sentido de uma especificação. O Locutor mobiliza um enunciador universal e toma a língua em sua transparência, como se ela descrevesse apenas o referente. O acontecimento recorta como memorável a divisão do português em formal e informal. Em seguida, ‘termo pejorativo’ reescritura por elipse ‘piriguete’, produzindo o sentido de uma generalização, como nos atesta a forma ‘considerada’.

Na definição, ‘piriguete’ é reescriturada também por ‘uma mulher provocadora que, não tendo namorado, demonstra interesse por qualquer pessoa’. Nesse enunciado, ‘uma mulher provocadora’, numa relação de especificação, funciona como hiperônimo de ‘piriguete’. O Locutor mobiliza um enunciador genérico, como nos atestam as formas ‘usado’ e ‘qualquer pessoa’. Em ‘que, não tendo namorado, demonstra interesse em qualquer pessoa’, o acontecimento recorta o memorável da mulher promíscua. A língua é tomada em sua transparência: ‘periguete’ e ‘piriguete’ ligam o linguístico ao extralinguístico, como uma “etiqueta”.

Aqui, é interessante observarmos que o verbete 8, escrito pelo Dicionário inFormal em 25/07/2016, parafraseia, em parte, o verbete da palavra ‘periguete’ no Aurélio Júnior (FERREIRA, 2011, p. 675):

**pe.ri.gue.te**      *subst.fem. Brasileirismo Gíria*

Moça ou mulher que, não tendo namorado, demonstra interesse por qualquer um.

A partir desses dois verbetes, podemos ver a influência que os dicionários tradicionais ainda exercem sobre o público-leitor, que, segundo Mazière (1989), se serve deles de forma ingênua. Ao invés de ocupar uma posição de saber sobre a língua, deslocando sentidos sobre ela, e sobre a leitura e a escrita do dicionário, o locutor-lexicógrafo, no verbete 8 da palavra ‘periguete’, (re)produz um saber tido como tradicional sobre a língua e um juízo de valor negativo sobre a mulher, que não é tomada como sujeito da sua sexualidade.

Último aspecto do verbete 8: se olharmos para o enunciado *A periguete dava em cima do marido de Juliana*, presente no exemplo, podemos ver que o Locutor se divide em locutor-lexicógrafo e mobiliza um enunciador individual, que, por sua vez, considerando a expressão *dava em cima do marido de Juliana*, faz uma alusão a um locutor-feminino. O acontecimento recorta como memorável a figura da mulher desonesta e projeta como interpretável a piriguete como uma mulher perigosa, pois ela pode “roubar” o “marido de Juliana”.

Encaminhando-nos para o final desta subseção, tomemos o verbete 1 da palavra ‘pirigueto’:

### 1. Pirigueto

Significado de **Pirigueto** Por L. F. (BA) em 02-08-2007

Homem galinha, super popular, que pega todas as meninas, e que não tem amigas, tem futuras ficantes.

– *Pedrinho é o maior **pirigueto**, já ficou com todas as meninas da minha turma.*

No verbete 1, o Locutor é identificado por um nome próprio geralmente atribuído ao gênero feminino. Ele nos mostra que as palavras ‘piriguete’ e ‘periguete’, usadas para identificar a mulher, possuem uma forma própria para identificar o homem. Embora o verbete 1 não traga uma metalinguagem que explique a formação de ‘pirigueto’, vemos que o sufixo ‘-ete’ transforma-se em ‘-eto’, marcando o gênero masculino. Aqui, ‘-eto’ não traz o sentido de diminutivo, como em ‘livreto’, formada por ‘livro’ e ‘-eto’.

Se considerarmos a cena enunciativa da definição desse verbete, podemos notar que o Locutor feminino toma a palavra a partir do lugar social de lexicógrafo feminino e mobiliza dois enunciadores, pois a expressão ‘Homem galinha’ é atribuída a um enunciador individual, com quem o Locutor se identifica; por sua vez, a expressão ‘super popular’ é atribuída a um enunciador genérico, a quem o Locutor se opõe. Considerando a expressão ‘super popular’, esse enunciador faz uma alusão a um locutor-feminino. Em outras palavras, o gênero feminino, ao determinar o lugar social de dizer, determina o modo como se diz. Isto porque o acontecimento de enunciação se constitui a partir do político, que divide o falante e o(s) sentido(s) de ‘piriguete’. Note-se que a primeira expressão (‘Homem galinha’) possui uma orientação argumentativa oposta à segunda (‘super popular’). Isto fica mais claro quando substituímos a palavra ‘pirigueto’ por cada uma das expressões:

(14) Pedrinho é o maior **pirigueto**, já ficou com todas as meninas da minha turma.

(14a) Pedrinho é um **homem galinha**, já ficou com todas as meninas da minha turma.

(14b) Pedrinho é **super popular**, já ficou com todas as meninas da minha turma.

Uma paráfrase com as duas expressões acima poderia ser:

(15) Pedrinho já ficou com todas as meninas da minha turma. Para mim, ele é um homem galinha. Para a maioria das pessoas, ele é considerado super popular.

Em (14a), o acontecimento recorta como memorável a figura do homem “galinha”, cuja liberdade sexual é tomada negativamente, como infidelidade. Em (14b), temos como memorável a figura do homem “pegador”, cuja liberdade sexual é tomada positivamente, como virilidade. Note-se que a popularidade de Pedrinho se dá em (14b) a partir da quantidade de meninas com quem ele é capaz de “ficar”. Em outras palavras, a orientação argumentativa de

(14b) se dá a partir do operador argumentativo (DUCROT, 1989) ‘super’, que estabelece uma escala argumentativa (DUCROT, 1973). Nesse sentido, se Pedrinho “fica” com todas as meninas da turma, ele é “super popular”; se Pedrinho, no entanto, “fica” com algumas meninas da turma, ele é apenas popular; e se Pedrinho não “fica” com nenhuma menina da turma, ele não é popular. Além de se constituir como um operador argumentativo, a forma ‘super’, embora não seja em (14b) uma forma livre relacionada a um verbo, como em “**Eu super recomendo** um corretivo mais pro laranja, tipo um tom pêssego ou salmão” (BERTAGNOLI, 2014, p. 55), em nosso entendimento, mostra-nos também um modo de dizer feminino do Locutor, identificado no verbete por um nome próprio feminino. Assim, o gênero feminino é importante para o agenciamento desse Locutor.

Isto não é tudo. O político, responsável pela divisão desigual dos sentidos da palavra ‘pirigueto’, pode ser visto também quando tomamos a imagem do pirigueto no Dicionário inFormal:



**Figura 10** – Pirigueto no Dicionário inFormal<sup>50</sup>

A imagem acima é do personagem Zé Bonitinho, interpretado pelo ator e humorista Jorge Rodrigues Loredó (1925-2015). Ao contrário das figuras 7 e 8 das piriguetes/periguetes, onde, parafraseando Elias de Oliveira (2014b, p. 264, grifo nosso), o efeito de sentido estabelece uma “relação referencial de correspondência com a *verdade*”, o efeito de sentido da imagem do pirigueto, na figura 10, estabelece uma relação referencial de correspondência com a *ficção*, com aquilo que é lúdico. O resultado é um efeito de ironia sobre o objeto da definição. Podemos dizer que Zé Bonitinho é um pirigueto e, considerando o verbete dessa palavra, ele é um homem “galinha” para alguns; para outros, ele é “super popular”. Aqui, chamamos atenção para o caráter polifônico da ironia (BRAIT, 1996), ambíguo mesmo: Zé Bonitinho é um personagem egocêntrico, que elogia a si mesmo; ele elogia sua beleza e sua capacidade de conquistar as mulheres; solteiro, ele está disponível a todas elas, podendo ser considerado por isso um

<sup>50</sup> Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/pirigueto/>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

“pegador” ou um “galinha”. Para que a ambiguidade se desfaça, é necessário que o Locutor assuma no acontecimento aquilo que diz. Neste ponto, recorremos a Ducrot (1984), sem nos esquecermos, no que diz respeito ao acontecimento enunciativo e às figuras da enunciação, das diferenças teórico-metodológicas entre este autor e Guimarães (2002):

Falar de modo irônico é, para um locutor L, apresentar a enunciação como expressando a posição de um enunciador. Posição de que se sabe por outro lado que o locutor L não assume a responsabilidade, e, mais que isso, que ele a considera absurda. Mesmo sendo dado como o responsável pela enunciação, L não é assimilável a E, origem do ponto de vista expresso na enunciação. (DUCROT, 1984, p. 198)

Continuando, vejamos as demais palavras da tabela 6. A divisão do político na linguagem pode ser vista igualmente em ‘piriguetar’ e na sua variante ‘periguetá’. Tanto os dois verbetes de ‘piriguetar’ quanto o único verbete de ‘periguetá’ são formulados pelo Locutor identificado com o gênero masculino e designam o homem positivamente, ao contrário da maioria dos 62 verbetes da palavra ‘piriguite’, que (re)produzem juízos de valor negativo sobre a mulher. De acordo com o único verbete da palavra ‘periguetá’, escrito por Adm40 em 16/12/2014, esta ação pode ser parafraseada por “[se] divertir”, “brincar” ou “paquerar”. Como exemplo, o verbete traz o enunciado: *Vou sair para **periguetá** com os amigos*. Podemos fazer a seguinte paráfrase: “Vou sair para me divertir com os amigos”. O Locutor mobiliza um enunciador individual, que diz a partir de uma perspectiva masculina. Já os dois verbetes de ‘piriguetar’, escritos, respectivamente, por I. G.<sup>51</sup> em 21/01/2009 e pelo Dicionário inFormal em 05/12/2008, trazem, entre outras definições, “sair pra azarar”, “ficar facinho facinho”, “namorar pra caramba”, “ir atrás de piriguite”, “zuar” [sic]. O exemplo do verbete 1 de ‘piriguetar’ é: – *Vou ali no forró **piriguetar**!* O exemplo do verbete 2 é: *Joaquim já foi **piriguetar** na festa da cidade...* Isto nos permite dizer que o real da sexualidade está dividido desigualmente: o homem pode piriguetar; a mulher, não.

Como podemos ver, em nossa sociedade, a liberdade sexual masculina é vista como diversão, daí o humor, sua não-condenação; já a liberdade sexual feminina é vista como transgressão de valores, o que justificaria a injúria à mulher “transgressora”, sua condenação. Eis o político produzindo divisões e legitimando a violência contra a mulher. Sobre isso, nada mais revelador no Dicionário inFormal do que os sinônimos e os antônimos da palavra ‘piriguite’:

---

<sup>51</sup> Abreviamos tanto o nome quanto o sobrenome para evitarmos a sua identificação.

## 1. Piriguete

### Sinônimos de Piriguete:

cachorra puta serrona vadia prostituta piriguetei oferecida assanhada vagabunda pilantra aproveitadora gatinha mulher encantadora deusas diva safada interesseira menina garota mulher aparecida burra marafona biscate pirigas puxando uma cachorrinha pindaiba zoneira vaca putinha lindinha do pedaço vulgar ouriçada sekerendo saidinha impactogirl mulher fácil facil quenga passa fome sem futuro galinha vdia dada bioscate atirada piri vasilhame piranha perigosa sexy exploradora...

**Figura 11** – Sinônimos de ‘piriguete’ no Dicionário inFormal<sup>52</sup>

## 1. Piriguete

### Antônimos de Piriguete:

vagabundo descarado mulher sirigaita baranga barriada bandida virtuosa decente inteligente puta feliz numa boa enjoada séria difícil comportada recatada tímida comprometida mulher comportada mulher de respeito legal princesa santa mulher decente boazinha vadia vagabunda. recatada...

**Figura 12** – Antônimos de ‘piriguete’ no Dicionário inFormal<sup>53</sup>

Aqui, gostaríamos de fazer algumas observações sobre as figuras 11 e 12. Tomando por base Nunes (2006), podemos dizer que a imagem da língua portuguesa no Dicionário inFormal é a de um léxico abundante, pois não estamos diante de verbetes que apresentam um léxico conciso, dando-nos a ideia de justeza. Pelo contrário, o dizer do Dicionário inFormal é marcado por confusões, tal como vemos em ‘vagabundo’ e ‘descarado’, tidas como antônimos de ‘piriguete’; podemos nos deparar ainda com desvios de sentidos dominantes, tal como em ‘enjoada’; na maioria das vezes, estamos diante de uma “profusão de sinônimos” (NUNES, 2006, p. 154) e de antônimos, sendo que uma grande quantidade deles significa um discurso moralista. Na tabela 7, abaixo, apresentamos um exemplo:

**Tabela 7** – Sinônimo e antônimo de ‘piriguete’ que significam um discurso moralista

PIRIGUETE	
SINÔNIMO	ANTÔNIMO
decadência moral	virtuosa séria mulher decente e boazinha

Na tabela 7, ‘piriguete’ designa a mulher que representa a “decadência moral”; ela se opõe à mulher “virtuosa”, “séria”, “decente e boazinha”, que representa, segundo a posição-

<sup>52</sup> Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/sinonimos/piriguete/>>. Acesso em: 18 dez. 2020.

<sup>53</sup> Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/antonimos/piriguete/>>. Acesso em: 18 dez. 2020.

sujeito no interdiscurso, a moralidade. Convém ainda observarmos que uma mulher “boazinha” não é o mesmo que uma mulher “boa”. Os efeitos de sentido produzidos por “boazinha” parecem estar direcionados ao papel da mulher na família (ser uma ótima mãe, esposa, dona de casa etc.). Vejamos agora a tabela 8:

**Tabela 8** – Antônimo de ‘piriguete’  
que significa um discurso religioso

<b>PIRIGUETE</b>
<b>ANTÔNIMO</b>
santa

‘Piriguete’ designa a mulher que se opõe à “santa”. Essa palavra significa um discurso religioso com o qual o sujeito se identifica no interdiscurso. No acontecimento, temos como memorável a figura da mulher promíscua. Por sua vez, na tabela seguinte, apresentamos uma quantidade massiva de sinônimos relacionados a esse memorável. Nela, é interessante notarmos os antônimos, que, assim como os da tabela 7, significam um discurso moralista:

**Tabela 9** – Sinônimo e antônimo de ‘piriguete’  
que significam um discurso moralista

<b>PIRIGUETE</b>	
<b>SINÔNIMO</b>	<b>ANTÔNIMO</b>
vadia (2x)	difícil
assanhada	comportada
vagabunda (3x)	recatada
safada (2x)	tímida
biscate (2x)	comprometida
saidinha (2x)	mulher comportada
impactogirl (2x)	mulher de respeito
mulher fácil facil [sic]	
mulher fácil	
mulher facil [sic]	
quenga (2x)	
kenga [sic]	
vdia dada [sic]	
bioscate atirada [sic]	
sirigaita	
substituta	
dadeira	
dá bocada	
ouriçada	
sekerendo [sic]	
solteira	
dada	
promiscuidade	
insinuação	
pegar-geral	

cachorra (2x) vaca vaca a perigo galinha (2x) piranha (2x) puta (2x) prostituta (2x) prosti putinha puta feliz numa boa puta-sem-salário boquete	
---	--

Finalmente, falemos sobre as palavras ‘periguetismo’, ‘piriguetismo’, ‘piriguetinismo’ e ‘piriguetiação’, na tabela 6. ‘Periguetismo’ diz respeito a uma mulher “com trajés, trejeitos e atitudes de periguetete”. ‘Piriguetismo’, por sua vez, diz respeito ao “ato de piriguetar, ser piriguetete, ser dada, rodada”. Aqui, a expressão ‘ser piriguetete’, numa relação de enumeração, é reescriturada por expansão em ‘ser dada, [ser] rodada’. Em seguida, ‘piriguetete’ é reescriturada por definição em ‘Mulher fácil, safada, promíscua e geralmente não muito inteligente’. Além disso, ‘piriguetete’ é determinada por ‘E possivelmente possui uma ou mais doenças sexuais catalogadas ou não’. Nessa determinação, a liberdade sexual feminina é tomada no interdiscurso a partir de uma posição-sujeito machista que faz ressoar um discurso higienista: a piriguetete, assim como a prostituta do início do séc. XX, é responsável pela transmissão de doenças sexuais. Portanto, no verbete da palavra ‘piriguetismo’, o acontecimento recorta como memorável a figura da mulher promíscua. Neste ponto, chamamos atenção para a diferença entre a designação de ‘piriguetismo’ e a de ‘piriguismo’, esta última relacionada à poesia, e que ainda não está registrada no Dicionário inFormal. Pela semelhança fonética, elas poderiam se aproximar no sentido, mas se opõem. De acordo com o “Manifesto Piriguista”, de Ni Brisant e Luiza Romão:

Depois da última utopia  
Depois de despertado o último sonho  
A revolução, a verdadeira revolução  
Começará nas camas

O Piriguismo é um movimento  
Não só dos quadris, mas de corações  
Corpos, dedos e mentes  
O Piriguismo não vai cair  
No vestibular de 2069  
Mas, cuidado, ele pode cair na sua boca  
Ou de boca em você

Você pode não gostar dos piriguistas  
 Mas um dia ou uma noite um deles  
 Ou uma delas vai te pegar  
 Eles estão por todas as partes  
 Íntimas ou não  
 Inclusive pode haver um dentro de você  
 Agora

Você pode dizer que isso não é poesia  
 Que é xaveco, papo de balada  
 Mas poesia é o que a gente sente  
 O resto é esse blábláblá que chamam literatura

[...]

Se quiser saber mais sobre o Piriguismo  
 Não procura no Google  
 Aparece lá em casa  
 O Piriguismo não quer dominar o mundo  
 A gente quer todo mundo

[...]

O nosso manifesto fala sobre ser honesto  
 Com seus desejos, os do próximo  
 E de quem mais vier  
 A gente não prega o amor  
 A gente quer é libertá-lo de todas as correntes<sup>54</sup>

Quanto ao verbete sobre ‘piriguetinismo’, encontramos a expressão ‘arte de piriguetar’. A primeira impressão é a de que estamos diante de uma definição positiva sobre a piriguite; entretanto, deparamo-nos com o enunciado seguinte: “Quando a mulher abusa do conceito o que é ser uma mulher sensual, mais conhecidas como piriguetes”, caracterizando negativamente a piriguite pelo excesso de sensualidade. Aqui, encontramos uma forma popular de definição: “[É] Quando...”. Já ‘piriguetiação’ é o “ato de piriguetiar. Ação que ocorre quando uma pirigueti piriguiteia”. Como exemplo, temos: *Esse final de semana vou para a piriguetiação*, onde o Locutor, identificado por um nome geralmente atribuído ao gênero feminino, mobiliza um enunciador individual, que no exemplo faz uma alusão a um locutor-feminino.

A partir dos verbetes analisados no Dicionário inFormal, vemos que este instrumento linguístico caracteriza-se por uma baixa regulação. Nele, os falantes podem empregar uma escrita lúdica e criativa, que desloca sentidos sobre a língua, e sobre a escrita e a leitura do dicionário. No que diz respeito à palavra ‘piriguite’, os sentidos dominantes

<sup>54</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BTvmgO7xyxs>>. Acesso em: 19 dez. 2020.

atribuídos pelos falantes, embora machistas, não sofrem nenhuma intervenção do Dicionário inFormal, mesmo os mais violentos, apesar de ele nos dizer que pode intervir nas definições. O Dicionário inFormal mostra-nos uma tensão social em torno da sexualidade feminina, sobretudo quando ‘piriguite’ é sinônimo de ‘prostituta’; essa tensão, curiosamente, não aparece quando se trata da sexualidade masculina, pois os juízos de valor negativo sobre a piriguite se dão a partir de um discurso moralista que se serve do machismo como parte do conservadorismo autoritário presente na sociedade brasileira. Por sua vez, os juízos de valor positivo sobre a piriguite opõem-se a esse discurso moralista que se serve do machismo enraizado no conservadorismo autoritário. A palavra ‘piriguite’ se abre para outros sentidos, mostrando o gesto de pertencimento dos que não estão incluídos.

## 4.2 Aurélio Júnior

Antes de analisarmos a designação de ‘periguite’ no Aurélio Júnior, gostaríamos de chamar atenção sobre a noção de instrumento linguístico, tomada por nós a partir da noção de gramatização, o “processo que conduz a *descrever* e a *instrumentar* uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalingüístico: a gramática e o dicionário” (AUROUX, 1992, p. 65, grifos do autor). Esse saber metalingüístico, no verbete da palavra ‘periguite’, será, na cena enunciativa, atribuído a um enunciador universal assumido pelo Locutor, que irá se distanciar do dizer sobre a definição da palavra ‘periguite’ atribuído a um enunciador genérico.

Agora, tomemos um recorte de uma notícia sobre o lançamento do Aurélio Júnior e analisemos tanto a designação de seu nome quanto a de ‘periguite’. Em seguida, apresentaremos a análise da designação de ‘periguite’ no Aurélio Júnior.

### 4.2.1 A designação de ‘Aurélio Júnior’ e ‘periguite’ numa notícia

Apresentamos abaixo um recorte de uma notícia sobre o Aurélio Júnior. Essa notícia foi publicada no portal Terra, por ocasião do lançamento do referido dicionário na 15ª Bienal do Livro do Rio de Janeiro, em 2011. Vejamos o seu início:

(16)  
EDUCAÇÃO

**Com ‘periguite’ e ‘tuitar’, dicionário Aurélio tem edição júnior**

Aurélio Junior faz sucesso entre público adolescente

4 SET 2011 18h16 atualizado às 18h21

N. P.

Direto do Rio de Janeiro

O tradicional dicionário Aurélio percebeu a necessidade de incorporar alguns verbetes que estão na boca do povo brasileiro e ainda não tinham definição oficial. No lançamento do Aurélio Júnior, realizado na 15ª Bienal do Livro do Rio de Janeiro, os visitantes estavam entusiasmados com a novidade.

Na opinião da estudante I.<sup>55</sup>, 12 anos, as palavras incorporadas ao dicionário são muito úteis, já que fazem parte do dia-a-dia de sua geração. Antes de folhear o manual, ela sugeriu o significado de “periguete”, um dos novos verbetes. “Periguete é a garota que usa roupas curtas e sai com todos os garotos”, disse I. [...]<sup>56</sup>

Em (16), interessa-nos analisar primeiramente a designação de ‘Aurélio Júnior’, pois ela nos ajudará a compreender, em 4.2.2, a designação de ‘periguete’, nesse mesmo dicionário, como uma gíria do português brasileiro empregada genericamente pelos falantes a fim de identificar uma “Moça ou mulher que, não tendo namorado, demonstra interesse por qualquer um”.

Começamos pelo título. Nele, ‘Aurélio’ é determinado por ‘edição júnior’. No subtítulo, ‘Aurélio Júnior’ reescritura ‘Aurélio’ por expansão, produzindo o sentido de uma especificação. Finalmente, ‘Aurélio Júnior’ é determinado por ‘faz sucesso entre público adolescente’. Podemos dizer: “O dicionário Aurélio possui uma edição para o público adolescente e ela se chama Aurélio Júnior”.

No primeiro parágrafo da notícia, a formação nominal ‘dicionário Aurélio’ é determinada por ‘tradicional’ e por ‘percebeu a necessidade de incorporar alguns verbetes que estão na boca do povo brasileiro e ainda não tinham definição oficial’. O locutor-jornalista toma o Aurélio como um dicionário “tradicional” que possui o poder de *oficializar* a língua falada pelo “povo brasileiro”, e isso é feito na medida em que os “verbetes que estão na boca do povo” são incorporados ao Aurélio pelo locutor-lexicógrafo. Como podemos ver, a língua oficial, de acordo com o locutor-jornalista, é aquela contida no dicionário. Se a língua falada pelo “povo brasileiro” não está contida nele, ela não é oficial. Este modo de conceber o dicionário estabelece uma relação díspar com os falantes, que são tomados como sujeitos do não-saber sobre a língua padrão, tida como culta (ELIAS DE OLIVEIRA, 2006). Isso não condiz com o que diz o locutor-estudante, cujo nome próprio é atribuído geralmente ao gênero feminino; de

<sup>55</sup> Por se tratar de um dizer de uma pessoa menor de idade, abreviamos o nome da entrevistada.

<sup>56</sup> Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/com-periguete-e-tuitar-dicionario-aurelio-tem-edicao-junior,9c4a1a4045cea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 03 abr. 2020.

acordo com ele, o Aurélio Júnior se aproxima dos jovens ao incorporar palavras faladas por eles no dia a dia.

No que diz respeito à definição de ‘perigete’ feita pela entrevistada, a palavra em questão é reescriturada por substituição em ‘garota’ e essa reescrituração produz o sentido de uma especificação. Em seguida, ‘garota’ é determinada por ‘que usa roupas curtas e sai com todos os garotos’, o que nos permite a seguinte paráfrase: “A perigete usa roupas curtas e sai com todos os garotos”. Embora não haja aqui um juízo de valor negativo sobre a mulher que se relaciona afetiva e sexualmente com vários parceiros, o acontecimento recorta como memorável a figura da mulher cujo comportamento afetivo e sexual está relacionado às roupas curtas que ela veste. Isto se dá porque o Locutor feminino, dividido na cena enunciativa entre locutor-estudante feminino e enunciador individual, identifica-se com o discurso machista dominante a serviço de um conservadorismo autoritário e moralista segundo o qual a mulher que se veste com roupas curtas é promíscua.

#### 4.2.2 A designação de ‘perigete’ no Aurélio Júnior

Consideremos agora o verbete da palavra ‘perigete’ na 2ª edição do Aurélio Júnior (FERREIRA, 2011, p. 675):

**pe.ri.gue.te**      *subst.fem. Brasileirismo Gíria*

Moça ou mulher que, não tendo namorado, demonstra interesse por qualquer um.

Podemos ver que sua entrada se dá a partir da divisão silábica de ‘perigete’, a fim de que os consulentes saibam como dividir na escrita essa palavra. Em seguida, o verbete apresenta a categoria gramatical de ‘perigete’ e duas rubricas em itálico, a saber: *Brasileirismo* e *Gíria*. A partir de uma posição normativa, o Aurélio Júnior inscreve a palavra ‘perigete’ como um substantivo feminino falado no Brasil. Mais especificamente, de acordo com esse dicionário, ‘perigete’ é uma gíria brasileira.

Enunciativamente, vejamos como isso acontece. A palavra ‘perigete’ é determinada por *subst.fem.*, e essa determinação nos permite afirmar que ‘perigete’ é um substantivo feminino. Essa paráfrase é um processo de reescritura que se dá por definição e produz o sentido de uma especificação. Em seguida, encontramos outras duas determinações, as quais produzem também duas paráfrases. Na primeira, temos: ‘Perigete’ é um brasileirismo. Na segunda, temos: ‘Perigete’ é uma gíria.

Em “‘Periguite’ é um brasileirismo”, o acontecimento recorta como memorável o dizer sobre a diferença lexical entre o português falado no Brasil, em Portugal e em outros lugares que compõem a lusofonia. Utilizando uma expressão de Guimarães (2007b), o funcionamento da língua é afetado aqui por uma divisão horizontal, geográfica. Já em “‘Periguite’ é uma gíria”, o acontecimento recorta como memorável o dizer sobre a divisão do português brasileiro entre os falantes, sendo que a palavra ‘periguite’ é falada pelos jovens. Aqui, podemos afirmar que o funcionamento da língua é afetado por uma divisão vertical, social (GUIMARÃES, 2007b).

Na cena enunciativa, o Locutor fala a partir do lugar social de lexicógrafo e mobiliza um enunciador universal, pois ele é representado pela enunciação “como sendo o lugar do qual se diz sobre o mundo” (GUIMARÃES, 2002, p. 26). Trata-se de um lugar de dizer caracterizado “como fora da história e submetido ao regime do verdadeiro e do falso” (*id.*, *ibid.*, p. 26). No interdiscurso, o Locutor, ao ser tomado como locutor-lexicógrafo, pelo funcionamento da língua no espaço de enunciação, é agenciado pela posição normativa da gramática e do dicionário tradicionais. Assim, a “relação dos falantes com a língua está regulada por uma relação com a língua do Estado, enquanto uma língua, a língua (una) do Estado: gramatizada, normatizada” (GUIMARÃES, 2002, p. 21). Por sua vez, vemos que essa língua gramatizada, normatizada, segundo Guimarães (2002, p. 21), “é dividida, de tal modo que ela é uma e é diferente disso”.

No que diz respeito ao enunciado definidor, ‘periguite’ é reescriturada pelo sintagma ‘Moça ou mulher’. Essa reescrituração se dá por definição e produz o sentido de uma generalização, como nos atesta a conjunção alternativa ‘ou’. De acordo com essa generalização, a periguite não é necessariamente uma jovem: é qualquer mulher, jovem ou adulta que, “não tendo namorado, demonstra interesse por qualquer um”. Considerando essa determinação, podemos fazer a seguinte paráfrase: “A periguite demonstra interesse por qualquer um”, onde a expressão ‘qualquer um’ reforça o sentido de generalização. O acontecimento recorta como memorável, segundo a posição-sujeito sustentada no interdiscurso pelo Locutor, a figura da mulher promíscua, interessada em “qualquer um”. Na cena enunciativa, o Locutor fala a partir do lugar social de lexicógrafo e mobiliza um enunciador genérico, pois ele é representado pela enunciação como independente da história. Em outras palavras, se a normatividade do dicionário é assumida pelo enunciador universal, o dizer do Locutor sobre a periguite, na definição, “é dito como aquilo que todos dizem” (GUIMARÃES, 2002, p. 25). Ou melhor, retomando o recorte da notícia no portal Terra sobre o lançamento do Aurélio Júnior, em 4.2.1,

o que o Locutor diz sobre a periguite é dito como aquilo que os falantes brasileiros dizem no dia a dia – como o faz, por exemplo, a estudante I. Uma possível paráfrase dessa definição poderia ser:

(17) A periguite demonstra interesse por qualquer um, pois ela não tem namorado.

Tal como diz Guimarães (1987) a respeito da conjunção *pois*, em (17) o enunciado *ela não tem namorado* constitui o argumento que sustenta *A periguite demonstra interesse por qualquer um*. Em outras palavras, não ter namorado é apresentado em (17) como causa de a periguite demonstrar interesse por qualquer um. E essa orientação argumentativa não se constitui a partir de nenhum raciocínio lógico: ela se constitui no e pelo acontecimento enunciativo, que, “ao fazer a língua funcionar, constitui estas relações em virtude dos memoráveis que recorta” (GUIMARÃES, 2007b, p. 214). Mais especificamente, em (17) o Locutor fala no interdiscurso a partir de uma posição-sujeito machista segundo a qual a mulher que não tem namorado é tomada negativamente, como promíscua. Note-se que podemos parafrasear (17) por (17’):

(17’) A periguite demonstra interesse por qualquer um, pois ela é promíscua.

Avançando mais uma vez na análise, a cena enunciativa do verbete da palavra ‘periguite’ no Aurélio Júnior nos permite identificar a coexistência de dois enunciadores, um universal e outro genérico. O enunciador universal é um lugar de dizer que se projeta sobre o Locutor, que, no interdiscurso, se inscreve numa posição-sujeito normativa sobre a língua. O enunciador genérico significa a inscrição do Locutor numa posição-sujeito machista em que a mulher dona de sua sexualidade é vista negativamente, como promíscua, interessada em “qualquer um”.

Aqui, é importante destacarmos que o Locutor, na definição, mobiliza um enunciador genérico que apaga o lugar social de lexicógrafo. Dito de outro modo, o enunciador genérico produz o efeito de que o Locutor não fala a partir do lugar social de lexicógrafo, mas como e com outros falantes brasileiros que usam o português informal no dia a dia. Desse modo, o Aurélio Júnior, na definição, produz o efeito de que ele estaria se distanciando do que é dito sobre a periguite, uma vez que ele estaria apenas *oficializando*, a partir do lugar da ciência, a classe gramatical, a região geográfica em que a palavra é dita pelos falantes e o seu nível de linguagem. Mais especificamente: o que é dito sobre a palavra ‘periguite’, na entrada do

verbetes, produz o efeito de verdade universal; já na definição, o que é dito sobre a moça ou a mulher identificada por essa palavra não produz o efeito de verdade universal, mas funciona genericamente sob o modo do “todo mudo sabe” que no Brasil se fala ‘periguete’ para identificar a moça ou a mulher solteira interessada em “qualquer um”. Na prática, porém, considerando o verbete 8 da palavra ‘periguete’ no Dicionário inFormal, analisado em 4.1.1.3, “Verbetes relacionados à palavra ‘periguete’”, entendemos que o Aurélio Júnior é um fator de legitimação da posição-sujeito machista que sustenta no interdiscurso a definição da palavra ‘periguete’, pois, pelo

fato deste ser, antes de tudo, um instrumento de consulta, a definição [dos dicionários tradicionais] goza de um estatuto particular: ela é sempre mais ou menos considerada como “boa”, “sem restrições de uso”, intercambiável de um dicionário a outro. (MAZIÈRE, 1989, p. 47)

É claro, iniciativas como as do Dicionário inFormal permitem que sentidos relacionados ao dicionário tradicional e à língua definida por ele sejam questionados, desestabilizados, pelos falantes. Mas o fato é que, enquanto instrumento linguístico, o Aurélio Júnior constitui a língua nacional e oficial e constrói um saber sobre ela, configurando o espaço de enunciação do português brasileiro. A(s) língua(s) funciona(m) nesse espaço, que constitui o falante como uma figura política. Por sua vez, a língua nacional e oficial é tomada pelo dicionário tradicional em sua transparência, enquanto língua imaginária (ORLANDI; SOUZA, 1988).

No que diz respeito à cena enunciativa do verbete da palavra ‘periguete’, ela se constitui a partir de uma divisão. O acontecimento recorta como memorável a língua nacional e oficial. Essa língua nacional e oficial é, por sua vez, dividida em língua formal e informal pelo Locutor, que, a partir do lugar social de lexicógrafo, e mobilizando um enunciador universal, inscreve a palavra ‘periguete’ na língua informal.

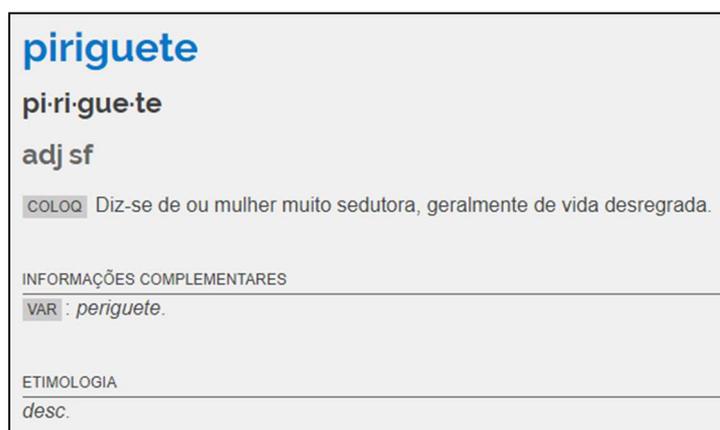
Num segundo momento, o acontecimento recorta como memorável a figura da moça ou da mulher promíscua que “demonstra interesse por qualquer um”; assumindo esse dizer, temos um enunciador genérico. O Locutor identifica-se com o enunciador universal, não se responsabilizando pelo dizer do enunciador genérico. Esses dois lugares de dizer, universal e genérico, são projetados sobre o Locutor, que no interdiscurso se inscreve numa posição-sujeito que impõe regras em relação à língua e em relação à sexualidade feminina. Com isso, concordamos com Elias de Oliveira (2006, p. 20, grifo nosso): o dicionário tradicional “pode

não só nos contar algo da palavra, mas também nos permitir *flagrar* modos de dizer a sociedade na qual ela funciona”. O Aurélio Júnior é um reflexo de nossa época.

Na próxima seção, veremos que o Michaelis On-Line toma a palavra ‘piriguite’ como uma variante de ‘piriguite’, e a designação de ambas ocorre de modo semelhante à de ‘periguite’ no Aurélio Júnior.

### 4.3 Michaelis On-Line

No Michaelis On-Line, encontramos o verbete das palavras ‘piriguite’ e ‘periguite’. Tomemos o primeiro:



**Figura 13** – Verbetes da palavra ‘piriguite’ no Michaelis On-Line<sup>57</sup>

No verbete acima, encontramos a divisão silábica de ‘piriguite’ e, em seguida, duas rubricas, a saber: adj e sf, que significam as classes gramaticais de ‘piriguite’. Mais especificamente: adj significa ‘adjetivo’ e sf, ‘substantivo feminino’. Abaixo, antes da definição, encontramos uma outra rubrica, a saber: COLOQ, que significa ‘coloquial’. E, após a definição, sob o título de INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES, encontramos ainda uma outra rubrica: VAR. De acordo com ela, a variante de ‘piriguite’ é ‘periguite’. No item ETIMOLOGIA, descobrimos que a origem de ‘piriguite’ é desconhecida.

Estamos diante de três processos de reescritura e eles se dão por definição, produzindo o sentido de uma especificação: ‘piriguite’, de um lado, é um adjetivo e um substantivo feminino; de outro, pertence ao registro coloquial da língua portuguesa. Na cena enunciativa, o Locutor fala a partir do lugar social de lexicógrafo e mobiliza um enunciador

<sup>57</sup> Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/piriguite/>>. Acesso em: 08 abr. 2020.

universal, pois ele, fora da história e submetido ao regime do verdadeiro e do falso, fala sobre o mundo, ou melhor, a língua portuguesa, descrevendo-a. No interdiscurso, o Locutor fala a partir da posição-sujeito normativa da gramática e do dicionário tradicionais, posição essa que divide desigualmente o português em formal e coloquial, constituindo o espaço de enunciação dessa língua no Brasil. Como o espaço de enunciação é constituído pelo político, podemos notar aqui uma contradição, a saber: ao incluir o dizer coloquial, o Michaelis On-Line (e também o Aurélio Júnior) inscreve esse modo de dizer naquilo que é tido como parte da língua nacional e oficial. Assim, tem-se reforçada a normatividade da língua ao mesmo tempo em que se expõe as suas diferenças.

Na definição, ‘piriguete’ é reescriturada por ‘mulher muito sedutora, geralmente de vida desregrada’, e essa reescrituração produz o sentido de uma especificação. Na cena enunciativa, dadas as relações entre as figuras da enunciação (Locutor, locutor-x e enunciador) e as formas linguísticas do enunciado “Diz-se de ou mulher muito sedutora, geralmente de vida desregrada”, o Locutor, enquanto origem do dizer, fala a partir do lugar social de lexicógrafo e mobiliza desta vez um enunciador genérico, pois ele é representado pela enunciação “como dizendo com todos os outros” (GUIMARÃES, 2002, p. 25). Mais especificamente: tendo em vista o índice de indeterminação do sujeito ‘se’ em ‘Diz-se’ e o advérbio ‘geralmente’, o que é dito na definição “é dito como aquilo que todos dizem” (*id.*, *ibid.*, p. 25). No interdiscurso, o Locutor fala a partir de uma posição-sujeito machista. Vejamos agora o verbete da variante ‘periguete’:



Figura 14 – Verbetes da palavra ‘periguete’ no Michaelis On-Line<sup>58</sup>

No verbete acima, encontramos a divisão silábica de ‘periguete’ e as rubricas adj, sf e COLOQ, que determinam a palavra em questão. Recorrendo-nos à paráfrase, temos também

<sup>58</sup> Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/periguete/>>. Acesso em: 08 abr. 2020.

três especificações. Assim como ‘piriguite’, a variante ‘periguite’, segundo o Michaelis On-Line, é um adjetivo e um substantivo feminino; além disso, ‘periguite’ pertence ao registro coloquial da língua portuguesa. Mas, ao invés de o verbete apresentar a definição de ‘periguite’, logo após a rubrica COLOQ, tal como acontece com o verbete de ‘piriguite’, ele apresenta em itálico a letra ‘v’, que significa o verbo ‘ver’. Em outras palavras, para sabermos a definição de ‘periguite’, precisamos ver o verbete de ‘piriguite’.

Por fim, o item ETIMOLOGIA apresenta a origem da palavra em questão. De acordo com ele, ‘periguite’ deriva de ‘perigo’, à qual se acrescenta o sufixo ‘-ete’. Isto nos permite dizer que, segundo o Michaelis On-Line, a piriguite/periguite é uma mulher perigosa. Aqui, o juízo de valor negativo sobre a mulher encontra-se não no sufixo ‘-ete’, mas no radical ‘perigo’. Estamos, pois, diante de uma contradição: ‘periguite’ não nos parece uma variante de ‘piriguite’, mas sim uma palavra formada pelo processo de derivação: à unidade de significado lexical ‘perigo’ junta-se o sufixo ‘-ete’, uma unidade de significado gramatical. No entanto, a etimologia conhecida (“mulher perigosa”) está em ‘piriguite’ cuja definição nos leva à ‘periguite’. Nesse momento, surge-nos uma dúvida: por que a piriguite/periguite é uma mulher perigosa?

#### 4.3.1 Duas definições de ‘piriguite’

A fim de respondermos à pergunta feita, observemos, na definição de ‘piriguite’, o índice de indeterminação do sujeito ‘se’ e a conjunção alternativa ‘ou’. A definição de ‘piriguite’ desdobra-se em duas: 1) *Diz-se de mulher muito sedutora, geralmente de vida desregrada*; 2) *Mulher muito sedutora, geralmente de vida desregrada*. Se a primeira definição retoma um enunciado que circula genericamente na sociedade, a segunda diz respeito a uma definição referencial, que se dá por intensão, apresentando as propriedades da coisa definida. Nela, o Locutor mobiliza um enunciador universal.

Quanto às propriedades da coisa definida, temos o efeito de sentido segundo o qual a vida desregrada da piriguite se dá em função de ela ser muito sedutora. Isto nos permite dizer que, se a piriguite é muito sedutora, a vida corre perigo, pois ‘vida desregrada’ é sinônimo de ‘vida sem regras’. Poderíamos aqui nos perguntar: “Quais regras?” Para que possamos responder a essa pergunta, tomemos no Michaelis On-Line a definição de ‘sedutor’ e ‘desregrado’, e observemos o funcionamento da hiperonímia, considerando que o léxico, a

sintaxe e a enunciação estão intrinsecamente ligados no discurso (MAZIÈRE, 1989; NUNES, 1996, 2006).

**sedutor**  
 se·du·tor  
 adj  
 1 Que seduz, que faz cair em erro ou culpa.  
 2 Que atrai ou fascina; encantador, tentador.  
 sm  
 1 Aquele que seduz ou encanta.  
 2 **JUR** Aquele que leva uma menor à conjunção carnal, aproveitando-se de sua inexperiência. 3  
**JUR** Aquele que induz uma mulher à prática sexual, com promessa de casamento.  
 ETIMOLOGIA  
 lat *seductor*.

**Figura 15** – Verbete da palavra ‘sedutor’ no Michaelis On-Line<sup>59</sup>

A partir do verbete acima, podemos fazer as seguintes paráfrases a respeito da piriguete:

- (18) A piriguete seduz, faz cair em erro ou culpa.
- (19) A piriguete atrai ou fascina.
- (20) A piriguete é encantadora.
- (21) A piriguete é tentadora.
- (22) A piriguete é aquela que seduz ou encanta.

Aqui, vamos assumir que a piriguete é uma mulher muito atraente e tentadora. Nesse sentido, ‘sedutora’ é sinônimo de ‘atraente’ e ‘tentadora’, que, dependendo da formação discursiva, podem ser sinônimos de ‘faz cair em erro ou culpa’. A paráfrase “A piriguete é aquela que encanta” produz outro efeito de sentidos, pois ela se inscreve em outra formação discursiva. Vejamos agora o verbete de ‘desregrado’:

<sup>59</sup> Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sedutor/>>. Acesso em: 08 abr. 2020.

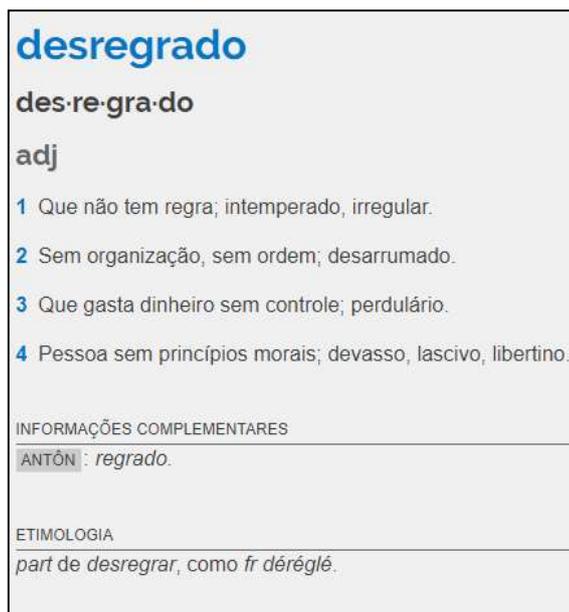


Figura 16 – Verbete da palavra ‘desregrado’ no Michaelis On-Line<sup>60</sup>

A partir desse verbete, vamos assumir que a piriguete é uma mulher de vida desregrada, isto é, sem princípios morais. Em outras palavras, ela é devassa, lasciva, libertina. Aqui, ‘devassa’, ‘lasciva’ e ‘libertina’ reescreveram por expansão ‘mulher sem princípios morais’, produzido o sentido de uma enumeração. Vejamos como esse deslizamento de sentidos ocorre no Michaelis On-Line:

- (23) A piriguete é uma mulher muito sedutora, geralmente de vida desregrada.  
 (23’) A piriguete é uma mulher muito sedutora, geralmente sem princípios morais.  
 (23’’) A piriguete é uma mulher muito sedutora, geralmente devassa, lasciva, libertina.  
 (23’’’) A piriguete é uma mulher muito sedutora, geralmente perigosa.

‘Muito sedutora’ é sinônimo de ‘vida desregrada’, que, por sua vez, é sinônimo de ‘sem princípios morais’. Portanto, uma vida desregrada é uma vida sem princípios morais. Não obstante, ‘sem princípios morais’ é sinônimo de ‘devassa, lasciva, libertina’, que, finalmente, têm como sinônimo ‘perigosa’. Em suma, a moralidade de que fala o Michaelis On-Line diz respeito à sexualidade da mulher.

Voltemos agora à definição de ‘piriguete’: “Diz-se de ou mulher muito sedutora, geralmente de vida desregrada”. Nessa definição, o acontecimento recorta como memorável a figura da mulher promíscua, “sem princípios morais”, pois ela é “devassa”, “lasciva” e “libertina”. Aqui, tal como acontece com ‘periguete’ no Aurélio Júnior, a liberdade sexual do

<sup>60</sup> Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/desregrado/>>. Acesso em: 08 abr. 2020.

gênero feminino é tomada negativamente, como perigosa, e isso se dá porque o Locutor, no interdiscurso, ocupa uma posição-sujeito machista.

Como podemos ver, no Michaelis On-Line, tanto o verbete da palavra ‘piriguete’ quanto o de sua variante ‘periguete’ se constituem a partir do funcionamento do político na linguagem. De um lado, temos a posição normativa da gramática e do dicionário tradicionais, que sistematiza a palavra ‘piriguete’ e a sua variante ‘periguete’. De outro, na definição de ‘piriguete’ e na etimologia de ‘periguete’, temos no interdiscurso uma posição-sujeito machista que (re)produz um juízo de valor negativo sobre a liberdade sexual da mulher. Segundo essa posição, tal liberdade é perigosa. E ao tomar como perigosa a liberdade sexual da mulher, o Michaelis On-Line estabelece um paradigma moral sobre o seu comportamento sexual. As regras, supostamente ausentes na vida da piriguete, são morais.

Isso nos permite concluir que a unidade dos verbetes estudados até aqui é, parafraseando Guimarães (1995, p. 67), “um efeito do modo de presença de posições no acontecimento enunciativo”. No plano discursivo, a “enunciação [...] se dá como o lugar de posições de sujeito que são os liames do acontecimento com a interdiscursividade” (GUIMARÃES, 1995, p. 68). Em nosso caso, temos no interdiscurso uma posição-sujeito machista sustentando um conservadorismo autoritário. No plano enunciativo, se olharmos para a cena enunciativa dos verbetes estudados no Aurélio Júnior e no Michaelis On-Line, o Locutor fala a partir do lugar social de lexicógrafo e mobiliza dois enunciadores, um universal e outro genérico. Enquanto o dizer sobre a língua é atribuído ao enunciador universal, com quem o Locutor se identifica, garantindo assim as condições de felicidade (AUSTIN, 1962) do ato performativo dos verbetes na lexicografia moderna tradicional, o dizer sobre a piriguete/periguete é atribuído ao genérico, de quem o Locutor se distancia.

#### 4.4 Revista Caras e revista Veja São Paulo

Nesta seção, analisaremos primeiramente a designação de ‘piriguete’ em uma matéria publicada no site da revista Caras. Em seguida, analisaremos a designação de ‘periguete’ em uma matéria publicada no site da revista Veja São Paulo. As análises consistirão na remissão de uma materialidade significativa a outra. A noção de materialidade significativa é tomada de Lagazzi (2012, p. 1), que a compreende como uma “cadeia estruturante falha, cuja materialidade específica (verbal, visual, sonora, gestual...) fica exposta à produção de significações”.

Para que possamos então compreender a designação de ‘piriguete’ na revista Caras e a de ‘periguete’ na revista Veja São Paulo, vamos, sem esquecer que a materialidade significante se constitui na incompletude e na falha (LAGAZZI, 2015, 2017, 2018), remeter tanto os enunciados em que as palavras ‘piriguete’ e ‘periguete’ funcionam a partir da relação integrativa quanto as imagens das mulheres identificadas por essas duas palavras ao interior de seu funcionamento discursivo. Assim, veremos que a mulher identificada por ‘piriguete’/‘periguete’, por não ser pobre, é tomada como sensual, não-vulgar.

#### 4.4.1 A designação de ‘piriguete’ na revista Caras

A matéria “Look piriguete: saiba como montar o seu e arrasar” foi publicada no site da revista Caras no dia 30 de agosto de 2012 e, depois, foi atualizada em 22 de fevereiro de 2013. Chamamos atenção, desde já, para sua textualidade de navegação na internet, pois a matéria possui quatro links, o que “implica uma nova maneira de ler e a possibilidade de passar instantaneamente de uma ‘página’ para outra em um espaço aberto” (MAINGUENEAU, 2010, p. 137). Apresentamos um recorte da matéria:

(24)

FASHION

**Look piriguete: saiba como montar o seu e arrasar**

quinta 30 agosto, 2012



**Moda piriguete: vestidos justos, saias curtas, decotes e transparências** Foto-montagem

Consultora de moda dá dicas de como aproveitar o melhor do look piriguete e atrair olhares (mas pelas razões certas)<sup>61</sup>

<sup>61</sup> Disponível em: <<https://caras.uol.com.br/fashion/look-piriguete-saiba-como-montar-o-seu-e-arrasar.phtml>>. Acesso em: 21 mai. 2020.

Em (24), o Locutor é identificado por um nome próprio comumente atribuído ao gênero feminino, abreviado aqui por ‘J. C.’. Como veremos, o gênero feminino é importante neste recorte, pois ele determina o agenciamento do Locutor, que, autorizado a falar como jornalista da revista *Caras*, enuncia a partir de uma perspectiva feminina, como nos atestam as formas ‘fashion’ e ‘arrasa’. Na cena enunciativa, temos então um Locutor feminino que se divide em locutor-jornalista feminino e enunciador individual, como evidencia a expressão entre parênteses “mas pelas razões certas”, claramente um comentário particular do Locutor feminino, que, por sua vez, está numa relação de alocação com um Alocutário feminino. Mais precisamente, um alocutário-leitor feminino da revista *Caras*, como nos indica o título da matéria. Recorrendo-nos à paráfrase, podemos inicialmente dizer:

(24a) O look piriguete é fashion, por isso a mulher que monta o seu arrasa.

Nessa paráfrase, é possível afirmarmos que *fashion* é a causa do efeito de arrasar. Essa articulação está relacionada ao discurso-transverso no eixo do intradiscurso, isto é, o “funcionamento do discurso com relação a si mesmo” (PÊCHEUX, 1975, p. 153). Estamos aqui diante de uma fashionização da piriguete, do seu estilo de se vestir. Considerando a expressão ‘saiba como montar o seu [look piriguete]’ e a imagem das três mulheres, temos:

(24a’) A mulher que sabe montar o seu look piriguete de acordo com a consultora de moda na revista *Caras* arrasa.

Em (24a’), importa-nos destacar, de um lado, a consultora de moda e a revista *Caras*, na posição de quem julga possuir um saber sobre o que é *fashion*; de outro, por meio da forma verbal *saiba* e do possessivo *seu*, a(s) mulher(es) leitora(s) que se identifica(m) com a revista *Caras* na posição de quem não sabe(m) o que é *fashion* e, por isso, precisa(m) consultá-la; finalmente, temos o referente ‘look piriguete’, glamourizado nas imagens. Como veremos, esse gesto de glamourização é atravessado pelo político.

Se retomarmos o restante do recorte (24), podemos observar que o sintagma ‘moda piriguete’ faz parte de um enunciado constituído por uma relação apositiva (GUIMARÃES, 2011b), pois, assim como ‘moda piriguete’ reescritura por substituição ‘look piriguete’, presente no título da matéria, produzindo uma sinonímia, esse sintagma, por sua vez, é reescriturado apositivamente por ‘vestidos justos, saias curtas, decotes e transparências’, o que nos permite dizer:

(24b): Vestidos justos, saias curtas, decotes e transparências compõem a moda piriguete, que é fashion.

(24b’): Vestidos justos, saias curtas, decotes e transparências compõem o look piriguete, que é fashion.

(24b’’) : Vestidos justos, saias curtas, decotes e transparências arrasam.

Em (24b) e (24b’), ‘piriguete’, ao contrário dos verbetes analisados anteriormente, não reescritura nenhuma palavra, mas determina respectivamente ‘moda’ e ‘look’. Em (24b’’), ‘arrasam’ determina ‘Vestidos justos, saias curtas, decotes e transparências’. Nessa determinação, o acontecimento recorta como memorável a figura da mulher empoderada. Por sua vez, o futuro projeta como interpretável a mulher que, em relação à beleza, busca competir com as outras mulheres.

Avancemos agora com o que falta do recorte (24), logo após a imagem das três mulheres e sua legenda. Tomemos o enunciado

(24c) Consultora de moda dá dicas de como aproveitar o melhor do look piriguete e atrair olhares (mas pelas razões certas).

Interessa-nos aqui os efeitos de sentido que se dão a partir de *melhor* e de *mas*. De acordo com (24c), só podemos aproveitar “o melhor do look piriguete” porque ele possui o seu pior. Há, pois, uma contradição na designação de ‘look piriguete’ e ela se dá devido ao político, que produz uma divisão dos sentidos da expressão, pois o que se considera fashion na revista *Caras* não é qualquer “look”.

Se nas análises anteriores ‘piriguete’ designa a mulher que é tomada como interesseira, promíscua ou empoderada, no recorte (24) ‘piriguete’ designa o modo como a mulher se veste, glamourizando-o. Mas note-se que apenas o estilo de se vestir da piriguete é, em parte, valorizado em (24); e o comportamento da piriguete continua a sofrer um juízo de valor negativo na revista *Caras*. Isto se dá quando olhamos para o funcionamento do *mas*. É ele que nos permite afirmar que as piriguetes atraem olhares pelas razões que *não* são certas. Podemos dizer:

(24c’) Consultora de moda dá dicas de como descartar o pior do look piriguete para você atrair olhares positivos das outras mulheres.

Na paráfrase acima, o locutor-jornalista feminino mobiliza um enunciador individual, e a formação discursiva a que o Locutor se filia inscreve o novo na repetição. O

novo aqui diz respeito ao fato segundo o qual ‘piriguete’ determina ‘look’, cujos sentidos se dividem: há o melhor e o pior do look piriguete. Estamos na presença daquilo que Pêcheux (2011b, p. 148) chama de “discurso de um outro e/ou discurso do Outro”. Trata-se de um “corpo sócio-histórico de traços discursivos que constitui o espaço de memória da sequência” (*id.*, *ibid.*, p. 125). Pêcheux ainda nos observa: é o interdiscurso que “caracteriza esse corpo de traços como materialidade discursiva, exterior e anterior à existência de uma sequência dada, na medida em que esta materialidade intervém para constituir tal sequência” (*id.*, *ibid.*, p. 145-146). Quanto à repetição sem a qual ‘look piriguete’ não se dá, ela diz respeito ao discurso machista em que as piriguetes são vulgares:

(24c’’) Consultora de moda dá dicas de como descartar o pior do look piriguete para não atrair olhares masculinos mal-intencionados.

(24c’’’) As mulheres que leem a revista Caras não devem atrair olhares masculinos mal-intencionados, tal como as piriguetes.

(24c’’’’) As piriguetes atraem olhares masculinos mal-intencionados.

(24c’’’’’) As piriguetes são vulgares.

As paráfrases acima constituem-se no acontecimento como um interpretável, aquilo que é tido como uma temporalidade futura. Nessa nova temporalidade, as mulheres identificadas por ‘piriguetes’ recebem um juízo de valor negativo. Já ‘look piriguete’ designa um modo de se vestir, que pode ser fashion ou vulgar. Eis como a materialidade intervém para constituir o recorte (24).

Tomemos agora a designação de ‘periguete’ em uma matéria no site da revista Veja São Paulo.

#### 4.4.2 A designação de ‘periguete’ na revista Veja São Paulo

Tomemos o seguinte recorte:

(25)

Cidades

##### **O ataque das periguetes em São Paulo**

Lindas, solteiras e ousadas, as Suelens da cidade adoram exibir o corpo sarado, ganhar drinks dos pretendentes e fazer das baladas seu principal habitat

Por **J. B. Jr.** – Atualizado em 1 Jun 2017, 18h11. Publicado em 28 Jul 2012, 00h50



Capa 2280 – Periguetes – G. S. A. M.<sup>62/63</sup>

Nesse recorte, a expressão ‘Suelens da cidade’ faz referência à personagem Suelen, interpretada pela atriz Isis Valverde na novela Avenida Brasil, transmitida pela Rede Globo entre 26 de março e 19 de outubro de 2012. A expressão ‘Suelens da cidade’ constitui uma eponímia. Por eponímia entendemos o processo segundo o qual um nome próprio passa a designar não mais uma pessoa mas sim várias, como se fosse um nome comum (HENRIQUES, 2004). Mais especificamente, ‘Suelens’ constitui-se a partir de uma relação metonímica com ‘Suelen’, o antropônimo que lhe deu origem.

Avançando na análise, a expressão ‘Suelens da cidade’ reescritura por substituição, em uma relação de sinonímia, ‘periguetes em São Paulo’, presente no título da matéria. Em seguida, ‘Suelens da cidade’ é determinada por ‘Lindas, solteiras e ousadas’, de um lado, e por ‘adoram exibir o corpo sarado, ganhar drinks dos pretendentes e fazer das baladas seu principal habitat’, de outro. Considerando essas duas determinações e o processo de reescrituração anterior, temos as seguintes paráfrases:

- (25a) As periguetes são lindas, solteiras e ousadas.
- (25a’) As periguetes são independentes.
- (25b) As periguetes têm um corpo sarado e adoram exibi-lo.
- (25c) As periguetes ganham drinks dos seus pretendentes.
- (25c’) As periguetes são cortejadas pelos homens.
- (25d) As periguetes são encontradas nas baladas.
- (25d’) As periguetes gostam de se divertir.

Em (25), o Locutor é identificado por um nome próprio atribuído geralmente ao gênero masculino; ele fala como jornalista masculino e mobiliza um enunciador individual. O que o Locutor diz se dá a partir de uma posição-sujeito no interdiscurso em que o homem deseja

<sup>62</sup> Abreviamos o nome completo da mulher na foto para a sua não-identificação.

<sup>63</sup> Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/ataque-periguetes-sao-paulo/>>. Acesso em: 11 jun. 2020.

e corteja a periguetes, que se oferece para ele. Se observarmos as paráfrases (25c) e (25c'), a liberdade sexual da mulher não é tomada negativamente, ao contrário, por exemplo, de muitos verbetes no Dicionário inFormal segundo os quais a periguetes/periguetes é uma mulher interesseira, que procura os homens para se aproveitar deles financeiramente. Embora 'periguetes' designe em (25) as mulheres independentes, é o homem, vale destacarmos, que as deseja e as corteja. A iniciativa de sedução possui agentes diferentes, segundo a mulher se ofereça ou o homem a corteje. Isso produz uma contradição, quando voltamos ao título: "O ataque das periguetes em São Paulo". Como elas podem atacar, se são cortejadas? Os homens são seduzidos pelas periguetes. Podemos parafrasear o título assim: "A sedução das periguetes em São Paulo".

Tendo isso em consideração, tomamos neste trabalho as palavras 'piriguetes' e 'periguetes' como objetos paradoxais (PÊCHEUX, 2011a), pois o seu funcionamento se dá a partir da "relação de forças móveis, em mudanças confusas, que levam a concordâncias e oposições extremamente instáveis" (PÊCHEUX, 2011a, p. 116). É isso o que permite às palavras 'piriguetes' e 'periguetes' designarem a mulher ora negativamente ora positivamente. No acontecimento enunciativo, ocorre um agenciamento do falante, pois a enunciação não é uma prática individual ou subjetiva, mas sim uma prática política em que o falante, ao enunciar, ocupa, enquanto sujeito, uma região do interdiscurso, este entendido como uma memória de sentidos, memória essa a que o sujeito não tem acesso, pois está afetado pelo esquecimento que se significa no acontecimento.

#### 4.4.3 O equívoco na revista Caras e na revista Veja São Paulo

Além da imagem no recorte (24), a matéria da revista Caras traz outras onze imagens ao seu término, sendo que a primeira, a sexta e a sétima são idênticas às que vemos no início. A título de ilustração, tomemos um novo recorte, constituído por uma imagem da periguetes e sua respectiva legenda:

(26)



**Legenda:** “Os vestidos também podem ser ‘soltinhos’, desde que valorizem o corpo de outra maneira / Divulgação TV Globo”.

Considerando (26), podemos dizer: “A piriguite usa vestidos soltinhos que lhe valorizam o corpo de outra maneira”. Na cena enunciativa, o Locutor fala a partir do lugar social de jornalista e mobiliza um enunciador individual. O acontecimento recorta como memorável a figura da mulher empoderada e projeta como interpretável a mulher que sabe se vestir de acordo com o critério fashion proposto na reportagem.

Antes de chegarmos ao final da matéria, podemos acessar a “galeria de piriguetes históricas”. Com um clique, vemo-nos diante de uma nova página no site da revista Caras, onde encontramos uma nova matéria, intitulada “De Cleópatra a Suelen de Avenida Brasil: a evolução das piriguetes na história e o que elas nos ensinam”<sup>64</sup>. A galeria, logo após o texto, é composta por 29 imagens e suas respectivas legendas. Aqui, o gesto da revista Caras é o de tomar a palavra ‘piriguite’ como uma categoria universal, não importando o lugar e o tempo. Vejamos três exemplos:

(27)



**Legenda:** “Cleópatra ganhou o coração de Júlio César, que mais tarde viria a ser seu amante, com um belo presente: ela mesma enrolada em um tapete. A foto é de Elizabeth Taylor, que viveu a rainha egípcia no cinema, em 1963 / Reprodução”.

<sup>64</sup> Disponível em: <<https://caras.uol.com.br/arquivo/caras-especiais/de-cleopatra-suelen-de-avenida-brasil-evolucao-das-piriguetes-na-historia-e-o-que-elas-nos-ensinam.phtml>>. Acesso em: 21 mai. 2020.

(28)



**Legenda:** “Brigitte Bardot conquistou o título de sex symbol por causa da beleza de seu corpo, que estava sempre em evidência nos filmes em que atuava / Reprodução”.

(29)



**Legenda:** “Jennifer Lopez é amada pelos homens e um ícone de beleza para as mulheres. Aos 43 anos, a cantora exibe um corpo de dar inveja / Splash News”.

Considerando os recortes (27), (28) e (29), podemos, respectivamente, fazer as seguintes paráfrases:

(27a) A piriguete é capaz de ganhar o coração dos homens.

(28a) A piriguete é uma sex symbol por causa da beleza de seu corpo.

(29a) A piriguete possui um corpo de dar inveja às outras mulheres, mesmo aos 43 anos.

Em (27a), o acontecimento recorta como memorável a figura da mulher que, na busca por ganhar o “coração dos homens”, concorre com as outras mulheres, causando-lhes inveja, justamente por ser uma “sex symbol”. Avançando na análise, no site da revista Caras, podemos assistir à entrevista à TV Caras da jornalista especializada em moda e coordenadora do GNT Fashion, L. P. Não obstante, podemos também conferir, no site dessa jornalista, o editorial de moda piriguete:

(30)

Periguêtemos!

28.08.2012

Maiô Cyann (R\$ 343), calça jeans Yes London (R\$ 545) e brinco Renner (R\$ 27,90)

Fenômeno de 2012? Nem pensar: há pelo menos 5 anos, o termo circula, seja na **música**, seja na boca do **povo**. Com diferentes grafias (**periguete** parece a mais correta, com o termo ligado a “perigo”; mas o pessoal gosta de escrever **piriguete** mesmo), na capa da “**Veja SP**” ou indo à forra com o sucesso da **personagem Suelen**, na **novela “Avenida Brasil”**, a tribo periguete virou **Trending Topic** porque talvez esteja superando a conotação pejorativa para assumir um lado quase **feminista** e libertário, de revisão de **papéis sexuais**. A mulher periguete malhou tanto que se orgulha do corpo gostoso que tem e quer mostrá-lo sim, por puro prazer e não pra se transformar em objeto de submissão do homem... Ela cai em cima, chama pra sair e não liga no dia seguinte se não estiver a fim!<sup>65</sup>

Na primeira página do site de L. P., encontramos o enunciado “Periguêtemos!”, seguido da imagem de uma modelo vestida com o “look piriguete”. Abaixo da imagem,

<sup>65</sup> Disponível em: <<https://www.lilianpacce.com.br/moda/periguete-editorial/>>. Acesso em: 21 mai. 2020.

encontramos a descrição das roupas e dos brincos que a modelo usa. A descrição traz o nome da grife e o valor de cada produto. Além dessa imagem, o site mostra outras dez imagens. Neste ponto, chamamos atenção para o enunciado “talvez [a tribo piriguete] esteja superando a conotação pejorativa para assumir um lado quase **feminista** e libertário, de revisão de **papéis sexuais**”. A nosso ver, esse enunciado sinaliza as oposições instáveis de que fala Pêcheux (2011a), ao definir o objeto paradoxal.

Por fim, no site da revista Caras, podemos conferir a “galeria de famosas que aderiram à moda piriguete”. Com 26 imagens, ela é precedida do texto “Moda piriguete: sexy ou vulgar?”. A seguir, trazemos um recorte desse texto:

(31)

[...] em um país tropical como o nosso, não é pecado nenhum desfilarmos roupas sexy, ainda mais se o corpo permite tal ousadia. Mas qual é o limite entre [o] sensual e [o] vulgar? Naturalmente, o bom senso é o que determina a característica do look. E mesmo mulheres elegantes às vezes ‘escorregam’ e cometem exageros nos decotes e fendas. Mas é possível ser sensual sem parecer piriguete, no significado real do termo. E como fica claro em nossa galeria de imagens, o pirigueteísmo não é exclusividade da ficção e nem está limitado às fronteiras brasileiras, é um fenômeno global.<sup>66</sup>

No recorte (31), podemos notar que ‘sensual’ opõe-se ao “significado real” de ‘piriguete’, cujo sinônimo é ‘vulgar’. Na cena enunciativa, o Locutor divide-se em locutor-jornalista e mobiliza um enunciador coletivo, como nos atestam as formas *nosso* e *nossa*. Podemos dizer:

(31a) Nós da revista Caras afirmamos que é possível que a mulher seja sensual sem ser vulgar como a piriguete, que não possui bom senso.

Aqui, entendemos que as revistas Caras e Veja São Paulo normatizam o estilo de se vestir e o modo de ser da piriguete/periguete. Essa normatização é uma redivisão pelo político dos sentidos da palavra. Segundo as duas revistas, as mulheres identificadas por ‘piriguetes/periguetes’ são vulgares, pois não têm bom senso quando compram suas roupas. Elas não se vestem de acordo com a revista Caras, que traz uma consultora de moda para explicar o que é fashion. Se voltarmos ao recorte (30), pela imbricação de ‘Periguetemos!’ com a imagem da modelo, a descrição da roupa que ela veste e o seu valor, podemos interpretar o enunciado ‘Periguetemos!’ como ‘Compremos roupas de grife!’, ‘Causemos inveja às outras mulheres!’. Isto nos permite dizer que há em (30) uma divisão de classe social na designação

<sup>66</sup> Disponível em: <<https://caras.uol.com.br/arquivo/caras-especiais/moda-piriguete-sexy-ou-vulgar.phtml#image24>>. Acesso em: 21 mai. 2020.

de ‘piriguete’/‘periguete’. Quando substituímos a expressão ‘bom senso’ por ‘dinheiro’, não nos resta dúvida sobre essa divisão: “As piriguetes/periguetes são vulgares, pois não têm dinheiro quando compram suas roupas”. Assim, a vulgaridade de que fala a revista Caras diz respeito à pobreza: se a roupa justa com a qual a mulher se veste é de grife, ela é sensual; se a roupa justa não é de grife, a mulher é vulgar.

A título de ilustração, tomemos outras duas imagens e suas respectivas legendas da “galeria de famosas que aderiram à moda piriguete”:

(32)



**Legenda:** “Rihanna aparece em mais um look ousado no 54º Annual Grammy Awards, em Los Angeles / Getty Images”.

(33)



**Legenda:** “Em ‘A vida da gente’, Regiane Alves interpretou a oportunista Cris, que abusava de seus atributos físicos para ascender socialmente / TV Globo / Estevam Avellar”.

Considerando os recortes que vão de (24) a (33), ‘piriguete’ e ‘periguete’ designam a mulher empoderada. Essa mulher se veste com roupas de grife que realçam “seus atributos físicos”. Trata-se de vestidos justos, “soltinhos”, saias curtas, decotes e transparências, o que faz da piriguete uma mulher sensual e ousada. Ela ostenta um padrão de corpo e de consumo considerado ideais. Se retomarmos as figuras 3 e 4 sobre as vedetes na Revista do Rádio, podemos dizer que a piriguete está no caminho da fama e da fortuna. Ela “se orgulha do corpo gostoso que tem e quer mostrá-lo sim, por puro prazer e não pra se transformar em objeto de

submissão do homem...”. Se olharmos para o recorte (33), a piriguete é capaz de abusar de “seus atributos físicos para ascender socialmente”. Aqui, o acontecimento enunciativo recorta como memorável a figura da mulher interesseira. O Locutor, dividido entre locutor-jornalista e enunciador individual, ocupa no interdiscurso uma posição-sujeito atravessada pela formação discursiva capitalista segundo a qual o reconhecimento social da mulher se dá pelo que ela tem, a começar pelos seus “atributos físicos”. O “corpo ideal” funciona metonimicamente como indicativo sucesso. Como diz Bertagnoli (2011), nessa formação discursiva, o *ter* é mais importante do que o *ser*. O sujeito identificado com esse discurso deseja ascender socialmente, a começar tendo um “corpo ideal”.

Como último exemplo, vejamos a capa da revista *Veja São Paulo* dedicada às periguetes de que fala o recorte (30):



Figura 17 – Capa da revista *Veja São Paulo* de 1º de agosto de 2012<sup>67</sup>

<sup>67</sup> Disponível em: <<https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1076344342-veja-sp-periguetes-sim-spikes-modalidades-olimpicas- JM>>. Acesso em: 11 jun. 2020.

Na figura 17, onde não há nenhuma mulher negra, as periguetes são admiradas “por seus atributos naturais e artificiais”, por isso elas têm “orgulho do corpão”. Levando em consideração os recortes que vão de (24) a (33), podemos dizer que as imagens que compõem o *corpus* selecionado para a análise desta seção estão sob o mesmo processo discursivo, cujo efeito de sentido é o de *empoderamento*. Em (24), por exemplo, a imagem da modelo Isabeli Fontana, em desfile da grife de luxo Dolce & Gabbana; da tenista Serena Williams e da atriz Isis Valverde, interpretando a personagem Suelen da novela “Avenida Brasil”, são porta-vozes das piriguetes na revista Caras. Elas representam, respectivamente, a modelo, a esportista e a atriz bem-sucedidas tanto do ponto de vista físico (todas têm o chamado “corpo ideal”) quanto do ponto de vista socioeconômico (são famosas, reconhecidas profissionalmente e ricas, por isso não dependem de homem nenhum).

Da mesma forma, em (29), temos a cantora e atriz estadunidense Jennifer Lopez em uma performance musical. Com uma roupa sensual, brilhante e transparente, que lhe realça as curvas do corpo, ela significa, nessas condições de produção, a mulher empoderada. A própria imbricação da imagem (roupa e posição de Jennifer Lopes no palco) com a legenda produz o efeito de sentido de empoderamento. Uma mulher que, aos 43 anos, como diz a legenda, “exibe um corpo de dar inveja [às outras mulheres]”. Uma mulher que não se transforma em “objeto de submissão do homem”; que é capaz de “cair em cima”, de “chamar pra sair” e de “não ligar no dia seguinte se não estiver a fim!”.

No entanto, como ensina Pêcheux (1988), o lógico é atravessado por equívocos; o ritual de linguagem não é um ritual sem falhas. É interessante observarmos, quanto a isso, que a atriz Isis Valverde, ao interpretar a personagem Suelen da novela “Avenida Brasil”, se torna, no plano ficcional, não porta-voz das piriguetes que compõem as classes sociais A e B, mas porta-voz daquelas que desejam fama e riqueza. Isso ocorre também em (33) com a personagem Cris, interpretada pela atriz Regiane Alves na novela “A vida da gente”, transmitida pela Rede Globo entre 26 de setembro de 2011 e 2 de março de 2012. Há, portanto, no que diz respeito à designação da palavra ‘piriguite’, uma contradição na revista Caras e no site de L. P. Essa contradição se instala inclusive na ortografia de ‘piriguite’, tida pelo locutor-jornalista feminino como uma variante de ‘periguite’, ao contrário do Michaelis On-Line, que toma ‘periguite’ como variante de ‘piriguite’. Segundo o locutor-jornalista feminino, o nome está diretamente ligado à coisa, referindo-se à mulher perigosa. Esse efeito de literalidade se dá a partir do efeito ideológico (ORLANDI, 1999). A contradição permanece sob a presença de limites equívocos: entre quem pertence às classes sociais A e B, de um lado, e quem não

pertence, de outro; entre a ficção e a realidade; entre a personagem e a atriz; entre a modelo e a consumidora no shopping; entre o passado e o presente; entre o que é sexy e o que é vulgar, entre o universal e o particular. Nesse sentido, as palavras ‘piriguete’ e ‘periguete’, enquanto objetos paradoxais, são como um “campo de forças” (PÊCHEUX, 2011a, p. 119). Nelas, o processo de reprodução ideológico não significa repetição do mesmo, pois nos deparamos com o imprevisível, com a resistência.

Podemos concluir que a palavra ‘piriguete’, seja no site da revista Caras, seja no site de L. P., e a palavra ‘periguete’, seja no site da revista Veja São Paulo, seja na figura 17, identificam a mulher que faz parte das classes sociais A e B; de um lado, designam não a mulher tida como “vulgar”, mas a mulher tida como “sensual”, empoderada, reconhecida socialmente, independente em relação ao homem; de outro, contraditoriamente, designam a mulher dependente da indústria da moda, identificada com o discurso do “corpo ideal” e com o discurso da burguesia como forma-sujeito do modo de produção capitalista. Nesse sentido, o empoderamento está aqui reduzido a uma “mera expressão das liberdades individuais” (BERTH, 2020, p. 51). Ele segue “reproduzindo lógicas de opressões com outros grupos, em vez de se pensar no empoderamento como conjuntos de estratégias necessariamente antirracistas, antissexistas e anticapitalistas” (*id., ibid.*, p. 51).

Diante disso, surge-nos uma inquietação. Baseando-nos em Pêcheux (1990, p. 17), perguntamo-nos: como (as mulheres podem) se “despedir do sentido que reproduz o discurso da dominação”? Como (elas podem) fazer o irrealizado irromper no já estabelecido?

Passemos a palavra a Ribeiro (2019, p. 89): é preciso “pensar outras possibilidades de existências para além das impostas pelo regime discursivo dominante”. É preciso questionar hoje a “legitimidade que é conferida a quem pertence ao grupo localizado no poder” (RIBEIRO, 2019, p. 68). E isso se dá por meio da desestabilização, da criação de fissuras e tensionamentos. Como bem diz Pêcheux (1982, p. 281), “é preciso ‘ousar se revoltar’”, “é preciso ‘ousar pensar por si mesmo’”.

Em outras palavras, o “lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas” (RIBEIRO, 2019, p. 69). Portanto, precisamos refutar uma “pretensa universalidade” e “lutar para romper com o regime de autorização discursiva” (*id., ibid.*, p. 69). No caso da piriguete/periguete, devemos questionar: por que a mulher pertencente a um grupo subalterno, quando se veste com roupas curtas que não são de grife, é vulgar? E por que a mulher pertencente a um grupo privilegiado, quando se veste com roupas curtas de grife,

é sensual e ousada? Podemos concluir que, no trabalho do político sobre os sentidos, a divisão de classes opera aqui sobre a divisão de gênero.

## 5. OUTROS ‘-ETES’

Analisemos agora o modo como ‘coro(n)guete’, ‘empreguete’, ‘advoguet(t)e’, ‘professorete’, ‘enfermeirete’ e ‘patro(n)ete’ designam a mulher. Com isso, esperamos compreender em diversas materialidades enunciativas os sentidos de ‘piriguete’ e ‘periguete’ transportados pelo sufixo ‘-ete’ às palavras femininas acima, que discursos sustentam os sentidos que funcionam como juízos de valor negativo sobre a mulher, e de que modo discursos de reação ressignificam, no dizer dos falantes, as palavras contemporâneas em ‘-ete’.

### 5.1 ‘Coro(n)guete’

No Dicionário inFormal, encontramos o verbete de ‘coronguete’. Se pensarmos na palavra ‘vovoguete’, em que, segundo Cândido, Gonçalves e Almeida (2016), sua formação se deve à fusão de bases (*blend lexical*), parece que estamos diante de um processo semelhante ao descrito pelos autores: assim como ‘vovoguete’, ‘coronguete’ é uma palavra-valise (ALVES, 1990) formada pelo cruzamento vocabular (GONÇALVES, 2016) de ‘coroa’ com ‘-guete’, uma parte de ‘piriguete’/‘periguete’. Resta-nos saber se o sufixo ‘-ete’, presente em ‘piriguete’ e ‘periguete’, transporta os sentidos dessas duas palavras para ‘coronguete’. Vejamos:

#### 1. Coronguete

Significado de **Coronguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 01-07-2017

Mulher mais velha, também conhecida como “coroa”. É a junção da palavra piriguete com a palavra coroa.

*Minha avó é uma coronguete.*<sup>68</sup>

No verbete acima, ‘Mulher mais velha’, numa relação de especificação, reescritura por substituição ‘coronguete’. Utilizando a paráfrase, podemos dizer: “A coronguete é uma mulher mais velha”. Na cena enunciativa, o Locutor fala a partir do lugar social de lexicógrafo e mobiliza um enunciador individual. Em seguida, o sintagma ‘Mulher mais velha’ é reescriturado por ‘coroa’ e essa reescrituração se dá igualmente por substituição, porém ela produz o sentido de uma sinonímia, o que nos permite dizer: “A mulher mais velha é também conhecida como coroa”. Na cena enunciativa, o Locutor mobiliza desta vez um enunciador

<sup>68</sup> Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/coronguete/>>. Acesso em: 07 jun. 2020.

genérico, como nos atesta a expressão *também conhecida*. A coexistência de dois enunciadores na cena enunciativa, um individual e outro genérico, significa a explicação da palavra ‘coronguete’ feita pelo enunciador individual a partir de um dizer atribuído a um enunciador genérico. Em outras palavras, há um enunciador genérico que, em um acontecimento específico, toma a palavra ‘coroa’ para identificar a mulher mais velha e esse enunciador é, em outro acontecimento, mobilizado pelo Locutor, que explica a formação de ‘coronguete’ a partir do dizer de um enunciador individual, numa nova temporalização.

Avançando na análise, encontramos o enunciado “É a junção da palavra piriguete com a palavra coroa”. Aqui, podemos dizer que ‘coronguete’ se dá a partir da junção de ‘piriguete’ com ‘coroa’, o que, por sua vez, nos permite dizer: “A coronguete é uma piriguete mais velha”. Nessa paráfrase, podemos notar que o Locutor não especifica, recorrendo à metalinguagem, nem o radical nem o sufixo da palavra ‘coronguete’. A neologia parece traduzir a “capacidade natural [do falante] de renovação do léxico de uma língua pela criação e incorporação de unidades novas, os neologismos” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 17). Finalmente, no exemplo do verbete, temos: *Minha avó é uma coronguete*. Na cena enunciativa desse enunciado, o Locutor volta a mobilizar um enunciador individual, como nos atesta o pronome possessivo *Minha*.

Tomemos agora a palavra ‘coronguete’, encontrada bastante nas redes sociais. Ao contrário de ‘coronguete’, no Dicionário inFormal, sua designação tem mais a nos dizer sobre o gênero feminino e o funcionamento do sufixo ‘-ete’ na relação com ‘piriguete’ e ‘periguete’. Na relação entre texto e imagem, as figuras 18 e 19 a seguir projetam, como efeito do particular sobre o geral, sentidos sobre a mulher negra e sobre a mulher identificada como “coroa”; tais sentidos desestabilizam os sentidos dominantes que encontramos na designação de ‘piriguete’/‘periguete’, inscrevendo exemplos de mulheres que contrariam preconceitos arraigados na sociedade. Vejamos a figura 18:



**Figura 18** – Postagem feita nas redes sociais<sup>69</sup>

Nessa figura, temos uma homenagem a uma mulher negra que faz aniversário. Embora tenhamos dificuldade para identificar o lugar social a partir do qual o Locutor é agenciado a falar, ele se dirige a um alocutário-aniversariante feminino e mobiliza dois enunciadores, um coletivo e outro individual. No acontecimento de enunciação, o sintagma ‘essa pessoa incrível’ é reescriturado por expansão em ‘Mulher forte, guerreira’ e essa reescrituração produz o sentido de uma enumeração. Em seguida, ‘Mulher forte, guerreira’ é determinada por ‘que embarca nas nossas loucuras e contagia a todos com seu carinho’. Finalmente, após o enunciado “Feliz aniversário meu amor! @t.s.55”<sup>70</sup>, encontramos algumas hashtags, dentre as quais, ‘#bday.’<sup>71</sup> e ‘#coroquete’. Aqui, lembramos que a hashtag é uma palavra que, na internet, vem do inglês. Vemos que o espaço de enunciação do português brasileiro é, como nos diz Guimarães (2002, p. 19), “também ocupado pela língua inglesa”, uma vez que ‘#bday.’ é a abreviação de ‘#birthday.’ (‘#aniversáriot.’).

Considerando agora a segunda hashtag como parte integrante de um texto composto pela imagem de uma mulher negra a que o sintagma ‘essa pessoa incrível’ se refere no recorte, podemos fazer as seguintes paráfrases:

<sup>69</sup> Disponível em: <<https://gramho.com/explore-hashtag/coroquete>>. Acesso em: 07 jun. 2020. Lembramos que a tarja preta é para a não-identificação de nome e sobrenome.

<sup>70</sup> Abreviamos o nome e o sobrenome para a sua não-identificação.

<sup>71</sup> Abreviamos o primeiro nome, iniciado por ‘t’.

- (34) Essa coroguete é uma mulher forte, guerreira e carinhosa.  
 (34') Essa mulher negra é uma mulher forte, guerreira e carinhosa.

(34) faz ressoar (34') pela imbricação entre texto e imagem em sua relação com a memória de sentidos. Considerando o que diz Pêcheux (1990, p. 17), o Locutor parece se “despedir do sentido que reproduz o discurso da dominação” e produzir um gesto afetivo que rompe com as relações de força e antagonismo, pois a mulher não é tomada a partir de “seus atributos físicos naturais e artificiais”, associados, no discurso dominante brasileiro, tal como pudemos ver, na capa da revista *Veja* São Paulo, de 1º de agosto de 2012 (cf. figura 17), à juventude e às mulheres brancas, pertencentes a grupos privilegiados. A mulher não é tampouco tomada a partir de seu status social. Ao projetar como interpretável o enunciado “Essa coroguete é uma mulher forte, guerreira e carinhosa”, o futuro do acontecimento se dá a partir de um passado de enunciações em que a sociedade brasileira caracteriza-se pelo conflito, e a mulher negra precisa ser forte, como uma guerreira, enfrentando as dificuldades oriundas da desigualdade social, de gênero e raça. Isto porque a posição-sujeito no interdiscurso se contrapõe à posição machista segundo a qual a mulher subordina-se ao homem. Passemos à análise da figura 19:



**Figura 19** – Postagem feita nas redes sociais<sup>72</sup>

<sup>72</sup> Disponível em: <<https://gramho.com/explore-hashtag/coroguete>>. Acesso em: 07 jun. 2020.

Na figura acima, temos também uma homenagem a uma mulher negra que faz aniversário. Na cena enunciativa, o Locutor fala inicialmente a partir do lugar social de filha e, dirigindo-se ao alocutário-mãe, mobiliza um enunciador individual. Podemos ver que ‘minha Guerreira’ é reescriturada por ‘minha #Coroquete’, que, por sua vez, é reescriturada por ‘minha Mãe’. Essas reescrituras se dão por substituição e produzem o sentido de uma sinonímia entre ‘coroquete’ e ‘guerreira’:

(35a) Minha mãe é uma coroquete.

(35a’) Minha mãe é uma guerreira.

Além disso, ‘espírito guerreiro’, ‘nunca virou a cara a uma luta’, ‘nunca se deixou diminuir ou derrotar por qualquer dificuldade’ e ‘heroína de verdade, daquelas que fazem as personagens fictícias ficarem envergonhadas’ determinam ‘minha #Coroquete’, de modo que podemos dizer:

(35b) Minha mãe nunca vira a cara a uma luta.

(35c) Minha mãe nunca se deixa diminuir ou derrotar por qualquer dificuldade.

(35d) Minha mãe é uma heroína de verdade, daquelas que fazem as personagens fictícias ficarem envergonhadas.

Assim como em (34), o Locutor fala em (35) a partir de uma posição-sujeito no interdiscurso oposta a uma posição-sujeito machista. Em “Vida longa a minha Mãe Senhor”, ele, dirigindo-se a outro Alocutário, divide-se em locutor-fiel e enunciador individual. O acontecimento de enunciação projeta como interpretável o reconhecimento e o carinho do locutor-filha em relação à mãe. Ocupando o lugar social de fiel, o Locutor pede ao alocutário-deus que sua mãe tenha uma vida longa. Como memorável, temos a luta individual de uma mãe negra em um país marcado pelo conflito racial, embora não saibamos se a luta de que fala o recorte (35) está relacionada ao racismo, o que nos permitiria identificar uma posição-sujeito anti-racista no interdiscurso. Vejamos o último recorte a respeito da palavra ‘coroquete’:



**Figura 20** – Postagem feita nas redes sociais<sup>73</sup>

Ao contrário das figuras 18 e 19, a figura 20 nos mostra um Locutor que, na cena enunciativa, se divide entre locutor-aniversariante e mobiliza um enunciador individual. No acontecimento de enunciação, ‘#coroa’ é reescriturada por substituição em ‘#coroquete’ e essa reescrituração produz o sentido de uma sinonímia. Aqui, podemos fazer a seguinte paráfrase: “A coroquete é uma coroa”. Podemos também dizer que ‘#coroquete’ é determinada, dentre outras coisas, por ‘#35’, ‘#togata’, ‘#eumeamo’ e ‘#orgulho’, o que nos permite fazer as seguintes paráfrases:

- (36a) Sou uma mulher que possui 35 anos.
- (36b) Sou uma mulher que se acha bonita.
- (36c) Sou uma mulher que se ama.
- (36d) Sou uma mulher que se orgulha de quem é.
- (36e) Sou uma coroquete.

Na figura 20, parece que estamos diante de uma das “formas históricas de assujeitamento na sociedade digital” (DIAS, 2018, p. 20). Não que isso não se dê nas figuras 18 e 19, uma vez que elas são “postagens” que “circulam” na internet. Na figura 20, o Locutor feminino, ao “postar”, dentre outras coisas, ‘#35’, ‘#togata’, ‘#eumeamo’ e ‘#orgulho’, elogia

<sup>73</sup> Disponível em: <<https://gramho.com/explore-hashtag/coroquete>>. Acesso em: 07 jun. 2020.

a si mesmo a partir de uma posição-sujeito no interdiscurso em que a beleza é importante, sobretudo para a mulher que passou dos trinta anos e, segundo o senso comum, “não é mais jovem”. Opondo-se a esse enunciado que se constitui no acontecimento, o Locutor diz que a “idade mais importante é a que você tem agora”. Estamos, pois, diante de alguém que está fazendo aniversário e enuncia isso numa rede social. O enunciado, juntamente com as três imagens do Locutor feminino, sendo uma delas uma *selfie*, é “postado” para o outro. De acordo com Dias (2018, p. 158), esse modo de subjetivação pelo digital é “significado pela ideia da circulação”. Como diz a autora (*id.*, *ibid.*): “Uma postagem tem que circular. É pela circulação que se dá sua eficácia tecnológica, sendo a viralização o grau máximo dessa eficácia”. Podemos dizer que o Locutor feminino divide-se em locutor-internauta-aniversariante e, mobilizando um enunciador individual, dirige-se a um alocutário-internauta cujo lugar de dizer, se considerarmos as formas ‘sua’ e ‘você’, é também individual. Ao contrário das figuras 18 e 19, ‘coroquete’ não designa uma mulher “guerreira”, mas uma “mulher que se orgulha de quem é”.

## 5.2 ‘Empreguete’

No Dicionário inFormal, encontramos quatro verbetes da palavra ‘empreguete’. Tomemos o primeiro:

### 1. Empreguete

Significado de **Empreguete** Por m. (SC) em 25-05-2012

Empregada, faxineira.

*Aquela empreguete limpa a casa como ninguém!*<sup>74</sup>

Nesse verbete, ‘empreguete’ é, numa relação de sinonímia, reescriturada por ‘Empregada, faxineira’. Recorrendo-nos à paráfrase, podemos dizer: 1) “A empreguete é uma empregada, isto é, uma faxineira”; 2) “‘Faxineira’ é sinônimo de ‘empregada’”. No exemplo, encontramos o enunciado *Aquela empreguete limpa a casa como ninguém!*, onde *limpa a casa como ninguém!* determina *Aquela empreguete*. Considerando a cena enunciativa desse enunciado, o Locutor, identificado por um nome geralmente atribuído ao gênero feminino, abreviado aqui por ‘m.’, divide-se em locutor-lexicógrafo feminino e enunciador individual. Podemos dizer: “Na minha opinião, ninguém limpa a casa como aquela empreguete!”. O

<sup>74</sup> Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/empreguete/>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

acontecimento de enunciação projetada como interpretável não o reconhecimento profissional das empregadas domésticas, mas o de uma em particular, como nos atesta a expressão *Aquela empreguete*. Neste ponto, recorremos ao imaginário social da empregada doméstica estigmatizada “em uma narrativa que apazigua a contradição social” (ZOPPI FONTANA, 2017a, 140). De acordo com ele, o reconhecimento da empregada doméstica pela “patroa” se dá devido ao seu esforço individual em “*limpar a casa como ninguém!*”. Não se coloca em questão os direitos trabalhistas de uma categoria e a exploração que ela sofre por parte de uma burguesia que, insistindo na informalidade dessa atividade profissional, significa o “espaço doméstico como um não-lugar que escaparia à categorização jurídica da relação de trabalho” (*id.*, *ibid.*, 131).

Aqui, podemos nos perguntar pelas condições de trabalho da empregada doméstica. Avançando na análise, trazemos abaixo o recorte (37), composto pela letra da música “Vida de Empreguete”:

(37)

**Vida de Empreguete**

Todo dia acordo cedo  
Moro longe do emprego  
Quando volto do serviço quero o meu sofá  
Tá sempre cheia a condução  
Eu passo pano, encero chão  
A outra vê defeito  
Até onde não há

Queria ver madame aqui no meu lugar  
Eu ia rir de me acabar  
Só vendo a patroinha aqui no meu lugar  
Botando a roupa pra quarar

[...]

Levo vida de empreguete, eu pego às sete  
Fim de semana é salto alto  
E ver no que vai dar

Um dia compro apartamento e viro socialite  
Toda boa  
Vou com meu ficante viajar<sup>75</sup>

---

<sup>75</sup> Disponível em: <<https://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2012/05/19/globo-divulga-videoclipe-caseiro-das-empreguetes-de-cheias-de-charme.htm>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

No recorte (37), o Locutor fala como empregada doméstica e mobiliza um enunciador individual. Na penúltima estrofe da letra da música, o sintagma ‘de empreguete’ determina ‘vida’, presente no enunciado “Levo vida de empreguete, eu pego às sete”, que, por sua vez, reescritura por condensação toda a primeira estrofe, produzindo o sentido de uma totalização. No acontecimento, temos como memorável a figura da empregada doméstica que, no Brasil, leva uma vida difícil: ela acorda cedo, mora longe do emprego, pega a condução lotada e, não obstante, é criticada no trabalho pela “madame”.

Nas duas últimas estrofes da música, a empreguete coloca o salto alto no fim de semana e espera “ver no que vai dar”. Considerando que a expressão ‘salto alto’ significa metonimicamente se produzir para sair, o acontecimento recorta como memorável a figura da mulher empoderada, dona de sua sexualidade, pois ela, como diz a própria letra da música, possui um “ficante” e almeja, um dia, após comprar um apartamento e “virar” socialite, viajar com ele. Neste ponto, tomamos a metaforização do apartamento, da socialite e da viagem com o namorado como uma alegoria do sucesso (ZOPPI FONTANA, 2017a). Isto porque o Locutor fala a partir de uma posição-sujeito no interdiscurso identificada com o discurso neoliberal segundo o qual o sucesso é fruto do esforço individual. Assim como Zoppi Fontana (2017a, p. 137), entendemos que essa identificação resulta no “apagamento da luta política, da organização coletiva, das políticas públicas e dos avanços na universalização dos direitos trabalhistas” das empregadas domésticas.

Com isso, podemos fazer uma afirmação sobre a designação de ‘empreguete’. De um lado, temos o memorável da empregada doméstica cuja atividade profissional é informal; de outro, temos o memorável da mulher empoderada, que é dona de sua sexualidade e financeiramente independente. Se o primeiro memorável nos parece estar relacionado ao radical ‘empreg-’ de ‘empregada’, o segundo nos parece estar relacionado ao sufixo ‘-ete’ de ‘piriguete’, cuja designação diz respeito à mulher que, embora não se identifique com a posição-sujeito machista, “deseja ascender socialmente”, pois ela está identificada com o discurso neoliberal sob a alegoria do sucesso.

Vejamos agora o verbete 2:

## 2. Empreguete

Significado de **Empreguete** Por c. e. t. (SP) em 11-08-2012

Empregada, faxineira, diarista, doméstica.

*Marta, ouvir dizer que a sua empreguete é a melhor do país!*<sup>76</sup>

Nesse verbete, ‘Empregada’ reescritura ‘empreguete’ por substituição, produzindo o sentido de uma definição. Em seguida, ‘faxineira’, ‘diarista’ e ‘doméstica’ reescreveram ‘Empregada’ e essa reescritura produz o sentido de uma enumeração sinonímica. Recorrendo-nos à paráfrase, temos: ‘Faxineira’, ‘diarista’ e ‘doméstica’ são sinônimos de ‘empregada’, que define ‘empreguete’. Isto nos permite dizer que ‘faxineira’, ‘diarista’ e ‘doméstica’ também definem ‘empreguete’. Aqui, parece que ‘empreguete’ não traz nada de novo, uma vez que ‘empregada’ é posta na enumeração como sinônima.

No exemplo, encontramos o enunciado *Marta, ouvir [sic] dizer que a sua empreguete é a melhor do país!*, onde *é a melhor do país!* determina *sua empreguete*. Considerando a cena enunciativa, o Locutor, identificado por um nome atribuído ao gênero masculino, divide-se em locutor-lexicógrafo masculino e enunciador individual, que, por sua vez, faz uma alusão a um locutor-feminino responsável por dizer: “Marta, ouvir [sic] dizer que a sua empreguete é a melhor do país!”. Tal como no verbete 1, o acontecimento de enunciação projeta como interpretável o reconhecimento de uma empregada doméstica, não de uma categoria profissional devidamente reconhecida. Nesse sentido, o sufixo ‘-ete’ pode ser interpretado como tendo um valor eufemístico, pois ele atenua a valoração negativa de ‘empregada’, compreendida como doméstica. Em outras palavras, ele é uma das formas de retomar o “mito da suposta ‘cordialidade doméstica’ que caracteriza o convívio de diferentes no seio da casa (grande) brasileira” (ZOPPI FONTANA, 2017a, p. 128).

A fim de avançarmos na análise da designação de ‘empreguete’ no Dicionário inFormal, peguemos o verbete 3:

### 3. Empreguete

Significado de **Empreguete** por c. e. t. em 11-08-2012

Empregada relapsa, preguiçosa, desleixada, negligente, safada ou ladra. o mesmo que empregadinha.

*Rosinha não contrate aquela empreguete, já ouvir falar que ela roubou ou furtou várias casas que ela trabalhou e além disso ela dá em cima dos maridos das patroas!*<sup>77</sup>

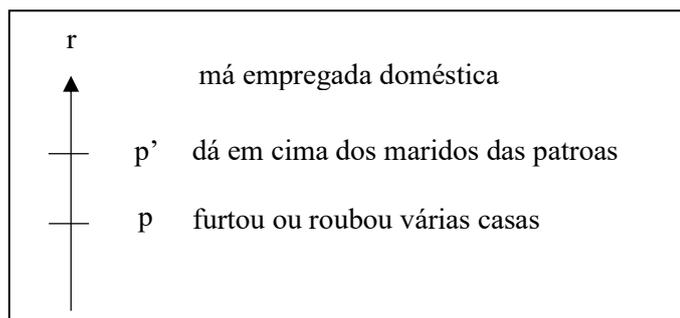
<sup>76</sup> Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/empreguete/>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

<sup>77</sup> Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/empreguete/>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

O verbete 3 nos chama atenção porque o seu autor é o mesmo do verbete 2, analisado acima. Nele, ‘empreguete’ é reescriturada por ‘Empregada’, que, por sua vez, é determinada por ‘relapsa, preguiçosa, desleixada, negligente, safada ou ladra’. Ao contrário dos verbetes 1 e 2, o verbete 3 traz juízos de valor negativo sobre a empreguete. Esses juízos de valor negativo dizem respeito ao seu comportamento profissional, sexual e moral, pois, recorrendo-nos à paráfrase, podemos dizer, por exemplo: “A empreguete é desleixada, safada e ladra”. Aqui, ‘desleixada’, ‘safada’ e ‘ladra’ reescreveram por expansão ‘empreguete’, produzindo o sentido de uma enumeração. No que diz respeito à paráfrase “A empreguete é safada”, o acontecimento recorta como memorável a figura da mulher promíscua e esse memorável nos parece relacionado ao sufixo ‘-ete’. Isto porque o Locutor, no interdiscurso, fala a partir de uma posição-sujeito machista segundo a qual a liberdade sexual do gênero feminino é tomada negativamente.

Tomemos agora o diminutivo ‘-inha’, presente na palavra ‘empregadinha’, que reescritura por substituição ‘Empregada’, produzindo o sentido de uma sinonímia. Nesse processo de reescritura, ‘-inha’ parece reescrever por condensação ‘relapsa, preguiçosa, desleixada, negligente, safada ou ladra’, que determina ‘empreguete’. Assim, ‘-inha’ produz não um efeito de diminuição do aspecto físico da empreguete, mas um efeito de sentido pejorativo sobre o seu comportamento profissional, sexual e moral.

No exemplo do verbete 3, encontramos o enunciado *Rosinha* [,] *não contrate aquela empreguete, já ouvir [sic] falar que ela roubou ou furtou várias casas que ela trabalhou e além disso ela dá em cima dos maridos das patroas!*, onde *ela roubou ou furtou várias casas que ela trabalhou e além disso ela dá em cima dos maridos das patroas!* determina *aquela empreguete*. Considerando que o Locutor é identificado por um nome próprio atribuído geralmente ao gênero masculino, na cena enunciativa, ele se divide em locutor-lexicógrafo masculino e enunciador individual, que, por sua vez, faz uma alusão a um locutor-feminino em uma relação de alocação com um alocutário-feminino. Aqui, é interessante observarmos que o objeto do discurso é a contratação da empreguete, o que nos permite afirmar que o lugar social desses locutores-femininos é o da “patroa”. No acontecimento de enunciação, temos como interpretável a figura da má empregada doméstica que não merece ser contratada. Levando em consideração o operador argumentativo (DUCROT, 1989) *além disso*, temos a seguinte escala argumentativa (DUCROT, 1973):



**Figura 21** – Escala argumentativa do exemplo do verbete 3 da palavra ‘empreguete’ no Dicionário inFormal

No que diz respeito ao memorável da má empregada doméstica, note-se os dois processos de reescritura por expansão no exemplo do verbete 3 da palavra ‘empreguete’. Esses processos produzem o sentido de um desenvolvimento: *ela roubou ou furtou várias casas que ela trabalhou*, presente no exemplo, reescritura ‘ladra’, presente na definição; já o enunciado *e além disso ela dá em cima dos maridos das patroas!*, presente no exemplo, reescritura ‘safada’, presente na definição.

Por fim, vejamos o verbete 4:

#### 4. Empreguete

Significado de **Empreguete** Por F. (MT) 17-05-2012

Uma mistura fina entre empregada e periguete.

– *Vai contratar a Creide? Fica de olho nela viu, pois é uma tremenda empreguete!*<sup>78</sup>

Nesse verbete, o enunciado “Uma mistura fina entre empregada e periguete” reescritura por definição ‘empreguete’, sem explicitar morfologicamente como essa formação se dá. O sentido produzido por esse processo de reescritura é o de especificação. No exemplo, podemos ver que ‘tremenda’ determina ‘empreguete’, que, por sua vez, determina o nome próprio ‘Creide’, determinado por *Fica de olho nela viu*. Na cena enunciativa, o Locutor masculino divide-se em locutor-lexicógrafo masculino e enunciador individual, que, por sua vez, faz uma alusão a um locutor-feminino em uma relação de alocação com um alocutário-feminino: – “Vai contratar a Creide? Eu afirmo que é preciso ficar de olho nela, pois é uma tremenda empreguete!”. Aqui, podemos nos perguntar: “Por que é preciso ‘ficar de olho’ na empreguete?”.

<sup>78</sup> Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/empreguete/>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

A fim de respondermos a essa pergunta, vejamos a imagem da empregueite no Dicionário inFormal:



**Figura 22** – Empregueite no Dicionário inFormal<sup>79</sup>

Se considerarmos a imbricação da figura 22 com o verbete 4 da palavra ‘empregueite’, podemos afirmar que a mulher identificada por essa palavra é sensual, por isso, segundo a posição-sujeito sustentada no interdiscurso pelo Locutor, é necessário “ficar de olho” nela. Aqui, é interessante observarmos que o efeito de sentido de sensualidade na figura 22 diz respeito a uma mulher branca, quando sabemos que a maioria das empregadas domésticas em situação de informalidade no Brasil é composta por mulheres negras. Esse efeito de sentido está presente também na figura abaixo das empregueites, da novela “Cheias de Charme”, transmitida pela Rede Globo entre 16 de abril e 28 de setembro de 2012. Da esquerda para a direita, podemos ver a personagem Cida, interpretada pela atriz Isabelle Drummond; a personagem Rosário, interpretada pela atriz Leandra Leal; e a personagem Penha, interpretada pela atriz Taís Araújo; chamamos atenção para a roupa que elas vestem, semelhante à roupa da empregueite na figura 22.



**Figura 23** – As empregueites no clipe “Vida de Empregueite”, exibido na novela “Cheias de Charme” da Rede Globo<sup>80</sup>

<sup>79</sup> Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/empregueite/>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

<sup>80</sup> Disponível em: <<https://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2012/05/19/globo-divulga-videoclipe-caseiro-das-empregueites-de-cheias-de-charme.htm>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

Ao contrário da figura anterior, a figura 23 traz uma questão que tem sido discutida pelo movimento feminista negro. Nela, temos a presença de uma mulher negra. Mas note-se que a peruca que ela usa é igual à peruca das mulheres brancas. Ou seja, a personagem Penha, interpretada pela atriz Taís Araújo, aparece com um traço de sua negritude apagado. Seu cabelo possui como parâmetro o cabelo da mulher branca, liso. Assim, a novela “Cheias de Charme” parece reforçar o estereótipo do corpo ideal, atribuído geralmente à mulher branca, tal como a figura 22 do Dicionário inFormal.

Podemos perceber que, no Dicionário inFormal, o efeito de sentido de sensualidade encontrado na figura 22 da empreguete também está presente nas figuras 7 e 8, que se referem às piriguetes/periguetes, das quais a mulher negra não faz parte (cf. a subseção 4.1.1, intitulada “Os verbetes de ‘piriguite’”). Se tomarmos a palavra ‘empreguete’, podemos dizer que, no verbete 4, o efeito de sentido de sensualidade é produzido no acontecimento pelo sufixo ‘-ete’, que faz parte da “mistura fina” entre ‘empregada’ e ‘periguite’. Trata-se de uma sensualidade negativa, já que o Locutor fala a partir de uma posição-sujeito machista no interdiscurso segundo a qual a empreguete é uma mulher desonesta, capaz de roubar o marido da “patroa”, por isso é necessário “ficar de olho nela”. No Dicionário inFormal, o antônimo de ‘empreguete’ corrobora essa interpretação: ‘santinha’ e ‘santa’, tal como o de ‘piriguite’ (cf. tabela 8).

### 5.3 ‘Advoguet(t)e’

Para analisarmos a designação de ‘advoguet(t)e’, tomaremos inicialmente o recorte de uma paródia da música “Vida de Empreguete”, vista na seção anterior. A paródia “Vida de Advoguite” encontra-se em um blog intitulado “Olhar Jurídico Brasileiro”. Apresentamos abaixo o recorte da paródia:

(38)

#### **Vida de Advoguite**

Seguindo o hit do momento de uma certa novela...

Todo dia acordo cedo  
E começa o desespero  
Pois sei que lá no escritório a confusão vai começar

Cheia de publicação  
Emendar inicial, fazer petição  
E o povo vê defeito até no que não há

Queria ver o cliente aqui no meu lugar  
 Eu ia rir de me acabar  
 Queria ver o escrivão aqui no meu lugar  
 Esperando o juiz despachar

A clientela do escritório  
 Está sempre apressada  
 Só sabe se aconselhar, não paga nada

[...]

Levo vida de advogueuete  
 Só saio as sete  
 Fim de semana os reclamantes não param de ligar  
 Um dia ganho na MegaSena, viro socialite  
 E minha OAB vou aposentar<sup>81</sup>

Na paródia acima, chamamos atenção para o enunciado “Seguindo o hit do momento de uma certa novela...”, pois ‘hit do momento de uma certa novela’, numa relação de especificação, reescritura por expansão ‘Vida de Empreguete’, estabelecendo uma intertextualidade com essa música e com a novela “Cheias de Charme”. Essa intertextualidade é fundamental em (38), pois a partir dela temos um efeito de sentido de comparação entre as condições de trabalho da mulher identificada por ‘empreguete’ e as condições de trabalho da mulher identificada por ‘advogueuete’, efeito esse que apaga as diferenças socioeconômicas entre a empregada doméstica e a advogada.

Na última estrofe da letra da paródia, podemos ver que o sintagma ‘de advogueuete’ determina ‘vida’, presente no enunciado “Levo vida de advogueuete”, que, por sua vez, reescritura por condensação a primeira e a segunda estrofes da paródia “Vida de Advogueuete”, produzindo o sentido de uma totalização. No acontecimento de enunciação, temos como memorável a figura da advogada que leva uma vida difícil, uma vez que ela trabalha muito, porém não é reconhecida financeira e profissionalmente, tal como a empreguete. Se voltarmos ao enunciado “Levo vida de advogueuete”, podemos afirmar que o sufixo ‘-ete’ está relacionado ao não-reconhecimento profissional e financeiro da advogada, pois podemos substituí-lo justamente por ‘advogada não-reconhecida profissional e financeiramente’:

(38a) Levo vida de advogueuete.

(38a’) Levo vida de advogada não-reconhecida profissional e financeiramente.

---

<sup>81</sup> Disponível em: <<https://olharjuridicobrasileiro.wordpress.com/tag/advogueuete/>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

Aqui, (38a’) parece produzir o efeito de sentido de uma queixa sobre a desigualdade de gênero no trabalho, pois podemos dizer:

(38a’’) Eu, mulher e advogada, não sou reconhecida profissional e financeiramente.

Como podemos notar, em (38) o sufixo ‘-ete’ produz um juízo de valor negativo sobre a condição profissional e financeira da mulher identificada por ‘advoguate’. O acontecimento de enunciação projeta como interpretável os enunciados (38a’) e (38a’’). A fim de avançarmos na análise da designação de ‘advoguate’, tomemos a figura 24:

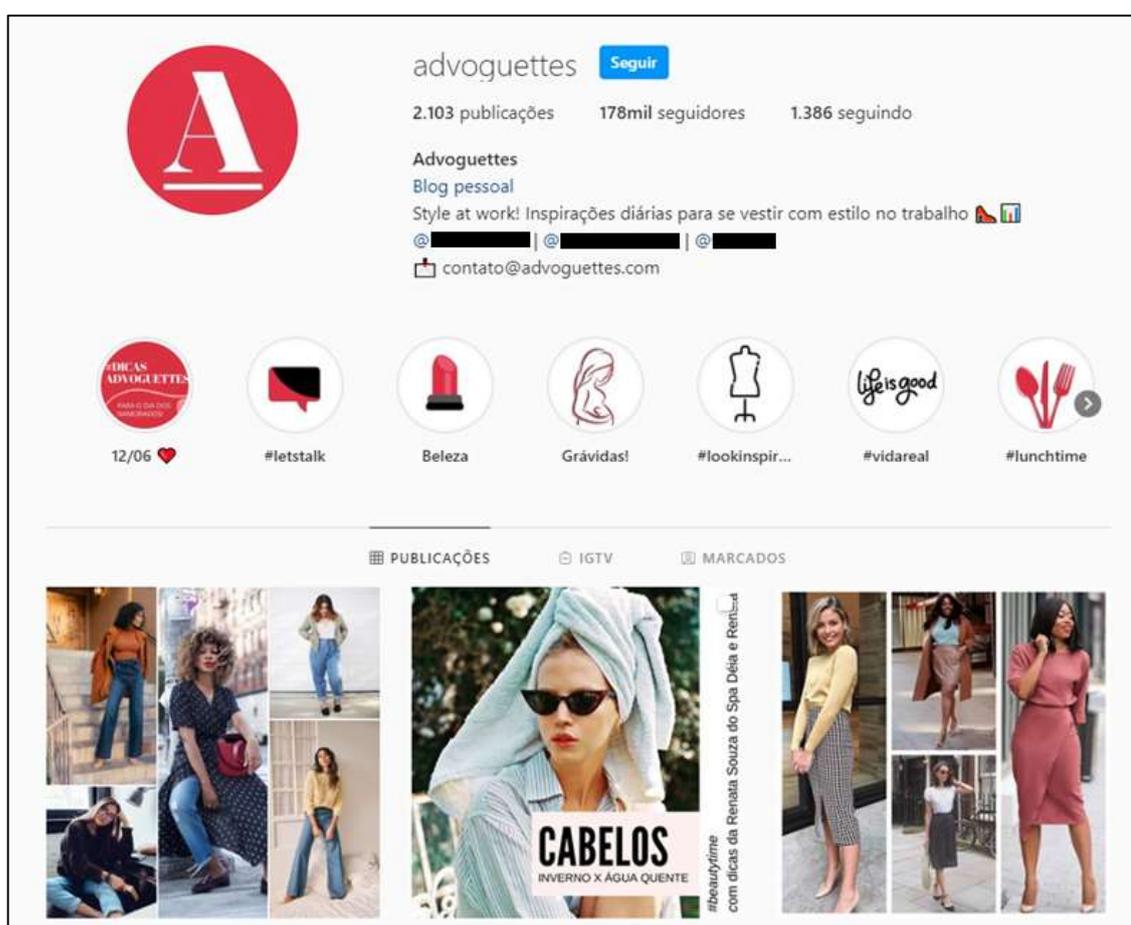


Figura 24 – Perfil das “Advoguettes” no Instagram<sup>82</sup>

Na figura acima, temos a página do blog intitulado “Advoguettes”, na rede social Instagram, caracterizada pela postagem de fotos. Nela, encontramos, além do nome ‘Advoguettes’, o enunciado “Style at work! Inspirações diárias para se vestir com estilo no

<sup>82</sup> A tarja preta é para a não-identificação de nome e sobrenome. Disponível em: <<https://www.instagram.com/advoguettes/?hl=pt-br>>. Acesso em: 21 jun. 2020.

trabalho”. Se pensarmos na ortografia de ‘Advoguettes’, podemos remeter os dois *tt* ao sufixo *-ette*, que na língua francesa marca o feminino. Quanto ao enunciado acima, podemos ver que ele se constitui em um espaço de enunciação dividido entre as línguas inglesa, francesa e portuguesa. Mais especificamente, ‘Style at work!’ nos mostra a presença da língua inglesa no espaço de enunciação do português brasileiro, onde as empresas, de modo geral, julgam necessário saber o “idioma da globalização”. No que diz respeito ao sufixo *-ette*, presente em ‘advoguettes’, ele produz o efeito de sentido de moda e estilo. Na cena enunciativa, o Locutor divide-se em locutor-blogueiro e enunciador coletivo, como nos atestam as assinaturas ‘@l.m.s’, ‘@m.l.’ e ‘@v.’, aqui abreviadas. A partir disso, podemos dizer: “Nós, as advoguettes, trazemos inspirações diárias para que nós mulheres nos vistamos com estilo no trabalho”. Essa paráfrase desdobra-se em: “Nós advoguettes nos vestimos com estilo no trabalho”. Levando em consideração a imbricação das imagens com o texto na figura 24, o acontecimento recorta como memorável a figura da mulher empoderada, que se veste com estilo; por sua vez, o acontecimento projeta como interpretável a figura da advogada de sucesso, que é reconhecida profissional e financeiramente.

Se no recorte (38) temos sentidos negativos sobre a advoguite, na figura 24 temos sentidos positivos. Mais especificamente, encontramos em (38) uma direção negativa para a remuneração e a quantidade de trabalho da advoguite; na figura 24, encontramos uma direção positiva para a estética da advoguite; além disso, ela já nos parece ser valorizada social e financeiramente.

#### 5.4 ‘Professorete’

Vejamos agora o recorte de uma notícia que contém a palavra ‘professoretes’:

(39)

12/07/2012 12h16 – Atualizado em 12/07/2012 12h47

##### **‘Professoretes’ de Santa Maria de Jetibá fazem paródia de novela, no ES**

Música mostra que o dia a dia das professoras não é fácil.

[...]

“Fizemos uma paródia, inspiradas nas empreguetes da novela Cheias de Charme, e colocamos na internet. Não imaginávamos que ia ter tanto acesso. A gente queria mostrar que vida de professor não é tão fácil quanto a maioria das pessoas pensa. Agora estamos famosas na região”, conta a diretora J. S.

**Confira a letra:**

*Todo o dia acordo cedo, vou correndo para o emprego. Quando volto para casa tenho que faxinar. Minha moto está quebrada, estragada, enferrujada. Do jeito que está nao [sic] dá mais pra andar.*

*Queria ver você aqui no meu lugar  
Colocando as crianças para estudar  
A gente está querendo poder viajar  
Mas o dinheiro nunca dá.*

*Vida de professorete, pego às 7h  
Fim de semana planejar e nunca passear  
Podia ser reconhecida e ganhar um bom salário, e com minha família poder viajar.<sup>83</sup>*

No recorte acima, a expressão ‘paródia de novela’, no título da notícia, é determinada por ‘Música mostra que o dia a dia das professoras não é fácil’, no subtítulo. Aqui, ‘professoretes’ designa professoras cujo dia a dia “não é fácil”. Além disso, é interessante observarmos o que J. S., a partir do lugar social de diretora de escola, e mobilizando um enunciador coletivo, diz em seguida: “A gente queria mostrar que vida de professor não é tão fácil quanto a maioria das pessoas pensa”. Ou seja, ‘professor’, numa relação de sinonímia, reescreve por substituição ‘professora’, como se a forma masculina representasse a feminina.

Na paródia, vemos que a expressão *Vida de professorete*, na terceira estrofe, reescritura, de um lado, as duas estrofes anteriores; e, de outro, reescritura o segundo e o terceiro versos da terceira estrofe, produzindo uma totalização. Na cena enunciativa, o Locutor fala como professora e mobiliza um enunciador individual. Se considerarmos o enunciado *Queria ver você aqui no meu lugar*, o Locutor, neste acontecimento, mantém uma relação de alocação com um Alocutário, cujo lugar social não conseguimos identificar. A quem se refere a forma ‘você’ de *Queria ver você aqui no meu lugar*? Em sua opacidade, ela parece nos remeter a um enunciador genérico que não reconhece as dificuldades do trabalho da professora, como nos atesta o dizer do locutor-diretora: “A gente queria mostrar que vida de professor não é tão fácil quanto a maioria das pessoas pensa”.

No que diz respeito à letra da paródia, podemos ver que o dia da professorete, durante a semana, se divide em duas jornadas: na escola, onde ela, como professora, depois de ter acordado cedo (às 7h), coloca as “crianças para estudar”, e em casa, onde ela, como esposa e mãe (cf. a expressão ‘minha família’, no último verso da paródia) tem que “faxinar”. No fim de semana, a professorete planeja passear com a família, mas não pode, devido ao não-

<sup>83</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/espírito-santo/estacao-inverno/2012/noticia/2012/07/professoretes-de-santa-maria-de-jetiba-fazem-parodia-de-novela-no-es.html>>. Acesso em: 02 out. 2020.

reconhecimento profissional e ao baixo salário que recebe. Ela não pode sequer planejar uma viagem com a família: *A gente está querendo poder viajar / Mas o dinheiro nunca dá.* Ao contrário de ‘empreguete’ e ‘advoguet(t)e’, ‘professorete’ designa uma “mulher de família”, que cuida dos filhos e da casa, e assim divide suas tarefas entre o trabalho, a vida doméstica e a família.

### 5.5 ‘Enfermeirete’

Tomemos a seguinte postagem:



**Figura 25** – Postagem feita nas redes sociais<sup>84</sup>

Nessa postagem, os enunciados “Moro longe do ESTÁGIO” e “a Professora Vê defeito até onde não HÁ!” nos permitem dizer que ‘enfermeirete’ designa uma estudante e estagiária de enfermagem cuja rotina é difícil: ela reside longe do hospital onde faz estágio, trabalha bastante (“Tá sempre Cheio o HOSPITAL, Faço medicação, e EVOLUÇÃO”) e, apesar disso, não é reconhecida pela professora. Comparando o sufixo ‘-ete’ em ‘professorete’ e ‘enfermeirete’, nota-se que essas palavras designam a pessoa do gênero feminino que possui uma rotina difícil e não é reconhecida social, profissional e financeiramente. Em ‘professoretes’, temos as mulheres já formadas; em ‘enfermeirete’, temos a estudante e estagiária. Tal como em ‘advoguete’, ambas as palavras igualam as condições de trabalho com as da empreguete.

### 5.6 ‘Patro(n)ete’

<sup>84</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/enfermagemd Diversao/posts/316765491747609/>>. Acesso em: 02 out. 2020.

Voltemos ao Dicionário inFormal, onde encontramos o verbete da palavra ‘patronete’:

### 1. Patronete

Significado de **Patronete** por c. e. t. (SP) em 11-08-2012

Forma pejorativa de chamar a patroa; o mesmo que patroa.

*Aquela **patronete** desgraçada que eu tenho não quis me dá [sic] férias!*<sup>85</sup>

No verbete acima, o Locutor, identificado por um nome próprio atribuído ao gênero masculino, fala a partir do lugar social de lexicógrafo masculino e mobiliza inicialmente um enunciador genérico. ‘Patronete’ é determinada por ‘Forma pejorativa de chamar a patroa’. Aqui, ‘Patronete’ é reescriturada por substituição em ‘patroa’ e essa reescrituração produz o sentido de uma sinonímia, como aliás nos atesta o enunciado seguinte, ‘o mesmo que patroa’. No exemplo, ‘patronete’ é ainda determinada por ‘desgraçada’. O Locutor masculino, na cena enunciativa, mobiliza desta vez um enunciador individual cujo lugar social de dizer é o da empregada doméstica. Em outras palavras, o enunciador individual faz uma alusão a um locutor-empregada que não teve um direito garantido pela legislação trabalhista, o das férias remuneradas. Mais especificamente, no enunciado *Aquela **patronete** desgraçada que eu tenho não quis me dá [sic] férias!*, encontramos um litígio entre a empregada doméstica e a “patroa”. Esse litígio constitui-se na medida em que o locutor-empregada se vê diante de um dano, que é a negação do direito às férias remuneradas, e ele, enquanto parte dos sem-parte, afirma seu direito à igualdade, instaurando o conflito no centro do dizer. No acontecimento de enunciação, temos como memorável a figura da empregada doméstica que não possui boas condições de trabalho; além disso, temos como interpretável a necessidade de a empregada doméstica ter melhores condições de trabalho, exemplificadas pelas férias.

Finalmente, vejamos a designação de ‘patroete’ em um recorte da letra da música “Vida de Patroete”, cantada pela personagem Chayene, interpretada pela atriz Cláudia Abreu na novela “Cheias de Charme”:

(40)

#### Vida de Patroete

Vivo na dieta, comidinha light

<sup>85</sup> Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/patronete/>>. Acesso em: 21 jun. 2020.

Vou pra academia, malho meu Pilates  
 Chamo a minha turma pra tomar um chá  
 Só que a empreguete foi embora.

A roupa ta um lixo,  
 A comida é o ó  
 A casa ta que é de dar dó

Ela ganhou aumento  
 Eu ganho ingratidão  
 Essa curica<sup>86</sup> é sem noção

Minha vizinha quer alguém  
 que de um jeito nas crianças  
 Use uniforme e faça as compras  
 Só que as empreguete não tão nem ai  
 Ficam no mercado só de tititi

A roupa ta um lixo  
 A comida é o ó  
 A casa ta que é de dar dó  
 Parece até piada  
 É só bota um avental  
 Que a curica passa mal

Minha vida de patroa não é mole  
 Trabalho todo dia  
 E ainda me chamam de madame  
 No fim de semana quero descansar  
 Cade a folguista para me ajudar

[...] <sup>87</sup>

Em (40), note-se a presença do político, ou seja, do conflito instalado no centro do dizer. Se olharmos para o litígio entre a patroete, de um lado, e a empreguete, de outro, temos, na figura da patroete, aquilo que Rancièr (1995), opondo à política, caracteriza como *polícia*, isto é, a “lei, geralmente implícita, que define a parte ou a ausência de parte das ‘partes’” (RANCIÈRE, 1995, p. 43).

Esse litígio pode ser visto no modo como as palavras ‘patroete’ e ‘empreguete’ são reescrituradas e determinadas na música. Na última estrofe do recorte (40), ‘vida de patroa’ reescritura por substituição ‘Vida de Patroete’, no título da música, e essa reescrituração produz

<sup>86</sup> Além de identificar uma ave, ‘curica’ trata-se de uma gíria usada para se referir pejorativamente à empregada doméstica, podendo ser sinônimo de ‘piriguete’. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/curica/#:~:text=Na%20novela%20da%20Globo%20Cheias,de%20guria%2C%20piriguete%2C%20enxerida>>. Acesso em: 16 set. 2020.

<sup>87</sup> Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/cheias-de-charme-novela/vida-de-patroete-chayene.html>>. Acesso em: 21 jun. 2020. Mantivemos a ortografia da letra da música tal como ela se encontra no portal Vagalume. Seu clipe encontra-se disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2027588/>>. Acesso em: 21 jun. 2020.

o sentido de uma sinonímia. Ainda na última estrofe, ‘patroa’ é reescriturada por substituição em ‘madame’, produzindo o sentido de uma sinonímia. Podemos dizer: ‘Patroete’ é sinônimo de ‘patroa’ e de ‘madame’.

Na cena enunciativa dos enunciados em que ‘patroa’ e ‘madame’ estão, vemos, no entanto, que, em “Minha vida de patroa não é mole”, o Locutor feminino mobiliza um enunciador individual de quem ele se aproxima. Já em “E ainda me chamam de madame”, ele mobiliza um enunciador genérico de quem ele se distancia. Recorrendo-nos à música “Vida de Empreguete”, na seção 5.2, sabemos que esse enunciador genérico possui como correlato o lugar social da empregada doméstica identificada por ‘empreguete’. Além disso, ‘empreguete’ é reescriturada por ‘curica’, que é determinada por ‘sem noção’, e isso nos permite dizer que a empreguete não é tratada profissionalmente pelo Locutor feminino como uma trabalhadora que possui o direito ao descanso.

Isso pode ser visto na primeira estrofe, em “Chamo a minha turma pra tomar um chá / Só que a empreguete foi embora”. Subtendemos que o horário de trabalho da empreguete se encerrou; porém, para a patroete, a empreguete deve ter total disponibilidade ao trabalho, sobretudo quando ela recebe as amigas para “tomar um chá”. De acordo com a patroete, a disponibilidade da empreguete ao trabalho vai além dos dias da semana: “No fim de semana quero descansar / Cade a folguista para me ajudar”. Em outras palavras, a patroete presume que a empreguete deve estar disponível o tempo todo para servi-la, como uma escrava. O “mito da suposta ‘cordialidade doméstica’ que caracteriza o convívio de diferentes no seio da casa (grande) brasileira” (ZOPPI FONTANA, 2017a, p. 128), visto na designação de ‘empreguete’, parece estar aqui rompido.

Mais uma vez, o direito da empreguete ao descanso não é reconhecido pelo Locutor feminino. O litígio continua: ‘Ela [empreguete] ganhou aumento’, ‘não tão nem ai’ e ‘Ficam no mercado só de tititi’. O acontecimento projeta como interpretável a empreguete como uma má empregada doméstica, que não quer trabalhar. Por sua vez, ‘patroete’ é determinada por ‘Eu ganho ingratidão’. No que diz respeito a esse enunciado, a palavra ‘ingratidão’, numa relação de totalização, reescritura por condensação a segunda estrofe da música “Vida de Patroete”: “A roupa ta um lixo, / A comida é o ó / A casa ta que é de dar dó”, exemplificando o litígio entre a empreguete e a patroete.

Diante do exposto neste capítulo, a designação das palavras contemporâneas terminadas em ‘-ete’ nos permite afirmar que estamos diante de objetos paradoxais, uma vez que essas palavras estão sujeitas às relações de força na sociedade. De um lado, o sufixo ‘-ete’,

presente em ‘pirigüete’ e ‘perigüete’, transporta para ‘empregüete’ juízos de valor negativo relacionados à sexualidade e à conduta moral da mulher identificada por essa palavra. Mais precisamente, ‘empregüete’ designa, dentre outras coisas, a má empregada doméstica que furta objetos da casa da “patroa” e “rouba” o marido desta, uma vez que ela é promíscua. De outro lado, o sufixo ‘-ete’, presente em ‘empregüete’, transporta para ‘advogüete’, ‘professorete’ e ‘enfermeirete’ sentidos negativos sobre a vida profissional da mulher identificada por essas palavras. Aqui, desaparece a promiscuidade da mulher identificada, num primeiro momento, por ‘pirigüete’ e ‘perigüete’, e, num segundo momento, por ‘empregüete’; além disso, as contradições sociais entre a empregada doméstica, a advogada, a professora e a estagiária de enfermagem são apagadas; todas elas, com exceção da advogüette (com dois *tt*), têm uma rotina profissional difícil, e isso, em nosso entendimento, expõe as desigualdades no trabalho entre a mulher e o homem.

Quanto ao memorável da mulher empoderada presente na designação de ‘pirigüete’ e ‘perigüete’, constituindo um juízo de valor positivo sobre a mulher, vimos que o sufixo ‘-ete’ transporta-o para ‘empregüete’ e ‘advogüette’. Na designação de ‘empregüete’, temos a mulher que é dona de sua sexualidade, namora e deseja “virar” socialite; na designação de ‘advogüette’, temos a mulher que se veste com estilo no trabalho, pois ela já é uma profissional de sucesso. Dessa forma, o repetível se expõe ao novo.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de nosso trajeto temático, buscamos compreender o funcionamento semântico, no português do Brasil, das palavras ‘piriguate’ e ‘periguate’, além daquelas que surgiram inspiradas em seus sentidos, com o mesmo sufixo: ‘coro(n)guete’, ‘empreguate’, ‘advoguet(t)e’, ‘professorete’, ‘enfermeirete’ e ‘patro(n)ete’. Na relação com ‘piriguate’ e ‘periguate’, analisamos ainda a palavra ‘piriguetto’, onde o sufixo ‘-etto’ corresponde à forma masculina de ‘-ete’.

Partimos de uma posição epistemológica materialista sustentada teórico-metodologicamente na relação entre a Semântica Histórica da Enunciação (Semântica do Acontecimento) e a Análise de Discurso francesa, e investigamos um *corpus* diversificado, composto pelo Dicionário inFormal, pelo Aurélio Júnior, pelo Michaelis On-Line, por materiais publicados em redes sociais, por letras de músicas e por paródias, a fim de refletirmos sobre o funcionamento do sufixo ‘-ete’ como produtor de juízos de valor sobre a mulher na construção de palavras no feminino.

Nosso objetivo, mais especificamente, foi o de considerar as palavras ‘piriguate’, ‘periguate’, ‘piriguetto’, ‘coro(n)guete’, ‘empreguate’, ‘advoguet(t)e’, ‘professorete’, ‘enfermeirete’ e ‘patro(n)ete’ em seu funcionamento semântico, buscando compreender sua designação. Nas análises, o sentido delas se deu para nós a partir do modo como cada uma funciona num enunciado, que integra um texto. Considerando a designação como uma relação linguística tomada na história, partimos do acontecimento enunciativo das designações, levando em conta, de um lado, a língua e o sujeito constituído pelo funcionamento da língua em que algo é enunciado. De outro, levamos em conta a temporalidade específica do acontecimento e o real a que o enunciado se expõe na enunciação.

Antes de passarmos à discussão das análises, gostaríamos de ressaltar aqui o funcionamento do político na linguagem, fundamental para este trabalho. Durante as análises, a noção de político nos permitiu ver que a designação das palavras estudadas se dá a partir das relações materiais que, fundadas nas práticas econômicas, estão na base das práticas humanas. Essas práticas são caracterizadas pelo conflito, pela divisão e pela contradição. Elas podem ser vistas como uma *partilha do sensível*, em que um comum é desigualmente partilhado e os desiguais afirmam o seu pertencimento.

Tomemos, como exemplo, o sufixo ‘-ete’, cuja polissemia se deve, a nosso ver, ao funcionamento do político na linguagem. Etimologicamente, ‘-ete’ nos remete às formas latinas

‘-itta’ e ‘-ittum’, que não são as únicas em latim ou em dialetos românicos, pois encontramos, ao lado delas, ‘-ĭttu’, ‘-īttu’, ‘-ōttu’, ‘-ōttu’, ‘-ōtta’, ‘-ūtta’, ‘-ūtту’ e ‘-attu’. No séc. XIX, ‘-ete’ passou a ser relacionado ao sufixo francês ‘-ette’, forma feminina de ‘-et’, considerada masculina. Nesta língua, a polissemia do sufixo ‘-ette’ é notável. A forma ‘-ette’ significa pequenez em ‘cuisinette’ (“cozinha de pequeno tamanho”); traz um sentido pejorativo em ‘religionnette’ (“religião sem profundidade”); forma hipocorísticos, tais como ‘demoiselette’ (“senhorita”); expressa um valor eufemístico em ‘pauvret’ (“um pouco pobre”).

Na língua portuguesa, a forma ‘-ete’, presente, por exemplo, em ‘chacrete’, não é diferente. Ela se deve à palavra ‘vedete’, de origem francesa (‘vedette’). Consultando o Littré, de 1863, vimos que ‘vedette’, por sua vez, está relacionada à palavra italiana ‘vedetta’, formada a partir de ‘vedere’. Portanto, ‘vedette’ não possui afixo, ela não é formada por uma base e o sufixo ‘-ette’. ‘Vedetta’ significa um lugar alto onde uma sentinela é colocada. Em seguida, passa a significar não o lugar de onde se observa, mas o observador. Por fim, segundo o Larousse, já no séc. XX, significa, dentre outras coisas, um ator, cantor, artista ou esportista bem conhecido do público – uma celebridade, enfim. É interessante notarmos que, no *corpus* estudado, ‘vedete’ significa uma artista famosa que canta e dança, podendo atuar em filmes. Por sua vez, ‘chacrete’ será tomada como a assistente de palco do Chacrinha.

Além disso, encontramos no português do Brasil a palavra ‘tiete’, em que o ‘-ete’ não constitui afixo. Seu significado, a saber: fã/admirador(a) fanático de um artista ou celebridade, será transportado para o ‘-ete’, que se juntará a nomes próprios: ‘xuxetes’, ‘angeliquetes’, ‘faretes’, podendo ao mesmo tempo significar, respectivamente, as assistentes de palco da Xuxa, da Angélica e do Rodrigo Faro e os/as fãs/admiradores(as) dessas celebridades. Como podemos ver, estamos diante de um funcionamento polissêmico do sufixo ‘-ete’. Isto para não mencionarmos palavras como ‘malufetes’, ‘dasluzetes’ e ‘skatetes’, que significam, respectivamente, as mulheres que faziam propaganda para o político Paulo Maluf, as vendedoras da loja Daslu e as admiradoras dos skatistas.

Com as palavras ‘piriguite’ e ‘periguite’, pudemos concluir que estamos diante de objetos paradoxais. Nesses objetos, a reprodução ideológica não quer dizer repetição do mesmo, pois nos deparamos com o imprevisível contínuo, isto é, as rejeições à posição-sujeito machista segundo a qual a mulher é interesseira e/ou promíscua. Nossas análises constataram que essas rejeições se dão, no interdiscurso, a partir de uma posição-sujeito anti-machista segundo a qual ‘piriguite’ e ‘periguite’ designam a mulher empoderada, sujeito de sua sexualidade. Enquanto objetos paradoxais, essas palavras constituem-se como um campo de forças, onde a resistência

múltipla e a contradição se fazem presentes. Exemplo disso é a contradição presente na liberdade sexual do gênero feminino. O empoderamento da mulher identificada por ‘piriguite’ ou ‘periguite’ pode, de um lado, dizer respeito ao lugar de fala da mulher independente; de outro, pode significar um falso empoderamento que inscreve o lugar de fala da mulher numa posição-sujeito heteronormativa. De acordo com essa posição, o corpo da mulher é tomado como objeto de desejo do/para o homem.

No Dicionário inFormal, vimos que este instrumento linguístico permite uma escrita autoral, criativa e reflexiva, que desloca sentidos sobre a língua, a leitura e a escrita do dicionário. Ele muda a relação do falante brasileiro com a língua nacional regulada pelo Estado. Isto pôde ser visto em muitos verbetes, onde os falantes, em relação à língua, não se preocupam com a realidade e com a valorização de certo ou errado. No que diz respeito aos verbetes da palavra ‘piriguite’, a análise nos permitiu identificar, de um lado, aqueles que trazem um juízo de valor negativo sobre a mulher; e, de outro, ela nos permitiu identificar, em menor número, aqueles que trazem um juízo de valor positivo. No primeiro grupo, identificamos a recorrência da palavra ‘dinheiro’ ou a recorrência de alguma palavra/expressão sinônima relacionada a ela. Ao analisarmos a designação de ‘piriguite’, verificamos que o acontecimento de enunciação recorta como memorável a figura da mulher interesseira, que procura se dar bem financeiramente. Este memorável é determinado pelo discurso machista, uma vez que o Locutor fala a partir de uma posição-sujeito no interdiscurso em que a mulher se subordina ao homem. Segundo essa posição, a relação sexual ocorre apenas entre o homem e a mulher, sendo, pois, heteronormativa; além disso, em alguns casos, a mulher é interpelada pelo homem. Na “balada”, ele chega até a piriguite e lhe paga uma bebida. Isso nos permitiu afirmar que a piriguite possui um papel passivo na sedução. Ela é atraída por homens bonitos e com uma boa condição social e financeira, ficando susceptível às investidas deles. Um outro aspecto não menos importante se deu em relação à palavra ‘puta’/‘prostituta’ ou alguma palavra/expressão sinônima. Aqui, ‘piriguite’ designa a mulher promíscua; em alguns casos, essa mulher possui doenças sexualmente transmissíveis, por isso ela é tida como perigosa.

No segundo grupo de verbetes da palavra ‘piriguite’, o qual traz juízos de valor positivo sobre a mulher, o acontecimento de enunciação recorta como memorável a figura da mulher empoderada. Esse memorável contrapõe-se ao memorável da mulher interesseira e ao memorável da mulher promíscua. De acordo com ele, a piriguite não é uma “mulher fácil”: ela é “independente”, por isso “não se apega e se diverte sem pudores”. Isso nos levou a afirmar que ‘piriguite’ designa, nesses verbetes positivos, uma mulher que é sujeito de sua sexualidade,

embora esta liberdade se dê a partir de uma heteronormatividade. O Locutor fala a partir de uma posição-sujeito no interdiscurso que se contrapõe ao discurso machista segundo o qual a mulher não pode se “divertir”, transar com o homem que ela queira, sem compromisso, desfrutando de sua liberdade sexual. Um outro aspecto interessante a ser observado diz respeito à divisão política dos sentidos, identificada na cena enunciativa. Ao contrário dos verbetes que compõem o primeiro grupo, a análise da cena enunciativa do verbe 33, que compõe o segundo grupo, nos mostrou que o Locutor, ao falar como lexicógrafo, mobiliza dois enunciadores que estão em disputa pelos sentidos da palavra: enquanto o enunciador individual faz um juízo de valor positivo sobre a piriguete, o genérico faz um juízo de valor negativo, sendo que este não é assumido pelo Locutor.

Ainda no Dicionário inFormal, deparamo-nos com a palavra ‘piriguete’ e a variante ‘pirigueti’. Além disso, voltamos nossa atenção para palavras inspiradas em ‘piriguete’, tais como: ‘pirigueto’, ‘piriguetar’ (sua variante ‘perigueta’) e ‘piriguatismo’, que, por sua vez, possui as variantes ‘periguatismo’, ‘periguatinismo’ e ‘periguatiação’. Analisando a designação de ‘piriguete’, identificamos, de um lado, a escrita lúdica e criativa empregada pelo Locutor a fim de explicar a formação dessa palavra, que, dentre outras coisas, significa uma mulher fofoqueira; e, de outro, identificamos a reprodução do saber normativo sobre a língua encontrado em dicionários e gramáticas tradicionais. Quanto à designação de ‘pirigueti’, voltamos a identificar o memorável da mulher promíscua.

No que diz respeito à palavra ‘pirigueto’, o sufixo ‘-ete’ transforma-se em ‘-eto’, marcando o gênero masculino. O verbe não explica, recorrendo à metalinguagem, a formação da palavra, cujos sentidos são atravessados pelo político, uma vez que o Locutor feminino, ao falar como locutor-lexicógrafo feminino, mobiliza dois enunciadores distintos que estão em disputa pelos sentidos de ‘pirigueto’. De um lado, temos um enunciador genérico, responsável por atribuir à palavra um juízo de valor positivo, cuja origem remonta a uma formação discursiva machista. De outro, temos um enunciador individual, responsável por atribuir à mesma palavra um juízo de valor negativo, anti-machista. Na análise, o Locutor se distancia do enunciador genérico e se identifica com o enunciador individual, de modo semelhante ao verbe 33 da palavra ‘piriguete’, opondo-se à posição-sujeito na qual se inscreve o Locutor projetado no dizer como enunciador genérico.

Ao analisarmos a imagem do pirigueto que ilustra o verbe dessa palavra no Dicionário inFormal, pudemos constatar, pela sua remissão às imagens das piriguetes/periguetes, que o político não é indiferente a outras materialidades significantes,

pois, se a relação estabelecida com o referente nas imagens que ilustram as piriguetes/periguete se dá a partir daquilo que é tido como “verdadeiro”, sendo a injúria o seu excesso, na imagem do piriguetto a relação estabelecida com o referente se dá a partir da ficção, sendo o seu excesso o *son-sense*. A imagem do piriguetto produz um efeito de sentido de comicidade; ela se constitui a partir de um dizer irônico, marcado pela ambiguidade. Assim, há duas maneiras de o discurso machista se manifestar no *corpus*: pela injúria e pela ironia. Nos verbetes da palavra ‘piriguetto’, predomina a injúria. Na imagem do piriguetto, encontramos a ironia.

Na análise da cena enunciativa dos verbetes no Dicionário inFormal, constatamos ainda uma relação importante entre léxico, enunciação e subjetividade. No agenciamento político da enunciação, o Locutor, identificado às vezes por um nome próprio comumente atribuído ao gênero masculino, ao mobilizar um enunciador individual, o faz a partir de uma perspectiva feminina, através da alusão a um locutor feminino. Tal perspectiva é vista a partir do lugar de dizer, ou seja, a partir das palavras empregadas no acontecimento pelo enunciador. Em outros casos, temos uma alusão a um locutor masculino feita pelo Locutor, que é identificado por um nome próprio normalmente atribuído ao gênero feminino, mostrando-nos que a relação entre léxico, enunciação e subjetividade é complexa, podendo ser analisada no acontecimento através da noção de cena enunciativa.

No Aurélio Júnior, chamamos atenção para o modo como esse instrumento linguístico é tomado na sociedade. No recorte de uma notícia sobre o seu lançamento, vimos que ‘Aurélio’ é determinado no título por ‘edição júnior’ e, no subtítulo da notícia, ‘Aurélio Júnior’, numa relação de especificação, reescritura ‘Aurélio’ por expansão. Depois, ‘Aurélio Júnior’ é determinado por ‘faz sucesso entre público adolescente’ e, apesar dessa determinação conferir ao dicionário um caráter de novidade, este é tomado pelo locutor-jornalista da notícia como um dicionário “tradicional” que possui a força performativa de oficializar a língua falada pelo “povo brasileiro”, de modo que o Aurélio Júnior divide a língua portuguesa no Brasil em língua oficial e não-oficial, estabelecendo uma relação díspar com os falantes, tomados como sujeitos que não detém um saber sobre a língua padrão.

No que diz respeito ao verbe da palavra ‘periguete’ no Aurélio Júnior, pudemos dividi-lo em duas partes. Na primeira, ‘periguete’ é determinada por *subst. fem., Brasileirismo* e *Gíria*. Analisando a cena enunciativa desta primeira parte, identificamos um Locutor dividido entre locutor-lexicógrafo e enunciador universal. A determinação de ‘periguete’ por *Brasileirismo* nos permitiu identificar a inscrição do português brasileiro na lusofonia. O funcionamento da língua é afetado aqui por uma divisão geográfica. Já a determinação de

‘periguete’ por *Gíria* nos permitiu concluir que o funcionamento da língua, segundo a posição normativa sustentada, se dá a partir de uma divisão social. De acordo com essa divisão, a palavra ‘periguete’ faz parte da língua falada pelos jovens. Isso ocorre porque o Locutor, no interdiscurso, inscreve-se numa posição-sujeito normativa em relação à língua.

Na segunda parte do verbete da palavra ‘periguete’, analisamos o enunciado definidor. Nele, o Locutor fala a partir do lugar social de lexicógrafo e mobiliza não um enunciador universal, mas um enunciador genérico, pois o que ele diz sobre a periguete é dito como aquilo que todos dizem. Dessa forma, o Aurélio Júnior produz o efeito de sentido segundo o qual ele estaria se distanciando do que é dito na definição do verbete da palavra ‘periguete’, que, a princípio, numa relação de generalização, é reescriturada por substituição em ‘Moça ou mulher’. Avançando na análise, vimos que ‘Moça ou mulher’ é determinada por ‘que, não tendo namorado, demonstra interesse por qualquer um’; e essa determinação, por sua vez, nos permitiu afirmar que a designação de ‘periguete’ recorta como memorável a figura da mulher promíscua. Isto se dá, na cena enunciativa, pela mobilização de um enunciador genérico com o qual o Locutor não se identifica.

O Michaelis On-Line toma a palavra ‘periguete’ como uma variante de ‘piriguete’. A designação de ambas se dá de modo semelhante ao do Aurélio Júnior: os dois verbetes podem ser divididos igualmente em duas partes. Na cena enunciativa, o Locutor fala inicialmente a partir do lugar social de lexicógrafo e mobiliza um enunciador universal. Inscrito no interdiscurso em uma posição que é a da gramática e a do dicionário tradicionais, o Locutor categoriza as palavras ‘piriguete’ e ‘periguete’ como adjetivos e substantivos femininos da língua portuguesa pertencentes ao registro coloquial.

No enunciado definidor de ‘piriguete’, o Locutor continua a falar a partir do lugar social de lexicógrafo, porém ele mobiliza um enunciador genérico. Numa relação de especificação, ‘piriguete’ é reescriturada por definição em ‘mulher muito sedutora, geralmente de vida desregrada’. O acontecimento recorta como memorável a figura da mulher promíscua, “sem princípios morais”, pois ela é “devassa”, “lasciva”, “libertina”. Assim como a palavra ‘periguete’ no Aurélio Júnior, a liberdade sexual do gênero feminino é tomada negativamente no Michaelis On-Line, e isso se dá porque o Locutor, no interdiscurso, inscreve-se numa posição-sujeito machista. Em outras palavras, a liberdade sexual do gênero feminino, para o Locutor, é perigosa, como aliás nos atestou o item ETIMOLOGIA do verbete da variante ‘periguete’. Aqui nos deparamos com a explicação morfológica de ‘periguete’, formada pelo radical ‘perigo’ e pelo sufixo ‘-ete’.

Na revista *Caras* e num site sobre moda, de um lado, e na revista *Veja São Paulo* e na capa de uma edição dessa revista, de outro, a designação de ‘piriguete’ e a de ‘periguete’ recortaram, no acontecimento de enunciação, o memorável da mulher empoderada, cuja origem remonta a uma posição-sujeito que se opõe ao discurso machista. Ao remetermos os enunciados dos recortes (onde as palavras ‘piriguete’ e ‘periguete’ funcionam pela relação integrativa) e as imagens que compõem esses recortes ao interior de seu funcionamento discursivo, enfatizamos a incompletude e a falha que constituem os recortes. Compreendemos que a piriguete/periguete se identifica com o discurso do “corpo ideal” e com o discurso capitalista, embora ela seja uma mulher sujeito de sua sexualidade, independente em relação ao homem. Assim, o empoderamento feminino está aqui relacionado à expressão das liberdades individuais típica de uma sociedade neoliberal.

O dispositivo teórico-analítico foi estendido também ao último capítulo, onde analisamos a designação de ‘coro(n)guete’, ‘empreguete’, ‘advoguet(t)e’, ‘professorete’, ‘enfermeirete’ e ‘patro(n)ete’, na imbricação entre enunciado (que integra texto) e imagem. As análises nos permitiram chegar até sentidos que não reproduzem o discurso da dominação, mas procuram romper com ele. Se na designação de ‘piriguete’ e ‘periguete’, o discurso machista se constitui na relação com o discurso capitalista, e a mulher é tomada como objeto de desejo masculino, vimos que, na designação das palavras acima, a mulher procura se despedir do(s) sentido(s) que reproduz(em) o discurso da dominação.

No que diz respeito à palavra ‘coroguete’, esta, ao identificar a mulher negra, designa-a como uma mulher guerreira, ao contrário da identificação da mulher branca. Aqui, ‘coroguete’ designa uma “mulher que se orgulha de quem é”. O acontecimento enunciativo em que a palavra ‘coroguete’ funciona, identificando a mulher negra, rememora uma luta individual, fazendo-nos subtender, pela imbricação entre texto e imagem no recorte, um conflito racial na sociedade brasileira. Os sentidos projetados se referem à mulher negra que contraria preconceitos de raça e gênero arraigados na sociedade brasileira, o que não ocorre quando a mesma palavra identifica a mulher branca. Isto nos mostra o trabalho do político na constituição do léxico, da enunciação e da subjetividade.

Quando o juízo de valor sobre a empreguete é positivo, a posição-sujeito no interdiscurso à qual o Locutor se inscreve apaga as contradições existentes nas condições de trabalho da empregada doméstica, como se as relações entre ela e a “patroa” não fossem conflituosas, marcadas por questões de classe social. Assim, a boa empregada doméstica, identificada por ‘empreguete’, é boa devido ao seu esforço individual e na medida em que se

subordina às exigências de uma burguesia que insiste em ver o espaço doméstico como um lugar de trabalho profissional informal, um lugar que escapa à categorização jurídica das relações de trabalho. Não se olha para a classe trabalhadora das empregadas domésticas, mas para a empregada doméstica incorporada à família. Por sua vez, nos juízos de valor negativo, temos a figura da má empregada doméstica, que não tem caráter e até pode roubar o marido da “patroa”, se esta “não abrir o olho”. Uma clara relação com a piriguete, que possui inveja das outras mulheres e procura roubar-lhes o marido. Há uma inversão dos papéis: a prejudicada não é a empregueite, expoliada no trabalho, mas sim a “patroa”, que é tratada com ingratidão. Afinal, a “patroa”, digamos assim, “abriu as portas de sua casa” e “tratou a empregueite como se fosse um membro de sua família”.

Finalmente, ‘advoguet(t)e’, ‘professorete’ e ‘enfermeirete’ designam a mulher levando em consideração as contradições de classe social e gênero no trabalho, pois nos deparamos com a falta de reconhecimento profissional e financeiro da mulher. Pudemos ver ainda uma diferença entre a designação de ‘advoguite’ e a de ‘advoguite’, com dois *tt*: a primeira palavra designa a advogada cuja rotina é difícil; a segunda designa a advogada de sucesso.

Evidentemente, não esgotamos as questões sobre o sufixo ‘-ete’ e sobre as palavras analisadas neste trabalho. Tais questões merecem ser aprofundadas em outros estudos, pois o sufixo ‘-ete’ continua produtivo no português do Brasil. De um lado, vimos que os sentidos de ‘piriguete’ e ‘periguete’ são projetados sobre o sufixo ‘-ete’, que passa a compor as palavras ‘coro(n)guete’, ‘empreguite’, ‘advoguet(t)e’, ‘professorete’, ‘enfermeirete’ e ‘patro(n)ete’; de outro, novas palavras são formadas a partir de ‘piri-’ e ‘peri-’: ‘piriguetar’, ‘periguetismo’, ‘piriguetinismo’ e ‘piriguetiação’. Finalmente, vimos também que essa produtividade é capaz de formar a palavra ‘piriguito’, que identifica o homem. E tanto a mulher quanto o homem são o que são no *corpus* estudado porque ambos são tal como foram enunciados pelos falantes, que, a partir de um lugar social de locutor, no espaço de enunciação do português do Brasil, foram agenciados pela língua afetada pelo político.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, P. O. de. (2020) “Gênero e sexualidade na cena enunciativa: a normatização dos desejos em textos de divulgação de conhecimento sobre a anatomia feminina”. In: **Língua, Literatura e Ensino**, vol. 16, Campinas, IEL, Unicamp, pp. 12-25, mai. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/lle/article/view/6529/7439>>. Acesso em: 26 dez. 2020.
- ALTHUSSER, L. (1970) **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Lisboa: Editorial Presença, 1974. (Biblioteca de Ciências Humanas)
- ALVES, I. M. (1990) **Neologismo: criação lexical**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007. (Princípios; 191)
- \_\_\_\_\_. (2010) “O sufixo -ete no português brasileiro contemporâneo”. In: **Acta Semiótica e Linguística**, v. 15, p. 201-215, São Paulo.
- AMARAL, A. (1920) **O Dialeto Caipira**. São Paulo: Parábola, 2020.
- AUROUX, S. (1992) **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- AUSTIN, J. L. (1962) **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BECHARA, E. (1999) **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENVENISTE, E. (1966) **Problemas de Lingüística Geral I**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. (1974) **Problemas de Lingüística Geral II**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- BERTAGNOLI, D. L. (2011) “‘Era Maria vai com as outras; Maria de cozer, Maria de casar’: um estudo enunciativo sobre a designação genérica produzida a partir de nomes próprios”. In: **Língua, Literatura e Ensino**, vol. 6, Campinas, IEL, Unicamp, pp. 77-89, out. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/lle/article/view/1896>>. Acesso em: 08 jul. 2020.
- \_\_\_\_\_. (2014) **Estudo enunciativo sobre o funcionamento de “super” como forma livre e sua relação com o dizer feminino**. 190 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- BERTH, J. (2020) **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra. (Feminismos Plurais)

- BRAIT, B. (1996) **Ironia em perspectiva polifônica**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.
- BRÉAL, M. (1897) **Ensaio de Semântica**. 2. ed. Campinas, SP: RG, 2008.
- CÂNDIDO, B. F.; GONÇALVES, C. A.; ALMEIDA, M. L. L. de. (2016) “De chacretes, ronaldete e outros *-etes*: uma análise morfológica e semântica das construções *X-ete* no português do Brasil”. In: **Gragoatá**, Niterói, n. 40, p. 197-223, 1. sem. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33381/19368>>. Acesso em: 25 set. 2020.
- CHAVES, T. V. (2017) “Vadiagens, mulheres e rua: quando a memória perde o trajeto e quando eles se cruzam no meio da rua”. In: ZOPPI FONTANA, M. G.; FERRARI, A. J. (Orgs.) **Mulheres em discurso: gênero, linguagem e ideologia**, vol. 1. Campinas, SP: Pontes.
- CORREIA, M.; ALMEIDA, G. M. de B. (2012) **Neologia em português**. São Paulo: Parábola. (Estratégias de Ensino; 33)
- CUNHA, A. G. da. (1982) **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. revista pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. (1985) **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.
- DIAS, C. (2018) **Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas, SP: Pontes.
- DUCROT, O. (1972) **Princípios de Semântica Lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- \_\_\_\_\_. (1973) “As escalas argumentativas”. In: DUCROT, O. **Provar e Dizer: leis lógicas e leis argumentativas**. São Paulo: Global, 1981.
- \_\_\_\_\_. (1989) “Argumentação e ‘topoi’ argumentativos”. In: GUIMARÃES, E. (Org.) **História e Sentido na Linguagem**. 2. edição aumentada. Campinas, SP: Pontes, 2008, pp. 13-38.
- \_\_\_\_\_. (1984) **O Dizer e o Dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- ELIAS DE OLIVEIRA, S. (2006) **Cidadania: história e política de uma palavra**. Campinas, SP: Pontes, RG Editores.
- \_\_\_\_\_. (2014a) “Sobre o funcionamento do político na linguagem”. In: **Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos**, n.º 34, jul./dez., pp. 41-53, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao34/artigo2.pdf>>. Acesso em: 09 fev. 2020.

- \_\_\_\_\_. (2014b) “O Dicionário inFormal e a relação do falante com a língua”. In: **Revista da Anpoll**, n.º 37, p. 262-272, Florianópolis, jul./dez. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/784>>. Acesso em: 09 fev. 2020.
- \_\_\_\_\_. (2018) “O ‘Dicionário inFormal’ na gramatização do português do Brasil”. In: OLIVEIRA, R. R. R. de *et al.* (Orgs.) **Linguagem e Significação: práticas sociais**, vol. 2. Campinas, SP: Pontes.
- FERREIRA, A. B. de H. (2011) **Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa**. 2. ed. Curitiba: Positivo.
- FOUCAULT, M. (1979) **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal.
- GALVES, C. (2001) **Ensaio sobre as gramáticas do português**. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- GIULANI, P. C. (1997) “Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira”. In: DEL PRIORE, M. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. 10. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.
- GONÇALVES, C. A. V. (2012) “Atuais Tendências em Formação de Palavras no Português Brasileiro”. In: **Signum: Estudos da Linguagem**, n.º 15/1, p. 169-199, Londrina, Jun. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/10721>>. Acesso em: 03 ago. 2020.
- \_\_\_\_\_.; ALMEIDA, M. L. L. (2014) “Morfologia Construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias”. In: **Alfa**, São Paulo, 58 (1): 165-193.
- \_\_\_\_\_. (2016) **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Contexto.
- GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D.; ROBIN, R. (1994) **Discurso e arquivo: experimentações em análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.
- GUIMARÃES, E. (1987) **Texto e Argumentação: um estudo de conjunções do português**. 4. ed. revista e ampliada. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- \_\_\_\_\_. (1989) “Enunciação e História”. In: GUIMARÃES, E. (Org.) **História e Sentido na Linguagem**. 2. edição aumentada. Campinas, SP: Editora RG, 2008.
- \_\_\_\_\_. (1995) **Os Limites do Sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. 4. ed. Campinas, SP: Editora RG, 2010.
- \_\_\_\_\_. (2002) **Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

- \_\_\_\_\_. (2006) “Semântica e Pragmática”. In: GUIMARÃES, E.; ZOPPI-FONTANA, M. (Orgs.) **Introdução às Ciências da Linguagem: a palavra e a frase**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.
- \_\_\_\_\_. (2007a) “Domínio Semântico de Determinação”. In: GUIMARÃES, E.; MOLLICA, M. C. (Orgs.). **A Palavra: forma e sentido**. Campinas, SP: Pontes/Editora RG.
- \_\_\_\_\_. (2007b) “Acontecimento e Argumentação”. In: GUIMARÃES, E. **Texto e Argumentação: um estudo de conjunções do português**. 4. ed. revista e ampliada. Campinas, SP: Pontes.
- \_\_\_\_\_. (2008) “A lingüística é uma ciência histórica?”. In: BREÁL, M. (1897) **Ensaio de Semântica**. 2. ed. Campinas, SP: RG, 2008.
- \_\_\_\_\_. (2009) “A enumeração: funcionamento enunciativo e sentido”. In: GUIMARÃES, E.; ZOPPI-FONTANA, M. (Orgs.). **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n. 51(1). Campinas, IEL, Unicamp, pp. 49-68, Jan./Jul.
- \_\_\_\_\_. (2011a) **Análise de Texto: procedimentos, análises, ensino**. Campinas, SP: Editora RG.
- \_\_\_\_\_. (2011b) “Em torno de um nome próprio de cidade sobre a produção dos sentidos de uma origem”. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n. 53(2). Campinas, IEL, Unicamp, pp. 137-148, Jul./Dez. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636983>>. Acesso em: 08 jul. 2020.
- \_\_\_\_\_. (2018) **Semântica: enunciação e sentido**. Campinas, SP: Pontes.
- HENRIQUES, C. C. (2004) “Relações entre neologia, eponímia e antroponímia”. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da S. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Vol. 2. Campo Grande: Editora UFMS.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. (2001) **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva.
- HOUAISS, A. (2009) **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva.
- JAKOBSON, R. (1967) **Linguística e Comunicação**. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2010.
- LAGAZZI, S. (2009) “O recorte significante na memória”. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L.; MITTMANN, S. (Orgs.) **O Discurso na Contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos: Claraluz.

\_\_\_\_\_. (2012) “A equivocidade na imbricação de diferentes materialidades significantes”. In: **Encontro Nacional da Anpoll**, 23, 2008, Goiânia, GO. Resumo expandido, p. 1-3. Disponível em: <<http://dml.fflch.usp.br/sites/dml.fflch.usp.br/files/Suzy%20Lagazzi.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2020.

\_\_\_\_\_. (2015) “Paráfrases da imagem e cenas prototípicas: em torno da memória e do equívoco”. In: FLORES, G.; NECKEL, N.; GALLO, S. (Orgs.) **Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia**. Campinas, SP: Pontes Editores.

\_\_\_\_\_. (2017) “Trajetos do sujeito na composição filmica”. In: FLORES, G.; GALLO, S.; LAGAZZI, S.; NECKEL, N.; PFEIFFER, C.; ZOPPI-FONTANA, M. (Orgs.) **Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia – volume 3**. Campinas, SP: Pontes Editores.

\_\_\_\_\_. (2018) “O sangue na cor das letras. O agudo no tom da voz. A resistência na imprevisibilidade das derivas”. In: ABRAHÃO E SOUZA, L.; ISHIMOTO, A.; DARÓZ, E.; GARCIA, D. (Orgs.) **Resistirmos, a que será que se destina?** São Carlos: Pedro & João.

MAINGUENEAU, D. (2010) “Hipergênero – Hipergênero, Gênero e Internet”. In: MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial.

MAZIÈRE, F. (1989) “O enunciado definidor: discurso e sintaxe”. In: GUIMARÃES, E. (Org.) **História e Sentido na Linguagem**. 2. ed. aumentada. Campinas, SP: Editora RG, 2008.

MOREIRA, M. F. (2017) “Prostituição: ressignificações trabalhistas e feministas”. In: ZOPPI FONTANA, M. G.; FERRARI, A. J. (Orgs.) **Mulheres em discurso: gênero, linguagem e ideologia**, vol. 1. Campinas, SP: Pontes.

NUNES, J. H. (1996) **Discurso e instrumentos lingüísticos no Brasil: dos relatos de viajantes aos primeiros dicionários**. 267 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

\_\_\_\_\_. (2002) “Dicionarização no Brasil: condições e processos”. In: NUNES, J. H.; PETTER, M. **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Pontes.

\_\_\_\_\_. (2006) “Lexicologia e Lexicografia”. In: GUIMARÃES, E.; ZOPPI-FONTANA, M. (Orgs.) **Introdução às Ciências da Linguagem: a palavra e a frase**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

OLIVEIRA, D. R. de. (2014) **Política de línguas, política de Estado: história, sentido e espaço de enunciação internacional**. 219 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

- ORLANDI, E. P. (1983) **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2011.
- \_\_\_\_\_. (1984) “Segmentar ou Recortar?”. In: **Linguística: questões e controvérsias**, Uberaba, Fiube, p. 9-26.
- \_\_\_\_\_.; SOUZA, T. C. C. (1988) “A língua imaginária e a língua fluida: dois métodos de trabalho com a linguagem”. In: ORLANDI, E. P. (Org.) **Política Linguística na América Latina**. Campinas, SP: Pontes.
- \_\_\_\_\_. (1992) **As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- \_\_\_\_\_. (1993) “Vão surgindo sentidos”. In: ORLANDI, E. P. (Org.) **Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. (1999) **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 9. ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.
- \_\_\_\_\_. (2002) **Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- PÊCHEUX, M. (1969) “Análise automática do discurso (AAD-69)”. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.
- \_\_\_\_\_. (1975) **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- \_\_\_\_\_. (1982) “Anexo III – Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação”. In: **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- \_\_\_\_\_. (1988) **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.
- \_\_\_\_\_. (1990) “Delimitações, inversões, deslocamentos”. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, vol. 19, p. 7-24, Campinas, Jul./Dez.
- \_\_\_\_\_. (1994) “Ler o arquivo hoje”. In: ORLANDI, E. P. (Org.) **Gestos de leitura: da história no discurso**. 3. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2010.
- \_\_\_\_\_. (2011a) “Ideologia – Aprisionamento ou Campo Paradoxal?” In: PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

- \_\_\_\_\_. (2011b) “Leitura e Memória: Projeto de Pesquisa”. In: PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.
- PINSKY, C. B. (2014) **Mulheres dos Anos Dourados**. São Paulo: Contexto.
- RAGO, M. (1997) “Trabalho feminino e sexualidade”. In: DEL PRIORE, M. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. 10. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.
- RANCIÈRE, J. (1995) **O desentendimento**: política e filosofia. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.
- \_\_\_\_\_. (2005) **A partilha do sensível**: estética e política. 2. ed. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009.
- RIBEIRO, D. (2019) **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen. (Feminismos Plurais)
- SANDMANN, A. J. (1989) **Formações de palavras no português brasileiro contemporâneo**. 2. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.
- SANTANA, M. dos S. (2017) **O sufixo diminutivo em português**: forma, funcionamento e significação – do século XIII ao XX. 910 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SAUSSURE, F. de. (1916) **Curso de Lingüística Geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SEARLE, J. (1969) **Speech acts**. Cambridge: Cambridge University Press.
- ZOPPI FONTANA, M. G. (2015) “Ponto de vista: o ponto cego das teorias da polifonia”. In: **Estudos da Língua(gem)**, vol. 13, n.º 1, p. 249-283, Vitória da Conquista, Jun. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1292>>. Acesso em: 03 dez. 2020.
- \_\_\_\_\_. (2017a) “Domesticar o acontecimento: metáforas e metonímias do trabalho doméstico”. In: ZOPPI FONTANA, M. G.; FERRARI, A. J. (Orgs.) **Mulheres em discurso**: identificações de gênero e práticas de resistência, vol. 2. Campinas, SP: Pontes.
- \_\_\_\_\_. (2017b) “‘Lugar de fala’: enunciação, subjetivação, resistência”. In: **Conexão Letras**, vol. 12, n.º 18, p. 63-71, Porto Alegre, Set. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/79457>>. Acesso em: 26 dez. 2020.

Anexo: verbetes da palavra 'piriguete' no Dicionário inFormal.

### 1. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por G. B. (BA) em 21-03-2007

Mulher fácil, vai para baladas a procura de todos os tipos de homens para pagar tudo para elas, pois sempre saem sem dinheiro. Geralmente, quase sempre transam na primeira noite.

*Você é feio, passou uma gatinha e viu que você está com dinheiro ou tem carro e está te paquerando...caia fora, é uma **PIRIGUETE**.*

Concorda: 1905. Não concorda: 549.

### 2. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por F. (MG) em 25-01-2008

**Piriguete**, também denominada Piri, é uma gíria brasileira que designa uma mulher que troca de parceiro sexual frequentemente.

A **Piriguete** tende a procurar homens comprometidos e com alto poder aquisitivo.

O termo teve origem em Salvador, capital baiana. Como esse termo foi se espalhando pelo Brasil a fora saiu uma música ou seja um funk com o termo **piriguete**, na música fala o que é uma **piriguete**. Hoje é um dos termos mais usados pelos Brasileiros quando se quer chingar uma mulher, uma garota que fica de safadeza e querendo se exhibir para os homens...

Não chega a ser uma puta e sim uma garota safadinha com os hormônios fervendo...

*Uma garota tá se ensinuando para um homem, rebolando e mostrando se toda pra ele. Ai vem uma outa garota ou um outro homem e chama ela de **piriguete**, porque ela ta muito assanhada para o lado dele.*

Concorda: 700. Não concorda: 208.

### 3. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por R. (SP) em 06-03-2008

**Piriguete** é adjetivo e substantivo feminino, também denominada Piri, é uma gíria brasileira que designa uma mulher que troca de parceiro sexual frequentemente, normalmente jovem, de acesso fácil e/ou que tem múltiplos parceiros e tem uma preocupação excessiva em exhibir os nuances do seu corpo. Geralmente anda em grupos com outras moças que compartilhem os mesmos valores.

O termo teve origem em Salvador, capital da Bahia.

*Você está no meio de uma festa e vê uma mina rebolando, e se aparecendo e dando em cima de todo mundo na festa,*

*se vira pro seu amigo e fala*

*- se liga naquela **piriguete!***

Concorda: 422. Não concorda: 101.

#### 4. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por D. (SP) em 09-10-2007

**Piriguete** é aquela mulher que tem um fogo muito alto, que toma o homem da amiga, e quanto mais homens pra ela melhor.

*-Você tem uma namorada e a amiga dela dá em cima de você.*

Concorda: 548. Não concorda: 314.

#### 5. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 10-02-2008

Mulher que só se diferencia de uma prostituta porque estas têm mais dignidade. Mulher de pouca inteligência que se vende por pouca coisa. Tipo: uma noitada (que sempre acaba em motel), bebida, caronas e nem de longe pensam em compromissos. Em resumo é uma mulher que você tem que ter cuidado pra não passar por otário...a não ser que correr atrás de mulher fácil seja seu "hobby".

*Desacompanhada que te olha muito e se aproxima sem ser chamada, e muito menos paquerada, é a **piriguete.***

Concorda: 271. Não concorda: 142.

#### 6. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por M. (SP) em 02-12-2007

MC Papo – **Piriguete**

MC Papo

#### **Piriguete**

? Nópa flagra aquela mina! Mó **Piriguete** velho.

? É Speedy se liga nessa idéia aqui então.

## Refrão

Quando ela me vê  
 ela mexe  
 piri pipiri pipiri **piriguete**  
 rebola devagar  
 depois desce  
 piri pipiri pipiri **piriguete**  
 Quando ela me vê  
 ela mexe  
 piri pipiri pipiri **piriguete**  
 rebola devagar  
 depois desce  
 piri pipiri pipiri **piriguete**  
 Mini-saia rodada, blusa rosinha  
 decote enfeitado com monte de purpurina  
 Ela não paga, ganha cortesia  
 Foge se a sua carteira tiver vazia

Vai na Micareta  
 vai no Pop Rock  
 Festa de axé ela só anda de top  
 Ela usa brilho, piercing no umbigo  
 Quando toca reggae então ela quer ficar comigo

Quando ela me vê  
 ela mexe  
 piri pipiri pipiri **piriguete**  
 rebola devagar  
 depois desce  
 piri pipiri pipiri **piriguete**  
 2x

Foto de espelho na exibição  
 Ela curte funk quando chega o verão  
 No inverno essa mina nunca sente frio  
 desfila pela night de short curtinho  
 Um cinco sete de marido  
 ela gosta é de cara comprometido  
 Não tem carro, anda de carona  
 Ela anda sexy toda guapetona  
 Ela não é amante, não é prostituta, ela é fiel, ela é substituta

refrão 2x

Ei governador, lá em Salvador,  
 Rio de Janeiro, Santos e Belo  
 todo mundo já conhece, sabe o que acontece  
 quando vê a gente ela se oferece

Mexe o seu corpo como se fosse uma mola  
dedinho na boquinha, ela olha e rebola  
chama atenção, vem na sedução, essa noite vai ser  
quente  
eu vou dar pressão

Refrão



Concorda: 359. Não concorda: 235.

## 7. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por M. (RJ) em 15-06-2008

**Piriguete** é a mulher que dá em cima de homens comprometidos, é aquela que dá mole pra todo mundo, só anda de shortinho mesmo no frio, e em festas fica cerrando a bebida de qualquer otário que dê mole pra ela.

*Olha a roupa dela?! Ela não tá sentindo frio não?? É uma **piriguete** mesmo.*

Concorda: 183. Não concorda: 77.

## 8. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Cheio da Grana (PR) em 27-03-2008

Fazendo uma análise de todas as definições chegamos a esta.

O termo teve origem em Salvador, capital baiana. **Piriguete** é adjetivo e substantivo feminino, também denominada Piri, é uma gíria brasileira que designa uma mulher que troca de parceiro sexual frequentemente, normalmente jovem, de acesso fácil, que tenham dinheiro e carro, preferem os comprometidos.

*A **piriguete** tem uma preocupação excessiva em exibir os nuances do seu corpo. Geralmente anda em grupos com outras moças que compartilhem os mesmos valores.*

*Não chega a ser uma puta e sim uma garota safadinha com os hormônios fervendo...*

Concorda: 185. Não concorda: 108.

## 9. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por J. C. (RJ) em 20-12-2008

A diferença entre a puta e a piriguete é que a puta é mais honesta. Com a puta, a negociação é às claras, você sabe quanto vai custar.

*Com a puta:*

*-Sou completinha, cem reais, vamos?*

*Com a piriguete:*

*-Oi, você vem sempre aqui? Me paga um drink? Você mora onde? Qual o seu carro? Tua namorada é ciumenta?*

Concorda: 129. Não concorda: 60.

## 10. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por L. F. (MG) em 20-07-2008

Mulher fácil que paquera abertamente os homens, normalmente com o intuito de tirar alguma vantagem, como carona, pagamento de contas ou ajuda financeira.

*A **piriguete** pediu uma cerveja para o cara sentado junto ao balcão.*

Concorda: 153. Não concorda: 84.

## 11. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por R. (BA) em 12-01-2008

É uma puta mesmo, cachorra vadia, que gosta de aparecer, e ir pra balada só pra arrumar homem, que quer um homem pra ficar bancando tudo pra ela durante a noite algumas fodem logo de cara, outras tiram uma de patricinha, mas depois de algumas saídas cae na pica do mesmo jeito.

Concordam: 105. Não concordam: 81.

## 12. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 18-10-2007

Esses são as definições, mais do que justas...

- 1- **Piriguete** não namora, engana;
- 2- **Piriguete** não faz amor, faz sexo gostoso e bem feito;
- 3- **Piriguete** não tem só matriz, tem filiais; rss
- 4- **Piriguete** não tem medo de nada, nem de ninguém e se ama acima de tudo;
- 5- **Piriguete** não chora, dá o troco (bem dado) hehehehe;
- 6- **Piriguete** quando leva chifre, devolve, enfeitado a cabeça do infeliz como árvore de Natal;
- 7- **Piriguete** não tem ciúmes, nem se abala com os fatos;
- 8- **Piriguetes** solteiras sempre, mas sozinhas nunca;
- 9- **Piriguetes** não são galinhas, mas sim exigentes, gosta de selecionar bem seus homens
- 10- E por fim, quando uma **Piriguete** encontra um homem que te satisfaça em todos os sentidos, os 9 mandamentos acima são extintos e ela faz deste homem o mais feliz do mundo. ☹☹ uhum

*É elas nunca pagam a conta e não tem seus próprios homens...*

*Elas não tomam só pegam emprestado até a carteira delas esvaziar...*

Concordam: 34. Não concordam: 18.

### 13. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Eumesmo (TO) em 17-01-2010

É aquela garota, geralmente entre 15 e 25 anos, muito VAIDOSA, que não estudou, filha de pais humildes. Geralmente muito burra, procura manter a vaidade às custas de homens idiotas que têm, geralmente, boa condição financeira e idade a partir dos 40.

Quando você, leitor, ver uma mulher linda, com um cara feio observe bem e perceberá que:

- 1 – O cara tem dinheiro
- 2 – Ela é **piriguete**

Ao ver uma novinha com tudo em cima namorando um cara com mais de 40 perceba

- 1 – A maioria dos caras com idade entre 18 e 28 da cidade já comeram ela de graça
- 2 – Ela é **piriguete**
- 3 – O velho que tá bancando tem grana e não dá mais conta de comer a esposa.

**Piriguete** geralmente não dá por dinheiro em espécie. Em lugar disto ela cobra presentes como roupas, cerveja, comida kkkkk etc.

*Tudo vagabunda*

Concorda: 18. Não concorda: 3.

### 14. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por A. C. R. (PI) em 13-02-2009

Pessoa do sexo feminino que é considerada oferecida, fácil, com motivações de conquista duvidosas, lançando uma grande variedade de táticas de sedução consideradas extremamente

vulgares aos olhos das outras pessoas que não aceitam, não gostam, consideram um absurdo ou possuem inveja das intituladas com tal denominação.

O termo de origem baiana ganhou notoriedade e popularidade no Brasil devido a ter virado tema de uma música.

Também chamadas assim são as mulheres que são ou estão “à perigo” por falta de homem, relações sexuais, e/ou dinheiro fácil provindo de um homem.

Modo moderno de denominar mulheres que antigamente eram chamadas de vadias.

*Aquele homem bonito que mora no bairro chique, quando vem ao baile, vira alvo constante e incessante de **piriguete**.*

Concorda: 12. Não concorda: 1.

### 15. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por T. G. (AP) em 08-01-2010

Adj. Fem. Prostituta. Mulher depravada. Garota de programa. Safada. Promíscua. Mulher super-fácil. Mulher da vida.

*Olha aquela **piriguete** na esquina... já vou pegar..*

Concorda: 12. Não concorda: 1.

### 16. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 04-08-2008

Aquela moça é muito atirada, pois até no frio ela anda de roupa curta. Não pode ver um homem casado que já se acanha.

Parece até que está no cio.

*(musica – **Piriguete**)*

*Quando ele me vê ela desce piri piri **piriguete**, rebola de vagar depois desce piri piri **pirigute**.....*

Concorda: 26. Não concorda: 16.

### 17. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por R. (PR) em 16-07-2009

Mulher que se preocupa demasiadamente com o seu corpo e que adora mostrar seus atributos físicos usando roupas extremamente provocantes.

*Na festa de ontem havia muitas **piriguetes**, pois elas estavam usando topzinho e shorts curtíssimos, apesar do frio.*

Concorda: 11. Não concorda: 1.

## 18. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por S. (BA) em 30-03-2010

(pretty + cat)

Um professor pernambucano contou isso em sala de aula, quando veio dar uma aula na Bahia. Disse ter ouvido de seus colegas baianos que a expressão “**piriguete**” surgiu quando os turistas vinham para a Bahia e tentavam chamar as mulheres de “gatinha”, imitando o brasileiro. Eles se confundiam e, ao invés falar “litle cat”, falavam “pretty cat”. Os locais, ao tentar imitar os turistas, acabavam embolando as duas palavras, pronunciando o tão famigerado **PIRIGUETE!** Hoje, a expressão tem cunho preconceituoso, negativo.

*Rapaz, essa menina é a maior **piriguete** do bairro!*

Concorda: 10. Não concorda: 0.

## 19. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por L. (SP) em 11-07-2009

**Piriguete** não eh mulher, eh menina, eh pre- adolescente que quer ser uma mulher de verdade que sai, trabalha tem compromissos e relacionamentos tambem. E o mais proximo que ela chega disso eh ficar nas matines por ai, com roupas minusculas(até no frio) se esfregando num cara que tenha carona ee em outro que tenha bebida porque nao tem dinheiro e nao trabalha, pois eh uma menina ou pre adolescente ainda. Como nao tem grandes compromissos ou relacionamentos faz de tudo uma tempestade num copo d’agua..

*O cara tah numa baladinha e vê uma pre- adolescente pagando de puta tentando seduzir um cara pra conseguir bebida. Ele vira pro amigo e diz:.. Se liga naquela **piriguete**, vô comer hoje..*

Concorda: 13. Não concorda: 4.

## 20. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 05-07-2012

Gíria que os baianos usam para caracterizar mulheres fáceis que devido ao carnaval e micaretas e principalmente pelos artistas da globo se difundiu rapidamente por todo o brasil.O masculino é putão e também miseravão.

*Ela não passa de uma **piriguete***

Concorda: 9. Não concorda: 0.

## 21. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por V. 100% (MG) em 11-05-2009

Mulher vadia que sai pra night e pega todos que ela ve pela frente.

*"Carol e a maior **piriguete**, porque saiu ontem a noite e voutou pra ksa cheia de chupão*

Concordam: 12. Não concordam: 3.

## 22. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por F. L. (RJ) em 14-11-2007

Putá.

***Piriguete** = Puta.*

Concordam: 149. Não concordam: 140.

## 23. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Milionario da Praia (SC) em 06-08-2012

Prostituta de esgoto, cheio de doenças que procura homens que sejam idiotas rico para dar golpe e cornear, na balada faz qualquer coisa por um copo de cachaça ou cortesia para camarote.

***Piriguete** são o tipo daquelas atrizes da 2 girls and 1 cup da MFX.*

Concordam: 8. Não concordam: 0.

## 24. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 02-01-2010

Mulher dada

*Caramba, essa mina é uma **piriguete**, ja passou na mão de todos os caras*

Concordam: 8. Não concordam: 0.

## 25. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 19-02-2013

Aquela que usa roupa curta. Adora namorado dos outros.

*Vai pro baile igual a uma **Piriguete**.*

Concordam 9. Não concordam: 2.

## 26. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 29-11-2010

Ser mítico brasileiro, do gênero feminino, oriundo da raça humana, totalmente desprovido da capacidade de sentir frio, demonstrado por sua vestimenta peculiarmente diminuta, independente da situação climática.

Pode ser encontrada a noite próximo à festas, rodeios, raves e shows de gosto duvidoso como forró, axé e pagode, por exemplo.

Ela procura se acasalar com qualquer um a sua volta que lhe ofereça algo para beber, ou aparente ter situação financeira estável.

*“Piriguete” é aquela garota que você já pegou só pra não voltar pra casa no zero a zero.*

Concordam: 7. Não concordam: 0.

## 27. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 17-09-2010

Piguete é uma mulher que só anda com roupa curta. É uma pessoa oferecida e interesseira.

*Aquela menina ali é a maior **piriguete**!*

Concordam: 7. Não concordam: 1.

## 28. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 03-01-2011

Garota muito safada que gosta de comer homens

*Ela é uma **piriguete**!*

Concordam: 6. Não concordam: 0.

## 29. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 20-04-2011

Putá

*Ela é uma **piriguete**!*

Concordam: 6. Não concordam: 0.

### 30. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 27-10-2009

Menina cheia de energia, que não liga para comentários alheios. **Piriguete** é ser o centro das atenções por sua beleza e ousadia.

*O que pode se fazer se a **piriguete** vai toda sensual para uma festa e o namorado da outra tá caindo em cima?*

Concordam: 6. Não concordam: 0.

### 31. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 19-08-2012

Mulher que pega geral, tanto só beijar quanto ter relações sexuais.

*Aquela **piriguete** já pegou 10 nessa balada*

Concordam: 5. Não concordam: 0.

### 32. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 21-04-2010

Menina que é oferecida usa roupas inadequadas!

*Conversa:*

*-Olha a roupa dela...*

*-Que **piriguete**.*

Concordam: 5. Não concordam 1.

### 33. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por F. da S. J. (RS) em 01-08-2017

Mulher independente, que não se apega e se diverte sem pudores. É a versão feminina do “pegador”. Costumeiramente julgada pelas pessoas conservadoras e considerada um ícone da liberdade feminina em uma sociedade machista e patriarcal.

*Piriguete não sente frio.*

Concordam: 3. Não concordam: 0.

### 34. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 28-08-2009

Rapariga, vadia, prostituta. Toda enfiada

*Mó periguetei essa mina!*

Concordam: 5. Não concordam: 2.

### 35. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 20-02-2014

Mulheres que usam roupas curtas pra se aparecer.

*Quem é aquela **piriguete**?*

Concordam: 5. Não concordam: 2.

### 36. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 28-07-2014

Menina com menos de 16 anos que se veste como prostituta, vadia.

*Lá vem a **piriguete**.*

Concordam: 5. Não concordam: 2.

### 37. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por L. (SP) em 06-05-2013

**Piriguete** é uma gíria, também conhecida por Piri. É aquela mulher que usa roupas curtas e/ou decotadas. Constantemente confundida com “puta” ou “vadia”.

*Sou **piriguete**, não puta.*

Concordam: 5. Não concordam: 3.

### 38. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por M. (PA) em 09-08-2012

Essa palavra já era usada na cidade de ABAETETUBA-PA há muito tempo. Ela deriva da palavra perigosa. Assim como as dançarinas do chacinha eram chamadas de chacretes e hoje as meninas do programa pânico são chamadas de pâniquetes as meninas perigosas de ABAETETUBA eram e ainda são chamadas de **piriguetes**.

*Uma garota que namora muito é definida como **piriguete**.*

Concordam: 5. Não concordam: 3.

### 39. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por m. (SP) em 20-05-2008

A que dá em cima do seu namorado  
ou que simplesmente não enxerga, o quanto é ridícula ...

*Abre o olho... **piriguetes** na área!*

Concordam: 26. Não concordam: 24.

### 40. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 23-02-2016

1. É uma mulher que se preocupa muito em mostrar o corpo através de roupa ousadas.

*Aff, olha só aquela **piriguete**. Se acha como se fosse a gostosona da festa.*

Concordam: 2. Não concordam: 0.

### 41. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por T. (MG) em 05-07-2016

A palavra **piriguete** nasceu de um equívoco linguístico na Bahia. Visitantes estrangeiros que, tentando imitar os brasileiros que chamavam as mulheres de “gatinhas”, apelativo ?carinhoso? usado para enternecer as meninas, se confundiam e, em vez de falar little cat, falavam pretty cat (ou pretty girl, alegam alguns dissidentes). As pessoas locais, ao tentarem imitar os turistas, acabavam embolando as duas palavras e pronunciavam “piriquéte”, e daí **piriguete**.

*Essa **piriguete** não para de me olhar.*

Concorda: 2. Não concorda: 0.

#### 42. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por T. (MG) em 05-07-2016

A palavra **piriguete** nasceu de um equívoco linguístico na Bahia. Visitantes estrangeiros que, tentando imitar os brasileiros que chamavam as mulheres de “gatinhas”, apelativo ?carinhoso? usado para enternecer as meninas, se confundiam e, em vez de falar little cat, falavam pretty cat (ou pretty girl, alegam alguns dissidentes). As pessoas locais, ao tentarem imitar os turistas, acabavam embolando as duas palavras e pronunciavam “piriquéte”, e daí **piriguete**.

*Ela é uma **periguete**.*

Concorda: 2. Não concorda: 0.

#### 43. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por E. (PE) em 22-06-2009

1.Garota ou jovem adulta,geralmente entre 15 e 27 anos,que troca de parceiros constantemente.Comumente pertence classe média e alta.

2.Garota que têm o prazer,em uma festa,de beijar e dançar com todos os participantes.Comumente pertence classe média e alta.

3.Prostituta.

*A **piriguete** acabou de deixar o outro cara na marra.Ele pegou ela beijando outro cara,e de novo isso acontece.*

*Olha quem a **piriguete** da festa!*

*Tô devendo dinheiro à aquela **piriguete**.*

Concorda: 7. Não concorda: 5.

#### 44. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 13-04-2013

Uma piranha especializada em sexo oral. Piranha + boquete = **piriguete**.

*Ela é uma **piriguete**!*

Concorda: 5. Não concorda: 3.

#### 45. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por S. (BA) em 21-09-2016

Mulher que gosta de ostentar o corpo com roupas curtas e justas.

*Olha o corpão da **piriguete**!*

Concorda: 4. Não concorda: 2.

#### 46. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por E. R. (GO) em 16-11-2019

Pessoa que usa o que gosta e gosta de evidenciar suas curvas femininas. Ela é sobrevivente e baladeira. Balada custa dinheiro e ela, que gasta seu salário com o ‘salto alto de cada dia’, modinha e, possivelmente, alisamento (com ou sem formol) e californiana. Espera sempre que um de seus admiradores pague a entrada e/ou o drink da noite. Também se arrisca a voltar pra casa de carona. Se o bofe lhe interessar, pode ir da festa direto pro motel e pedir um champagne ou cidra pra fechar (ou começar) a noite.

*“Hoje vou pousar de **piriguete**” ; “cuidado com a **piriguete**”...*

Concorda: 1. Não concorda: 0.

#### 47. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por alvbs (DF) em 02-02-2014

O termo **piriguete** acabou se tornando uma classificação de lata de cerveja. Uma cerveja **piriguete** é aquela envasada em uma lata de 250ml (Geralmente, mais fina e alongada que a lata tradicional de 350ml).

*Me vê uma [marca x] da **piriguete**.*

Concorda: 4. Não concorda: 3.

#### 48. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 14-12-2010

Adjetivo que descreve a mulher que está muito suscetível a investidas de homens.

*Ela tava toda **piriguete**, você percebeu? Era só chegar.*

Concorda: 4. Não concorda: 3.

#### 49. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 15-09-2012

(pretty + cat)

Um professor pernambucano contou isso em sala de aula, quando veio dar uma aula na Bahia. Disse ter ouvido de seus colegas baianos que a expressão “**piriguete**” surgiu quando os turistas vinham para a Bahia e tentavam chamar as mulheres de “gatinha”, imitando o brasileiro. Eles se confundiam e, ao invés falar “litle cat”, falavam “pretty cat”. Os locais, ao tentar imitar os turistas, acabavam embolando as duas palavras, pronunciando o tão famigerado **PIRIGUETE!** Hoje, a expressão tem cunho preconceituoso, negativo.

*Caraca velho, aquela mina é mesmo fácil. Ela está buscando um cara que banque tudo para ela. É a maior **piriguete***

Concorda: 3. Não concorda: 2.

#### 50. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por FDV (SP) em 13-06-2019

Mulher que começa a assediar sexualmente ou estuprar um ou vários homens, também é uma mulher que se envolve sexualmente com vários homens ao mesmo tempo, mesmo se prostituindo ou não se prostituindo, e alguns desses parceiros sexuais da mulher sendo comprometidos.

*Aquela **piriguete** já engravidou de homem casado*

Concorda: 1. Não concorda: 0.

#### 51. Piriguete

Significado de **Piriguete** Por M. E. (SC) em 04-11-2008

**Piriguete** é aquela marca de biquini alta que é pra aparecer qnd a mulherada põe calça ou saia baixa.

*Todas as funkeiras do baile tem **piriguete**.*

Concorda: 13. Não concorda: 13.

#### 52. Piriguete

Significado de **Pirigete** Por Dicionário inFormal (SP) em 23-09-2017

[Pejorativo] Mulher que gosta de chamar atenção, usa roupas muito chamativas e sai com homens por dinheiro.

*Ela é uma pirigete, sempre depois da balada vai para o motel com algum macho.*

Concorda: 1. Não concorda: 1.

### **53. Pirigete**

Significado de **Pirigete** Por M. (RN) em 31-08-2008

Putá Pobre.

*Essa menina é maior **pirigete**.*

Concorda: 12. Não concorda: 12.

### **54. Pirigete**

Significado de **Pirigete** Por Dicionário inFormal (SP) em 20-11-2013

Vasilhame, tipo de garrafa usada para armazenar cerveja.

*Compraram uma **pirigete**.*

Concorda: 3. Não concorda: 3.

### **55. Pirigete**

Significado de **Pirigete** Por M. S. (RJ) em 05-03-2010

Sem grana, sem dinheiro

*Antes de acabar o mês já estava a **pirigete***

Concorda: 5. Não concorda: 6.

### **56. Pirigete**

Significado de **Pirigete** Por L. S. F. (PR) em 28-09-2008

Mulher fácil, que gosta de fazer espetos corridos com vários homens, catando-lhes o dinheiro

*Mulher que vai ao bailão, bem decotada, perfumada e super maquiada, geralmente usando ou uma saia justa preta com abertura na lateral até no começo da calcinha, meia de nylon toda rendada e sapatos de salto alto*

Concorda: 12. Não concorda: 13.

### **57. Piriguete**

Significado de **Piriguete** Por M. C. (RJ) em 17-05-2009

Ouriçada, sekerendo, saidinha, impactogirl

*Essa menina causando impacto é a **piriguete** do ambiente.*

Concorda: 3. Não concorda: 7.

### **58. Piriguete**

Significado de **Piriguete** Por l. p. (RJ) em 28-09-2008

É estar “a perigo”; sem grana, sem mulher.

*- O sujeito estava num **piriguete** que fazia dó!*

Concorda: 7. Não concorda: 17.

### **59. Piriguete**

Significado de **Piriguete** Por F. L. (RJ) em 14-11-2007

Garotas pobres que fazem sexo em troca de status, são atraídas pelo cheiro de gasolina. Adoram festas e se embriagam facilmente.

*Maria estava acompanhada de outra periguete que fazia programa no Leblon.*

Concorda: 48. Não concorda: 72.

### **60. Piriguete**

Significado de **Piriguete** Por M. (AC) em 09-02-2008

Mulher linda e sensual que todos desejam mas poucos tem o prazer de conquistar. Eu curto muito as **piriguetes** e amo elas de paixão.

*Minha **piriguete** adora sair de mini saia e aticar os outros machos.*

Concorda: 28. Não concorda: 60.

### **61. Piriguete**

Significado de **Piriguete** Por A. S. B. (SP) em 10-03-2008

Estar atrasado em relação a sexo “estou a **piriguete**”.

*Pessoa que está muito tempo sem fazer sexo.*

Concorda: 8. Não concorda: 59.

### **62. Piriguete**

Significado de **Piriguete** Por Dicionário inFormal (SP) em 01-12-2007

Mulher bonita, inteligente, astuciosa, carismática que encanta a todos com sua belza e simpatia. Por isso desperta a inveja das concorrentes.

*Elvira, a namorada de Regis da Novela Sete Pecados, da Rede Globo.*

Concorda: 43. Não concorda: 112.